

UM DOS MELHORES THRILLERS DE SEMPRE
O FENÓMENO INTERNACIONAL



«MISTERIOSO
INTENSO
E VICIANTE!»

AMAZON

O RECLUSO

Nunca fales com ele... não lhe digas nada sobre ti.

FREIDA MCFADDEN

AUTORA DO BESTSELLER MUNDIAL *A CRIADA*

alma
dos
livros

FREIDA McFADDEN

O RECLUSO

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/
© 2024

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros
Copyright © 2022 Freida McFadden
Primeiramente publicado nos Estados Unidos em 2022
por Hollywood Upstairs Press
Todos os direitos reservados.

Título: *O Recluso*
Título original: *The Inmate*
Autora: Freida McFadden
Tradução: Carla Ribeiro
Revisão: Sónia Silva
Paginação: Vera Braga
Capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros
Imagem de capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas
Depósito legal: 524260/23
1.ª edição: Janeiro de 2024
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Este livro é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos
são produto da imaginação da autora ou usados ficticiamente.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Enquanto as portas da prisão se fecham atrás de mim, questiono todas as decisões que alguma vez tomei na minha vida.

Não é aqui que quero estar neste momento. De *todo*. Quem quer estar numa penitenciária de segurança máxima? Aposto que ninguém. Se alguém está entre estas paredes, o mais provável é que tenha feito algumas escolhas erradas na vida ao longo do caminho.

Eu fi-las certamente.

– Nome?

Uma mulher com o uniforme azul dos guardas prisionais fita--me por detrás da divisória de vidro mesmo à entrada da prisão. Os seus olhos são baços e vítreos, e não parece ter mais vontade do que eu de estar aqui.

– Brooke Sullivan. – Pigarreio. – É suposto encontrar-me com a Dorothy Kuntz?

A mulher olha para uma prancheta com papéis à sua frente. Perscruta a lista, sem dar qualquer sinal de que me ouviu ou de que sabe seja o que for sobre o porquê de eu estar aqui. Olho para trás de mim, para a pequena sala de espera, que está vazia, exceto por um velho enrugado sentado numa das cadeiras de plástico, a ler um jornal como se estivesse sentado no autocarro. Como se não houvesse uma vedação de arame farpado a rodear-nos, pontilhada por pesadas torres de vigia.

Após o que me parecem ser vários minutos, um zumbido ecoa pelo espaço – suficientemente alto para me fazer saltar e dar um passo atrás. Uma porta à minha direita, com grades verticais vermelhas, abre-se lentamente, revelando um longo corredor mal iluminado.

Olho para o corredor, os pés presos ao chão.

– É para... é para entrar?

A mulher ergue os seus olhos baços para mim.

– Sim, vá. Passa pelo controlo de segurança ao fundo do corredor.

Acena na direção do corredor escuro, e um calafrio percorre--me ao atravessar hesitantemente a porta gradeada, que se fecha e tranca novamente com um baque sonoro. Nunca estive aqui. A minha entrevista de emprego foi por telefone, e o diretor estava tão desesperado por me contratar que nem sentiu a necessidade de me conhecer primeiro – bastaram-lhe o meu currículo e as cartas de recomendação. Assinei um contrato de um ano e enviei-o por fax na semana passada.

E agora estou aqui. Pelo próximo ano da minha vida.

Isto é um erro. Jamais deveria ter vindo.

Olho para trás, para as grades vermelhas de metal que se fecharam já atrás de mim. Ainda não é tarde de mais. Apesar de ter assinado um contrato, de certeza que me podia livrar dele. Ainda podia dar meia-volta e deixar este lugar. Ao contrário dos residentes desta prisão, eu não tenho de estar aqui.

Não queria este emprego. Queria qualquer outro menos este. Mas candidatei-me a todos os empregos a uma distância de sessenta minutos de viagem da vila de Raker, no interior de Nova Iorque, e esta prisão foi o único sítio que me ligou de volta para uma entrevista. Era a minha última opção e senti-me sortuda por a obter.

Por isso, continuo a andar.

Está um homem no controlo de segurança ao fundo do corredor, a guardar uma segunda porta gradeada. Ronda os quarenta anos, com o cabelo cortado à escovinha, ao estilo militar, e veste o mesmo impecável uniforme azul que a mulher de olhos mortos da receção. Olho para o crachá de identificação preso ao seu bolso do peito: guarda prisional Steven Benton.

– Olá! – cumprimento, numa voz que reconheço ser demasiado alegre, mas não consigo evitar. – Chamo-me Brooke Sullivan e é o meu primeiro dia a trabalhar aqui.

A expressão de Benton não se altera enquanto os seus olhos negros me percorrem. Retorço-me, repensando em todas as escolhas de moda que fiz esta manhã. Vindo trabalhar para uma prisão de segurança máxima masculina, calculei que seria melhor não me vestir de uma forma que pudesse ser interpretada como sugestiva. Trago, pois, umas calças formais pretas largas, combinadas com uma blusa preta de manga comprida. Estão quase vinte e sete graus lá fora, um dos últimos dias quentes do verão, e começo a arrepender-me de me ter vestido toda de preto, mas pareceu-me a melhor forma de não atrair atenções para mim. O meu cabelo escuro está preso atrás num simples rabo de cavalo. A única maquilhagem que trago é um pouco de corretor para esconder as olheiras sob os meus olhos e um laivo de batom que é quase da mesma cor dos meus lábios.

– Da próxima vez – diz ele –, nada de saltos altos.

– Oh! – Olho para os meus sapatos pretos. Ninguém me deu qualquer orientação

sobre o código de vestuário, e muito menos em relação aos *sapatos*. – Bem, não são muito altos. E são *grossos*. Não são afiados nem nada. Não me parece realmente...

Os meus protestos morrem-me nos lábios enquanto Benton me olha fixamente. Nada de saltos altos. Entendido.

Benton passa a minha bolsa por um detetor de metais e a seguir passo eu por um muito maior. Gracejo nervosamente sobre como parece que estou no aeroporto, mas dá-me a sensação de que este sujeito não gosta lá muito de piadas. Da próxima vez, nada de saltos altos nem de gracejos.

– É suposto encontrar-me com a Dorothy Kuntz – digo-lhe eu. – É enfermeira aqui.

Benton resmoneia.

– Também é enfermeira?

– Técnica de enfermagem – corrijo eu. – Vou trabalhar no consultório da prisão.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Boa sorte com isso.

Não sei muito bem o que quer dizer ao certo.

Benton prime um botão e, mais uma vez, o zumbido ensurdecador dispara, mesmo antes de o segundo conjunto de portas gradeadas se abrir. Indica-me um corredor que vai dar à ala médica da prisão. Há um estranho cheiro a químicos no corredor e as luzes fluorescentes do teto não param de piscar. A cada passo que dou, apavora-me que algum dos presos possa aparecer do nada e me espanque até à morte com um dos meus sapatos de salto alto.

Ao virar à esquerda ao fundo do corredor, vejo uma mulher à minha espera. Ronda os sessenta anos e tem o cabelo grisalho cortado curto e uma constituição robusta – há algo de vagamente familiar nela, mas não consigo identificar o quê. Contrariamente aos guardas, veste um pijama cirúrgico azul-marinho. Tal como todas as outras pessoas que conheci até agora nesta prisão, não sorri. Pergunto-me se será contra as regras daqui. Devia verificar o meu contrato. *Os funcionários podem ser despedidos por sorrir.*

– Brooke Sullivan? – pergunta ela, num tom seco que é mais grave do que eu esperava.

– Isso mesmo. É a Dorothy?

Tal como o guarda à entrada, ela olha-me de cima a baixo. E, tal como ele, parece absolutamente dececionada com o que vê.

– Nada de saltos altos – informa-me.

– Eu sei. Eu...

– Se sabe, porque os calçou?

– Quer dizer... – Sinto o rosto a arder. – Sei *agora*.

Relutantemente, ela aceita esta resposta e decide não me obrigar a passar a minha orientação descalça. Acena-me com a mão e eu sigo-a obedientemente pelo corredor. Todo o exterior da ala médica tem o mesmo cheiro a químicos que o resto da prisão e as mesmas luzes fluorescentes a piscar. Há um conjunto de cadeiras de plástico alinhadas contra a parede, mas estão vazias. Ela abre a porta de uma das salas.

– Esta será a sua sala de exame – comunica-me.

Espreito para o interior. A sala tem cerca de metade do tamanho das do centro de atendimento de urgência onde costumava trabalhar em Queens. Mas, fora isso, parece igual. Uma mesa de exame ao centro da divisão, um banco para eu me sentar e uma pequena secretária.

– Terei um gabinete? – interrogo.

A Dorothy abana a cabeça.

– Há ali uma secretária. Não vê?

É então suposto fazer os registos com os pacientes a olhar-me por cima do ombro?

– E quanto a um computador?

– Os registos médicos são todos em papel.

Fico estupefacta ao ouvir isso. Nunca trabalhei em nenhum lugar onde os registos médicos fossem em papel. Nem sabia que ainda era permitido. Mas suponho que as regras sejam um pouco diferentes na prisão.

Ela aponta para uma divisão ao lado da sala de exame.

– Ali é a sala dos registos. O seu crachá de identificação abri- -la-á. Dar-lhe-emos um antes de sair.

Ergue o seu crachá para o leitor na parede e ouve-se um forte estalido. Abre a porta, revelando uma pequena sala empoeirada cheia de arquivadores. Montes e montes de arquivadores. Isto vai ser uma agonia.

– Têm cá algum médico a supervisionar? – pergunto eu.

Ela hesita.

– O doutor Wittenburg cobre cerca de meia dúzia de prisões. Não o verá muito, mas está disponível por telefone.

Isso deixa-me inquieta. Nas urgências, nunca estava sozinha. Mas suponho que os problemas lá eram mais agudos do que os que verei aqui. Ou, pelo menos, assim espero.

A nossa próxima paragem na visita guiada é a sala de aprovisionamento. É basicamente igual à do centro de atendimento de urgência, mas, claro, mais pequena – também com acesso via crachá de identificação. Contém ligaduras, material de sutura e vários caixotes, tubos e químicos.

– Só eu posso dispensar medicamentos – diz-me a Dorothy. – Escreve o pedido e eu dispenso a medicação ao paciente. Se houver algo que não temos, podemos fazer uma encomenda.

Esfrego as mãos suadas contra as minhas calças pretas.

– Certo, entendido.

A Dorothy lança-me um olhar demorado.

– Sei que está nervosa por ir trabalhar numa prisão de segurança máxima, mas tem de saber que muitos destes homens ficarão gratos pelos seus cuidados. Desde que seja profissional, não terá qualquer problema.

– Certo...

– *Não* partilhe quaisquer informações pessoais. – Os seus lábios fixam-se numa linha reta. – *Não* lhes diga onde vive. Não lhes diga *nada* sobre a sua vida. Não exponha nenhuma fotografia. Tem filhos?

– Tenho um filho.

A Dorothy fita-me, surpreendida. Estava à espera de que eu dissesse que não. A maioria das pessoas fica admirada quando digo que tenho um filho. Apesar de ter vinte e oito anos, pareço muito mais nova. Embora me sinta muito mais velha.

Tenho ar de quem anda na universidade e sinto-me como se tivesse cinquenta anos. É a história da minha vida.

– Bem – diz a Dorothy. – Não fale no seu filho. Mantenha as coisas profissionais. Sempre. Não sei ao que estava habituada no seu antigo emprego, mas estes homens não são seus amigos. São criminosos que cometeram transgressões extremamente graves, e muitos deles vão passar aqui o resto da vida.

– Eu sei. – Oh, se sei.

– E, acima de tudo... – Os gélidos olhos azuis de Dorothy cravam-se em mim. – Tem de se recordar de que, ainda que a maioria destes homens a venham ver por motivos legítimos, alguns deles vêm cá para conseguir drogas. Temos uma pequena quantidade de narcóticos na farmácia, mas estão reservados para ocasiões raras. Não deixe que estes homens a persuadam a receitar narcóticos para consumo abusivo ou venda.

– Com certeza...

– Além disso – acrescenta ela –, nunca aceite qualquer tipo de pagamento em troca de narcóticos. Se alguém lhe fizer uma proposta desse tipo, dirija-se imediatamente a mim.

Inspiro fundo.

– Eu *já* faria isso.

A Dorothy lança-me um olhar contundente.

– Sim, bem, foi o que a última disse. Agora, vai acabar também num sítio destes.

Por um momento, fico sem palavras. Quando o diretor me entrevistou, perguntei pela última pessoa a trabalhar aqui e ele disse-me que tinha partido por «razões pessoais». Não referiu que tinha sido presa por vender narcóticos aos reclusos.

É intimidante pensar que a última pessoa que teve este emprego antes de mim está agora encarcerada. Ouvi dizer que, uma vez dentro do sistema prisional, é difícil sair dele. Talvez o mesmo se aplique às pessoas que aqui trabalham.

A Dorothy vê a expressão no meu rosto e o seu semblante suaviza-se ligeiramente.

– Não se preocupe – diz ela. – Não é tão assustador como julga. Na verdade, é como qualquer outro emprego no ramo da medicina. Vê pacientes, ajuda-os a melhorar e depois manda-os de volta às suas vidas.

– Sim... – Esfrego a parte de trás do pescoço. – Perguntava-me só se... Vou ser eu a responsável por ver *todos* os reclusos da penitenciária? Ou, tipo, cubro só uma secção e...?

Os seus lábios curvam-se.

– Não, não há mais ninguém, rapariga. Vai ver toda a gente. Tem algum problema com isso?

– Não, de todo – respondo eu.

Mas é mentira.

A verdadeira razão por que estava relutante em aceitar este emprego não é por ter medo de que um dos presos me assassine com o meu próprio sapato. É por causa de um dos reclusos desta prisão. De alguém que conheci há muito tempo, que não estou ansiosa por voltar a ver.

Mas não posso dizer isso à Dorothy. Não lhe posso revelar que o homem que foi o meu primeiríssimo namorado é um dos reclusos da Penitenciária de Segurança Máxima de Raker, atualmente a cumprir pena de prisão perpétua sem possibilidade de liberdade condicional.

E que fui eu que o pus cá.

Ao virar para a rua da casa dos meus pais no meu velho *Toyota* azul, levo na minha bolsa um crachá de identificação plastificado da Penitenciária de Raker. A Dorothy fez-me um ominoso aviso para não o deixar cair nas mãos erradas, mas, a julgar pelos meus privilégios de acesso, estou bastante certa de que o máximo que alguém poderia fazer com ele seria roubar alguns pensos rápidos e usar a casa de banho dos funcionários. Ainda assim, guardá-lo-ei com a vida.

Apesar da forma desagradável como deixei a vila há mais de uma década, adorei crescer em Raker. É uma vila linda, com árvores em cada esquina, pitorescas casas antigas e vizinhos que não desviam automaticamente o olhar ao passar por uma pessoa na rua, como em Queens. E, ao olhar para o céu à noite, veem-se as constelações individuais, em vez de apenas alguns pontos de luz aleatórios que são provavelmente apenas aviões.

É exatamente o tipo de local onde uma criança devia crescer. É exatamente do que a minha pequena família precisava.

Estaciono em frente à garagem de dois lugares, o que é um resquício dos velhos tempos, em que os meus pais estacionavam na garagem e eu tinha de o fazer à porta ou na rua. Os velhos hábitos são difíceis de matar. Ainda penso nesta casa como deles, apesar de já não o ser. É minha – toda minha.

Afinal, estão ambos mortos agora.

Ao destrancar a porta da frente, o som da televisão flutua até ao vestíbulo, juntamente com o cheiro de carne a cozinhar. Fecho os olhos e, por um momento, deixo-me fantasiar com um universo alternativo em que regresso a casa, para junto da minha família, e o meu companheiro está na cozinha, a preparar o jantar.

Mas, claro, não passa de uma fantasia. Nunca houve um companheiro na minha vida que ficasse durante tempo suficiente para preparar o jantar. Começo a perguntar-me se alguma vez haverá. O cheiro delicioso é cortesia da ama, que teve a amabilidade de começar a adiantar o jantar.

– Olá? – grito. – Cheguei!

Espero um momento, perguntando-me se o Josh vai sair para me cumprimentar. Houve uma idade em que a chegada da mamã a casa era sucedida pelo correr de pequenos pés e por um corpo quente a atirar-se aos meus joelhos. Esse tipo de cumprimento é menos comum agora que o Josh fez dez anos. Continua a amar-me, não me interpretem mal, só não de forma tão *enfática*.

Com efeito, passado um segundo, o Josh aparece no vestíbulo com os seus pés descalços. É a última semana antes do início das aulas, e ele está a tirar partido disso passando noventa por cento do seu tempo no sofá. Ou a ver televisão ou a jogar *Nintendo*. Não o devia deixar fazê-lo, mas em breve haverá aulas e trabalhos de casa e equipas de desporto. O seu principal interesse está na Liga Infantil, e isso só começa na primavera, mas, quando começar a aproximar-se, quererá que o leve ao parque para treinar.

– Olá, mãe!

Estendo os braços e ele entra neles, não inteiramente relutante.

– Olá, miúdo. Como correu o teu dia?

– Bem.

– Fizeste mais alguma coisa além de ficar sentado no sofá?

– Porque haveria? – responde-me ele, sorrindo.

O Josh afasta o cabelo castanho dos olhos. Precisa de um corte de cabelo, o que, a julgar pelo historial, vai ser feito na casa de banho, por cima do lavatório. Mas vai decididamente levar um corte de cabelo antes de as aulas começarem. A cada dia que passa, o miúdo parece-se um pouco mais com o pai e, com o cabelo assim desgrenhado, a parecença é suficiente para me fazer doer o peito.

Soa um temporizador na cozinha, e eu sigo nessa direção à medida que o cheiro a frango assado se intensifica. Céus, tenho saudades de uma refeição caseira. A minha mãe costumava cozinhar quase todas as noites, mas há muito tempo que não vivia debaixo do seu teto até me mudar para aqui de vez no mês passado, após a sua morte.

Dirijo-me à cozinha no preciso momento em que a Margie está a tirar um tabuleiro do forno. A Margie é uma avó local que vai tomar conta do Josh enquanto eu estiver a trabalhar. Ele tentou protestar que não precisava de uma ama, mas eu não me sinto confortável a deixá-lo sozinho durante horas enquanto estou a quarenta e cinco minutos de distância – numa *prisão*. Além do mais, o Josh tem apenas dez anos. E não são propriamente uns dez anos *maduros*.

– Que cheiro incrível, Margie – digo eu.

A Margie sorri-me e enfia uma madeixa errante de cabelo grisalho atrás da orelha.

– Oh, não é nada. São só pedaços de frango assado com molho de manteiga e alho. E, claro, arroz e espargos para acompanhar. Não se pode comer *só* frango.

Hum, não? Porque estou bastante certa de que, ao longo dos últimos dez anos, foram muitas as noites em que o Josh e eu não comemos mais nada além de frango. De um balde com um coronel sorridente na lateral.

Mas isso é passado. As coisas vão ser diferentes agora. É um novo começo para os dois.

O Josh inspira exageradamente, farejando o ar.

– Cheira demasiado a *molho*.

Olho-o fixamente.

– Como assim? O cheiro a molho nunca é demasiado.

A Margie pisca-me o olho.

– Acho que lhe cheira à manteiga de alho.

Ele franze o nariz.

– Não gosto de alho. Não podemos ir antes ao McDonald's?

Não compreendo como é possível amar tanto alguém e, ao mesmo tempo, querer tantas vezes estrangulá-lo.

– Em primeiro lugar – digo eu –, não há McDonald's em Raker, por isso, não, *não podemos* ir ao McDonald's. E, em segundo lugar, a Margie preparou-nos uma deliciosa refeição caseira. Se não a queres, podes fazer o teu próprio jantar.

A Margie ri-se.

– Parece a minha filha.

Espero que isso seja um elogio.

– Muito obrigada por ter vindo hoje, Margie. Estará cá para receber o Josh depois das aulas na segunda-feira? O autocarro escolar deve chegar por volta das três.

– Está combinado! – confirma ela.

Acompanho a Margie à porta, apesar de ela ter a sua própria chave. Mesmo antes de me despedir, ela hesita, um sulco entre as suas sobrancelhas grisalhas.

– Escute, Brooke...

Se ela me disser que quer desistir, vou enroscar-me numa bola e chorar. Era a única ama disponível que se aproximava sequer da minha faixa de preços, e mesmo assim mal lhe consigo pagar.

– Sim...?

– O Josh parece muito nervoso com o início das aulas – diz ela. – Sei que é difícil ser-se novo na vila e tudo o mais, sobretudo na idade dele. Mas pareceu-me ainda mais ansioso do que eu esperava.

– Oh...

– Não quero preocupá-la, querida – acrescenta a Margie. – Queria só informá-la.

Sinto um aperto no coração pelo meu filho de dez anos. Não o posso culpar por ter

saudades do McDonald's. O McDonald's é familiar. Raker não é, nem esta casa. Em toda a sua vida, os meus pais nunca nos deixaram visitá-los – iam sempre ter connosco à cidade, até que eu lhes disse que não podiam mais fazê--lo. Esta vila é a minha casa, mas para o Josh é uma terra cheia de estranhos.

E consigo lembrar-me de mais algumas razões para ele ter medo do início do ano letivo, depois do que aconteceu em Queens.

– Vou tratar disso – respondo. – Mais uma vez, obrigada, Margie.

Regresso à cozinha, onde o Josh está sentado à mesa, a brincar com o saleiro e o pimenteiro. Está a fazer uma pequena pilha de sal e pimenta, algo que lhe disse repetidas vezes para não fazer, mas não estou zangada com isso agora. Sento-me na cadeira à sua frente.

– Ei, companheiro – digo eu. – Estás bem?

O Josh traça a sua primeira inicial, J, na pilha de condimentos em cima da mesa.

– Sim.

– Nervoso por causa da escola?

Ele encolhe um dos seus ombros magros.

– Ouvi dizer que os miúdos são muito simpáticos por aqui – digo eu. – Não será como em casa.

Vejo-o erguer os olhos castanhos.

– Como podes saber isso?

Retraio-me, sentindo a sua dor como minha. No ano passado, o Josh foi acossado na escola. *E muito*. Nem sequer sabia que estava a acontecer porque ele não falava do assunto em casa. Começou apenas a ficar cada vez mais calado. Só consegui perceber o porquê no dia em que ele chegou a casa com um olho negro.

Mesmo com o hematoma, o Josh tentou negar que algo se passasse. Tinha tanta vergonha de me dizer porque o andavam os outros miúdos a atormentar. Eu não fazia ideia do que tinha acontecido. O meu filho é um pouco mais para o calado, mas não há nada nele que se destaque – não fazia ideia do que o tornava um alvo. Até que descobri o nome que todos os outros miúdos lhe andavam a chamar:

Bastardo.

Foi uma facada no meu coração saber que os outros miúdos o andavam a acossar por *minha* causa. Por causa da *minha* história e do facto de o meu filho nunca ter tido um pai. Tive alguns pensamentos tenebrosos depois disso, acreditem.

A escola tinha uma política de tolerância zero ao *bullying*, mas aparentemente isso era só algo que diziam para dar a ideia de que estavam a agir da forma certa. Ninguém parecia sentir qualquer compulsão por fazer algo para ajudar o meu filho. E não ajudou que houvesse julgamento no olhar do diretor ao salientar que os outros

miúdos estavam apenas a apontar uma infeliz realidade da minha *situação*.

Quando se é uma mãe solteira que já mal consegue manter o controlo das coisas tal como estão, é difícil lidar com uma escola que finge que nada se passa. E com um bando de outros pais vinte anos mais velhos e com muito mais dinheiro. Cheguei mesmo a consultar um advogado, que limpou a maior parte da minha conta-corrente, mas o desfecho foi uma recomendação de que transferisse o Josh para uma escola nova.

Assim, quando um acidente de viação matou os meus pais no fim do ano letivo, decidi não vender a casa onde cresci. Era o novo começo de que eu e o Josh precisávamos.

– Vais fazer amigos – digo eu ao meu filho.

– Talvez – responde ele.

– Vais – insisto eu. – *Prometo*.

O problema de os filhos crescerem é que sabem que há algumas coisas que não podemos prometer.

O Josh não ergue o olhar da pequena pilha de sal e pimenta. Desta vez, escreve um S, para o seu apelido.

– Mãe?

– Sim, querido?

– Agora que vivemos aqui, vou conhecer o meu pai?

Quase me engasgo com a minha própria saliva. Uau, não sabia que ele trazia esse pensamento na cabeça. Por mais que me tenha esforçado por ser ambos os pais para este miúdo, houve alturas na vida em que o Josh parecia obcecado por quem era o pai. Aos cinco anos, não o conseguia fazer parar de falar nisso. Todos os dias chegava a casa com um novo desenho do pai e do que imaginava que esse pai seria. Astronauta. Polícia. Veterinário. Mas há já algum tempo que não se referia a ele.

– Josh – começo eu.

– Porque ele vive cá. – Ergue os olhos da mesa. – Não vive?

Cada palavra é como um minúsculo punhal no meu coração. Devia ter-lhe dito simplesmente que o pai estava morto. Isso teria tornado as coisas muito mais fáceis. Podia ter inventado uma história maravilhosa sobre como o pai dele era um herói que morreu, sei lá, a tentar salvar um cachorrinho de um incêndio. Ele teria ficado satisfeito com isso. Se lhe tivesse contado a história do cachorrinho e do incêndio, talvez os miúdos não o tivessem atormentado no ano passado.

– Querido – digo eu. – O teu pai costumava viver cá, mas já não vive. Já não.

Não consigo ler a expressão no rosto do Josh. O outro problema de os nossos filhos crescerem é que conseguem perceber quando estamos a mentir.

O homem à minha frente tem exatamente um dente.

Bem, não é inteiramente verdade. O Sr. Henderson tem um par de dentes ao fundo que estão pretos e a precisar seriamente de cuidados dentários, mas, quando sorri, tudo o que consigo ver é aquele solitário dente amarelo na fila de cima da sua boca.

– É uma salvadora, doutora – diz-me o Sr. Henderson, mostrando-me uma vez mais a velha dentola. Já lhe disse duas vezes que não sou médica, mas ele parece gostar de me tratar assim. – Não sei dizer o quanto lhe agradeço.

– Fico feliz por ajudar – respondo eu.

Não fiz praticamente nada pelo Sr. Henderson. Tudo o que fiz foi passar-lhe uma receita de um novo inalador para o seu enfisema, que parece ter piorado nos últimos meses. Os presos têm de preencher um formulário, que é uma requisição para me virem ver se não for uma visita regular agendada, e o formulário que o Sr. Henderson preencheu dizia apenas: «Não consigo respirar.»

Todos os pacientes que vi no meu primeiro dia foram assim. Não sei o que fizeram estes homens para acabar numa prisão de segurança máxima, mas são todos incrivelmente educados e gratos pelos cuidados que proporciono. Não sei que crime terrível cometeu este homem de sessenta e três anos, e não quero saber. Neste momento, gosto do tipo.

– Desde que a outra rapariga se foi embora que ando a tossir e a arfar – diz-me o Sr. Henderson. Como que para demonstrar a sua afirmação, solta uma tosse sonora, húmida e entrecortada. Adoraria fazer-lhe uma radiografia ao tórax, mas o técnico não está cá hoje, por isso terá de esperar até amanhã.

A alocação de pessoal aqui é terrível. Bastou-me um dia de trabalho para isso se tornar dolorosamente evidente. Antes de eu chegar, o Dr. Wittenburg passava por cá de vez em quando e, fora isso, enviavam os reclusos às Urgências para receber cuidados médicos básicos – com custos enormes para a prisão. Não admira que parecessem tão desesperados por me contratar.

Suficientemente desesperados para fazer vista grossa à minha ligação íntima a um

dos reclusos.

– Então e a Dorothy? – pergunto eu. – Falou-lhe dos seus problemas respiratórios? Ele sacode uma mão.

– Diz-me só para parar de ser um bebé.

Ainda que os homens sejam educados quanto baste, já ouvi a minha quota-parte de queixas sobre a Dorothy hoje. Nenhum deles parece gostar muito dela.

– Mas a doutora é ótima – diz o Sr. Henderson.

– Obrigada. – Sorrio-lhe. – Tem mais alguma pergunta ou preocupação?

– Sim, tenho uma pergunta – diz ele, coçando o ninho de ratos de cabelo grisalho na sua cabeça. – É casada?

O aviso da Dorothy sobre não dar informações pessoais a nenhum dos pacientes ainda ecoa nos meus ouvidos. Mas parece uma pergunta bastante inofensiva. E ele pode claramente ver que não tenho aliança.

– Não – respondo. – Não sou casada.

– Bem, de certeza que encontrará alguém em breve, doutora – diz ele. – É muito jovem e bonita. Não precisa de se preocupar.

Fantástico.

O Sr. Henderson salta da mesa de exame e eu acompanho-o ao exterior da sala, tomando rapidamente algumas notas finais na sua ficha em papel. Os requisitos de documentação são bastante limitados por aqui, a julgar pelo que vi. A última enfermeira, Elise, limitava-se a tomar algumas notas na sua grande e floreada caligrafia para cada uma das suas visitas. Sejam quais forem as outras culpas da Elise, sinto-me grata por ter uma boa letra.

O guarda prisional Marcus Hunt está à espera à porta da sala de exame. Hunt é o guarda atribuído à unidade médica, o que significa que traz os pacientes até à sala de espera (ou seja, às cadeiras de plástico alinhadas do lado de fora da sala de exame) e fica de vigia mesmo à porta da sala enquanto eu estou com os pacientes.

Hunt é alto e, apesar de não ser propriamente corpulento, parece forte sob a sua farda azul de guarda. Rondará talvez o início dos trinta, com o crânio rapado e uma barba de alguns dias no queixo. Não há janelas nas portas, por isso é reconfortante deixar a porta da sala de exame aberta e saber que Hunt está mesmo do outro lado. Reparei que, às vezes, Hunt deixa a porta escancarada, enquanto outras, como com o Sr. Henderson, se limita a deixar uma ligeira fresta. Presumo que saiba mais do que eu sobre os reclusos, pelo que deixo isso ao seu critério.

Cerca de um terço dos homens de hoje chegaram de pulsos algemados. Um ou outro trazia também grilhões nos tornozelos. Não perguntei como determinam quem é acorrentado e quem não é.

Entrego o Sr. Henderson ao guarda Hunt, que me acena inexpressivamente. Tal como a Dorothy, não sorri muito, ou de todo. As únicas pessoas que me sorriram desde que aqui estou foram os presos.

– Vou levá-lo de novo para a cela – diz-me Hunt.

Olho para as cadeiras de plástico à porta da sala de exame.

– Não está mais ninguém à espera?

– Não, tem uma pausa.

Vejo Hunt desaparecer por um corredor com o Sr. Henderson, deixando-me sozinha. Não que não me alegre por ter uma pausa, mas não há muito para fazer por aqui. O sinal do *Wi-Fi* é praticamente inexistente e não há ninguém por perto com quem conversar. Devia começar a trazer um livro para ler se houver intervalos na agenda.

A sala dos registos médicos fica à esquerda. Já lá fui hoje um par de vezes para localizar fichas, visto que ninguém o faz por mim. Olho para o meu relógio – ainda falta uma hora para sair. Em seguida, olho para os dois lados do corredor.

Não está aqui mais ninguém além de mim.

Esgueiro-me até à sala dos registos médicos e uso o meu crachá de identificação para abrir a porta. É uma sala dolorosamente claustrofóbica, com tantos arquivadores quantos podem ser encaixados neste espaço, iluminada por uma única lâmpada nua no teto. Há também uma pilha de pastas largadas ao canto da sala, com as páginas a sair. Disse-me a Dorothy que são de reclusos que já cá não estão. Visto que a maioria destes homens está a cumprir penas perpétuas, presumo que isso queira dizer que estão mortos.

Não tenho muito tempo aqui até Hunt regressar. Felizmente, sei exatamente o que procuro.

Vou direta à gaveta assinalada com um N. Abro-a, expondo uma grossa pilha de fichas apertadas na gaveta. Percorro os nomes. Nash. Nabb. Napier. Neil.

Nelson.

Tiro a ficha, as mãos a tremer ligeiramente. O nome rabiscado na etiqueta é Shane Nelson. É *ele*. Ainda aqui está. Não que devesse ficar surpreendida, pois, da última vez que o vi, estava a ser condenado a passar o resto da sua vida aqui.

Fecho os olhos e ainda consigo ver o seu rosto robustamente atraente. Os seus olhos a fitar os meus. *Amo-te, Brooke*.

Foi o que ele me disse poucas horas antes de me tentar matar.

E nem foi o pior que ele fez.

Olho para a pasta de papel, querendo abri-la e ver o interior, mas sabendo que não devia. Moralmente, não devia de certeza. Legalmente... É uma zona cinzenta.

Tecnicamente, enquanto recluso destas instalações, é um dos meus pacientes. Mas, se eu abrir esta ficha, não estarei a consultá-la como profissional de saúde.

Só cá estou há um dia. É um pouco cedo para quebrar as regras.

Quando me candidatei a este emprego, não achava que o fosse conseguir, dada a minha ligação a um dos reclusos. Mas era menor na altura do julgamento do Shane, e os meus pais esforçaram-se muito por manter o meu nome fora dos registos públicos. Ainda assim, pensava que uma verificação de antecedentes me denunciaria. Mas estava errada.

Ou então o diretor sabia da ligação, mas estavam tão desesperados por contratar alguém que a deixaram passar.

Oíço um estalido e apercebo-me de que alguém usou o seu crachá de identificação para abrir a porta dos registos médicos. Em pânico, enfio novamente a ficha do Shane no arquivador e fecho a gaveta no preciso momento em que a porta se abre. É o guarda Hunt quem lá está, a sua alta silhueta a preencher o umbral.

– Temos outro paciente para si. – À luz ténue da sala, os seus olhos parecem duas cavidades escuras. – O que faz aqui dentro?

– Eu, hã... – Lanço um olhar ao arquivador. – Lembrei-me só de uma coisa de um dos pacientes desta manhã de que queria tomar nota.

Tenho todo o direito de estar nesta sala de arquivo. É impossível ele saber que o que eu estava a fazer aqui dentro não era de todo legítimo, embora suspeite que o ardor nas minhas faces me denuncia.

Hunt semicerra os olhos na minha direção.

– Preparei todas as fichas para as visitas agendadas. Se precisar de mais alguma ficha, posso levar-lha.

– Oh! – Forço um sorriso. – Bem, obrigada, então. Fico certamente agradecida.

Ele não me retribui o sorriso.

Bem, fantástico. Estou aqui há menos de um dia e o guarda já acha que eu sou um problema. Mas parece que precisam mais de mim do que eu deles, por isso o meu emprego está seguro. Por enquanto.

Desde que o Shane Nelson não precise de visitar a ala médica nos próximos tempos.

Os meus pais matavam-me se soubessem o que estou a fazer neste momento. Acham que fiquei a estudar depois das aulas com a minha melhor amiga, Chelsea. Acham que a Chelsea me vai dar boleia para casa, após o que vou buscar uma muda de roupa e passar a noite em casa dela.

Se soubessem que estou sentada num carro a um quarteirão de minha casa com o Shane Nelson, seria mau. E se soubessem que é na casa do *Shane* que vou realmente passar esta noite... bem, nem quero saber o que fariam. Para começar, punham-me de castigo. E não o tipo de castigo em que fico proibida de jogar videojogos ou privada de uma dose adicional de sobremesa. Tirar-me-iam da escola secundária, provavelmente para o ensino doméstico, e nunca mais me deixariam sair do meu quarto. *Esse* tipo de castigo.

É por isso que, quando me leva a casa, o Shane estaciona sempre a um ou dois quarteirões de distância. Até isso é um risco, mas, no que toca ao Shane, não me importo nada de correr riscos estúpidos. Sempre fui uma boa menina – notas perfeitas, quadro de excelência, clube de debate. Nunca antes tinha conhecido um rapaz que me fizesse querer quebrar todas as minhas regras. E, quando o Shane olha para mim do lugar do condutor do seu *Chevy*, apercebo-me de que não há muito que não estivesse disposta a fazer por ele.

– Estou muito ansiosa por esta noite – digo-lhe eu, numa voz que espero que soe madura e sensual, mas provavelmente soa estridente e nervosa. Não posso evitar. Nunca antes passei a noite em casa de um rapaz.

– Também eu – responde ele, percorrendo a curva do colar de ouro com um floco de neve que trago sempre ao pescoço. – Tanto.

Os vívidos olhos castanhos do Shane encontram os meus. Conheço-o desde o terceiro ciclo e juro que fica mais atraente a cada ano que passa. O cabelo escuro desgrenhado, um sorriso perigoso, e agora todos aqueles malditos músculos. Quando tínhamos doze anos, era só um rufia que não conseguia parar de se meter em sarilhos na escola. Depois, no secundário, juntou-

-se à equipa de futebol americano e tornou-se o melhor lançador. Vejo-o todos os dias enquanto eu e a Chelsea animamos a equipa das bancadas, e é *realmente* talentoso. Mas, mesmo assim, não é suficientemente bom para os meus pais.

– Sabes – diz o Shane –, podíamos ser só nós em minha casa esta noite. É só dizeres...

Quando descobriu que a mãe do Shane se ia ausentar da vila para visitar a avó dele durante o fim de semana, a Chelsea teve a brilhante ideia de organizar uma pequena festa em casa dele esta noite. Rapidamente se autoconvidou e ao seu namorado, Brandon, também ele uma estrela do futebol americano. O Brandon é particularmente hábil no que toca a ter sempre uma garrafa de algo alcoólico em todas as festas.

– Não sei se é boa ideia – digo eu. – Se não puder ir, a Chelsea denuncia-me aos meus pais.

O Shane faz uma careta.

– É a tua melhor amiga. Achas realmente que faria isso?

Oh, faria, sem dúvida. A Chelsea pode ser a minha melhor amiga, mas está sempre à procura do primeiro lugar. Mas, por uma vez, a modos que me alegro por isso. O Shane e eu estamos juntos há três meses e a ideia de ficar a sós com ele deixa-me nervosa. Acho que nem sabe que ainda sou virgem. Ele não é – não mo disse, mas tenho a certeza. Não é possível que seja.

– Não faz mal – digo eu. – Vai ser divertido passar algum tempo com a Chelsea e o Brandon.

O Shane não protesta porque o Brandon é um dos seus bons amigos. Mas *ele* não está nervoso com a ideia de ficar a sós comigo. Parece empolgado com cada momento que pode passar na minha companhia. É lisonjeiro o quanto parece gostar de mim. Saí com alguns tipos antes, mas o Shane é o meu primeiro verdadeiro *namorado*. Nem sequer parece importar-se com o facto de termos de nos esconder porque os meus pais não o aprovam.

Olho para o meu relógio. Disse à minha mãe que estaria em casa às cinco.

– É melhor ir.

– Só mais cinco minutos?

– É melhor não.

Não quero dar aos meus pais qualquer desculpa para me dizerem que não posso sair esta noite. Só há pouco tempo afrouxaram as restrições deste verão, altura em que uma adolescente chamada Tracy Gifford, de uma vila vizinha, foi encontrada assassinada nos bosques. Durante um bom mês depois disso, andou toda a gente absolutamente aterrorizada. Mas agora passaram quatro meses e é quase como se

nunca tivesse ocorrido. Tracy Gifford foi um caso tão falado e agora é como se nunca tivesse existido.

– Está bem, pronto – diz ele, agarrando-me no ombro e puxando-me para si. Beijo-o, um beijo profundo e faminto, como se estivéssemos numa competição para ver quem engole o outro primeiro. Parece que não nos conseguimos fartar um do outro.
– Vemo-nos logo à noite.

– Até logo.

Começo a abrir a porta do carro e sinto a sua mão no meu ombro.

– Brooke?

Viro-me para o fitar.

– Sim?

– Brooke, eu ano-te.

Não posso deixar de lhe sorrir. É uma piada privada entre nós os dois. Uma vez, estava a enviar-lhe uma mensagem sobre o quanto amo gelado, mas enganei-me a digitar e escrevi «ano gelado». Seria de pensar que o meu telemóvel corrigiria automaticamente isso, mas não foi assim. E então tornou-se uma piada. *Ano batatas fritas. Ano massagens nos pés.* E então, há um par de semanas, ele anunciou subitamente:

Ano-te, Brooke.

Não me *ama*. É óbvio que não. Quer dizer, temos apenas dezassete anos e só namoramos há três meses. Mas *ana-me*. E isso é quase melhor do que o amor.

– Também te ano – respondo eu.

O Shane ri-se e solta-me o ombro para me deixar sair do carro. Ao fechar a porta do *Chevy*, todo o veículo treme. O carro do Shane é uma sucata. Comprou-o literalmente no ferro-velho e utilizou as suas competências das aulas de mecânica automóvel para restaurar o motor e pôr a maldita coisa a funcionar. Pintou-o, e parece agora minimamente decente, mas tenho sempre algum receio de que vá simplesmente avariar no meio da estrada e obrigar-me a caminhar de volta à civilização no que serão quase de certeza uns sapatos incrivelmente desconfortáveis, pois é mesmo assim a minha sorte.

Mas o Shane não pode pagar um carro novo. Ou mesmo um carro usado. Apesar de trabalhar todos os fins de semana na *pizzaria*, o único carro que pode pagar é um carro comprado no ferro-velho.

E agora já sabem por que razão os meus pais nunca o aprovarão. Porque, segundo eles, à semelhança do seu carro, o Shane é «lixo».

O Shane abre a janela do lado do passageiro do seu carro.

– Vemo-nos esta noite, Brooke! Às sete e meia!

– Sete e meia – repito eu obedientemente.

Após essa confirmação, o carro do Shane arranca, fazendo muito mais barulho do que um carro devia fazer porque o seu silenciador também é do ferro-velho. Fico a ver o *Chevy* desaparecer ao virar da esquina porque estou mesmo assim tão enfeitiçada por ele. Ao ponto de ter de o ficar a ver desaparecer ao longe. É doentio, eu sei.

– Então, o que vais fazer às sete e meia, Brooke?

Caio bruscamente da minha nuvem de amor (quer dizer, de *amor*) ante o som da voz atrás de mim. Não me apercebi de que o Shane tinha estacionado perigosamente perto da casa dos Reese, algo que geralmente tem o cuidado de não fazer. Tim Reese está no relvado da frente, a juntar as últimas folhas de outono.

Tim. Raios.

– Nada – digo eu.

O Tim arqueia uma sobrelance enquanto eu ergo os olhos para ele. Ainda não estou habituada a olhar de baixo para o Tim. Conheço-o desde que andávamos ambos de fralda, quando ele respondia pelo nome de Timmy e tinha um rosto sardento, como se uma bomba de sardas lhe tivesse explodido na cara. Sempre foi meia dúzia de centímetros mais baixo do que eu, até que, há cerca de um ano, cresceu subitamente. Ainda não me consegui propriamente acostumar a isso.

– Vais encontrar-te com o Shane às sete e meia? – pressiona--me o Tim.

Desvio o olhar. A Chelsea pode ser a minha melhor amiga, mas o Tim conhece-me melhor do que qualquer outra pessoa no mundo.

– Talvez...

Os olhos azuis do Tim escurecem.

– Não posso acreditar que ainda andas a sair com esse idiota.

Os meus pais odeiam o Shane, mas o Tim odeia-o ainda mais. Odeia-o com um estranho ardor que não compreendo por completo. O Tim não é o tipo de pessoa que julgaria alguém por conduzir um carro em terceira mão e por viver numa velha quinta que está a uma telha solta de ser interdita. Há outros motivos para ele odiar o Shane.

– Tim – murmuro eu. – Para com isso.

Ele esfrega o queixo. A maioria das suas sardas desapareceu ao longo dos últimos anos, em parte devido ao seu cuidado em manter-se longe do sol. Mas tenho saudades das sardas do Tim. Eram adoráveis. Sem elas, e agora meia cabeça mais alto do que eu, tornou-se atraente, mas deixou de ser adorável. Além disso, parece uma pessoa diferente. Um rapaz diferente daquele com quem passava os verões, a correr aos gritos por entre os aspersores no seu jardim das traseiras.

– O Shane é um idiota – declara ele.

– Oh, vá lá...

– É mesmo – explode o Tim. – Ele e todos os seus amiguinhos do futebol são um bando de rufias. Não posso acreditar que não vês, Brooke.

Mudo o meu peso de um pé para o outro no pátio do Tim, que está lamacento da humidade no ar. O ar está pesado e húmido, e sinto o meu cabelo começar a encaracolar. A meteorologia previa chuvas fortes e trovoadas para esta noite, e a Chelsea e eu tencionamos chegar à quinta antes que comecem. Por isso devia ir andando, mas odeio o julgamento no rosto do Tim e estou desesperada por lhe provar que está errado. Ele não conhece o Shane da maneira como eu conheço. Costumava pensar que era um idiota, mas não é. É um bom tipo e gosto realmente dele. *Ano-o.* O Tim simplesmente não vê. Oxalá visse.

– Se conhecesses o Shane – digo eu –, aposto que gostarias dele.

O Tim resfolega e abana a cabeça.

– Escuta – acrescento. – Devias vir esta noite.

Ele semicerra os olhos.

– Ir onde?

As palavras saem-me antes de as poder pensar demasiado.

– Vamos reunir-nos em casa do Shane esta noite. A mãe dele vai ausentar-se da vila. Seremos eu, o Shane, a Chelsea e o Brandon. – Esperançosamente, arqueio uma sobrancelha. – E tu?

– Desculpa, mas vou passar.

– Vá lá, vai ser divertido! Diz aos teus pais que foste a casa do Jordan, eles nunca irão verificar. Vamos todos passar lá a noite.

O Tim inclina a cabeça para o lado, ponderando. Costumava fazer essa mesma expressão quando éramos pequenos. Costumava ser tão fácil nessa altura. Eu ia a casa do Tim e não havia discussões sobre namorados nem rufias nem nada desse género. Ia lá e *brincávamos*. E, nesse tempo, sentia que ia ser sempre assim. Sentia que o Tim e eu íamos ser sempre amigos dessa forma.

Foi o Tim quem me comprou o colar com o floco de neve que trago sempre. Ofereceu-mo no meu décimo aniversário porque uma das nossas coisas favoritas para fazermos juntos era brincar na neve – fazer bonecos de neve, andar de trenó, travar lutas de bolas de neve. Sempre que nevava, a primeira coisa que eu fazia era enfiar as minhas botas e o meu fato de neve e rumar a casa do Tim. O colar foi a primeira joia verdadeira que alguém me ofereceu. Tendo em conta que o usei todos os dias desde então e não me deixou o pescoço verde, suspeito que lhe deve ter custado uma fortuna. Provavelmente, passou o ano inteiro a poupar para mo comprar.

– Está bem – diz ele. – Porque não?

Tenho uma vaga consciência do facto de que o Tim nunca me diz que não. Mas tento não pensar nisso. Há certos aspetos da minha relação com o rapaz da porta ao lado que é melhor não analisar demasiado a fundo.

– Isso é ótimo! – Bato palmas. – A Chelsea vem-me buscar às sete e um quarto. Passamos por cá para te recolher a seguir.

O Tim não podia parecer menos entusiasmado com isto.

– Tudo bem.

O Tim acha que tudo isto é um erro, mas está enganado. Vai divertir-se à grande esta noite e eu vou provar-lhe que o Shane é um bom tipo. E vou dizer à Chelsea para levar também uma rapariga para ele. Afinal, bem lhe podemos mostrar o que é um bom bocado.

Se fosse socialmente aceitável, o Josh esconder-se-ia entre as minhas pernas. Mas tem dez anos, pelo que, em vez disso, fica junto a mim, os dedos agarrados à manga da minha camisa, ainda relutante em juntar-se ao grupo de miúdos que estarão na sua turma do quinto ano. A sua professora, a Sra. Conway, lança-me um olhar solidário. Parece bastante simpática – uma professora experiente na casa dos quarenta com ar de quem é hábil a manter a turma na linha. Não estava por cá quando eu era aluna da escola, mas suspeito que deve ter começado pouco tempo depois.

– Ele vai ficar bem, menina Sullivan – assegura-me ela. – Prometo que o vou manter debaixo de olho.

– Obrigada – respondo eu.

Não me escapa o facto de me ter tratado por *menina* Sullivan e não por *senhora* Sullivan. Saberá que sou mãe solteira? Saberá que o Josh não tem um pai presente? Saberá toda a sórdida história? Em vilas como esta, as pessoas falam, apesar de os meus pais terem feito todos os possíveis para esconder a minha gravidez.

E, se ela souber, então talvez todos os outros pais saibam. E então os miúdos saberão. E os insultos começarão outra vez.

Não, estou a ser paranoica. O Josh vai ficar bem.

O burburinho empolgado das crianças é interrompido pelo som estridente de uma campainha a ecoar pelo ar. Começou oficialmente o primeiro dia de aulas. Preciso de todo o meu autocontrolo para me impedir de esmagar o Josh num embaraçoso abraço de urso. É um pouco baixo para a idade, só à altura dos meus ombros, e ainda parece, por vezes, dolorosamente jovem. Demasiado jovem para enfrentar algo tão assustador como uma sala de aula cheia de estranhos que se conhecem todos uns aos outros dos últimos cinco anos de escola.

– Boa sorte – sussurro-lhe eu ao ouvido. – Lembra-te de que toda a gente gosta do

novo miúdo fixe.

O queixo do Josh treme ligeiramente – está a tentar não chorar. Quando tinha dois anos, costumava chorar desalmadamente e sem pudor, mas é ainda mais doloroso vê-lo como um miúdo crescido, a lutar para conter as lágrimas. Planto um beijo no alto da sua cabeça e empurro-lhe ligeiramente as costas. Ele afasta-se, seguindo os seus colegas para o interior da escola como se o estivessem a levar para a sua execução.

Vai ficar bem. As outras crianças vão adorá-lo, apesar de ter nascido fora do casamento. Foi absolutamente a decisão certa mudarmo-nos para cá.

Continua a dizer isso a ti mesma, Brooke.

Fico a observá-lo até a mochila verde do Josh deixar de ser visível. Adoraria plantar-me à porta da sua sala de aula para poder estar disponível se ele precisar de mim durante o dia. Mas não podia fazer isso quando ele andava no jardim de infância, e não é certamente aceitável agora. Vou apenas acreditar que tudo irá correr bem. Ele vai superar isto.

– Brooke? Brooke Sullivan?

Cerro os maxilares ante o som do meu nome. O pior de regressar à vila onde cresci é que às vezes as pessoas reconhecem-me. Felizmente, é uma vila suficientemente grande para não acontecer demasiadas vezes, mas suponho que devia estar à espera disso quando estou diante da escola primária que frequentei quando tinha a idade do Josh.

Viro-me para cumprimentar o professor que me reconheceu. Mas, antes de conseguir dizer olá, fico boquiaberta.

– Tim? – consigo dizer.

É o Tim. Tim Reese. Que vivia ao fundo do meu quartoirão quando eu era criança. O meu melhor amigo.

Bem, até eu deixar a vila sem lhe dizer uma palavra sobre o assunto.

– Brooke! – O seu rosto ilumina-se. – És mesmo tu!

Enquanto o Tim corre pela relva que rodeia a escola, dedico-lhe um olhar mais atento. E... bem, uau. Quando éramos pequenos, o Tim era um miúdo giro. Muitas sardas e um sorriso que fazia com que todos os adultos o adorassem. E então, perto do final do secundário, cresceu quinze centímetros praticamente da noite para o dia e ficou um pouco menos giro e um pouco mais atraente, mas ainda demasiado magro e desengonçado. Mas agora amadureceu por completo, ganhou o peso de que precisava e mais alguns músculos por cima. As sardas desapareceram há muito.

O Tim Reese é uma *brasa*.

Timidamente, passo a mão pelos meus cabelos escuros, que apanhei atrás num rabo

de cavalo mal-amanhado antes de sair de casa. Trago também uma *T-shirt* demasiado grande e umas calças de ioga. Não é o que gostaria de ter vestido para o meu primeiro encontro com o Tim Reese em dez anos. Mas as coisas são como são.

– Olá – diz ele, ao chegar mais perto de mim. – Isto é tão louco. Vi-te do outro lado do relvado e pensei para comigo: «Não pode ser a Brooke Sullivan. Estou a imaginar coisas.» Mas és tu. És mesmo tu.

– Sou eu – confirmo rigidamente.

Ele sorri.

– Bem vejo.

E então ficamos simplesmente ali parados, constrangidos. Bem, eu sinto-me constrangida. O Tim parece não conseguir parar de sorrir. Não percebo porque está ele tão feliz, e isso irrita-me.

– Então. – Coço o cotovelo. – És professor aqui ou...?

Ele passa uma mão pelo cabelo, que sempre me lembrou a cor de um ácer.

– Bem, na verdade, sou o diretor-adjunto.

– Oh! – Moldo os lábios num sorriso. A minha boca parece massa de vidraceiro. – Isso é fantástico. Parabéns.

– Ah, obrigado – responde ele. Coça o queixo, e não posso deixar de reparar que não há nenhuma aliança no seu dedo anelar esquerdo. – Então e tu?

– Eu? Sou técnica de enfermagem.

Os seus olhos iluminam-se.

– És a nossa nova enfermeira?

– Não, não sou – respondo rapidamente. – Trabalho... noutro lugar. – Não vou seguramente dizer-lhe que arranjei emprego na prisão de segurança máxima a quarenta e cinco minutos daqui.

Ele franze o sobrolho.

– Oh.

Demoro um segundo a perceber porque parece ele tão confuso. Não sabe porque estou aqui. Vou ter de lhe dizer.

– Vim só deixar o meu filho – explico eu. – É o seu primeiro dia de aulas, por isso, sabes como é, está bastante nervoso.

– Oh! – Ele volta a sorrir, mas desta vez parece um pouco mais forçado. – Bem, o primeiro dia no jardim de infância é sempre assustador para os miúdos. De certeza que se vai dar lindamente.

Quando lhe disse que era o primeiro dia de aulas do Josh, o Tim partiu do princípio de que me referia a começar o jardim de infância. Não sabe que o meu filho

tem dez anos. Acabará por descobrir, e temo esse momento. Não quero que ele faça as contas.

Afinal, também estava lá nessa noite. Tem as cicatrizes que o provam.

– Soube do acidente dos teus pais, Brooke. Lamento imenso. Estava fora do país, caso contrário teria vindo ao funeral.

– Estou bem – murmuro eu. – Não éramos propriamente chegados. Não eram os melhores pais do mundo. – Não refiro que há cinco anos que não via nem falava com os meus pais. Não é preciso entrar em pormenores.

– Foi... foi um acidente de viação, não foi?

Anuo.

– Morreram juntos, o que é irónico, porque sempre senti que não se suportavam. O meu pai costumava trair constantemente a minha mãe.

– Mesmo assim – diz ele, enfiando as mãos nos bolsos. – Deve ter sido difícil para ti. Estás alojada em casa deles?

– Sim. Mais fácil do que vendê-la neste mercado, sabes?

– Oh, claro. – Ele sacode a cabeça. – Também estou instalado na antiga casa dos meus pais. Mudaram-se para a Florida há dois anos, por isso oficialmente estou a tomar conta da casa. Mas acho que, por esta altura, tenho de parar de mentir a mim mesmo e de admitir que vivo lá.

– Sempre gostei da tua antiga casa.

– Sim. – Encolhe os ombros. – É boa. Mas é grande. Enfim, só para mim.

Como se eu precisasse de outra pista de que está solteiro. Está a assegurar-se com absoluta certeza de que eu sei.

– Então, hã... – Os seus olhos dardejaram pelo relvado em torno da escola, que se vai gradualmente esvaziando, pisado por pequenas pegadas. – O teu marido também trabalha por estes lados?

– Não sou casada.

– A sério...?

– É verdade.

Ficamos mais alguns segundos a olhar fixamente um para o outro e então o rosto do Tim abre-se num sorriso acanhado.

– Bastante hábil a forma como descobri que continuas solteira, não? Estás impressionada com as minhas capacidades?

Apesar de tudo, tenho de me rir. O Tim sempre soube como me fazer sorrir.

– Extremamente impressionada. Deves ser um verdadeiro galã.

– Todos os directores-adjuntos de escolas primárias são.

– Já desconfiava.

O seu sorriso expande-se.

– Olha, tenho de ir para dentro, mas precisamos mesmo de pôr a conversa em dia. Podemos ir tomar um café um dia destes?

A última coisa que quero é pôr a conversa em dia com alguém da minha antiga vida – e muito menos com alguém que me era tão próximo como o Tim.

– Estou bastante ocupada.

– Bem, um café não demora muito tempo, pois não? Vinte minutos, no máximo.

Isto não pode dar em nada de bom. Não tenho espaço na minha vida para seja o que for que o Tim quer. Além disso, tenho um pressentimento de que, quando descobrir a verdade sobre o Josh, os seus sentimentos por mim vão mudar. Mas quero acabar com esta conversa, por isso tenho de lhe atirar um osso.

– Talvez – acabo por responder – quando estiver instalada.

– Bem... – O seu rosto continua radiante. Céus, tinha-me esquecido de como ele costumava olhar para mim. – Foi realmente fantástico voltar a ver-te, Brooke. *Realmente* fantástico. E vou cobrar-te esse *talvez*.

Há um balanço adicional nos seus passos ao correr de novo para a escola primária. Tim Reese. Uau. Nunca acreditei realmente que o voltaria a ver.

Estou indignada.

O paciente que estou a ver neste momento é o Sr. Carpenter. Tem vinte e bastantes anos e foi alvejado na coluna enquanto fazia... bem, seja o que for que o atirou para uma prisão de segurança máxima para o resto da vida. Foi mau, de certeza. Não quero saber.

Mas nada disso me diz respeito. O que me diz respeito é que o Sr. Carpenter é paraplégico e usa uma cadeira de rodas. Pelo que passa o dia inteiro sentado em cima do traseiro e a noite deitado num colchão fino como papel, e agora tem uma chaga bastante impressionante no cóccix que não é tratada há sabe Deus quanto tempo.

– O que acha, Brooke? – pergunta-me o Sr. Carpenter. Está deitado de lado na mesa de exame com as calças puxadas para baixo, à espera da minha avaliação. Infelizmente, não tenho nada de bom para dizer.

– É uma ferida de pressão – explico. – Podemos fazer-lhe um curativo, mas nunca irá sarar se não lhe tirar a pressão de cima.

– Sim, bem, como vou eu fazer isso? A almofada da minha cadeira é minimamente decente, mas o colchão da minha cama é terrível. Estou basicamente deitado diretamente em cima das molas de metal.

– Nesse caso, precisa de um colchão melhor.

O Sr. Carpenter resfolega.

– Há quanto tempo trabalha aqui? Ninguém me vai arranjar um colchão novo.

– Têm de o fazer se eu lho receitar.

– Sim, pois...

Apesar do seu ceticismo, o Sr. Carpenter vai receber esse colchão. É negligência médica não dar a um paraplégico um colchão decente com alívio de pressão. Pode envolver uma pilha de papelada, mas vou fazê-lo acontecer.

Mal termino com o Sr. Carpenter, confirmo que não está ninguém à espera para ser visto e sigo pelo corredor até ao gabinete da Dorothy. Sim, ela tem um *gabinete* e eu tenho uma mesa na minha sala de exame. Mas reconheço que tem mais antiguidade,

por isso não vou dizer nada. Com sorte, não ficarei a trabalhar aqui durante tempo suficiente para obter uma secretária.

Bato à porta do gabinete da Dorothy e fico à espera de a ouvir mandar-me entrar. Após o que parecem cinco minutos, ela diz--me que entre. Ao entrar no gabinete, encontro-a sentada à sua secretária, com uns óculos em meia-lua equilibrados na ponte do seu nariz bulboso.

– Estou muito ocupada, Brooke – diz ela.

– Isto não vai demorar muito – respondo eu. – Preciso só de saber como posso arranjar um colchão com alívio de pressão para o Malcolm Carpenter.

Ela fita-me por cima do aro dos seus óculos.

– Um *colchão com alívio de pressão*?

Di-lo como se eu estivesse a falar uma língua desconhecida. Sabe muito bem ao que me refiro.

– É paraplégico e desenvolveu uma úlcera de pressão no cóccix. Precisa de um colchão decente ou não vai sarar.

– Brooke – diz ela secamente. – Isto não é o Ritz Carlton. Não podemos arranjar colchões de sonho para todos os reclusos.

Um músculo contrai-se sob o meu olho.

– Não estou a pedir um artigo de luxo. É medicamento recomendado.

– Temo que não.

– É claro que sim! – exclamo eu bruscamente. – Não consegue mexer nem sentir a parte inferior do corpo. A chaga só vai piorar se não lhe aliviarmos a pressão. Arranjar-lhe um colchão decente é o mínimo que podemos fazer.

– Temo que um colchão novo simplesmente não esteja no orçamento. Terá de pensar numa solução mais criativa. – Vejo-a abanar a cabeça. – Não tem capacidades de resolução de problemas?

Fico a olhar para ela, demasiado estupefacta para reagir. O problema é que o homem tem uma úlcera de pressão. A solução simples é um colchão decente. Qual é o *problema* desta mulher? Não se importará minimamente com estes presos? São seres humanos, afinal.

Toca o telefone na secretária da Dorothy. Ela atende sem me dizer mais nada. Fico ali parada enquanto ela ouve a outra pessoa falar.

– Sim, vou mandá-la imediatamente para aí – diz por fim.

Raios. É provavelmente a mim que se refere.

Com efeito, depois de desligar a chamada, a Dorothy ergue os olhos para me fitar sobre o aro dos seus óculos.

– Houve um incidente no pátio. O guarda Hunt vai trazer-lhe um dos reclusos

para ver por causa de um ferimento.

Fantástico.

Deixo descair os ombros, derrotada, enquanto marcho de volta à minha sala de exame/gabinete. Mas não desisti. Vou arranjar uma maneira de conseguir esse colchão para o Sr. Carpenter nem que seja a última coisa que eu faço. Mas primeiro tenho de tratar desse sujeito que se feriu no pátio.

Pergunto-me como se terá magoado. Com um cadeado numa meia? Farão mesmo isso na prisão?

Quando estou mesmo a chegar ao meu gabinete, vejo o guarda Hunt a vir pelo corredor com um dos presos. Deve ser o tipo que ficou ferido no pátio. O recluso veste o macacão caqui regulamentar da prisão e, ao contrário da maioria dos presos, traz tanto os pulsos como os tornozelos agrilhoados, pelo que se arrasta lentamente ao lado de Hunt.

Ao aproximar-se, vejo a ligadura colada à sua testa, que está saturada de sangue vermelho-vivo. O que quer que esteja ali debaixo vai quase de certeza precisar de pontos. Então, os meus olhos descem para o rosto do preso.

Oh. Oh, não. Não, não, não...

É o Shane.

ONZE ANOS ANTES

Por alguma razão, é impossível à Chelsea parar em frente à minha casa sem apoiar todo o seu peso na buzina do carro. Saio a correr pela porta da frente, a mochila pendurada do meu ombro direito, e desço o passadiço a correr, praguejando em surdina. Não larga a buzina até eu abrir a porta do lado do passageiro e me deixar cair ao seu lado no carro.

– Oh, meu Deus! – Dou-lhe uma palmada no braço. – Já te ouvi. Estás a perturbar o bairro inteiro!

A Chelsea revira dramaticamente os olhos. Pôs tanto rímel em torno dos seus olhos castanho-escuros que as suas pestanas têm pelo menos o triplo da extensão que de outro modo teriam.

A Chelsea usa uma quantidade louca de maquilhagem – os meus pais jamais me deixariam sair de casa com esse aspeto. Se quiser sequer usar um batom de um tom mais escuro que o bege, tenho de o pôr na casa de banho da escola.

– Tenho alguma culpa de que sejas lenta? – pergunta a Chelsea.

Olho para o banco de trás em busca de apoio. A Chelsea disse-me por mensagem que ia trazer a Kayla Olivera como sexto elemento para o Tim. A Kayla é outra das chefes de claque – morena, baixinha e muito bonita. Ao esticar o pescoço, perturba-me o facto de estar a enviar mensagens pelo seu telemóvel, alheia ao volume da buzina da Chelsea.

– Olá, Kayla – digo eu.

– Olá – responde ela, sem erguer o olhar.

Pigarreio.

– Obrigada por vires.

A Kayla desvia finalmente os olhos do ecrã do seu telemóvel.

– A Chelsea disse que o Tim Reese vai lá estar, certo?

Sinto um sobressalto de surpresa. Pensava que a Chelsea tinha recrutado alguma

rapariga incauta para impingirmos ao Tim na nossa festa. Mas não é de todo o caso. A Kayla *quer* estar aqui. Está interessada no Tim. Aparentemente, ao crescer aqueles quinze centímetros extra, o Tim tornou-se também o tipo de rapaz por quem as raparigas se interessam. Nunca antes tinha reparado nisso, mas vejo-o agora escrito no rosto da Kayla. O Tim é agora uma *brasa*.

Não é uma ideia que me caia particularmente bem.

Não sei bem porquê, ainda assim. Tenho o Shane, afinal.

– Então, a mãe do Shane já saiu? – pergunta-me a Chelsea. – Podemos ir para lá?

Levo a mão à bolsa e tiro o meu telemóvel. Com efeito, tenho uma mensagem do Shane, enviada há cerca de um minuto: **Acabo de ir buscar o Brandon e a minha mãe já está na estrada. Venham para cá!**

Respondo-lhe: **Chegaremos em breve! Ano-te!**

A sua resposta surge instantaneamente: **Também te ano.**

A Chelsea percorre o quarteirão extra até à casa do Tim. Consigo vê-la a preparar-se para carregar na buzina, mas não tem de o fazer. O Tim já está sentado nos degraus da frente de sua casa e levanta-se de um salto ao ver o *Beetle* da Chelsea. A Kayla observa-o pela janela, um sorriso a brincar-lhe nos lábios.

O Tim entra para o banco de trás do carro e senta-se ao lado da Kayla. Ela arrasta-se para junto dele tanto quanto o seu cinto de segurança lhe permite.

– Olá, Tim – cumprimenta.

– Olá... – responde ele, franzindo o sobrolho, em óbvias dificuldades para se lembrar do nome dela. Viro-me e movo os lábios, formando a palavra «Kayla» o mais enfaticamente de que sou capaz, mas ele não me compreende. Finalmente, arrisca um palpite. – Kara?

As faces da Kayla coram ligeiramente.

– *Kayla*.

– Certo. Desculpa. – Mas não parece arrependido. Não parece importar-se de todo. O Tim nunca gostou de chefes de claque. Vi como mordida a língua quando lhe disse que ia prestar provas.

– Onde está a tua mochila? – pergunta a Kayla.

– Mochila? – repete ele, franzindo o sobrolho.

– Vamos passar lá a noite. – A Kayla olha para a Chelsea em busca de confirmação. – Não é?

– Isso mesmo, *Timothy* – confirma a Chelsea. – É uma festa *noturna*. A Brooke não te disse?

– Sim... – diz ele, com um encolher de ombros. – Tudo bem. Não preciso de nada.

A Kayla parece escandalizada.

– Então e uma muda de roupa?

O Tim baixa os olhos para o seu casaco, que está aberto, revelando uma *T-shirt* cinzenta e umas calças de ganga azuis.

– Sei lá. Visto outra vez isto amanhã.

– *Rapazes*. – A Chelsea lança-me um olhar. – Às vezes, pergunto-me o que vemos neles.

Rio-me com ela, mas, ao olhar de novo para o Tim, há algo na sua expressão que me deixa um pouco inquieta. Eu disse-lhe que íamos passar a noite fora. Quando éramos muito mais novos e esse tipo de coisa era permitido, o Tim costumava passar algumas noites em minha casa e levava sempre tudo menos o lava-loiça da cozinha. Sim, passou muito tempo desde então, mas não deixa de parecer estranho ele vir passar a noite a casa do Shane e não trazer mais nada além de si próprio. Não parece nada típico do Tim.

Talvez já não o conheça de todo.

Ou talvez não tencione ficar.

Esperava que passassem meses até me cruzar com o Shane Nelson – ou que nunca acontecesse. Mas aqui estou eu, apenas na minha segunda semana, e aqui está ele. Em carne e osso.

O homem que me tentou matar.

Por um momento, sinto um aperto na garganta. O colar com que ele me tentou estrangular a bloquear-me a traqueia. Não consigo respirar. Agarro-me ao caixilho da porta, respirando fundo. Não posso deixar que isto me afete. Tenho de ser profissional.

Estou bem. *Estou bem.* Ele já não me pode magoar.

O Shane repara em mim uma fração de segundo depois de eu o reconhecer. Parece tão chocado como eu me senti. Talvez mais, porque não fazia ideia de que eu trabalhava aqui. Vinha a arrastar-se nos seus grilhões, mas, ao ver-me, para de repente, boquiaberto.

– Anda lá. – Hunt dá-lhe um empurrão para o pôr novamente a andar. – Não temos o dia todo, Nelson. Mexe-te.

Continuam a andar até chegarem à sala de exame, onde param bruscamente. Os olhos castanhos do Shane estão cheios de dor ao encontrarem os meus.

– Olá, sou a Brooke – digo rigidamente. Sinto-me um pouco ridícula a apresentar-me ao homem com quem perdi a virgindade, mas cá estamos.

Antes que o Shane possa abrir a boca, Hunt intervém.

– Este é o Shane Nelson. Feriu-se na testa quando estava no pátio.

– Muito bem. – A minha voz soa estranhamente calma, tendo em conta que o meu coração está aos saltos. – Entre, senhor Nelson.

Mais uma vez, o Shane parece petrificado. Hunt tem de lhe dar outro empurrão para o pôr novamente em movimento.

Subir para a mesa de exame é complicado, dado que tem os pulsos e os tornozelos

agrilhoados. Já vi Hunt ajudar outros homens nesta posição, mas não faz nada para ajudar o Shane. São precisas algumas tentativas, mas o Shane lá consegue subir para a mesa.

Uma vez instalado o Shane, Hunt deixa a sala de exame. Começo a fechar a porta atrás de mim, mas ele ergue uma mão para a impedir de se fechar.

– Devia manter a porta aberta com este – diz Hunt.

Lanço um olhar ao Shane, que está sentado na minha mesa de exame, cabisbaixo, de pulsos e tornozelos agrilhoados. Já senti pontadas de medo junto a alguns dos reclusos, mas não é o que sinto neste momento. Apesar de saber do que ele é capaz.

– Vou ficar bem – respondo, esperando não me arrepender das minhas palavras.

Hunt mantém a mão na porta, ainda a impedir-me de a fechar. Os nossos olhares cruzam-se e, por um momento, tenho a certeza de que ele vai forçar a entrada. Mas então solta a porta.

– Estarei mesmo ali fora – diz-me ele. – Se tiver algum problema, grite por mim.

– Vou ficar bem – repito eu. Mas não fecho a porta por completo. Deixo-a apenas um pouco entreaberta.

Agora, eu e o Shane estamos sozinhos na sala de exame. É a primeira vez que ficamos a sós desde que ele... bem, não precisamos de reviver essa noite. Parece diferente do que era quando tinha dezassete anos. Diferente e igual. Tem o cabelo muito mais curto, cortado a pouco mais de dois centímetros do crânio, e há uma dureza no seu rosto que não estava lá antes.

Odeio que continue a ser tão atraente como era nesse tempo.

Odeio ainda mais o quanto se parece com o meu filho.

Por um momento, ficamos os dois apenas a olhar um para o outro. Ou a trocar olhares fulminantes, mais propriamente – dos seus olhos escorre veneno. Não sei porque está *ele* tão perturbado. Eu é que devia estar furiosa – se dependesse dele, estaria morta. Suponho que esteja zangado por eu ter dito a verdade naquele tribunal.

– Olá – digo, no tom mais seco e indiferente que consigo invocar.

O Shane não ergue os olhos.

– Olá.

Endireito os ombros. Era isto que temia ao aceitar este emprego em primeiro lugar. E agora estou aqui e terei simplesmente de lidar com isto. Vou tratar-lhe do ferimento como uma profissional e mandá-lo à sua vida.

– Como estás? – interrogo.

Ante a minha pergunta, ele ergue bruscamente a cabeça e olha-me fixamente.

– Bem, Brooke, vou passar a vida na prisão por algo que não fiz, por isso como raio

achas que estou? Não muito bem.

Retribuo-lhe o olhar colérico.

– Referia-me à tua *cabeça*.

– Oh. – Ergue uma mão algemada para tocar na ligadura na testa. – Também não está muito bem.

Enfio as mãos num par de luvas de látex azuis. Atravesso a pequena sala para lhe examinar a testa. Há muito tempo que não me aproximava tanto dele – exceto nos meus pesadelos. Há uma década, a ideia de estar assim tão perto causar-me-ia calafrios. Mas agora consigo lidar com isto. Sou mais forte do que costumava ser. Este monstro não me vai levar a melhor.

Da última vez que estive assim tão perto do Shane, ele usava um *aftershave* que cheirava a sândalo. Se fechar os olhos, ainda consigo imaginar esse profundo aroma amadeirado, mas floral.

Já não suporto esse cheiro. Uma vez, tive um encontro com um homem que usava água-de-colónia de sândalo e recusei-me a

voltar a sair com ele. Evitei as suas chamadas em vez de explicar o porquê.

Descolo a fita do ferimento na testa do Shane, sem me dar ao trabalho de ser tão delicada como normalmente seria. Tem bastante mau aspeto. Apesar da ligadura, continua a sangrar significativamente. Precisa seguramente de pontos. Há também o que parece ser o início de um olho negro a formar-se do mesmo lado.

– Como aconteceu isto? – pergunto.

– Fui contra a vedação.

Arqueio as sobrancelhas.

– A sério?

Ele olha-me fixamente, desafiando-me a continuar a interrogá-lo.

– Isso mesmo.

– Porque parece que alguém te fez isto.

– Se alguém me *tivesse* feito isto – diz ele – e eu to denunciasses, da próxima vez, far-me-ia pior. Por isso, ainda bem que foi só de ter ido contra a vedação, sabes?

Vejo agora que tem outras cicatrizes no rosto. Tem uma cicatriz a fender-lhe a outra sobrancelha e uma que lhe percorre a curva do maxilar, quase escondida pela barba no seu queixo. Há ainda uma longa cicatriz branca mesmo na base da sua garganta.

Por alguma razão, penso no Josh. Nos outros miúdos a atormentarem-no na escola e a causarem-lhe um olho negro como o que o Shane tem agora. O Shane, que também cresceu sem pai. E sinto uma ligeira pontada de...

Bem, não de compaixão. Jamais me compadeceria de um monstro assim. De

alguém capaz de fazer o que ele fez.

– Shane – começo. – Se alguém te anda a bater...

– Para, Brooke. – A sua voz é firme. – O que quer que julgues que estás a tentar fazer, para. Dá-me só os pontos e deixa-me voltar para a minha cela, está bem?

– Tudo bem.

Ele está certo. Não há nada que eu possa fazer para o ajudar, mesmo que quisesse, e *não* quero. O meu trabalho é suturá-lo e mandá-lo de volta para a sua cela, tal como ele disse. E é só isso que vou fazer.

Eu consigo.

Deixo o Shane sozinho na sala enquanto vou buscar algum material de sutura. Tudo de que preciso está na sala de aprovisionamento, exceto a lidocaína para o anestesiá-lo. Visto que é um fármaco, precisarei de que seja a Dorothy a dispensá-lo. Por isso, regresso ao seu gabinete, onde, mais uma vez, ela demora o seu tempo a mandar-me entrar.

– Já terminou? – interroga.

Estreito os lábios.

– Tenho de suturar uma laceração na testa. Preciso de um pouco de lidocaína.

– Não temos.

Pestanejo.

– Perdão?

Ela encolhe os ombros.

– Costumamos ter uma pequena quantidade de anestésico, mas de momento estamos sem reservas.

– O que devo fazer, então?

– Suture-o sem ele.

Cerro os maxilares. Qual é o problema desta mulher? Estes homens são *seres humanos*. Como pode ser tão indiferente à sua saúde? Tenho mais razões para odiar o Shane Nelson do que qualquer outra pessoa aqui, e talvez me devesse alegrar pela oportunidade de o torturar um pouco depois do que ele me fez, mas até eu acho que merece ser tratado com dignidade.

– É desumano.

A Dorothy ergue os olhos para o céu.

– Não seja tão dramática, Brooke. São só algumas picadas de agulha. De certeza que ele não se vai importar. Ou pode usar cola, se quiser.

Esta laceração é demasiado complexa para cola, mas a Dorothy não quer saber dos meus protestos. E, se me volta a dizer que preciso de saber resolver problemas, grito. Apesar de aparentemente ser isso que tenho de fazer.

Regresso à sala de exame, onde o Shane continua sentado na mesa, com a sua ferida aberta na cabeça. Ergue o olhar ao ouvir--me entrar, e muita da raiva que lhe vi no rosto da primeira vez que cruzámos olhares parece ter-se agora dissipado. Talvez não esteja tão furioso comigo como eu julgava, apesar de ter sido o meu testemunho a mandá-lo para cá. Durante todos estes anos, imaginei-o sentado numa cela da prisão, a tatuar ameaças de morte contra mim no seu corpo, mas não parece estar assim tão zangado. Apenas... bem, um pouco triste. Abatido.

– Eis a situação – digo-lhe eu. – Tenho o material de sutura, mas estamos sem lidocaína. Por isso...

– Tudo bem – interrompe-me o Shane, antes de eu lhe poder dizer as suas opções. – Cose-me sem ela.

– Tens a certeza? Porque...

– Sim, não faz mal. Estão sempre sem lidocaína.

Não parece minimamente perturbado com a situação. Pergunto-me qual terá sido a sensação de ter aquela longa cicatriz denteada na base da sua garganta suturada sem lidocaína.

– Muito bem – digo então. Vamos acabar com isto. – Vou precisar de que te deites.

Ele tenta reclinar-se para trás, mas é-lhe difícil com os pulsos algemados. Começa a escorregar na mesa e, instintivamente, estendo o braço e ponho-lhe uma mão nas costas para o ajudar a deitar.

Toquei-lhe. Ao fim de todos estes anos, toquei novamente no Shane Nelson.

Espero pela vaga de repulsa. Odeio este homem – tive pesadelos com ele durante anos depois do sucedido. Não seria um exagero dizer que arruinou a minha vida e que, se dependesse dele, nem sequer teria uma vida.

Mas a repulsa não vem. Tocar no ombro do Shane não parece diferente de tocar em qualquer outra pessoa. Suponho que, ao fim de todos estes anos, superei realmente a situação.

Já não era sem tempo. Estou orgulhosa de mim.

Preparo o material de sutura enquanto o Shane me observa. Não parece assim tão nervoso com o facto de eu lhe ir suturar a testa sem anestesia. Eu estaria certamente nervosa. Nunca sequer levei pontos, com exceção dos que me deram depois do parto.

– Isto deve ser o teu sonho, não? – pergunta ele. – Poder espetar-me uma agulha sem anestesia.

– Tentei consegui-la – replico eu, à defesa.

– Sim, claro.

– *Tentei.* – Viro-me para lhe lançar um olhar fulminante. – Eu não sou como tu. Não *gosto* de magoar as pessoas.

– Bem... – diz ele. – Não é como se te pudesse culpar, depois do que achas que eu te fiz.

Há algo nos seus olhos que não consigo propriamente interpretar. É o suficiente para me fazer desviar o olhar.

– Quer dizer que agora és enfermeira, hã? – pergunta ele. – Bom para ti.

– Obrigada – respondo rigidamente.

– Eu, hã... – Os seus lábios curvam-se para cima de um dos lados. – Terminei o secundário aqui dentro. E tenho andado a dar explicações a outros reclusos para poderem fazer o mesmo.

Di-lo quase como se estivesse a tentar impressionar-me, como costumava fazer quando fazia um passe no campo de futebol e olhava na minha direção para se certificar de que eu o tinha visto.

– Oh – respondo, porque não sei muito bem o que mais dizer.

– Esquece – murmura ele. – Não sei porque achei que quererias saber isso.

Limpo a laceração com um pouco de água esterilizada antes de a suturar. Deve ser doloroso, mas o Shane mal se retrai. Preparo a minha agulha para dar o primeiro ponto.

– Vais sentir uma ligeira picada – aviso.

– Força.

Suturei muitas pessoas durante a minha passagem pelo atendimento de urgência. Vi homens adultos chorar, mesmo com a lidocaína a entorpecer a área. O Shane estremece ligeiramente ao sentir a agulha entrar, mas ninguém poderia dizer que não está a enfrentar a situação como um homem.

– Então – diz ele, enquanto ato o primeiro ponto. – Não és casada, hã?

Os meus dedos paralisam sobre a agulha.

– *Desculpa?*

Ele começa a encolher os ombros, mas depois muda de ideias, com a agulha ainda cravada na pele.

– Não tens aliança. E ouvi alguns dos rapazes a conversar sobre a nova enfermeira gira que também é solteira.

– Não têm nada a ver com isso, na verdade.

– Ei, debes ter sido tu a dizer a um deles que não és casada.

Tem razão, claro. O primeiro aviso que a Dorothy me fez foi para não partilhar informações pessoais, mas descuidei-me. Em boa justiça, muitos destes homens não parecem criminosos. Parecem apenas velhos inofensivos.

– E tens um filho – acrescenta ele.

Agora vou realmente vomitar. Sou *tão* idiota. O que devo eu dizer quando um

paciente me pergunta se tenho filhos? *Não tem nada a ver com isso?* Bem, provavelmente é a resposta certa, mas é difícil não falar no meu filho quando estou o dia inteiro longe dele. Estou a aprender esta lição da forma mais difícil.

– Enfim, parabéns – diz o Shane. Não há amargura nem raiva na sua voz, o que é um alívio. – Que idade tem?

Retraio-me ante a pergunta. Tal como o Tim, o Shane não é estúpido. Se lhe disser que tenho um filho de dez anos, ele vai perceber. Mas, ao contrário do Tim, não tem como descobrir a verdade sozinho.

– Tem cinco anos.

Estremece ligeiramente quando a agulha lhe volta a atravessar a pele.

– Sempre quis ter filhos. Suponho que nunca irá acontecer.

Não respondo a isso. Limito-me a atar silenciosamente a sutura.

– Não posso acreditar que estás outra vez a viver cá – comenta ele. – Pensei que tivesses partido de vez. Exceto talvez para visitar os teus pais.

– Os meus pais morreram num acidente de viação – digo eu, de súbito. Não lhe devia ter dado mais informação, mas parece-

-me que esta foi a coisa mais inócua que lhe disse. Quero que saiba que tive outras tragédias na última década que não o envolveram. Que o que ele fez não definiu a minha existência.

Vejo-o franzir o sobrolho.

– Lamento muito, Brooke.

– Não importa – murmuro eu. – Não éramos chegados.

Não lhe posso explicar o porquê de a minha relação com os meus pais ter desmoronado. Em parte, estavam zangados por eu os ter desafiado e namorado com o Shane em primeiro lugar. Por ter mentido e ido a casa dele, o que quase resultou no fim da minha vida. Mas o que os deixou furiosos – o que nunca me conseguiram perdoar – foi, quando descobri que estava grávida, ter decidido que queria manter o bebé. Não me arrependo disso, mas o amor dos meus pais pelo Josh foi sempre reservado. Mesmo quando o Josh fazia parte da família, continuaram a deixar claro que achavam que eu tinha cometido um erro. O meu filho era um erro e um embaraço – o filho de um monstro.

E foi isso o que eu nunca lhes consegui perdoar. Foi a razão por que acabei por os excluir da minha vida.

– A minha mãe também morreu há um par de anos – diz o Shane.

Ato outra sutura.

– Lamento ouvir isso.

Digo-o a sério. O Shane era muito chegado à mãe – depois de o pai ter partido,

passaram a ser só eles os dois. Se ela morreu, quer dizer que ele não tem ninguém.

Sustém-me o olhar por um momento.

– Morreu convencida de que eu tinha matado aquelas pessoas.

Treme-me a mão que segura a agulha, quase falhando a pele. *Mas tu* mataste *aquelas pessoas*. Quero dizê-lo, mas seria pouco profissional. E não adianta. Apesar de todas as provas, o Shane jamais assumiria o que fez nessa noite.

Mas não importa. O Shane é culpado. Eu estava *lá* nessa noite. Se dependesse dele, estaria agora morta.

Nunca poderei esquecer isso. E nunca lhe perdoarei.

ONZE ANOS ANTES

A quinta onde os Nelsons vivem fica a pouco mais de quilómetro e meio da estrada principal.

Fica num caminho de terra. Que facilmente nos escaparia se não soubéssemos exatamente onde estava. O Shane contou-me que, quando andava na escola primária, o autocarro escolar não percorria esse quilómetro e meio extra pela estrada de terra até à quinta. Costumava ter de fazer esse percurso a pé todas as manhãs, para chegar à paragem do autocarro, e depois outro quilómetro e meio no regresso a casa à tarde. Mesmo que houvesse trinta centímetros de neve no solo.

Fez-me sentir culpada quando me contou isto. Afinal, o autocarro escolar costumava parar mesmo à minha porta. Caminhava exatamente quatro metros e meio para ir da minha porta ao autocarro de manhã, e mesmo assim costumava queixar-me disso. E o Shane andava *quilómetro e meio*. Mas não me contou para me fazer sentir mal. Disse-o apenas da forma prosaica como sempre me conta coisas sobre a sua vida.

– Tens a certeza de que a mãe do Shane já saiu? – pergunta a Chelsea, enquanto os pneus do seu *Beetle* deslizam pelo caminho de terra. A chuva ainda não começou, mas o ar lá fora transformou-se numa fina névoa.

– Sim. Ele enviou-me uma mensagem a dizer que saiu.

A Sra. Nelson é simpática. Das vezes em que fui a sua casa, sempre foi amável comigo de uma forma que os meus pais jamais seriam com o Shane. Mas não é simpática ao ponto de não se importar de ter seis adolescentes aleatórios a passar a noite em sua casa. Sobretudo porque o Brandon de certeza que trouxe álcool.

A quinta onde o Shane vive parece já ter visto melhores dias. Pode ter sido em tempos de um vermelho intenso, mas agora a tinta desbotou até ficar praticamente branca nalguns pontos e deixar apenas a madeira nua noutros. O telhado está torto e coberto de musgo, e parece que uma forte tempestade facilmente o poderia arrancar.

Os caixilhos das janelas também parecem todos um pouco tortos, como se quem construiu a quinta não soubesse muito bem como montar tudo como deve ser, mas estivesse a dar o seu melhor.

Quando a Chelsea estaciona junto ao *Chevy* do Shane, a porta da quinta abre-se. O Shane aparece à porta e os seus olhos iluminam-se. Acena vigorosamente.

– Venham! Antes que a chuva comece!

Agarro na minha mochila e saio do carro, batendo a porta atrás de mim. Olho para o céu e as nuvens parecem pesadas – vão abrir-se a qualquer instante. Cuidadosamente, percorro o caminho de terra batida até à porta da frente, com a mochila ao ombro. O Shane tira-ma ao chegar à porta.

– Deixa-me levar isso, Brooke – diz ele, com um sorriso.

– Que cavalheiro! – declara a Chelsea. Lança um olhar contundente ao Tim e este estende obedientemente o braço para a Kayla, que lhe larga o seu gigantesco saco de viagem nos braços. Juro por Deus que esta rapariga trouxe coisas suficientes para um mês.

Uma vez no interior da casa, fecho a porta de rede atrás de nós. Apesar de ter visto o Shane consertá-la com os meus próprios olhos, essa porta de rede parece sempre ficar suspensa das dobradiças. Suspeito de que a porta precisa de ser substituída por inteiro, mas ele não tem dinheiro para isso. A Sra. Nelson tem já dois empregos a ganhar o salário mínimo, e precisam do salário do Shane na *pizzaria* só para pagar a renda e a comida.

Enquanto rodo o trinco da porta da frente, o Shane agarra-me e puxa-me para um beijo. Como sempre, fico toda derretida. E cheira bem esta noite. Não que não cheire sempre bem, mas esta noite tem um cheiro ainda mais agradável. É aquele *aftershave* que às vezes usa.

– Adoro o teu *aftershave* – murmuro.

– Cheira a sândalo.

Franzo o sobrolho.

– O que é sândalo?

– Não sei. A madeira com que se fazem as sandálias?

– Então basicamente cheiras a chulé?

O Shane ri-se.

– Ei, tu é que és a esquisitoide que gosta...

Volta a beijar-me, mas, ao afastar-me, sinto uma inquietude. Uma sensação de formigueiro na nuca. Como se alguém me estivesse a observar.

Viro a cabeça. O Tim está do outro lado da sala, a olhar fixamente para nós com uma expressão indecifrável no rosto. Mas, quando os nossos olhares se encontram, ele

rapidamente desvia o seu. Ainda bem, porque não gostaria que o Shane soubesse que ele estava a olhar para nós dessa forma.

– Então – diz o Shane. – Trouxeste o Tim, foi?

Há desaprovação nos seus olhos negros. O Tim odeia o Shane, mas também não é como se o Shane fosse o maior fã do Tim. Tenho de mudar isso.

– É um bom tipo – digo eu, um pouco à defesa.

– Hum.

– Além disso, a Chelsea trouxe a Kayla para ele. Para, enfim...

O Shane fica em silêncio por um momento.

– Está bem – responde. – Não há problema. Temos três quartos, seja como for.

Solto um suspiro de alívio. Geralmente, o Shane não se exalta demasiado com as coisas, mas nunca se sabe. Afinal, só namoro com ele há três meses. Ainda há muito tempo para o seu lado negro emergir. Mas até agora não o vi. Apesar dos avisos ominosos do Tim.

– Ei, Reese! – diz o Shane, erguendo a mão num cumprimento. – Ainda bem que pudeste vir.

Passo os dedos pelo colar em forma de floco de neve à volta da minha garganta enquanto o Shane se dirige ao Tim. Está a fazer um esforço porque sabe que o Tim é importante para mim, e eu agradeço isso. Começam a conversar, e parece razoavelmente amistoso. Não consigo ouvir o que estão a dizer – o Shane fala baixinho e o Tim responde-lhe num tom igualmente abafado. Esforço-me para os ouvir por cima do som da Chelsea e da Kayla a conversarem a alguns metros de mim, mas é inútil. Falam demasiado baixo.

Mas não importa o que estão a dizer. Não estão a discutir, e é só isso que importa.

Pondero juntar-me a eles, mas, antes que o possa considerar mais a fundo, a porta da cozinha abre-se com um forte rangido. O Brandon irrompe na sala, transportando duas caixas de *pizza* equilibradas numa mão e uma garrafa de vodka na outra.

– Prontos para a diversão? – pergunta ele.

O Shane ergue bruscamente a cabeça ao ouvir o som da voz do Brandon. Afasta-se do Tim como se eu o tivesse apanhado a fazer algo ilícito e vai direto à *pizza* e à vodka. Qualquer que fosse a conversa que os dois estavam a ter parece ter terminado.

A cabo de suturar o resto da laceração do Shane em silêncio. Ele não me faz mais perguntas, pelo que fico grata. Nunca lhe devia ter dito nada sobre a minha vida. Isso foi um erro. Fiquei apenas desorientada por voltar a vê-lo. É como se tudo tivesse voltado de repente. As coisas boas ao longo da nossa relação, e depois as más, mesmo no fim.

– Pronto. – Ato a última sutura e passo-lhe uma gaze pela testa para limpar o sangue. – Estás como novo.

– Sim...

– Precisas de algo para a dor?

Ele faz uma careta.

– Não, obrigado. Se pedir medicamentos para a dor, serei simplesmente rotulado como dependente.

Tem razão. Sempre que um recluso me pede medicação para a dor, soam alarmes ao fundo da minha cabeça. Afinal, a última enfermeira que aqui trabalhou foi presa por vender narcóticos. Ainda assim, o Shane tem uma laceração significativa na cabeça que eu suturei sem anestesia. Não seria terrível se me pedisse medicamentos para a dor. Mas a decisão é dele.

– Enfim – digo eu. – Vou dizer ao guarda Hunt para...

– Espera! – O tom do Shane é baixo, mas urgente. – Espera, Brooke. Escuta, há algo que preciso de dizer.

Os meus olhos voam na direção da porta. Hunt está à espera do outro lado, se eu precisar dele.

– Shane, não posso...

– Não. *Não*. Por favor, ouve-me só, está bem?

Abano a cabeça.

– Não posso. Isto não é boa ideia.

– Só preciso de que saibas que... – Subitamente, a sua voz soa rouca. – Que não fui eu quem te tentou matar, Brooke. Juro. Juro pela minha vida.

Afasto-me um passo da mesa.

– Eu estava lá. Sei que foste tu.

– *Não* sabes isso. – Cerra os dentes. – Eu não fiz nada. Aquele sacana do Reese pôs-me inconsciente com um taco de basebol e, quando dei por mim, tinha a polícia a sacudir-me para me acordar e a dizer-me que estava preso.

– Shane – silvo eu. – Para *imediatamente* com isto.

– Eu jamais te teria magoado, Brooke. – Tem os olhos muito abertos e sérios, e parece-se tanto com o rapaz de dezassete anos por quem me apaixonei. – Passei os últimos dez anos desejoso de te dizer isto. Tens de acreditar em mim. Eu nunca faria algo assim. Seria incapaz. Eu *amava-te*.

A minha mão direita cerra-se num punho. Como se atreve? Como se atreve a mentir na minha cara desta maneira?

– Achas que sou uma perfeita idiota? – pergunto, num tom apenas suficientemente baixo para Hunt não ouvir.

– Brooke...

O que quer que o Shane esteja prestes a dizer a seguir é interrompido pelo som de Hunt a bater à porta da sala de exame. Sem esperar por uma resposta, enfia a cabeça no interior.

– Já terminou?

– Sim – respondo eu, embargada. – Estamos despachados.

Ajudo o Shane a sentar-se de novo na mesa. Tem agora de descer, o que é um desafio, com os tornozelos agrilhoados. Fá-lo com cuidado, tentando não cair. Hunt observa-o, torcendo os lábios para baixo.

– Despacha-te, seu monte de merda – cospe-lhe Hunt.

Olho para o guarda, surpreendida. Hunt não é propriamente a imagem viva da compaixão com estes presos, mas é suficientemente educado. É a primeira vez que o oiço atirar obscenidades a um deles. E, quando o Shane finalmente se levanta, Hunt empurra-o para a frente de forma muito mais bruta do que necessitava.

Porque o odeia tanto Hunt? O que fez o Shane para suscitar esse tipo de reação?

Saem os dois da sala de exame. Vejo o guarda Hunt levar o Shane pelo corredor com as luzes fluorescentes a piscar, de regresso à sua cela. Ao chegar ao meio do corredor, o Shane vira fugazmente a cabeça para trás para me fitar.

Toco na garganta. Às vezes, ainda acordo a meio da noite, encharcada em suor, a memória do colar a apertar-se à volta da minha traqueia ainda fresca na minha mente. Foi há muito tempo, mas ainda o consigo sentir a acontecer como se tivesse

sido ontem. Sinto os elos do colar de ouro a cravarem-se no meu pescoço, sinto o cheiro do *aftershave* de sândalo do Shane a fazer-me cócegas no nariz e sinto a sua respiração quente no meu pescoço.

Mas há algo que não consigo fazer. Não consigo ver-lhe o rosto.

Nunca vi o rosto do homem que me tentou matar. Não havia luz nessa noite e estava tudo negro como breu. Mas conhecia muito bem o Shane. Conhecia a sensação do seu corpo. O seu cheiro. Sabia que era ele.

Tinha de ser.

Porque, se não era, cometi um erro terrível.

Durante todo o caminho para casa a partir da Penitenciária de Raker, não consigo parar de pensar no Shane. Acreditava verdadeiramente que nunca mais o voltaria a ver depois de transitada a sua sentença. Nunca pensei certamente que voltaria a estar a centímetros do seu rosto.

Depois da visita, Hunt levou-me a ficha do Shane. Desta vez, tinha autorização para a consultar sem culpa. Era bastante fina, o que fazia sentido, visto o Shane ainda ser jovem e estar de boa saúde. A maioria das notas era sobre ferimentos, provavelmente sofridos às mãos de outros reclusos.

A última nota era da minha antecessora, Elise. O Shane tinha-a procurado com queixas de dores abdominais. Ela passou-lhe medicação para o refluxo ácido, mas depois, ao fundo da página, escreveu: «Manipulador, dependente.» Com a palavra «manipulador» sublinhada.

Não sei se concordaria com essa avaliação. Cheguei mesmo a oferecer ao Shane medicamentos para as dores e ele recusou. Mas ver essas palavras escritas na sua ficha deixou-me inquieta.

Quando estou mesmo a entrar no meu caminho de acesso, o meu telemóvel vibra dentro da bolsa. Recebi uma mensagem enquanto estava a conduzir. Vasculho por entre uma quantidade surpreendente de lenços de papel soltos na minha bolsa – os lenços nunca são de mais quando se tem um filho pequeno – antes de pegar no meu telemóvel.

Olá, daqui é o Tim Reese. Tirei o teu número da lista de pais. Espero que não seja demasiado esquisito.

Apesar de tudo, tenho de sorrir. O Tim é muitas coisas, mas não é esquisito. Mas, se procurou por mim na lista de pais, deve ter percebido que o Josh não anda no jardim de infância. E, inexplicavelmente, continua a querer falar comigo.

Só ligeiramente esquisito.

A sua resposta é quase instantânea:

Então, estava aqui a pensar que um café à noite só nos vai tirar o sono. E se fôssemos tomar uma bebida à noite esta semana?

Uma bebida. É um pouco mais sério que um café. É o tipo de confraternização que se aproxima muito de um encontro. Quero isso?

Não faço ideia. Mas sei que, se existe algum homem em quem possa confiar para recuar caso eu precise, é o Tim. E há demasiado tempo que não socializo fora do trabalho. Talvez me devesse deixar simplesmente divertir um pouco por uma vez. Não mereço?

Deixa-me confirmar com a ama e já te digo.

Quaisquer sentimentos negativos do trabalho de hoje e do choque de ver o Shane ao fim de tantos anos (e de saber que terei de o ver outra vez daqui a uma semana para lhe retirar as suturas) desaparecem enquanto contemplo uma saída à noite com o Tim. Será agradável voltar a conviver com ele. O Tim sempre foi a minha pessoa favorita em todo o mundo quando éramos pequenos.

Sinto-me mal por o ter ignorado durante quase onze anos. Mas não é como se tivesse tido alternativa.

Entro em casa e, desta vez, o Josh não aparece a correr quando o chamo. Vejo-o como um bom sinal, ainda assim. Se estivesse carente, seria pior. Mas agora leva já alguns dias de escola e parece mais confiante.

Chego à cozinha, onde a Margie está a tirar outra das suas deliciosas confeções do forno. Parece uma espécie de lasanha. Está a ferver quando ela a depõe na bancada da cozinha.

– Olá, Margie – digo eu. – Isso tem ótimo aspeto. Mas não tem de cozinhar todas as noites.

– Oh, eu gosto! – responde ela. – Quando os meus filhos eram pequenos, todas as noites tinha uma refeição caseira para eles. A comida caseira previne o cancro, sabe?

Não tenho assim tanta certeza disso, mas não vou dizer mais nada para a dissuadir de cozinhar para nós. Estou obscenamente grata por ela o fazer.

– Escute – digo. – Acha que podia tomar conta do Josh por uma noite esta semana? Ia sair para beber um copo com um amigo. Não devo demorar.

Os olhos da Margie iluminam-se.

– Um amigo ou um *homem*?

Oh, meu Deus. Tinha um pressentimento, quando contratei esta mulher, de que ela ia ser um pouco bisbilhoteira.

– Só um amigo.

– Um amigo homem?

– Sim...

– Então é um encontro! – exclama ela, batendo palmas. – Isso é maravilhoso! Uma jovem solteira como a Brooke *devia* sair.

– Não é um encontro – protesto, por entre dentes cerrados. – É um amigo. Um velho amigo.

– Como queira.

Não me agrada a expressão sabedora no rosto redondo da Margie.

– Não é um encontro.

– Bem, porque não? – pergunta ela, pestanejando. – É feio? Os feios são bons na cama, sabe?

Oh, meu *Deus*.

– Margie...

– Estou só a dizer – continua ela – que não há mal nenhum em ter um encontro. Não tem de se sentir mal por isso.

Estranhamente, acertou em cheio. Já me sinto assoberbada, entre o trabalho e a maternidade.

– Simplesmente não me parece justo para o Josh que eu ande a namorar.

– Não pense assim – responde ela. – Faria bem a esse rapaz ter um pai.

Eriço-me ante o seu comentário – tocou num ponto sensível. Sempre tentei ser o suficiente para o Josh. Mãe e pai. Mas vejo o anseio nos seus olhos quando estamos no parque e avistamos um rapazinho a brincar com o pai.

– Pode ser amanhã? – pergunto à Margie.

– Com certeza – responde ela. – E fique até à hora que quiser. Eu e o Josh vamos fazer bolachas com pepitas de chocolate.

Parte de mim quer dar uma tampa ao Tim e ficar antes em casa a fazer bolachas com pepitas de chocolate na companhia da Margie e do Josh. Mas a Margie tem razão. Mereço tirar uma noite para me divertir. Por isso, assim que ela sai, envio uma mensagem:

Pode ser amanhã à noite?

O Tim responde passado um segundo:

Combinado.

Vamos jogar ao Eu Nunca.

A Chelsea faz a declaração depois de termos todos algumas fatias de *pizza* na barriga e de o Brandon nos ter preparado um copo de algo chamado *screwdriver*. Aparentemente, é uma mistura de vodca com sumo de laranja, e sabe a diluente.

Reunimo-nos na sala de estar, sentados aos pares em torno da frágil mesa de café. O Shane e eu estamos apertados na minúscula poltrona de dois lugares. Todos os outros estão amontoados no velho sofá, que cuspiu um punhado de penas errantes quando eles se sentaram. O Tim está espremido junto ao braço, com a Kayla tão perto dele que as coxas de ambos estão coladas. A Chelsea tem as pernas no colo do Brandon, e estão armados em pombinhos, apesar de ela me ter confidenciado que está farta das traições dele e que o vai deixar a seguir ao próximo grande jogo.

– O que é o Eu Nunca? – pergunto eu.

A Chelsea agarra-se ao peito em choque ante a minha ingenuidade.

– A sério, Brooke?

Encolho os ombros, tentando ignorar a sensação de calor nas minhas faces. Não sou tão experiente na bebida ou nas festas como os meus amigos ou o meu namorado. É apenas a segunda vez que bebo álcool e nunca me embebedei. Em abono da verdade, os meus pais mal me deixavam sair no início do ano, por estarem tão em pânico depois de aquela rapariga, a Tracy Gifford, ter sido encontrada morta.

– É muito simples – explica a Chelsea. – Eu digo algo que nunca fiz e todos os que no círculo *tiverem* feito essa coisa têm de beber. Por exemplo, se eu disser «Eu nunca tive cem por cento num teste de matemática», então vocês os dois, seus cromos... – Olha causticamente para mim e para o Tim. – Têm de beber. Entendido?

O Brandon passa uma das suas grandes mãos pela curva da coxa da Chelsea.

– Não é propriamente física quântica.

– Claro – digo eu. – Parece-me bem. – Apesar de me apavorar a ideia de este jogo ir revelar a minha embaraçosa falta de experiência em praticamente tudo. O melhor que posso dizer é que não tenho segredos.

Bem, não muitos.

– Ei. – A Kayla está a olhar para o seu telemóvel. – Não tenho rede, Shane. O que se passa?

– Oh. – O Shane olha por cima do ombro na direção da janela, onde a chuva cai a cântaros. – Desculpa, a rede aqui é irregular. Morre por completo sempre que há algum tipo de tempestade. Mas temos uma linha fixa, se precisares de fazer uma chamada.

A Kayla resmunga qualquer coisa em surdina e pousa o telemóvel com força em cima da mesa de café. Mas rapidamente recupera e lança um sorriso doce ao Tim. Agora que não tem o telemóvel para a distrair, recentrou todas as suas energias nele.

Ideia essa que não me deixa particularmente feliz.

O Brandon esfrega as mãos.

– Começo eu. Mas vai ser difícil lembrar-me de algo que nunca tenha feito.

Por uma fração de segundo, os olhos do Tim encontram os meus e reviram-se para o alto. Tenho de conter uma risadinha. A Chelsea acha que o Brandon é uma brasa, e é um dos figurões da equipa de futebol americano, mas a verdade é que não o suporto.

– Já sei – diz o Brandon, erguendo o copo de papel contendo a sua vodca com sumo de laranja. – Eu nunca... levei com os pés. O que posso dizer? As senhoras adoram-me.

Tanto a Chelsea como a Kayla bebem a isso. O Tim e eu mantemos os nossos copos em baixo. O Shane é o meu primeiro namorado a sério, por isso nunca antes tive a oportunidade de ser deixada. Olho para o Shane e ele também não bebe. Interessante. Este jogo vai ser certamente uma oportunidade de aprender um pouco mais sobre o meu namorado.

Damos uma volta ao círculo, recitando as nossas quase confissões. A Kayla nunca nadou nua, mas, para meu horror, a Chelsea sim (com o Brandon, ao que parece). O Shane nunca copiou num exame, e mais ninguém vai admitir essa honra. Eu admito que nunca usei uma identificação falsa, e o Brandon bebe vivamente a isso. O Shane não, e fico um pouco aliviada – talvez não seja tão selvagem como eu pensava.

– Tenho uma – diz a Chelsea, com um sorriso maléfico nos seus lábios brilhantes, que mancharam já o rebordo do seu copo. – Eu nunca beijei o meu vizinho.

Olha para mim e para o Tim ao dizê-lo. O Tim lança-me um olhar e arqueia as sobrancelhas cerca de um milímetro. Abano a cabeça, também cerca de um

milímetro. Nenhum de nós bebe.

O rosto da Chelsea esmorece.

– Mentirosos – diz baixinho.

Tem toda a razão. Estamos a mentir. O Tim e eu beijámo-nos uma vez, mas foi há muito tempo. Na verdade, foi o meu primeiro beijo. Mas não foi um beijo de *verdade*.

Aconteceu no verão anterior ao início do secundário. O Tim e eu estávamos no meu quarto e eu estava a queixar-me do facto de ir começar o secundário sem nunca ter beijado um rapaz. O Tim admitiu que estava no mesmo barco e então saiu-se com uma ideia brilhante:

Devíamos praticar um com o outro!

Via-o como um irmão, mas não havia nele nada de objetável. Era *giro*. Por isso, sem precisar de grande persuasão, concordei.

Ainda bem que decidimos praticar juntos, porque o primeiro beijo foi decididamente constrangedor. Não sabia o que fazer com as mãos. Não tinha a certeza se devia manter os olhos abertos ou fechados, nem sabia muito bem onde devia pôr o nariz.

E, quando os nossos lábios se tocaram, fiquei confusa quanto ao que fazer com a minha língua. Devia enfiar-lha na boca? Isso seria estranho, não seria? Mas não seria ainda mais estranho *não* beijar com língua? Foi o Tim quem acabou por introduzir suavemente apenas um pouco de língua. E soube muito bem, assim que me habituei.

Ao fim de vinte minutos, parecia que estávamos realmente a apanhar o jeito a esta coisa dos beijos. E claro que foi esse o exato momento que a minha mãe escolheu para irromper no quarto sem bater. Foi também a última vez que nos foi permitido estar a sós no meu quarto com a porta fechada, apesar das minhas explicações insistentes de como estávamos só a *praticar*.

Mas o Tim e eu nunca falamos nisso. É como se nunca tivesse acontecido. Afinal, estávamos *mesmo* só a praticar.

Agora que o nosso pequeno segredo continua seguro, é a vez do Tim. A dado momento, vi a mão da Kayla esgueirar-se para a sua perna, mas não sei o que se passou, pois já não está lá. O Tim pondera a sua confissão, olhando para o líquido laranja no seu copo de papel.

– Eu nunca – acaba por dizer – bati num miúdo ao ponto de o fazer ir parar ao hospital.

O Brandon desata a rir. Ergue o seu copo e bebe um longo gole daquela horrível vodka com laranja. Em seguida, dá uma cotovelada ao Shane.

– Bebe, Nelson.

O Shane retorce-se ao meu lado. Comigo a olhá-lo fixamente, ergue lentamente o

copo de papel e bebe.

– Shane? – pergunto eu.

O Brandon bebe outro gole, apesar de não ter de o fazer.

– Não foi nada de especial. Foi só aquele cromo tarado do Mark. E ele mereceu.

O Tim arqueia uma sobrancelha.

– *Mereceu?*

– Ouvimo-lo a falar sobre a mãe do Shane – explica o Brandon. – A dizer a alguns dos seus amigos esquisitoides que a achava uma *brasa*. Andava a comprar demasiados enlatados naquela loja onde ela trabalha, se é que me entendem.

Lanço um olhar ao Shane e há um lampejo de raiva nos seus olhos, mas ele não diz nada.

– É um tipo tão estranho – continua o Brandon. – Sabem que anda sempre a tentar espreitar para o balneário das raparigas, certo?

A Chelsea dá-lhe uma palmada no braço.

– São tão idiotas, vocês. Sabiam?

Não consigo parar de olhar para o Shane. O lampejo de raiva esmoreceu e está agora cabisbaixo. Sabia que ele era um rapaz meio selvagem no terceiro ciclo, mas tinha esperanças de que agora, depois de entrar para a equipa de futebol americano, se mantivesse longe de sarilhos. Mas talvez o Tim tenha razão. Talvez ele *seja* um rufia.

– Foi só uma costela partida, seja como for – diz o Brandon. – Nem sequer passou a noite internado.

– Oh, foi só isso? – retorque o Tim. – Só uma costela partida?

Os olhos do Brandon fulguram no momento em que um relâmpago faz o seu rosto brilhar de forma sinistra. Pousa o copo na mesa de café com tanta força que o líquido laranja transborda.

– Queres ser o próximo, Reese?

– Por amor de Deus, *cala-te*, Brandon – rosna o Shane. Vira-se para me fitar. – Foi estúpido. Mesmo estúpido. Tínhamos acabado de perder um jogo na véspera e, quando o ouvi dizer aquelas coisas sobre a minha mãe... Quer dizer, é a minha *mãe*. Enfim, eu só... como disse, foi uma coisa estúpida.

Os olhos do Tim encontram os meus. Consigo ver a pergunta escrita no seu rosto. *Acreditas nestas tretas?* Tenho de desviar o olhar.

– Brooke? – diz o Shane.

– Apenas... – Toco no colar com o floco de neve. Os meus dedos dirigem-se sempre para lá quando estou ansiosa. – Não voltes a fazê-lo.

Está arrependido, afinal. Toda a gente faz coisas estúpidas no secundário. Não posso

esperar que o Shane seja perfeito. Eu não sou certamente.

– Muito bem – diz o Shane, com um sonoro pigarreio. – Sou eu outra vez.

Viramo-nos todos para o fitar, com as nossas bebidas a postos.

– Eu nunca – declara ele – tive um encontro com a Tracy Gifford.

O Shane está a olhar para o Tim quando um trovão sacode a sala. O Tim ergue o olhar e passa entre os dois uma expressão que não consigo propriamente identificar. Ficamos todos ali sentados, as mãos petrificadas nos nossos copos de papel. Tracy Gifford é a rapariga que foi encontrada morta durante o verão. É obvio que nenhum de nós teve um encontro com ela.

Mas então o Tim ergue o seu copo. E bebe.

Não posso acreditar que, ao fim de todos estes anos, vou ter um encontro com o Tim Reese.

Não, correção: não é um encontro. Vamos só tomar uma bebida. Como amigos. Tanto quanto sei, o Tim tem namorada. Afinal, é bonito e encantador e tem um emprego decente. O Tim é um bom partido. Parece quase impossível que continue solteiro.

Mas tenho a sensação de que assim é.

Queria ir em carros separados, mas o Tim salientou que vamos sair basicamente do mesmo quarteirão, pelo que «para bem do ambiente, devíamos partilhar o carro». Não pude discutir com essa lógica. E não discuti quando ele se ofereceu para conduzir.

É por isso, portanto, que estou parada em frente à minha casa com um par de calças de ganga pretas justas e uma blusa que me favorece, à espera de que o Tim chegue. Não costumava usar grande maquilhagem no secundário e também não o vou fazer agora. Só um pouco de *eyeliner* e uma pincelada de batom. Não quero que pareça que me estou a esforçar demasiado.

Um *Lincoln Continental* branco para em frente à casa e, antes que eu tenha oportunidade de ficar surpreendida por ser este o carro que o Tim conduz, apercebo-me de que está uma mulher de cabelos brancos ao volante. Ao sair do carro, empurra os óculos sobredimensionados para a ponte do nariz e alisa o seu fato rosa.

– Brooke? – Estende os braços como se eu fosse correr para eles para lhe dar um abraço. – Brooke! Não posso acreditar que és tu!

Fito-a inexpressivamente.

– Olá...?

– Sou a Estelle! – Sorri-me com os seus lábios vermelho-vivo. Não foi de todo tão subtil como eu na aplicação da maquilhagem. – Estelle Greenberg! Falámos por

telefone.

Retraio-me, desejando poder voltar para dentro de minha casa. Estelle Greenberg é a principal agente imobiliária de Raker. No seu testamento, os meus pais consignaram dinheiro para pagar à Estelle para vender a casa e me entregar os proventos. Liguei-me enquanto eu estava na cidade para me assegurar de que trataria da venda da casa e que eu nem teria de pôr os pés em Raker se não quisesse.

Ficou bastante chocada quando eu lhe disse que não só não queria que vendesse a casa como ia também *viver* nela.

– Oh, Brooke – suspira ela. – Lembro-me de ti quando eras só *deste* tamanho!

Ergue uma mão a cerca de meio da anca, para indicar o tamanho que eu tinha na sua memória de mim. Reprimos a vontade de revirar os olhos.

– Tenho de te dizer, Brooke – continua ela –, que o mercado imobiliário está uma loucura neste momento. Nem imaginas o valor que eu te podia conseguir por esta casa. O suficiente para comprares o teu apartamento de sonho na cidade. Podias até viver em Manhattan, se quisesses.

Pulsa-me uma veia na têmpora.

– Agradeço, mas não estou interessada.

– Sabes, a bolha imobiliária não vai durar para sempre. Devias ser inteligente em relação a isto.

– Estou bem – respondo rigidamente. – A sério.

– Para que queres tu essa casa velha e poeirenta, seja como for?

A Estelle fixa os seus olhos castanhos em mim, à espera da minha resposta. Não é uma pergunta inteiramente injusta. Não é como se as minhas memórias mais recentes desta vila fossem boas. Mas houve um tempo em que *fui* feliz aqui. De certa forma, passei os anos mais felizes da minha vida nesta casa. Quando era jovem e despreocupada.

Ou talvez parte de mim continue a ser uma adolescente rebelde, que quis voltar para cá apenas porque os meus pais nunca me deixaram fazê-lo depois de engravidar.

– Esta é a *minha* maldita casa, Estelle – digo eu em voz baixa. – E posso fazer o que quiser com ela sem ter de o justificar perante *si*.

As pestanas falsas da Estelle tremulam como se estivesse chocada por eu lhe ter falado desta maneira. Não teria certamente dito algo assim quando era *deste* tamanho.

– Sabes... – diz ela. – Os teus pais ficariam muito dececionados por desobedeceres aos seus desejos.

Na verdade, estou chocada por os meus pais me terem deixado de todo a casa. Depois de ter começado a devolver-lhes os seus cheques mensais pelo correio, sem os depositar, calculei que estivesse fora do testamento. Mas não tinham mais ninguém a

quem deixar o seu património. Por isso, herdei tudo por omissão.

Cruzo os braços sobre o peito.

– Por favor, não me volte a incomodar, Estelle.

Os seus lábios vermelho-vivo abrem-se e, por um momento, tenho a certeza de que vai discutir comigo. Mas, em vez disso, roda nos calcanhares e regressa ao seu *Lincoln*. O seu carro arranca no preciso momento em que o *Prius* do Tim entra no meu caminho de acesso. Respiro fundo, tentando dissipar a tensão do nosso confronto. Resulta – um pouco.

– Uau – diz o Tim, quando subo para o lugar do passageiro. – Há muito tempo que não te via arranjada.

Retorço-me enquanto ponho o cinto de segurança.

– Não estou arranjada.

– Certo. Eu também não.

Embora pareça um pouco arranjado. Veste uma camisa formal azul-clara, e até pôs uma gravata. Quando éramos pequenos, nunca o via usar nada além de uma *T-shirt* e calças de ganga, mas isto fica-lhe bem.

Não o convido a entrar, e ele não parece incomodado com isso. Não sei o que pensará o Josh de eu levar um homem para casa, sobretudo se esse homem for o diretor-adjunto da sua escola. No mínimo, podia suscitar alguns rumores desconfortáveis.

– Onde vamos? – pergunto eu.

– A um bar que abriu há uns anos, o Shamrock. É bastante tranquilo, a comida é decente. Ou a cerveja, se for só isso que queres.

Anuo, meditando para comigo em como, da última vez que vi o Tim, nenhum de nós tinha idade para beber legalmente. Agora, esse marco passou.

– Então, como está o Josh a dar-se com a escola? – pergunta o Tim.

– Bem – respondo eu. – Está a fazer alguns amigos.

– Isso é ótimo. O jardim de infância é uma transição muito difícil, mas de certeza que ele se vai sair lindamente.

Paraliso. Julgava que, ao procurar-me nos registos escolares, o Tim tinha descoberto que o Josh andava no quinto ano. Mas aparentemente não. Continua a achar que o meu filho tem cinco anos. O que significa que não sabe que o Josh é filho do Shane.

E eu não quero mesmo nada dizer-lhe. Ainda não. Não com ele a olhar para mim durante o sinal vermelho e a sorrir-me daquela maneira.

O Shamrock fica a apenas cinco minutos de distância. O Tim estaciona no parque à porta do bar e contorna apressadamente o carro para me abrir a porta, apesar de eu já

a ter aberto sozinha. Não é um encontro, mas está a ser um cavalheiro, o que é absurdamente doce. Os homens não são assim em Nova Iorque. É preciso viajar para o interior para encontrar boas maneiras, ao que parece.

O interior do bar é basicamente o que eu esperava. Escuro, com um ligeiro laivo de fumo suspenso no ar e muitas mesas pegajosas espalhadas pelo espaço. Ocupamos uma mesa ao fundo e desta vez não me surpreende quando o Tim puxa a minha cadeira para mim.

– Quando foi que te tornaste tão cavalheiro? – provoco-o.

– Não costumava ser?

– Ah! – Resfolego. – Já tinha sorte se não me puxasses a cadeira debaixo de mim.

– Brooke! – exclama ele, agarrando-se ao peito em falso horror. – Eu jamais faria isso. A menos que merecesses, claro.

– Estou só a dizer... – Olho para os seus cintilantes olhos azuis do outro lado da mesa. – Que não tens de agir de forma tão formal comigo. Conhecemo-nos desde que andávamos de fralda. Conhecemo-nos bastante bem.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– Costumávamos conhecer. Agora... já não é bem assim.

Antes que eu consiga descobrir o que responder a isso, uma empregada baixinha com uma *T-shirt* justa que deixa ver um busto impressionante para o seu tamanho vem recolher os nossos pedidos. Parece-me vagamente familiar, como muitas das pessoas nesta vila – acho que é possível que tenha andado comigo no secundário. Deixo o cabelo cair-me para o rosto enquanto faço o meu pedido, esperando parecer suficientemente diferente para ela não me reconhecer.

Antes de partir, pousa uma mão com unhas vermelhas no ombro do Tim.

– Volto já, Timmy.

– Obrigado, Kelli – responde ele.

Kelli. Vem-me subitamente à memória – fazia parte da equipa de chefes de claque, como eu e a Chelsea, mas dois anos atrás de nós. Está quase igual ao que era no secundário – o mesmo cabelo louro e o rosto em forma de coração, ainda que com umas mamas muito maiores. Felizmente, não está a olhar para mim e não parece reconhecer-me.

Na verdade, só tem olhos para o Tim. Lança-lhe um olhar inconfundível e o lampejo de ciúmes que sinto apanha-me de surpresa. Há séculos que não vejo o Tim. Não tenho o direito de me sentir possessiva em relação a ele.

– Tentei encontrar-te, sabes? – diz o Tim, depois de a Kelli se afastar com os nossos pedidos de bebidas.

Tento não reagir a essa revelação.

– Tentaste?

– Mas és muito difícil de encontrar. – Fita-me através da mesa. – Nada de redes sociais, hã?

Os meus pais fizeram todos os esforços para manter o meu nome fora das notícias quando tudo aconteceu, visto que era menor. E deram-me também um pequeno estipêndio enquanto andava a estudar – um cheque mensal que, juntamente com o meu emprego de empregada de mesa, cobria à justa as minhas despesas, sem deixar um cêntimo de sobra – sendo que uma das condições era que não podia estar de todo nas redes sociais. Nem *Facebook*, nem *Twitter*, nem *Instagram*. Foi fácil aceitar isso, pois também não queria lá estar. A última coisa que queria era pôr a conversa em dia com os meus antigos colegas de escola. *Ei, Brooke, lembras-te de quando o teu namorado te tentou assassinar? Caramba, bons tempos, esses.*

– Desculpa – digo eu. – Estava a ser cautelosa.

– Eu sei. Mas sou *eu*, Brooke. Só queria saber que estavas bem. Podias ter entrado em contacto.

Quando estava grávida de nove meses, prestes a dar à luz o filho de um assassino condenado, não tinha qualquer interesse em falar com velhos amigos. Nem mesmo com o Tim. Mas não posso explicar-lhe isso.

– Desculpa – volto a dizer. – Precisava de tempo para sarar.

Por um momento, ele fica em silêncio, a remoer a minha resposta.

– É justo.

A empregada de mesa e antiga chefe de claque, Kelli, regressa com as nossas bebidas. Cuidadosamente, deposita o copo do Tim à sua frente e pouisa o meu menos cerimoniosamente na mesa. Volta a sua atenção de novo para o Tim.

– Vais querer comer alguma coisa hoje, Timmy?

Ele ergue os olhos para ela e sorri.

– Não neste momento.

– Não te posso tentar com uns aros de cebola?

O Tim abana a cabeça em negação.

– Asinhas de frango? – sugere ela, piscando-lhe o olho.

– Não...

– Batatas fritas?

Oh, meu Deus, será que esta empregada lhe vai oferecer todos os artigos do menu, um a um? Mas, felizmente, depois de ele recusar as batatas fritas, ela dirige-se finalmente a outra mesa.

– Andámos com ela no secundário, não andámos? – pergunto eu.

O Tim lança um olhar à Kelli, que bate impacientemente com o pé no chão

enquanto espera que duas mulheres se decidam em relação aos seus pedidos.

– É verdade. Tens boa memória.

– Acho que estava a namoriscar contigo.

– Na verdade... – Baixa um pouco a voz. – Saímos um par de vezes.

Arqueio as sobrancelhas.

– A sério?

Ele encolhe os ombros.

– Não foi nada de especial. Foi bastante casual.

– Beijaste-a?

Rio-me da forma como o seu rosto cora ligeiramente à luz ténue do bar. As sardas podem ter desaparecido, mas continua a ser pálido e o seu tom de pele mostra demasiado facilmente as suas emoções.

– Ela e o namorado estavam numa espécie de *pausa* – explica ele. – Saímos duas vezes e depois ela voltou para o namorado.

– Deixou-te?

– Não me deixou. Foram *dois* encontros. – Olha para trás, para onde a Kelli está a recolher o pedido de outro cliente. – E, mesmo que não tivesse voltado para o namorado, não creio que fosse haver um terceiro encontro. Não combinávamos.

– Oh, estou a ver. Não sabia que eras tão picuinhas, Reese.

– Não sou picuinhas! – Bebe um gole da sua cerveja e lambe a espuma do lábio superior. – Estou só à espera da pessoa certa. E a Kelli era bastante simpática, mas não era essa pessoa. É assim tão horrível?

– Não, não é horrível.

– Então e tu? – pergunta ele, traçando um padrão na condensação do seu copo. – Já foste casada?

– Não.

– Oh. – Vejo-o assentir. – Então o pai do Josh...

– Não está presente – digo eu bruscamente. – De *todo*.

E está também a cumprir pena perpétua por homicídio. Também há isso.

Estou habituada a receber olhares compassivos quando digo às pessoas que estou a fazer isto sozinha, mas não é esse o olhar que o Tim me lança. É algo diferente. Não consigo propriamente identificá-lo.

– Parece duro – comenta ele, por fim.

– Estamos bem.

– Não disse que não estavam.

– Olha... – Bebo um gole da minha própria bebida alcoólica para ganhar coragem.

– Quero só deixar claro que a minha vida está a modos que complicada neste

momento, e que não ando à procura de... enfim, de *nada*. Exceto amizade.

– Oh, ótimo – diz ele, recostando-se na sua cadeira, que range sob o seu peso. – Porque também é exatamente disso que eu ando à procura. Amizade.

– Excelente, então.

– Perfeito.

Estudo-o do outro lado da mesa enquanto ele me sorri. O Tim é um bom tipo, sempre foi, e acredito que, se lhe disser que tudo o que quero é amizade, ele não forçará mais nada. Respeitará os meus desejos.

Afinal, há dez anos, salvou-me a vida.

É triste que não tenha nada melhor para fazer a um sábado do que ir às compras ao supermercado. Ir às compras é literalmente o ponto alto do meu fim de semana.

Foi o Josh quem me convenceu a vir. Primeiro, descobriu que tinham acabado os *Lucky Charms* e escreveu-o em letras maiúsculas na lista de compras que mantenho no frigorífico. Referiu ontem à noite que não tínhamos nenhuns. Em seguida, esta manhã, mostrou-se especialmente abatido enquanto se servia de uma taça de *Cheerios*, em lugar dos *Lucky Charms*, referindo repetidamente o quanto gostaria que houvesse alguns *marshmallows* coloridos nos seus cereais. E em seguida inscreveu-os na lista de compras uma segunda vez.

Salientou ainda que eu podia ir às compras sem ter de arranjar uma ama. O Josh tem vindo a insistir num pouco mais de liberdade e, para ser justa, já tem idade que chegue para ficar sozinho durante uma hora enquanto eu estou no supermercado. Por isso, aqui estou, a comprar *Lucky Charms* e suponho que ovos, queijo e pão, além de mais algumas coisas de que precisamos.

Enquanto estou a inspecionar uma alface no corredor dos frescos, tenho a clara sensação de estar a ser observada. Espreito por cima do ombro e retraio-me ante a visão de um rosto familiar. É a Kelli – a rapariga que nos atendeu na outra noite no Shamrock. A que estava na equipa de chefes de claqué comigo, antes de toda a minha vida ter ido para o diabo.

Os nossos olhos estabelecem contacto. Nestas circunstâncias, seria pior ignorá-la, por isso aceno hesitantemente.

– Olá...

A mulher lança-me punhais com os olhos.

– Eu conheço-a.

Paraliso, sem saber muito bem como responder. Quererá dizer que me conhece de quando fui sair com o Tim? Ou reconhecer-

-me-á de há todos aqueles anos? Espero que seja a primeira opção.

– É a mulher que estava a tomar uns copos com o Tim na outra noite – diz ela.

Solto um suspiro de alívio.

– Hã, sim.

Os seus lábios arreganham-se de repugnância.

– E é o quê, então? A *namorada* dele?

– Não – respondo eu rapidamente. Não que deva alguma explicação a esta mulher, mas gostaria de sair deste supermercado sem ela me arrancar os olhos com aquelas longas unhas vermelhas. – O Tim e eu somos só velhos amigos.

– Não foi o que me pareceu.

– Mas é verdade. – Espreito-lhe por cima do ombro, tentando captar o olhar de um segurança. – Se quiser o Tim, é todo seu. Mas ele disse-me que tinha namorado.

O seu rosto enche-se de fúria.

– Ele *falou-lhe de mim*?

Oh, meu Deus.

– Não. De todo. Referiu só que tinham saído, mas que agora tinha namorado. Mais nada.

A Kelli parece absolutamente furiosa. Consigo perceber o porquê de o Tim não estar ansioso por voltar a sair com ela, se era assim que se comportava. Claro que parecia supersimpática junto dele. De certeza que, se tivessem começado a namorar, ela lhe teria escondido este lado durante tanto tempo quanto pudesse.

– Sabe uma coisa? – diz a Kelli. – O Tim leva muitas raparigas ao Shamrock. Não julgue que é assim tão especial.

Leva? Não sei por que razão essa revelação me deixa triste. Talvez *tivesse* esperanças de que a outra noite tivesse sido mais do que apenas uns copos com um velho amigo.

– Como disse, não foi um encontro nem nada do género.

A Kelli semicerra os olhos na minha direção. Os seus lábios curvam-se para baixo.

– Conhecemo-nos de mais algum lado? Parece-me familiar.

Tento adotar uma expressão neutra.

– Não, não me parece. Acabo de me mudar para cá.

Este seria um bom momento para fazer uma saída graciosa, antes que a Kelli se aperceba de quem eu sou. Mas então os seus olhos ficam do tamanho de pires e apercebo-me de que é demasiado tarde.

– É aquela rapariga! – Faz estalar os dedos. – É a... Bridget Qualquer Coisa. Fez com que o Shane Nelson fosse parar à prisão.

É claro que ela se ia enganar no meu nome, mas lembrar-se perfeitamente do da atraente estrela dos lançadores. Por um momento, pondero negar tudo, mas é inútil. Ela sabe quem eu sou.

– Isso foi há muito tempo.

– Foi uma absoluta treta. – A Kelli praticamente cospe as palavras. – Eu *conhecia* o Shane. Era um bom rapaz. Jamais teria feito essas coisas.

Não lhe saliento que o alvo dos seus galanteios, Tim Reese, foi ainda mais crucial do que eu para mandar o Shane para a prisão. Mas a transgressão do Tim era mais perdoável do que a minha porque ele é atraente.

Seja como for, não me surpreende que ela esteja a defender o Shane. Não é nada de novo – muitas pessoas em Raker, sobretudo as que conheciam bem o Shane, ficaram furiosas comigo por testemunhar contra ele. O Shane era uma estrela do futebol americano, e todos o adoravam. Eu era a sua namorada, e as pessoas sentiram que o estava a trair. Mesmo que não tivesse tido de partir por outras razões, jamais poderia ter ficado em Raker depois do que lhe fiz.

Mas tinha de testemunhar. Tinha de dizer a verdade sobre aquela noite e de fazer com que aquele monstro fosse encarcerado de vez.

– Não estava lá nessa noite – digo eu, baixinho.

– Nem precisava de estar – retorque ela. – Percebeu tudo mal. O Shane era inocente.

– Não – respondo eu. – Não era. Acredite em mim.

Antes que ela possa dizer mais alguma coisa, viro o meu carrinho de compras e acelero em direção a outro corredor. Depois de tudo o que passei, a última coisa de que preciso é de uma rapariga louca a perseguir-me, a somar a todos os meus outros problemas. Percorro os corredores o mais rápido que posso, reunindo os artigos da lista de compras maioritariamente de memória.

Só ao entrar no carro é que me apercebo de que me esqueci dos *Lucky Charms*.

T-iveste um encontro com a Tracy Gifford?

A voz da Kayla é tão estridente que, se ficar mais aguda, só os cães a poderão ouvir. Mas não a posso culpar, pois sinto o mesmo. O Tim teve um *encontro* com a *Tracy Gifford*? Como aconteceu isso? Em que universo teve o meu vizinho um encontro com uma rapariga morta?

– Dois encontros. – O Tim está com ar de quem gostaria de desaparecer nas pregas do sofá. – Só isso. Não foi nada de importante.

– Nada de importante! – exclama a Kayla. Noto que a sua coxa já não está encostada à dele. – Desculpa, mas isso é *muito* importante.

O Tim retorce-se.

– Não propriamente.

As feições cinzeladas do Brandon torcem-se de divertimento. Sempre achei que se parecia com o atraente miúdo rico que aparece em todos os filmes de John Hughes.

– Subestimei-te, Reese. Bem jogado. Faturaste com ela?

– Não! – O rosto do Tim começa a ficar vermelho. – Já disse que foram só dois encontros.

– Exato – diz o Brandon.

– Cristo. – O Tim passa uma mão pelo cabelo curto, que está agora um pouco espetado. – Estou a dizer-vos que não foi nada. *Nada*. Conhecemo-nos na biblioteca, começámos a conversar e saímos duas vezes. Depois, ela parou de devolver as minhas chamadas.

– Porque estava morta? – sugere a Chelsea.

Todos os outros estão a atirar perguntas ao Tim, mas eu estou completamente sem palavras. Nem num milhão de anos poderia ter imaginado isto. E como sabia o *Shane*? Tinha de saber, pois estava a olhar diretamente para o Tim quando o disse. Olho agora para o Shane, que está a assistir ao desenrolar de tudo com uma expressão

de divertimento nos olhos.

– A polícia interrogou-te? – pergunta a Kayla.

– *Não*.

– Sabiam que tinham saído juntos? – insiste ela.

– Não faço ideia – responde ele, retorcendo-se no sofá. – Soubessem ou não, não foi nada de especial. Quer dizer, foram dois encontros, e foi para aí um mês antes de ela morrer.

– De ela ter sido *morta*, queres tu dizer – corrige a Chelsea.

O Tim lança-me um olhar angustiado, mas tenho de desviar o meu. Pensava que o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa no mundo, mas não sabia disto. Estou atordoada com o choque. Não consigo assimilar.

– Devias ir à polícia – diz a Kayla. – Dizer-lhes o que sabes.

O Tim faz um esgar.

– Não sei nada. Não tenho nada para lhes contar.

Dito isto, salta do sofá e arranca em direção à cozinha. Abre a porta e desaparece no interior.

– Uau – murmura a Kayla. – E aqui está a prova de que nunca se sabe...

Não posso ficar nem mais um segundo aqui sentada a ouvi-los especular sobre o que o Tim pode ter feito. Levanto-me da poltrona e sigo-o até à cozinha. Consigo sentir os olhos do Shane nas minhas costas, mas não me viro.

Na cozinha escura, o Tim está encostado à bancada, a cabeça curvada sobre o lava-loiça ferrugento. Parece estar a tentar controlar-se. Já antes o vi assim. Tinha a mesma expressão no rosto quando o seu cão de doze anos, o *Rusty*, desenvolveu tumores por todo o corpo e teve de ser eutanasiado.

– Olá – digo eu.

O Tim vira-se para olhar para mim no preciso momento em que um relâmpago lhe ilumina o rosto.

– Olá.

– Estás bem?

O trovão que sacode a divisão é quase ensurdecedor.

– Desculpa não te ter contado que saí com a Tracy.

– Porque não me disseste?

Ele esfrega o rosto com as mãos.

– Estava assustado. Saímos no início do verão e, passado um mês, encontraram-na morta. Pensei que podia ter sido o último tipo com quem ela saiu. E achei... achei que não pareceria muito favorável para mim. Além disso, não era como se eu soubesse alguma coisa que pudesse ajudar.

Faz sentido, mas ao mesmo tempo deixa-me um pouco inquieta. Se é totalmente inocente, porque não haveria de querer dizer à polícia o que sabe? Porque haveria de o esconder?

– Senti-me pessimamente quando soube – diz ele, baixando os olhos. – As coisas não resultaram entre mim e a Tracy, mas ela não merecia morrer. Era boa pessoa. Fiquei arrasado.

– Pois – murmuro eu. – Não duvido...

– Não sei como o Shane soube. – O seu rosto ensombra-se. – Não posso acreditar que guardou essa informação, à espera do momento ideal para me fazer parecer mal.

Franzo o sobrolho.

– Não creio que fosse essa a sua intenção.

– Ah, não? – zomba o Tim. – Brooke, talvez eu tenha tido um par de encontros com uma rapariga, mas ele espancou mesmo aquele rapaz. *Sem motivo*. Mandou-o para o *hospital*, caramba. É realmente esse o tipo de pessoa com quem queres estar?

Retraio-me ante as suas palavras.

– Ele disse que estava arrependido.

– Tretas! – A voz do Tim é tão alta que temo que os outros a oiçam através da porta. – O Shane Nelson é um rufia e um filho da mãe. A única coisa que lamenta é teres descoberto, porque quer dormir contigo.

Sinto o rosto a arder. O Tim odeia o Shane, mas não posso acreditar que tenha sido capaz de me dizer tal coisa.

– Não é verdade. E não tens o direito de me dizer isso.

Por um momento, ficamos a olhar um para o outro. Um músculo contrai-se sob o meu olho. É o Tim o primeiro a quebrar.

– Desculpa. – Solta um suspiro. – Desculpa, Brooke. Tens razão. Não devia ter dito aquilo.

– Podes crer.

– Estou só preocupado contigo. – O medo nos seus olhos é real. Conheço-o o suficiente para saber isso. – Preocupa-me que estejas com o Shane. Não acho que seja seguro.

– Que seja seguro? – Pensava que estava só preocupado com que o Shane me fosse partir o coração. – Estás a falar de quê?

– Escuta, Brooke. – Baixa um pouco a voz. – O Shane é...

Antes que o Tim consiga dizer o que quer, a porta da cozinha abre-se. Está lá o Shane, com um ar ainda mais absurdamente sensual do que o habitual, o cabelo escuro ligeiramente desganhado e um sorriso de esguelha no rosto.

– Ei, Brooke – pergunta ele. – Vais voltar cá para fora?

É difícil não notar que não se dá ao trabalho de perguntar ao Tim se vai sair.

– Sim – respondo eu. Olho para o Tim. – Vens?

O Tim torce a cara. Parecia ter algo importante para me dizer antes de o Shane ter irrompido na cozinha, mas não pode propriamente fazê-lo agora. E a verdade é que não quero ouvir. Há uma rivalidade estúpida entre o Tim e o Shane, mas isso não é problema meu. O Tim precisa de a superar.

– Muito bem – acaba ele por dizer. – Vamos.

Hoje é dia de remover os pontos da testa do Shane Nelson.

Passei a noite inteira às voltas na cama, a pensar nisso. Sonhei que estava de volta àquela quinta. No meu sonho, o colar apertava-se em torno da minha garganta e o cheiro a sândalo enchia-me as narinas. Então, ouvia-se um trovão, com um outro ruído em pano de fundo que não consegui identificar, e a seguir...

Acordava.

Após o terceiro despertar banhada em suores frios, desisti do sono. Levantei-me e fui preparar uma chávena de café. Eram então quatro da manhã, e agora estou a funcionar na reserva. O que, na verdade, é bom. Se estiver exausta, sentirei menos pânico quando o Shane aparecer.

Por volta das duas da tarde, o guarda Hunt conduz o Shane pelo longo corredor até à sala de espera à porta da sala de exame. Ele senta-se, de novo com os pulsos e os tornozelos agrilhoados, à espera da sua vez, a seguir aos dois homens que tem à frente. Claro que, depois de ver o Shane sentado lá fora, deixo de conseguir pensar como deve ser. Tenho de pedir constantemente aos reclusos para repetirem o que ainda há cinco segundos me disseram.

Quando chega a vez do Shane me visitar, Hunt agarra-o pelo braço e levanta-o da cadeira. O Shane precisa de alguma ajuda para se levantar, visto estar de braços e pernas manietados, mas Hunt é muito mais bruto do que o necessário. E porquê sempre os grilhões? Pensava que antes tinha sido por o Shane ter estado envolvido numa luta, mas agora continua algemado.

Acharão realmente que é assim tão perigoso? O único outro sujeito que vi nos últimos dias que estava agrilhoadado desta maneira tinha um sorriso raivoso e símbolos de ódio tatuados por todo o rosto.

Mas o que estou eu a dizer? É claro que o Shane é perigoso. Sei isso melhor do que ninguém.

Não parece perigoso, ainda assim, ao arrastar-se para a minha sala de exame e debater-se para subir para a mesa, com uma expressão de sofrimento no rosto. Quando escorrega, pede-me desculpa.

– Desculpa ser tão lento. Mas é difícil fazer seja o que for assim acorrentado.

É o que mereces. Tenho as palavras na ponta da língua, mas não as digo. Seria pouco profissional.

– Vamos despachar isto – opto antes por dizer.

Custa-lhe a equilibrar-se na mesa de exame e, mais uma vez, tenho de estender uma mão para o ajudar. Esboça-me um sorriso grato, e parece-se tanto com o velho Shane que sinto as faces a arder e tenho de desviar o olhar.

– Obrigado, Brooke – diz ele. – Fico-te grato.

– Ahã – murmuro eu.

– Muito bem. Vamos acabar com isto.

Vejo-o tentar coçar o nariz com as mãos algemadas. Finalmente, faço a pergunta que trago na cabeça desde a semana passada:

– Porque te fazem isto?

O Shane arqueia as sobrancelhas.

– Fazem o quê?

Aponto para as algemas nos seus pulsos.

– Praticamente nenhum dos outros homens é agrilhado desta maneira. E presumo que sejam todos tão maus como tu aqui.

Ele esboça um sorriso de esguelha.

– Oh, eu sou o *pior*.

Olho-o fixamente.

– É isso que pensas, não é? – As pontas dos seus dedos cravam-se no tecido caqui do seu macacão da prisão. – Que sou um monstro? Que mereço tudo isto?

Os seus olhos castanhos sustentam os meus, e desta vez recuso-me a desviar o olhar.

– Tudo bem. Não respondas à pergunta. Estás no teu direito.

Esperava algum tipo de réplica desagradável do Shane, mas em vez disso os seus ombros descaem. Aponta com a cabeça para a porta fechada que nos separa do guarda.

– Queres saber porque estou sempre acorrentado? É porque ele me odeia.

– Quem?

– O Hunt. Odeia-me de morte.

– Mas porquê?

Ele encolhe um ombro.

– Quem sabe? Talvez lhe faça lembrar alguém. Às vezes, as pessoas simplesmente não gostam umas das outras. Mas é uma treta quando se é um preso e o tipo que não gosta de nós é um dos guardas prisionais. Torna toda a nossa vida num inferno. Quer dizer, ele tem o poder de tornar as coisas realmente difíceis para mim.

Espero que o faça. Pondero dizer estas palavras, mas para quê? Houve um tempo em que teria gostado de lhas cuspir na cara, mas os anos levaram parte da minha combatividade. Afinal, o Shane está na prisão. Está a cumprir a sua pena pelas coisas terríveis que fez. Tudo o que aconteceu é passado.

Queria que o Shane sofresse depois do que fez, e o meu desejo foi concedido. Está aqui preso, dia após dia, à mercê de um bando de guardas que o acham a escória da Terra. A ser espancado, e nem pode fazer nada em relação a isso, ou da próxima vez será pior. A dormir numa cela todas as noites.

A sua vida é um inferno.

– Então, como tens estado? – pergunta o Shane, enquanto abro o *kit* de remoção de suturas.

– Bem. – *Não entres em conversas com este homem.*

– Gostas de trabalhar aqui?

– Sim. – É verdade. Apesar de ainda ter um pouco de receio dos presos, e de sentir a falta dos meus saltos altos, acho que é um trabalho gratificante. E quero que o Shane saiba que a sua presença aqui não me intimida. – Os reclusos são simpáticos.

– Sim. Para *ti*.

Aproximo-me o mais que me atrevo do Shane. Não é a minha primeira opção, mas o contacto próximo e pessoal é inevitável quando estamos a remover pontos.

– Não são simpáticos para ti?

– Vês os pontos na minha cabeça?

Agarro no primeiro ponto com o fórceps e corto-o.

– Pensava que tinhas ido contra uma vedação.

– Sim, bem.

Corto o segundo ponto.

– Sabes, o meu filho foi muito acochado no ano passado. Foi muito duro. Os outros miúdos até lhe puseram um olho negro.

O Shane pestaneja, fitando-me.

– Puseram-lhe um olho negro no *infantário*?

Por um segundo, fico sem palavras. Não sei porque lhe disse isto. Ainda há cinco minutos tinha jurado a mim mesma que não ia partilhar mais informações pessoais com este homem. Especialmente sobre o meu filho.

O *nosso* filho.

O que diria o Shane se soubesse a verdade? Se soubesse que, algumas semanas depois daquela noite horrível, comecei a vomitar na sanita. Tinha esperanças de que fosse um vírus estomacal, mas, quando não melhorou, cedi e comprei um teste de gravidez. E, ao ver as duas linhas azuis na fita de teste, todo o meu mundo se estilhaçou.

Tive de dizer aos meus pais. Pressionaram-me muito para que fizesse um aborto, mas recusei-me. Ainda assim, algo em que todos concordámos foi que o Shane jamais poderia saber. Escolhemos cuidadosamente a roupa que levei ao julgamento do Shane para que ninguém visse a minha crescente barriga de grávida.

E, uma vez terminado o julgamento, deixei Raker e nunca mais regresssei.

Até agora.

O Shane fita-me com curiosidade. Tenho de dizer alguma coisa para corrigir isto. Assim, sorrio e encolho os ombros.

– Os miúdos são mais duros do que costumavam ser.

– Suponho que sim.

Corto os pontos seguintes em silêncio. Ao debruçar-me sobre ele para retirar o último, vejo o seu olhar descer. Olho para baixo para ver para onde está a olhar e...

Oh, meu Deus.

Tenho a blusa suficientemente aberta para lhe proporcionar uma vista fantástica do meu decote. E, caramba, se ele está a tirar partido. Pigarreio sonoramente.

O Shane desvia o olhar das minhas mamas.

– Merda. Desculpa.

Não é o primeiro preso a olhar para mim dessa maneira, embora seja o primeiro a desculpar-se.

– Que não volte a acontecer – digo eu incisivamente.

– É só que... – Coça o pescoço, que está a ficar vermelho. – Não há muitas, hã, enfim, *mulheres* por aqui. E eu nunca...

Solto o último ponto e endireito-me. Compreendo o que está a dizer. Nunca mais voltará a estar com outra mulher. Nunca. Para o resto da vida.

– Peço imensa desculpa – diz ele de novo. – Foi de uma grosseria incrível, e eu... devia ter-me controlado.

Não, devia ter-se controlado há onze anos. Se o tivesse feito, talvez não estivesse aqui neste momento. Ignoro o seu segundo pedido de desculpas enquanto passo um dos meus dedos enluvados sobre a laceração.

– Parece bastante bem. Vai ficar uma cicatriz, mas, com sorte, não muito má.

– Não me importo, mas obrigado. – Vejo-o hesitar. – E desculpa o que disse da

última vez. Sobre aquela noite...

Ponho as mãos nas ancas.

– Admites então o que fizeste.

– Não, eu não matei ninguém. Mas compreendo que não queiras ouvir que te enganaste.

É tão aldrabão. Não está a pedir desculpa só porque sim. Está a pedir desculpa porque quer falar mais sobre o assunto. Lembro-me da palavra que a Elise sublinhou na sua ficha:

Manipulador.

– Eu estava *lá*, Shane. – Atiro o tabuleiro com os pontos para o lixo e introduzo a tesoura e os fórceps no recipiente para objetos cortantes. – Sei o que aconteceu.

– É óbvio que não. Tu mesma disseste que não conseguias ver nada.

Tiro as luvas com um sonoro estalido.

– Então, se não foste tu a fazê-lo, quem foi?

– Tu sabes quem foi, Brooke.

Abano a cabeça.

– Foi o Reese. – Os seus olhos estão fixos em mim, agora que tem a minha atenção.

– Tem de ter sido. É o único que...

Não é a primeira vez que ele acusa o Tim. Foi esse o cerne da sua defesa há todos aqueles anos. Mas não conseguiu convencer o júri e não vai certamente convencer-me agora. Achará que sou estúpida?

– Shane, para – rosno eu.

– Não, por favor, Brooke. Tens de acreditar que eu...

– Para!

Ante o som da minha voz exaltada, o guarda Hunt irrompe na sala, pronto para a ação. Ergue-se sobre mim e o seu rosto curva--se num sorriso escarninho. Tem pequenos semicírculos de suor sob as axilas.

– O que se passa aqui? Há algum problema?

O Shane cerra os lábios. Eu abano a cabeça. Não quero que Hunt saiba do passado que eu e o Shane temos juntos.

– Não, está tudo bem.

Hunt semicerra os olhos ao Shane.

– Já terminou por aqui?

– Sim, estamos despachados – respondo rigidamente. – Leve-o.

Hunt assente vigorosamente.

– Ótimo, vamos.

Vejo o que vai acontecer a quilómetros. Hunt agarra no braço do Shane para o

erguer da mesa de exame, mas, porque há um degrau a descer e tem as pernas agrilhoadas, ele não consegue manter o equilíbrio. Cai da mesa e bate com a cabeça no bordo da minha secretária, com um baque doentio.

Entro em ação, baixando-me junto ao Shane, que está agora no chão. Geme, de olhos entreabertos, mas está atordoado e tem um galo a formar-se logo abaixo da linha do cabelo.

Aconteceu algo assim uma vez no campo de futebol, durante os treinos. Eu estava nas laterais com a minha amiga Chelsea quando o Shane foi derrubado por uma placagem brutal. Tal como agora, ouviu-se um estalido doentio quando o seu corpo estabeleceu contacto com o chão. Atravessei o campo a correr para me certificar de que ele estava bem, o coração a palpar-me no peito. Tive tanto medo de que se tivesse magoado com gravidade, e ainda me lembro da vaga de alívio quando lhe peguei na mão e os seus olhos se abriram enquanto apertava a minha. Foi a primeira vez que me apercebi de que me estava a apaixonar pelo Shane Nelson.

– Qual é o seu problema, raios? – atiro a Hunt.

Hunt não parece sequer minimamente perturbado por ter acabado de provocar um traumatismo craniano a um dos presos.

– Relaxe. Foi um acidente.

Olho para o rosto do Shane – as suas pálpebras tremulam como há todos aqueles anos, quando foi derrubado no campo de futebol.

– Shane, estás bem?

– Estou bem – murmura ele.

– O Nelson é duro – intervém Hunt. – Vai ficar bem.

Quando penso que esta situação não pode ficar mais desconfortável, oiço passos a descer o corredor. Passado um segundo, a cabeça da Dorothy espreita para o interior. Continua com aqueles óculos em meia-lua e olha para nós por cima do aro, de forma algo acusadora.

– Que alvoroço é este? – exige ela saber.

O Shane tenta sentar-se, mas não está a ser fácil, entre a pancada na cabeça e os grilhões. Endireito-me para olhar a Dorothy nos olhos.

– O guarda Hunt fez com que aqui o senhor Nelson desse uma queda, em resultado da qual sofreu um golpe significativo na cabeça. Tem decididamente um traumatismo craniano. Gostaria de o internar numa das camas da enfermaria para ficar em observação esta noite.

Pela primeira vez, Hunt parece importar-se com o que acaba de acontecer.

– Dorothy, isso não é de todo verdade. Estava só a ajudar o recluso a levantar-se e ele tropeçou. Foi inteiramente involuntário.

Os astutos olhos azuis da Dorothy percorrem Hunt de cima a baixo, varrendo em seguida o resto da sala, assimilando toda a situação. Sustenho a respiração – esta mulher não é conhecida por defender os presos.

– Marcus – diz ela contundentemente. – Por que raio vem o Nelson agrilhado às consultas médicas? Não é um risco.

– Eu acho que sim – protesta Hunt.

– Com base em *quê*? – retorque ela.

Ele não tem resposta para isso, o que é a modos que um alívio. A Dorothy cruza os grossos braços sobre o peito e fita-nos aos dois com um olhar carrancudo, apesar de eu não ter feito nada de mal.

– Marcus, quero que tire imediatamente esses grilhões ao recluso – atira ela. – Brooke, interne-o na enfermaria por esta noite. Podem tratar os dois disso ou preciso de fazer de ama?

Hunt e eu trocamos olhares. A julgar pela sua expressão, gostaria de me atirar para o chão mesmo ao lado do Shane. Felizmente para mim, não estou entre os presos da Penitenciária de Raker.

– Nós tratamos disso – resmunga ele.

– Ótimo.

Ajudo o Shane a sentar-se e Hunt pega na chave para lhe abrir as correntes dos pulsos e dos tornozelos. Hesita por uma fração de segundo antes de o fazer, lançando um olhar na minha direção. Vejo-o introduzir a chave na fechadura e os meus dedos voam-

-me para o pescoço. Da última vez que fiquei a sós com o Shane, ele tentou estrangular-me. Subitamente, não me sinto assim tão entusiasmada com a ideia de ele ter as mãos livres.

Mas nada acontece. Uma vez removidas as algemas, tudo o que o Shane faz é esfregar os pulsos, aparentemente aliviado por estar finalmente livre. Não tenta estrangular-me. Nem sequer tenta imediatamente levantar-se do chão. Parece mal se conseguir agarrar à consciência.

– Consegues andar? – pergunto-lhe eu.

Ele esfrega a cabeça.

– Acho que sim. Estou só zozzo.

Hunt ajuda-me a guiar o Shane pelo corredor até à enfermaria, onde o instalamos numa cama. O alto na sua cabeça está a inchar, e tem de parar duas vezes a caminho da enfermaria por estar demasiado tonto para prosseguir. Faz-me pensar na noite em que alguém me tentou matar. Nessa noite, o Shane levou uma pancada na cabeça, tal como hoje – os técnicos de emergência no local encontraram um galo no seu crânio

para o provar. Diz ele que o deixaram inconsciente antes de algo me ter sequer acontecido.

E, pela primeira vez em dez anos, parte de mim pergunta-se se ele não estaria, talvez, a dizer a verdade.

Mas não pode estar a dizer a verdade. Porque, se estiver, o homem que me tentou estrangular há todos aqueles anos continua à solta.

Passadas mais umas quantas rondas de Eu Nunca, estamos os seis suficientemente embriagados. O encontro do Tim com a rapariga assassinada foi esquecido e a Kayla está outra vez a dar em cima dele. No início, ele ia-a afastando suavemente, mas agora está a deixar acontecer. Quanto ao Brandon e à Chelsea, estão praticamente a fazer sexo no sofá.

– Ei – diz o Shane, dando um murro no ombro do amigo. – Vão fazer isso lá para cima. No meu sofá não.

O Brandon solta um risinho.

– É melhor no quarto da tua mãe?

O Shane encolhe os ombros, mas eu sinto-me apenas aliviada por não sermos nós os dois a ficar no quarto da Sra. Nelson. Apesar de a cama dela ser melhor, não creio que fosse apreciá-la, sabendo que estava na cama da mãe dele.

Ele vira-se para mim, as pálpebras ligeiramente descaídas.

– Queres ir lá para cima?

Sinto o estômago às voltas, o que pode ser da vodca na minha barriga, mas não por inteiro. Afinal, nem bebi um *screwdriver* completo. (O Brandon conseguiu despachar seis.) Subitamente, desejo ter bebido um pouco mais, porque talvez assim não estivesse tão nervosa.

– Claro – respondo.

O Shane estende a mão para pegar na minha. A sua palma é quente, seca e reconfortante. Deixo-o guiar-me para fora da sala de estar, até ao lanço de escadas que sobe para o segundo andar.

A madeira dos degraus torce-se ligeiramente à medida que os meus pés os pisam – um dia destes, irei a subir as escadas e toda a maldita estrutura irá colapsar. Mas não hoje, ao que parece.

Enquanto vou a subir os degraus, tenho novamente a sensação de que está alguém a

observar-me. Aquele formigueiro na parte de trás do pescoço. Viro a cabeça, esperando ver o Tim a olhar-

-me fixamente. Mas, em vez disso, ele está no sofá a curtir com a Kayla. Bem, bom para ele.

Quando chegamos ao quarto do Shane e ele fecha a porta atrás de nós, a minha ansiedade sobe mais um nível. É o quarto típico de um adolescente. Tem uma cama de solteiro com um estrado de madeira lascado e um cobertor às riscas pretas e brancas caído sobre o colchão, sem qualquer tentativa de fazer a cama. Há uma pilha de roupa suja empurrada para um dos cantos do quarto, o que suspeito que tenha sido a sua tentativa de o «limpar» para mim. Alguns cartazes de bandas pendem da tinta a descascar das paredes, enquanto o tampo da sua cómoda está cheio de troféus dourados que brilham fugazmente quando um relâmpago enche o quarto.

O Shane estende o braço para acender a luz, mas, passado um segundo, a lâmpada tremula e apaga-se. Ele pragueja baixinho.

– Deve ter falhado a luz.

– Oh. – Aperto as mãos suadas. Já antes estive sozinha com o Shane neste quarto, mas sempre com a mãe dele no quarto ao lado ou prestes a chegar a casa a qualquer momento. Nunca estivemos a sós desta maneira. – Será melhor...?

– Não tem importância. – Mal consigo distinguir o subir e descer dos ombros largos do Shane. – Vão todos para a cama, seja como for. Provavelmente a luz voltará de manhã.

– Sim. – Puxo a corrente do meu colar com o floco de neve. – Isso é verdade.

O Shane pega-me novamente na mão. Puxa-me para a sua cama, mas não me pressiona a deitar. Empoleiro-me na beira da cama e ele senta-se ao meu lado. Estende a mão e passa suavemente o dedo pela curva do meu maxilar.

– Ano-te, Brooke – diz ele.

Estremeço ligeiramente, nervosa, mas também incrivelmente excitada.

– Também te ano.

Um sorriso brinca-lhe nos lábios.

– Ótimo.

– Eu, hã... – Pigarreio. – Desculpa, Shane. Estou só supernervosa porque... bem, tu sabes, eu nunca...

– Pois – diz ele. – Eu também não.

Fito-o com absoluto espanto. Estará realmente a dizer-me que...?

– Nunca fizeste sexo? – pergunto eu, de repente.

– Não... – Vejo-o franzir o sobrolho. – Não fiz.

– Mas tu... – Estou completamente atarantada. O Shane já namorou com outras

raparigas. Pode não ter estado muito tempo com ninguém, mas saiu com muitas raparigas que não são propriamente picuinhas, se é que me entendem. E o Shane é uma *brasa*. O seu melhor amigo, o Brandon, segundo a Chelsea, dormiu com pelo menos cinco ou seis raparigas só desde que os dois começaram a *namorar*.

– Sei lá. – De repente, o seu rosto enche-se de incerteza. – Não queria um estúpido encontro de uma noite. Quero estar com alguém de quem realmente goste. É assim tão absurdo?

– Não. – Aperto-lhe o joelho. Continuo nervosa, mas sinto-me muito melhor após a sua confissão. Isto é assustador, mas vamos fazê-lo juntos. – Não é nada absurdo.

Ele aperta-me a mão nas suas.

– Amo-te, Brooke.

Demoro um momento a aperceber-me do que disse. Não disse que me «ana», como habitualmente faz. Disse que me ama. Que me *ama*.

– Também te amo – murmuro eu.

– E vou mostrar-te o quanto – acrescenta ele, inclinando-se para mim.

E é isso que faz.

Antes de terminar o dia, vou à enfermaria para ver como está o Shane. A enfermaria está hoje relativamente vazia. Havia dois pacientes esta manhã, mas ambos estavam já suficientemente bem para regressar às suas celas durante a tarde, pelo que neste momento o Shane é o único ocupante de uma das seis camas. As outras camas de hospital alinhadas contra a parede estão todas vazias.

Há uma enfermeira que costuma vir à noite, mas ainda não apareceu para o seu turno, pelo que a única pessoa por perto é um guarda que reconheço vagamente, sentado à porta a ler um grosso romance de capa mole. O guarda acena-me ao ver-me entrar, mas depois regressa imediatamente ao seu livro. Olho para o título – *Moby Dick*.

As luzes estão reduzidas na enfermaria e, uma vez que o Sol já se pôs, a divisão está escura. Da porta, mal consigo distinguir o Shane deitado na segunda cama a contar do fundo da fila. Ao aproximar-me, vejo todas as feições do seu belo rosto – à luz ténue, parece-se tanto com o velho Shane. Com o rapaz por quem me apaixonei há todos aqueles anos.

Tem os olhos fechados e, por um momento, um palpar de medo trespassa-me o peito. Há mais de duas horas que não vinha ver como está. E se tem um hematoma a crescer-lhe no cérebro e perdeu os sentidos enquanto estava aqui deitado? Parecia neurologicamente estável quando o deixei, mas muito pode acontecer em duas horas. E, visto que fui a última profissional de saúde a vê-lo, cairia tudo sobre os meus ombros. Afinal, foi minha a decisão de o observar em vez de o mandar fazer um exame à cabeça. Se morresse, seria culpa minha.

A passos rápidos, aproximo-me da cama do Shane. Não se mexe quando chego junto dele.

– Shane – chamo.

Terão as suas pálpebras tremulado? Não consigo perceber. Oh, Deus, por favor, que ele esteja apenas a dormir e não inconsciente.

– Shane – repito, e desta vez sacudo-lhe o ombro.

Os meus joelhos quase cedem de alívio quando as suas pálpebras se entreabrem. Ele está bem.

– Oh – exclama. – Olá, Brooke.

Está acordado e reconhece-me.

– Olá – respondo eu. – Estava... estava com medo que estivesse inconsciente ou assim.

– Não, estava só a dormir. – Prime um botão na lateral da cama que lhe eleva a cabeça para uma posição sentada. – Estavas preocupada comigo?

– Não – digo eu, de forma demasiado apressada. – Quer dizer, sim, preocupava-me que pudesses precisar de uma TAC.

Ao dizer as palavras, porém, apercebo-me de que não são inteiramente verdade. Sim, preocupava-me que tivesse feito asneira e tomado a decisão errada. Preocupava-me com ele da forma como me preocupo com todos os meus pacientes. Mas essa não é a única razão por que me estava a passar. Ele está certo – estava preocupada *com ele*.

E não entendo inteiramente o porquê.

Durante muito tempo, senti apenas uma emoção por este homem. Ódio. Ódio pelo que me tentou fazer. Ódio pelo que fez aos meus amigos. Ódio por me engravidar e deixar a lidar com as consequências sozinha. Ódio por nem sequer ter a coragem de admitir o que fez e por me obrigar a subir ao banco das testemunhas durante um julgamento penoso para reviver cada momento.

Mas, ao olhar para ele agora, deitado nesta cama de hospital, com um hematoma a desabrochar-lhe na testa da queda que deu, os seus olhos castanhos a fitar-me...

Eu...

Eu não...

– Preciso de fazer um exame neurológico. – Pigarreio. – Preciso de me certificar de que estás bem.

– Força.

Percorro os passos do exame, certificando-me de que as suas pupilas estão iguais, de que não enfraqueceu de um dos lados do corpo, e faço-o responder a algumas perguntas básicas para garantir que a sua cognição está intacta. Ocorre-me que é a primeira vez que interajo com ele sem qualquer tipo de grilhões. Se quisesse, podia estender os braços, fechar os dedos em redor do meu pescoço e apertar com todas as suas forças – bem, pelo menos até o guarda nos ouvir e vir a correr. Mas, de alguma forma, não me preocupa que ele faça isso. Nem um bocadinho.

– Passei? – pergunta ele, ao ver-me recuar.

– Passaste – confirmo eu.

– Ótimo. – Aponta para o relógio na parede. – Queria sair daqui antes do jantar. É noite de tacos.

Não consigo evitar um sorriso.

– Terça-feira de tacos?

– Isso mesmo – diz ele, ajustando a sua posição na cama. – Não quero perder a noite dos tacos. Eu *ano* tacos.

Prende-se-me a respiração na garganta. *Ano tacos*. Quando foi a última vez que o Shane e eu gracejámos sobre *anarmo-nos* um ao outro? Costumava ser algo só *nosso*. Lembro-me da última vez que lhe disse essa palavra: *ano-te*. Contra a minha vontade, sinto uma súbita vaga de afeto.

Sim, Shane Nelson fez coisas inqualificáveis. Mas, antes de as fazer, eu *anava-o*.

Não, eu *amava-o*.

Desvio o olhar antes que ele consiga ler a expressão no meu rosto.

– Não te preocupes. Certificar-me-ei de que te trazem um tabuleiro de comida.

– Fantástico. Muito obrigado, Brooke. A sério.

– Certo...

Leva a mão atrás da cabeça para agarrar na almofada a que está encostado, quase tão achatada como uma panqueca. Tenta ajustá-la para se pôr mais confortável no colchão duro desta cama de hospital. Vejo-o debater-se por um momento e então inclino-me para ele e ajeito-lhe a almofada.

O meu rosto aproxima-se do dele ao ajeitar-lhe a almofada – mais do que ao suturar-lhe a cabeça. Preparo-me para o aroma a sândalo, mas os únicos cheiros que sinto são a sabonete e a creme de barbear. A última vez que estive tão incrivelmente perto dele foi há mais de uma década. Na noite em que perdi a virgindade com ele. E ele comigo.

Senti-me tão bem quando terminou. Estava tão feliz por ser aquele o rapaz a quem me tinha entregado. Estava tão apaixonada por ele.

Por uma fração de segundo, os nossos olhares cruzam-se. E ocorre-me que somos as únicas pessoas nesta divisão. Há um guarda e, se houvesse algum problema, entraria aqui num instante, mas não ouviria algo discreto.

Como se o Shane se inclinasse para a frente e me beijasse.

Chego a cabeça para trás, chocada com os pensamentos que me passam pela cabeça. O que se *passa* comigo? Shane Nelson tentou matar-me. É um *monstro*. Vai passar a vida na prisão por homicídio. Mesmo que alguma vez lhe conseguisse perdoar o que fez, jamais poderia...

Tusso alto – o som ecoa pela enfermaria vazia e escura.

– Acho que terminámos por aqui.

– Ótimo. Muito obrigado.

– Certificar-me-ei de que recebes o teu jantar – digo-lhe eu, numa voz estridente que mal parece a minha.

Um sorriso brinca-lhe nos lábios.

– Os meus tacos.

– Certo. Tacos.

– Obrigado, Brooke. – Os seus olhos mantêm-se fixos nos meus. – Obrigado por tudo o que fizeste por mim.

– Sem problemas.

De alguma forma, consigo arrancar os olhos dos dele. Mas, ao sair da divisão, com os meus sensatos sapatos rasos a matraquear contra o chão de linóleo, consigo senti-lo a observar-me.

Não consigo parar de tremer depois do meu encontro com o Shane na enfermaria.

Passei mais de uma década a odiá-lo. Contento por ele estar a apodrecer na prisão, pois era o que merecia. E, mesmo ao vê-lo na semana passada e confirmar que não tinha chifres a brotar-lhe da cabeça nem uma cauda de demónio, continuei a pensar nele como o homem que me tinha tentado matar.

Hoje foi a primeira vez desde essa noite em que pensei nele como o rapaz que costumava amar.

Quando saio em direção ao meu carro no parque de estacionamento da penitenciária, não há nada que eu queira mais do que ir para casa, comer um dos deliciosos jantares da Margie e enfiar-me na cama. Oh, e talvez tomar um banho quente. Quando o Josh era pequeno, era impossível tomar um banho, pois não podia deixá-lo sozinho durante tanto tempo e não havia um pai de reserva para o vigiar. Mas agora que ele é mais independente, fiquei viciada.

Quando estou a menos de dois metros do meu carro, uma grande mão fecha-se sobre o meu braço. Entro instantaneamente em alerta máximo, virando-me para enfrentar quem quer que me tenha agarrado. Mas, ao virar-me, vejo-me frente a frente com o guarda Marcus Hunt.

Fora dos muros da prisão, parece ainda mais imponente. Ergue-se sobre mim, os lábios arreganhados num perpétuo sorriso escarninho, e os seus bíceps têm sensivelmente o mesmo perímetro que as minhas coxas. Não tem consigo nenhuma arma neste momento, mas não precisa de ter. Podia esmagar-me só com uma mão.

E somos as duas únicas pessoas no parque de estacionamento.

– Brooke – diz ele. – Preciso de falar consigo.

– Não tenho nada para lhe dizer – silvo-lhe eu.

– Não seja assim...

Tenho a minha bolsa pendurada ao ombro. Trago lá dentro um frasco de gás-pimenta, mas não tenho a certeza de lhe conseguir chegar com ele a agarrar-me.

– Tem de me largar.

– Brooke...

– Largue-me ou eu grito!

Hunt arregala os olhos ao meter finalmente na cabeça que tem de me largar. Solta-me o braço e ergue as mãos.

– Desculpe. Não queria assustá-la. Só quero conversar.

Não queria *assustar-me*? Fará alguma *ideia* de quão assustador é? Não consigo imaginar como é para o Shane lidar com este sujeito todos os dias da sua vida.

– Por favor, Brooke. – Dá um passo atrás, de mãos ainda no ar. – Só preciso de falar consigo.

Não quero falar com Hunt. Quero ir para casa, jantar e possivelmente tomar um banho de espuma. Mas tenho de trabalhar com este tipo – não posso ser sua inimiga. E admito que estou curiosa quanto ao que ele tem para dizer.

– Muito bem – digo eu. – De que se trata?

– Brooke. – A sua testa franze-se. – Olhe, lamento o que aconteceu hoje com o Nelson. Não é que tivesse intenção de o magoar.

– Sim, certo.

– Não tive. – Abana a cabeça rapada. – Mas sabe que mais? Mesmo que tivesse, ele merece. Faz alguma ideia do que aquele gajo fez para vir aqui parar?

Faço alguma ideia.

– Todos estes homens cometeram crimes...

– Isto é diferente. O Nelson é diferente. É... é muito manipulador.

É o mesmo que a Elise escreveu na ficha do Shane. E sublinhou-o.

– Não o vi agir dessa forma.

– Pois, porque está a manipulá-la. Está a fazer com que confie nele, mas não devia.

Estico o pescoço para olhar para o rosto de Hunt. Independentemente do que mais possa dizer, não creio que esteja a inventar isto. Parece acreditar realmente no que diz. Mas a questão é: e eu, acredito?

– Não vou deixar que ele me manipule – digo eu.

– Foi o que a Elise disse. Agora, o mais provável é que vá também para a prisão. Ou, no mínimo, vai perder a carteira profissional.

O que está ele a dizer? Que o Shane enganou a Elise, e que foi essa a razão para ela se ter metido em apuros? Custa-me a crer, sobretudo depois do que ela escreveu na ficha. E o Shane não me manipulou. Até lhe ofereci medicação para a dor na semana passada, e ele recusou.

– Não se preocupe com isso.

– Mas *estou* preocupado. – Vejo-o espreitar por cima do meu ombro para o meu

Toyota. – Olhe, não quero falar sobre isto no parque de estacionamento. Porque não vamos tomar uma bebida juntos e podemos, enfim, falar mais sobre este assunto?

Ob. Agora já percebo.

– Não, obrigada. – Ajeito a alça da minha bolsa ao ombro. – Tenho de ir para casa. A ama está à minha espera.

– Fica para outra noite, então?

A preocupação desapareceu-lhe do rosto, e tem agora uma expressão esperançosa. É então este o seu jogo. Anda a torturar o Shane para me impressionar e conseguir um encontro. É desprezível, mas não quero humilhá-lo abertamente. Tenho de trabalhar com ele, e é também com ele que conto para me proteger se alguma vez me vir numa situação perigosa.

– Talvez algures no próximo mês – digo vagamente. – Estou mesmo muito ocupada agora. E a minha ama não pode ficar até tarde.

– Oh, certo, claro – responde Hunt, esfregando a cabeça rapada. – Sim, também tenho este mês bastante ocupado. Teremos de o fazer no próximo. Ou no seguinte. Tanto faz. Não tem importância.

– Sim... – Levo a mão à bolsa para tirar as minhas chaves. – Enfim, vou andando. Até amanhã, suponho.

– Claro – assente ele. – E, Brooke?

– Sim?

– Tenha cuidado.

Não consigo dormir.

É tudo muito mais silencioso aqui do que quando vivia em Queens. O quarto onde vivíamos tinha muito trânsito à noite, e era garantido que, pelo menos uma vez por semana, ia ser acordada pela buzina de um carro ou, pior, por um alarme que não parava de tocar durante quase uma hora. Mas, neste pacato quarto da nossa pequena vila, a única coisa que se consegue ouvir à noite são alguns grilos a cantar.

Pelo que não sei porque tenho dormido tão terrivelmente desde que me mudei para cá.

Parte da razão pode ser a estranheza de dormir no quarto dos meus pais. De início, estava relutante em ocupar o quarto principal por esta exata razão. Mas era de longe o maior dos três quartos do andar de cima e o único com uma cama *queen size*. Assim, tentei redecorá-lo para o tornar meu. Tirei o quadro marítimo que os meus pais mantinham sempre por cima da cama, troquei a colcha pelo meu próprio edredão de penas azul-real e substituí quase todas as fotografias emolduradas em cima da cómoda.

Não ajuda. Continua a ser nitidamente o quarto dos meus pais. Até ainda *cheira* a eles. A fragrância do perfume da minha mãe ainda permanece no ar, por mais que esfregue os soalhos e os móveis.

Oxalá as coisas não tivessem corrido como correram ao longo da última década. Não que alguma vez tenha tido uma relação próxima com os meus pais. A minha mãe era severa e o meu pai andava sempre a viajar em trabalho. E, a acreditar nos rumores, traía abundantemente a minha mãe. Mas, mesmo assim, não esperava o tratamento que me deram quando decidi ficar com o bebé que tinha a crescer dentro de mim.

Estás a cometer um erro terrível, Brooke, dizia-me a minha mãe praticamente de cada vez que falávamos.

Queria fazer-lhes frente, mas mal me conseguia agarrar à minha sanidade, do jeito

que as coisas estavam. Tudo o que sabia era que queria o bebê. E estava disposta a tudo pelo meu filho por nascer, incluindo concordar em viver com um parente na cidade

e aceitar os seus cheques mensais para fazer face às despesas e obter uma educação. Não queria fazê-lo, mas também não queria que o meu filho sofresse por causa do meu orgulho.

Aceitei até que não estava autorizada a regressar a Raker. Nem mesmo para uma visita.

Mas, depois de terminar a faculdade de enfermagem e de ter finalmente um salário decente que me permitiria sustentar-me sem a ajuda dos meus pais, enfrentei-os. Disse-lhes que não ia aceitar mais do seu dinheiro. E que queria o direito a regressar a Raker para os visitar com o Josh, caso contrário não teríamos qualquer relação. Estava farta de ser o seu segredinho sujo.

Pensei realmente que iam aquiescer. Era a única filha de ambos, e o Josh o seu único neto. Acreditava que o seu amor por nós tinha de ser maior do que a vergonha de terem uma filha que se deixou engravidar no secundário.

Estava enganada.

Alguns meses depois de eu ter começado a devolver os cheques, o meu pai viajou até Queens para me surpreender quando regressava a casa do trabalho. Sempre vi o meu pai como bem--parecido em comparação com os pais das minhas amigas – as mulheres costumavam virar-se para o observar na rua – mas, pela primeira vez, apercebi-me de como parecia velho. Tinha papos debaixo dos olhos e uma pança a forçar-lhe os botões da camisa. O seu cabelo sempre parecera prateado, mas agora parecia apenas de um cinza baço.

Não faças isto, Brooke, implorou-me ele. A tua mãe e eu amamos--te. Sabes disso.

Resfoleguei. Se me amassem, não teriam vergonha de mim.

Não temos vergonha de ti. Só não achamos que seja boa ideia voltares a Raker.

Mas porquê?

A ruga que, por esses dias, era presença constante entre as sobrancelhas do meu pai aprofundou-se. *Não podes apenas confiar em nós por uma vez, Brooke? Fazemos isto para teu próprio bem.*

Não me surpreendeu minimamente que o meu pai se recusasse a dar-me uma razão lógica para eu não poder visitar a casa da minha infância com o meu filho. Por isso, mandei-o embora e continuei a devolver-lhes os cheques por depositar. Ao fim de um ano, perceberam a ideia e os cheques pararam de chegar.

Agora, aqui estou eu, escassos meses após as suas mortes, de volta à minha terra natal. Apesar do quão terrivelmente correram as coisas, até àquela noite, tive uma

infância feliz. Este é o tipo de vila onde quero que o meu filho cresça.

Mas não posso deixar de sentir que este quarto está assombrado pela presença de ambos. Ou toda a casa, na verdade.

Saio da cama e dirijo-me à cómoda do outro lado do quarto. Quando aqui cheguei, depois de receber a notícia do acidente de viação, encontrei esta cómoda carregada de fotografias minhas e do Josh. As fotografias pararam depois de eu ter cortado relações com eles, há cinco anos, mas havia dúzias de retratos por toda a casa, abrangendo a minha vida desde o nascimento até ao dia em que mandei o meu pai embora por não poderem aceitar as minhas opções de vida. Tirei a maioria, mas deixei umas quantas. Como, por exemplo, uma fotografia na cómoda de quando eu tinha mais ou menos a idade do Josh, a posar com os meus pais para um postal de Natal.

Pego agora na fotografia, olhando para o meu rosto sorridente e sem rugas. Os meus pais têm ambos uma mão no meu ombro e resplandecem de orgulho na nossa pequena família. Nem sequer me consigo lembrar de alguma vez terem tido este aspeto.

Apesar de tudo, acredito que os meus pais me amavam. Vejo-o nos seus olhos nesta fotografia. Mas o seu estúpido orgulho intrometeu-se na nossa relação. Optaram por cortar por completo os nossos laços em vez de sofrerem a humilhação de me ter a desfilar diante dos seus amigos com o meu filho sem pai.

Só que agora, ao olhar para esta fotografia, lembro-me daquele dia em que o meu pai me foi ver a Queens. Conduziu durante pelo menos cinco horas seguidas para chegar a mim porque era assim tão importante para ele. Pela primeira vez, pergunto-me se a sua motivação poderia não ser inteiramente egoísta.

Não podes apenas confiar em nós por uma vez, Brooke? Fazemos isto para teu próprio bem.

Parecia quase...

Assustado.

Mas isso é absurdo. Não havia nada a temer. O Shane estava já atrás das grades por essa altura, para o resto da vida. Era impossível poder chegar a mim. Estava a salvo desse homem.

E continuo a estar.

Depois de fazermos sexo com o nosso namorado pela primeira vez, a última coisa que queremos ouvi-lo dizer é «merda». Bem, talvez «tenho herpes» ficasse ligeiramente acima na lista, mas isto também não é bom.

– O que foi? – pergunto eu. – O que se passa?

O Shane sai de cima de mim, suado e corado. Estava com tanto medo antes, mas não havia nada a temer. Foi doce e atencioso, sempre a certificar-se de que eu estava bem e de que tudo sabia bem... ou pelo menos não sabia *mal*. Não sei se diria que foi arrebatador, mas foi bastante bom para a minha primeira vez. E agora é a parte em que ele devia estar a abraçar-me e a dizer-

-me o quanto me ama e continua a respeitar-me, mas em vez disso parece decididamente perturbado.

– O que foi? – insisto.

– Acho... – Franze o sobrolho. – Acho que o preservativo saiu.

– *O quê?*

– Não tenho a certeza – acrescenta ele rapidamente. – Mas... bem, está fora. E eu não o tirei. Por isso, estou a modos que a perguntar-me quando terá saído e...

– Merda – digo eu.

Sinto a cabeça à roda. Tenho dezassete anos. Não posso estar grávida aos dezassete anos. Tenho planos para os próximos dez anos da minha vida, nenhum dos quais envolve uma criança aos gritos. Quero ir para a universidade. Fazer uma pós-graduação. Viajar pelo mundo. Oh, meu Deus, isto é mau.

– Não te passes, Brooke – diz o Shane. – Vai ficar tudo bem.

Sinto que mal consigo respirar.

– Como ao certo é que vai ficar tudo bem?

– Olha. – Sinto-o agarrar-me no braço, que treme. – Foi só uma vez. Nem tenho a certeza de que tenha saído. De certeza que vai ficar tudo bem.

– Estás a brincar comigo. Há montes de raparigas a engravidar de «só uma vez».
– Tudo bem – responde ele, com uma calma enfurecedora. – Então encontraremos uma solução.

– *Como?*

– Não sei – admite o Shane. – Mas, o que quer que decidas fazer, eu apoio-te.

Fico ligeiramente boquiaberta. Olho-o nos olhos e vejo que está a falar a sério. O Shane também tem planos para o futuro. Espera conseguir uma bolsa de futebol para a universidade, para poder ter uma vida melhor do que aquela em que cresceu. Aquelas oito palavras podem destruir todos os seus planos. *O que quer que decidas fazer, eu apoio-te.* Mas ele disse-as na mesma.

Nesse momento, sei que escolhi o rapaz certo para perder a minha virgindade.

– Amo-te – digo de repente.

Ele passa-me os dedos pela face.

– Também te amo.

Embora continue passada com a situação, obrigo-me a ter calma. O Shane tem razão. Foi só uma vez e as probabilidades de ter engravidado são baixas. E se, de algum modo, tiver acontecido, ele apoiar-me-á. Seja qual for a minha decisão.

Apesar da trovoada lá fora e dos meus pensamentos acelerados, adormeço nos braços do Shane. E não volto a acordar até ouvir os gritos.

O Josh está no céu, a mastigar uma das almôndegas da Margie enquanto partilhamos o jantar à mesa da cozinha.

– Mãe – diz ele. – Estas são as melhores almôndegas que alguma vez comi.

– Ah, sim?

– Sabes como a Margie as fez? – Sem esperar por uma réplica, responde à sua própria pergunta. – Pôs carne, mas também ovos, pão ralado e queijo parmesão. Disse que o queijo parmesão era o ingrediente secreto.

– Sim, são deliciosas.

O Josh dá outra dentada na almôndega que tem no garfo e mastiga pensativamente.

– Como fazes as tuas almôndegas, mãe?

Bem, abro a embalagem de almôndegas congeladas, ponho algumas num prato e enfio-as no micro-ondas durante sessenta segundos. Se não estiverem prontas, volto a pô-las lá durante mais trinta segundos.

– Basicamente da mesma maneira, mas sem o queijo.

– Da próxima vez que as fizeres – diz ele –, eu ajudo-te. A Margie disse-me exatamente o que fazer.

É simpático que a Margie seja tão boa para ele, mas entristece--me que, quando estava viva, a minha mãe nunca tenha conseguido criar uma ligação com o Josh. Jamais teria feito almôndegas com ele. Nem se importou assim tanto quando cortei relações com ela.

Tocam à campainha, e o Josh salta da cadeira com uma energia surpreendente para um rapaz que acaba de comer umas trinta almôndegas. Mas adora abrir a porta. É uma das suas coisas favoritas no mundo, se é que conseguem acreditar. Não sei bem porquê, ainda assim, porque é quase sempre só um tipo qualquer a entregar uma encomenda.

Oiço a porta da frente a abrir-se e depois o som de uma conversa em voz baixa. Que estranho. Porque está o Josh a falar com o estafeta?

A menos que não seja um estafeta.

Com esforço, ponho-me de pé, o que não é fácil, tendo em conta que comi umas vinte e nove almôndegas. (Eram realmente boas. Deve ser do queijo parmesão.) Arrasto-me até à entrada principal e fico boquiaberta ao ver nada menos que o Tim Reese

à minha porta da frente, a conversar com o Josh. Paraliso a uns três metros da porta, incapaz de me mexer.

– Mãe! – chama o Josh. – Olha quem está aqui! É o senhor Reese, o nosso diretor-adjunto!

Olho para o Tim, que tem um sorriso tenso nos lábios.

– Isso mesmo. Eu, hã... vivo mesmo ao fundo do quartoirão e a minha mãe mandou-me estas bolachas da Florida, e pensei...

Pensou em trazer-me umas bolachas. Só que encontrou mais do que esperava.

– Bolachas? – pergunta o Josh, esperançoso. Será um dia triste quando o meu filho ficar demasiado crescido para se entusiasmar com umas bolachas. Ainda que, para ser sincera, eu *ainda* fique um pouco empolgada quando há bolachas. Mas, de momento, estou a ter dificuldade em desenterrar algum entusiasmo por elas. – Posso comer algumas, mãe?

– Claro – respondo apaticamente.

O Tim baixa os olhos para a caixa branca que tem na mão, como se se tivesse esquecido de que a estava sequer a segurar. Empurra-a para os braços do Josh sem tirar os olhos de mim.

– São todas tuas – diz-lhe ele.

– Mãe. – O Josh puxa-me o braço. – Quantas posso comer?

– Hã, uma...

– Uma? Só *isso*?

– Está bem, hã... duas, suponho.

– Mas e se forem pequenas?

Oh, meu Deus, até o deixava comer a caixa inteira se isso o fizesse sair daqui imediatamente.

– Podes comer três, se forem pequenas.

– Viva!

O Josh sai a correr pelo corredor com a caixa de bolachas, deixando-nos a olhar fixamente um para o outro no vestíbulo. O Tim abana a cabeça.

– É aquele o teu filho? É o Josh?

– Sim...

A confusão no seu rosto quase me faz querer estender os braços e abraçá-lo.

– Disseste-me que andava no jardim de infância.

– Nunca te disse isso.

– Mas tu... – Espreita-me por cima do ombro. – Podemos conversar lá fora por um minuto?

Preferia *realmente* não o fazer, mas tenho um pressentimento de que não tenho voto na matéria. É uma conversa que precisamos de ter, por mais que tenha vindo a receá-la. E não quero falar sobre isto ao alcance dos ouvidos do meu filho, o que o Tim sabe.

Saímos para o meu alpendre da frente, fechando a porta atrás de mim. Estou a apenas trinta centímetros do Tim e quase consigo distinguir os resquícios das sardas que costumava ter. Costumava conhecer tão bem o seu rosto, ainda melhor do que o meu.

Éramos inseparáveis em pequenos. E pensávamos que ia ser sempre assim – sobretudo o Tim. Quando tínhamos seis ou sete anos, costumava falar do futuro de uma forma que me incluía sempre. Dizia coisas como: *Quando casarmos, devíamos comprar uma casa grande, com cinco quartos*. Às vezes, dava-me a sensação de que nunca deixou de pensar assim – parou apenas de o dizer em voz alta.

– Brooke – diz ele baixinho. – Que idade tem o Josh?

Fecho os olhos por um momento, na esperança de que talvez, quando os abrir, tudo isto seja um sonho realmente desconfortável. Volto então a abri-los.

Não. Não é um sonho.

– Tem dez anos – respondo.

– Dez? – A mão do Tim treme ao passá-la pelo cabelo. – Tem dez anos?

– Certo.

– Quer então dizer que o Shane é...?

Não precisa de terminar a pergunta. Sabemos ambos o que ele está a pensar. Mais vale dizer-lhe a verdade. Merece isso.

– Sim – confirmo. – É.

– Oh, meu *Deus*. – O Tim está com ar de quem vai vomitar. – Não fazia ideia de que tu...

– Bem, agora já sabes porque deixei a vila.

– Sim, mas... – Olha para a porta de minha casa. – O Josh sabe quem é o pai?

– Não. E gostaria de manter as coisas assim.

– O *Shane* sabe?

Abano vigorosamente a cabeça.

– Não. Nem pensar.

O Tim olha novamente para a porta de minha casa, os olhos mais arregalados a cada segundo que passa.

– Cristo, até é *parecido* com o Shane.

– Eu sei. – Mordo o lábio. – Parece-se com ele, mas não é nada como o Shane. É muito bom menino.

– Oh, *céus*.

A sua reação é basicamente a que eu esperava. O Tim nunca gostou do Shane, mesmo antes de todas as coisas terríveis que ele fez. Devia ter sabido que reagiria assim. Mas continua a ser difícil de ver. Às vezes, as pessoas fazem exatamente o que pensamos que vão fazer e ainda assim conseguem desiludir-nos.

– Olha... – diz o Tim, dando um passo atrás. – Acho que talvez seja melhor ir. Isto foi... má ideia.

Já não está a pensar em como, quando casarmos, vamos construir uma gigantesca casota para os cães com dois andares no jardim das traseiras. O que não tem mal. Uma casota assim tão grande não era prática, fosse como fosse.

O Tim está prestes a partir quando o Josh irrompe da casa. Parece ligeiramente ofegante e tem os lábios cobertos de migalhas de bolacha.

– Mãe! – diz ele. – O lava-loiça da cozinha está avariado.

Oh, fantástico. Esta noite não para de melhorar.

– Tens a certeza?

O Josh assente solenemente.

– Sim. Quando abro a água, só sai lenta ou muito depressa, e molhei-me todo!

Tenho saudades do meu antigo apartamento em Queens. Tínhamos um senhorio e um supervisor e, se algo avariasse, só tínhamos de lhes ligar. Suponho que terei de descobrir uma forma de arranjar eu mesma o lava-loiça.

– Tim? – Mais vale perguntar-lhe antes que fuja. – Conheces algum canalizador a quem possa ligar, por acaso?

O Tim olha para a casa, franzindo ligeiramente o sobrolho.

– Posso dar uma olhadela, se quiseres.

– Sabes consertar um lava-loiça?

– Talvez. Tornei-me bastante decente a arranjar coisas em casa.

Não vou recusar. Os canalizadores são caros e, ainda que os meus pais me tenham deixado esta casa, não me deixaram muito dinheiro, depois de os impostos terem levado a sua parte.

– Está bem, obrigada.

O Tim segue-me para o interior da casa. É estranho, porque já estive nesta casa

centenas ou até milhares de vezes, mas não nos últimos tempos e não desde que ambos crescemos. Nunca cheguei a trocar a maioria da mobília que os meus pais tinham, mas não é a mesma de quando éramos miúdos. Parece diferente, mas igual. Um pouco como o próprio Tim.

– Tens uma caixa de ferramentas?

Penso por um momento.

– O meu pai tinha uma na garagem.

– Vou buscá-la! – diz o Josh.

O Tim e eu ficamos ali parados, constrangidos, enquanto o Josh corre para a garagem para ir buscar a caixa de ferramentas do meu pai. Felizmente, não demora muito tempo. Regressa passado um minuto, arrastando uma caixa de ferramentas preta que parece pesar mais do que ele.

– Muito bem – diz o Tim. – Vamos a isso. – Olha para o Josh, que o fita com os seus olhos grandes. – Não sei se consigo fazer isto sozinho. Achas que me podes ajudar?

– Sim!

Parece ainda mais entusiasmado com o conserto do lava-loiça do que estava com as bolachas.

*

Passo os primeiros cinco minutos a observar ansiosamente o Tim e o Josh, mas depois apercebo-me de como é aborrecido ver duas pessoas a arranjar um lava-loiça, pelo que vou ler para a sala de estar. Ouvem-se muitas batidas fortes e o som intermitente de água a correr e, a dada altura, juro que os oiço ambos a rir.

Cerca de uma hora depois, o Tim sai da cozinha, a limpar as mãos às suas calças de ganga azuis. O Josh segue-o passado um segundo.

– Mãe, conseguimos! O senhor Reese consertou o lava-loiça!

O rosto do Tim abre-se num sorriso.

– Na verdade, foi aqui o Josh quem fez a maior parte do trabalho. Eu estive só a modos que a observar.

– E ajudou-me a apertar aquele parafuso.

– É verdade. É certo que fiz isso.

O Josh sorri ao Tim.

– Agora, pode arranjar o puxador lá de cima que está sempre a cair. E eu ajudo.

O sorriso do Tim esmorece.

– Hã, bem...

Levanto-me do sofá.

– Josh, o senhor Reese tem demasiado que fazer para consertar todas as coisas em

nossa casa. E está a ficar tarde.

O rosto do Josh ensombra-se. É como se alguém lhe tivesse dito que o seu cão acaba de morrer.

– Oh.

– Mas posso passar por cá amanhã – acrescenta o Tim. – Quer dizer, se a tua mãe não se importar.

– Por mim, tudo bem. – O meu olhar encontra o dele. – Se tu não te importares.

– Não me importo.

O Josh olha de um para o outro, de rosto franzido.

– Então... vamos arranjar o puxador?

– Sim – confirma o Tim. – Amanhã, está bem?

Mando o Josh preparar-se para ir para a cama enquanto acompanho o Tim à porta. Sinceramente, não pensei que o fosse voltar a ver depois da conversa que tivemos. Mas agora parece quase esquecida. Embora tenha a certeza de que o Tim não se esqueceu.

Paramos quando o Tim sai para o exterior.

– Obrigada por teres feito isto – digo eu.

– Sem problemas. – Por um momento, ele fica a olhar para mim, pensando no que dizer a seguir. – Tinhas razão, Brooke.

– Tinha? Sobre o quê?

– Ele é um bom menino.

Dito isto, o Tim dá meia-volta e começa a descer o caminho de regresso à sua própria casa.

Acordo em sobressalto. Os meus olhos abrem-se de repente e demoro um segundo a lembrar-me de onde estou. Estou em casa do Shane e ele está deitado na cama ao meu lado, ainda a respirar profundamente. Mas ouvi qualquer coisa. Um grito. Tenho a certeza.

Olho para o meu relógio. São três da manhã.

– Shane. – Sacudo-lhe o ombro nu até os seus olhos se entreabrirem. – Ouvi qualquer coisa.

– Hã? – pergunta ele, esfregando os olhos com as costas da mão. – O que se passa?

– Ouvi um...

E então ouvimo-lo outra vez. Um grito de gelar o sangue, só que desta vez consigo distinguir claramente uma palavra a ser gritada:

– *Brooke!*

O Shane senta-se direito na cama, subitamente tão acordado como eu me sinto. Passa as pernas sobre a lateral da cama e veste as suas calças de ganga azuis largas. Enfia uma *T-shirt* por cima da cabeça enquanto eu me debato com as minhas calças de ganga justas. Ainda está de meias quando estende a mão para a porta do quarto.

– Onde vais? – pergunto eu ansiosamente.

O seu olhar dardeja para o puxador.

– Estava alguém a gritar lá em baixo. Tenho de ir ver o que se passa.

– Não sem mim.

Nem pensar que me vai deixar sozinha neste quarto. Abotoo as minhas calças de ganga e visto a minha camisola.

– Devias ficar aqui em cima – diz o Shane. – Pode não ser seguro.

– Quero ir.

O Shane abre novamente a boca para protestar, mas as palavras são abafadas por outro grito.

– Brooke!

Saímos do quarto e esbarramos contra a Kayla e o Tim ao cimo das escadas. Parecem ter ambos vestido as suas roupas tão apressadamente como nós. Pergunto-me o que estariam a fazer ali dentro. Maioritariamente a dormir, espero eu.

– Ouviram aquilo? – pergunta o Tim. A Kayla está agarrada ao seu braço.

O Shane assente solenemente. Olhamos todos para baixo e, mesmo do segundo andar, conseguimos ver que a porta da frente está escancarada. Gotas de chuva humedecem a alcatifa mesmo junto à porta.

– Chelsea – murmuro eu.

Tem de ter sido a Chelsea a gritar. Porque não foi a Kayla e não fui eu, por isso a Chelsea é a única que sobra. Mas porque haveria ela de chamar o meu nome? Porque não chamaria pelo Brandon se houvesse algum problema? A menos que...

Se o Brandon fez alguma coisa para a magoar, vou matá-lo.

O Shane é o primeiro a começar a descer as escadas, dois degraus de cada vez. O Tim vai a seguir e eu em terceiro. A Kayla deixa-se ficar para trás, num distante quarto lugar. Não a culpo. Não é grande amiga de nenhum de nós e, se houver problemas, provavelmente não se quer envolver.

O Shane é o primeiro a chegar à porta da frente. Agarra-se ao caixilho da porta, inclinando-se para o pequeno alpendre. Então, vê algo que o faz arregalar os olhos e dá um passo atrás.

E então oiço soluços.

O Tim sai para o alpendre em segundo lugar. Reage de forma muito semelhante ao Shane. Por esta altura, estou desesperada por saber o que se passa. Quase tropeço, na ânsia de chegar à porta da frente. E quando chego ao exterior...

Oh. Oh, meu Deus...

A Chelsea está de joelhos ao lado do Brandon, que está deitado de costas no alpendre molhado, o peito uma confusão de sangue vermelho-escuro. O mesmo material vermelho-escuro escorre-lhe da boca, e tem os olhos entreabertos, a fitar o vazio. A Chelsea segura-lhe na mão, soluçando descontroladamente enquanto a chuva cai torrencialmente sobre eles.

– O que aconteceu? – consigo perguntar.

– Oh, Brooke! – Atrapalhadamente, a Chelsea levanta-se e abraça-me. Agarra-se a mim, apesar de me estar a encher as roupas de sangue e água. – Vim cá abaixo porque o Brandon não estava na cama. Vi que a porta estava aberta, por isso olhei para fora e...

– Está morto? – guincha a Kayla. Parece estar prestes a vomitar.

O Tim ajoelha-se junto ao corpo. Leva os dedos ao pescoço do Brandon, em busca

de uma pulsação. Abana a cabeça.

– Foi-se.

A Chelsea desfaz-se em soluços mais altos. Continua agarrada a mim, e dá-me a sensação de que sou sobretudo eu que estou a mantê-la de pé. Mais alguns segundos e estaremos as duas no chão.

– Leva-a para casa – diz-me o Shane. – Nós tratamos do que está cá fora.

A Kayla e eu ajudamos a Chelsea a regressar a casa e levamo--la para o sofá. Enterra o rosto nas mãos, incapaz de parar de chorar. Esfrego-lhe as costas enquanto a Kayla agarra no telemóvel que tinha abandonado na mesa de café quando descobriu que não havia rede. Olha para o ecrã.

– Continua a não haver rede – resmunga. Ergue o olhar para a porta e chama. – Shane, disseste que havia um telefone fixo, certo? Onde está? Temos de chamar a polícia.

– Está junto à estante! – responde ele.

Rápida como um relâmpago, a Kayla dirige-se à estante. Pega num telefone sem fios. Prime um botão no aparelho e encosta-o ao ouvido. Franze o sobrolho, afasta o telefone do ouvido e prime outro botão.

– Shane! – A sua voz adquiriu um laivo de histeria. – O telefone não está a funcionar!

Um trovão sacode a casa, ainda que menos forte do que ao início da noite.

– Shane! – grita a Kayla.

Passados alguns segundos, o Shane entra em casa, batendo a porta de rede atrás de si. Tem o rosto ligeiramente corado e o cabelo e a camisola ensopados. Dirige-se ao local onde a Kayla está com o telefone sem fios e arranca-lho da mão. A Kayla observa-o, torcendo as mãos.

– Está morto – anuncia ele. – A tempestade deve ter danificado as linhas telefónicas.

Os olhos da Kayla esvoaçam pela sala.

– Então não há maneira de chamar a polícia?

– Não.

Ela abana a cabeça.

– Então vou sair daqui. Chelsea, onde estão as chaves do teu carro?

O Shane estreita os lábios.

– Kayla, queres fazer o favor de te acalmares por um minuto?

Um relâmpago fulgura, iluminando o rosto pequeno da Kayla, fazendo-a parecer quase demoníaca.

– Não, não me vou acalmar. Alguém acaba de ser *assassinado* nesta casa e agora não

há luz nem telefone. Vou sair daqui

imediatamente. Se não quiserem vir, mando um carro da polícia quando regressar à vila.

O Shane faz uma careta.

– Kayla...

A Kayla lança-lhe um olhar.

– Temos de ir, Shane. Porque não queres que vamos?

É uma boa pergunta, a da Kayla. Não queremos deixar o local de um crime, mas temos de contactar a polícia. E, se as linhas telefónicas estão em baixo, temos de ir até à esquadra. Os meus pais vão desfazer-me por completo quando descobrirem o que andei a fazer esta noite, mas não posso pensar nisso. Morreu uma pessoa.

E há uma probabilidade bem real de que alguém nesta sala seja o responsável.

A Chelsea põe-se de pé, de olhos ainda húmidos.

– A Kayla tem razão. Temos de sair daqui. Não sei quem fez isto... – Ergue o olhar para fitar o Shane, e depois o Tim, que se deixou ficar junto à porta. – Mas é óbvio que corremos algum tipo de perigo. Precisamos de sair daqui.

Estou de acordo.

A Chelsea e a Kayla envergam os seus casacos e sapatos totalmente inadequados e marcham para o exterior da casa, ignorando a chuva que continua a cair pesadamente. Eu calço os meus próprios ténis, mas não estão à altura do que parece ser um rio gélido a formar-se junto à porta da frente. Os meus ténis enchem-se de lama e de água gelada. Mal posso esperar para chegar a casa e fugir a este circo de horrores.

Antes que nos possamos enfiar no *Beetle* da Chelsea e regressar a casa, porém, ela para bruscamente. Oíço a sua súbita inalação um segundo antes de me aperceber do que está a ver.

Os seus quatro pneus foram todos cortados.

– Que raio? – arqueja ela.

Contornamos a lateral do seu carro até ao *Chevy* do Shane e a situação é a mesma. Os pneus estão despedaçados.

– Que diabo? – O Shane está agora furioso enquanto examina os danos nos seus pneus. – Quem faria isto?

A Kayla começa a recuar, abraçada ao peito enquanto abana a cabeça.

– Alguém não quer que possamos sair daqui.

– Kayla... – O Tim agarra-lhe no braço. – Olha, vamos resolver isto...

– Não! – Com um sacão, a Kayla afasta-se dele, de olhos subitamente desvairados.

– Um de vocês matou-o. Um de vocês fez isto e agora não quer que os outros

escapem.

– Kayla, isso é de loucos – diz a Chelsea.

– Será? – pergunta a Kayla, pestanejando para conter as lágrimas.

– Sim! – A Chelsea afasta do rosto uma madeixa do seu encharcado cabelo preto com as pontas descoloradas. – O Tim e o Shane não são assassinos. *Não* são.

– Talvez tenhas sido *tu* – retorque a Kayla.

– *Eu?*

– Sim, por que não? Afinal, toda a gente sabe que o Brandon te andava a trair. Talvez tenham discutido e não tenha acabado bem para ele.

Os lábios da Chelsea formam um O sobressaltado.

– Sua cabra...

Uma lágrima escapa do olho direito da Kayla. Ela limpa-a com as costas da mão, espalhando rímel pela face. Os seus olhos dardejам entre nós os quatro, a respiração mais acelerada a cada segundo que passa.

– Vou sair daqui, com carro ou sem ele.

– Kayla, não... – começa o Shane a dizer.

Mas é demasiado tarde. A Kayla deu meia-volta e vai a correr pelo caminho mal pavimentado em sentido contrário à quinta, a água da chuva a chegar-lhe acima dos tornozelos como se estivesse a atravessar a vau um córrego superficial. Provavelmente, pensou que não ia passar muito tempo ao ar livre durante esta noite fora, pelo que usa uns sapatos de salto grosso e o que costumava ser uma estilosa gabardina de cabedal antes de a chuva a destruir. O meu casaco e os meus ténis não estão muito melhor, mas sinto-me na mesma tentada a segui-la.

Mal chega a percorrer seis metros. Não sei se o seu pé fica preso nalguma coisa, mas rapidamente cai de cabeça na água lamacenta no solo. O Tim pragueja sonoramente e sai a correr atrás dela.

– Olha só para o Príncipe Encantado – murmura a Chelsea, em surdina.

Lanço-lhe um olhar.

– O quê? Achas que não devia ajudá-la?

A Chelsea não responde – limita-se a uma inspiração entrecortada. Tal como a da Kayla, também a sua maquilhagem lhe escorreu por todo o rosto, dando-lhe um aspeto quase maníaco. Ainda bem que a única coisa que pus esta noite foi batom, que saiu em grande parte quando eu e o Shane nos estávamos a beijar.

Inicialmente, parece que a Kayla não vai deixar o Tim ajudá-la, mas acaba por aceitar a sua mão e por o deixar pô-la novamente de pé. Lança um olhar pesaroso à estrada nas suas costas, que fica mais inundada a cada segundo que passa, e depois segue o Tim de regresso à quinta. É difícil dizer se o seu rosto está molhado de

lágrimas ou da chuva.

O Shane está junto à porta da frente e lança um olhar à Kayla quando ela regressa ao alpendre.

– Estás bem?

Ela fulmina-o com o olhar, mas não diz nada.

– Vamos para dentro – diz o Tim. – Ao menos estará seco.

Com essa declaração, não posso deixar de reparar em como ficou encharcado ao resgatar a Kayla. Estamos todos encharcados, na verdade. Parecemos um bando de ratos afogados. Ainda assim, a Kayla apanhou com o pior ao escorregar na lama. Tem o cabelo escuro colado ao crânio e a sua gabardina parece que vai ter de lhe ser descolada da pele. Tem salpicos de lama no rosto, misturados com a maquilhagem arruinada.

– Gostarias disso, não é verdade? – silva a Kayla. – De me encurralar na casa, sem saída...

– Ei... – responde o Tim, erguendo as mãos. – Estou só a dizer... não queremos apanhar uma doença aqui fora...

– Doença! – exclama ela, lançando um olhar horrorizado ao corpo do Brandon, ainda estendido no alpendre. – Morreu uma pessoa! E foi um de *vocês* que o matou! Tem de ter sido...

– Kayla... – Cuidadosamente, o Tim dá um passo na direção dela. – Precisas de te acalmar...

– Não me vou acalmar! – diz ela, dando um passo atrás e quase tropeçando nos seus próprios saltos. – Não confio em nenhum de vocês. Por isso, até a luz regressar, deixem-me em paz, caramba.

Dito isto, a Kayla volta a correr para dentro de casa. Os seus passos desaparecem escadas acima e o som da porta de um dos quartos a bater ecoa por toda a residência.

Na manhã seguinte, antes de iniciar as minhas consultas, faço uma viagem à enfermaria para ver como está o Shane.

Quando vou a descer outro longo corredor de luzes tremeluzentes, uma voz atrás de mim chama o meu nome. Paro e viro-

-me a tempo de ver Marcus Hunt a correr pelo corredor na minha direção.

Fantástico. O que foi agora?

Espero que não comece a importunar-me para pedir encontros. Não posso lidar com isso em cima de tudo o resto. Algo que posso dizer ao certo, ainda assim, é que vou começar a levar o meu gás--pimenta na mão em vez de o deixar na bolsa durante o trajeto até ao meu carro. Um bom esguicho desse material e ele saberá que tem de me deixar em paz.

– Brooke. – Trava bruscamente à minha frente. – Olá.

– Olá. – Evito-lhe o olhar. – Do que precisa, guarda Hunt?

Ele dá um puxão ao colarinho do seu rígido uniforme azul de guarda prisional.

– Pode tratar-me por Marcus.

Não respondo a isso.

– Do que precisa?

Vejo-o puxar de umas folhas de papel que tinha enfiadas no bolso das calças. Estende-mas – estão preenchidas com a sua caligrafia araneiforme. O nome na folha de cima é Malcolm Carpenter.

– Sei que andava a tentar conseguir aquele colchão para o Carpenter – diz ele. – Conseguimos um para alguém há um par de anos, e lembrei-me de que eram estes os formulários que tinham de ser preenchidos. Tentei preencher o máximo possível por si.

Olho para os papéis nas minhas mãos, estupefacta. Tenho vindo a debater-me, sem grande sucesso, por conseguir esse colchão para o Sr. Carpenter, e a Dorothy tem

tentado ativamente impedir-me de o obter. Tentei até ligar para o Dr. Wittenburg, que ao que parece é o meu médico supervisor, apesar de eu nunca ter conhecido o homem – e também não fui capaz de estabelecer contacto.

– Uau – digo eu. – Muito obrigada.

– Sem problemas – responde ele, com um piscar de olho. – Ei, estamos na mesma equipa, certo?

– Certo... – Espero que prossiga com um novo convite para tomar uma bebida, mas ele não o faz. – Enfim, é melhor passar pela enfermaria. Vou dar alta ao Nelson, se me parecer que está bem.

Ante a menção do nome do Shane, os olhos de Hunt ensombram-se. Vira a cabeça na direção da porta da enfermaria, com um olhar inflamado. Odeia o Shane, e não é claro o porquê. Segundo a Dorothy, o Shane não fez nada de particularmente terrível durante o seu tempo na prisão.

– Lamento que tenha um problema com o Shane Nelson – digo eu. – Mas tem-se portado lindamente comigo.

Bem, exceto daquela vez em que me tentou matar.

– Até aposto que foi simpático consigo – resmoneia Hunt.

– E, se tiver qualquer preocupação com a minha segurança, será o primeiro a saber.

– Olho-o nos olhos. – Prometo.

Ele pondera isto.

– Tenha só muito cuidado.

– Assim farei.

Vejo-o abanar a cabeça, como se não achasse que eu vou realmente ter cuidado, e tem razão. Apesar do mal que o Shane me tentou fazer há todos aqueles anos, não creio que vá tentar fazer algo agora, cercado por guardas capazes de o alvejar, se for preciso. E a verdade é que, ao olhar para ele agora, é difícil imaginar que alguma vez tenha sido capaz de tal coisa. Mesmo quando estávamos no tribunal, quando a memória do ar na minha traqueia a ser cortado ainda estava fresca na minha cabeça, era difícil olhar para o Shane e imaginá-lo a tentar matar-me. Parecia apenas o Shane – o rapaz por quem me apaixonei no campo de futebol.

Ainda não consigo perceber o que o levou a fazer todas aquelas coisas terríveis. Dupla personalidade? Um momento de insanidade? Mas não importa. Seja como for, está a pagar o preço.

A enfermaria da Penitenciária de Raker é uma pequena unidade com seis camas, onde podemos administrar tratamentos médicos básicos. Podemos dar antibióticos intravenosos, fluidos e monitorizar os pacientes que estão demasiado doentes para estar na população geral, mas não suficientemente doentes para estar no hospital.

Passo por lá logo de manhã cedo para fazer as minhas rondas e depois faço outra paragem antes de partir.

O Shane é o único preso a ocupar neste momento uma cama na enfermaria. Está deitado num dos colchões, de olhos fechados, o hematoma na sua testa muito mais escuro do que estava ontem. Apesar de a Dorothy ter dito ontem que não precisava de estar agrilhadoado, tem uma das pernas acorrentada à guarda da cama.

Uma jovem auxiliar de enfermagem de rosto límpido chamada Charlene está sentada à secretária da enfermaria. Dirijo-me a ela e aceno na direção das camas.

– O Nelson passou bem a noite?

– Sim, sem problemas.

– Porque está acorrentado à guarda da cama? – Não posso deixar de perguntar.

A Charlene encolhe os ombros.

– O Hunt veio cá ontem antes de ir para casa e pôs-lhe as algemas. Não sei porquê. Tem passado a maior parte do tempo a dormir. Só acordou para o pequeno-almoço. Dei-lhe um *Tylenol* para a dor de cabeça e foi muito simpático. Muito educado.

– Ótimo – digo eu.

– E é giro, não é? – Solta uma risadinha e fica com o rosto corado. – Preciso de sair mais, hã?

– Pois...

Olha para a terceira cama, onde o Shane parece estar ainda a dormir.

– Pergunto-me o que terá feito para acabar aqui.

A Charlene é suficientemente jovem para não se lembrar da agitação em torno do julgamento do Shane, mesmo sendo da zona de Raker. Mas não vou ser eu a pô-la ao corrente.

– Eu... não sei.

– Costumava pesquisar por eles no *Google* – continua ela. – Muitos destes tipos fizeram algo suficientemente mau para aparecer nas notícias. Mas era sempre uma deceção tão grande descobrir. Prefiro não saber.

– Sim – digo eu. – Sei o que quer dizer.

Deixo a Charlene com a sua papelada e dirijo-me à cama onde o Shane continua a dormir. Observo-o por um momento, a soprar suavemente ar por entre os seus lábios ligeiramente entreabertos. Tinha esperanças de que a minha presença junto à sua cama o acordasse, mas não foi assim. Por isso, estendo a mão e toco-lhe no ombro.

As pálpebras do Shane tremulam, e ele ergue os braços e esfrega-as com a base das mãos. Ao retirá-las, pestaneja. Arregala os olhos e inspira bruscamente.

– Brooke...

– Shane? – digo eu.

Ele volta a pestanejar.

– Oh, desculpa, eu... foi só estranho acordar e ver-te aí. Foi como que, enfim, uma espécie de *déjà vu*.

– Sim, compreendo. – Faço um esgar. – Como te sentes?

Vejo-o bocejar enquanto usa o botão para erguer a cabeceira da cama.

– Como se tivesse batido com a cabeça contra uma secretária. – Esboça-me um sorriso débil. – Estou bem. Tenho só uma dor de cabeça.

– Quão má, numa escala de zero a dez?

– Não sei. Quatro, talvez. Cinco?

– Náuseas? Tonturas? Confusão?

– Não, estou bem. – Tenta ajustar a sua posição na cama, ligeiramente entravado pela algema que lhe prende o tornozelo direito. – Só a dor de cabeça. Mais nada.

Olho para o grilhão no seu tornozelo.

– Posso dizer ao guarda Hunt para te tirar isso.

– Não – diz ele, acenando com uma mão. – Sinceramente, já estou habituado a estas coisas, por esta altura. Não tem importância. E, se forces a questão, só fará com que ele me odeie mais.

– Tudo bem. Se tu o dizes...

Faço um exame neurológico para confirmar que não há nada de preocupante que exija mandar o Shane fazer um exame à cabeça. Mas ele parece estar bem, como disse. Tem só o hematoma na cabeça. Embora repare na forma como se retrai quando lhe aponto a caneta-lanterna aos olhos. A sua dor de cabeça é mais forte do que deixa transparecer.

– Queres algo mais forte para essa dor de cabeça?

Ele massaja a têmpora com os dedos.

– Não, estou bem. Tomei um *Tylenol*. Eu aguento.

Não faço ideia do motivo que levou a Elise a escrever «dependente» na ficha do Shane. Este homem está nitidamente em sofrimento e nem sequer quer pedir nada.

– Pareces bastante desconfortável. Posso dar-te um *Fioricet*, se quiseres?

Ele assente, agradecido.

– Sim, está bem, tomo um desses.

– Sem problemas.

– Além disso... – Os seus olhos castanhos erguem-se para mim. – Prometo que nunca mais volto a puxar aquele assunto de que falámos ontem.

Cerro os maxilares.

– Ótimo.

– Sei o que pensas de mim – diz ele – e sei que, diga eu o que disser, não o levarás a

sério...

– Shane...

– Mas há só uma coisa que tenho de te dizer... – As palavras saem-lhe apressadas, como se temesse que eu pudesse sair antes de ele terminar, o que é uma possibilidade real. – Nunca me perdoaria se não o fizesse...

– Por favor, não faças isto, Shane...

– Tens de te manter longe do Reese. – Os seus olhos ligeiramente raiados de sangue estão enormes ao fixar-me. – Faz só isso por mim. Está bem?

– Shane...

– Não me interessa se achas que sou um... um assassino – diz ele, com a voz embargada. – Apenas... tens de te manter longe do Tim Reese. Ele é perigoso. *Por favor*, Brooke.

Olho-o nos olhos e vejo lá verdadeiro medo. Desce-me um arrepio pela espinha. Não sei como pode ele achar que o Tim é perigoso. É tão óbvio que o Tim não é perigoso. Jamais poderia acreditar nisso sobre ele. O Shane tem de estar a fingir.

Tem de estar.

– Tudo bem – digo eu.

– A sério?

– *Sim*.

Ele reclina-se na cama, relaxando os seus traços faciais.

– Obrigado, Brooke.

Não será a primeira vez que lhe menti.

A Chelsea está ajoelhada sobre o corpo do Brandon, a soluçar baixinho. Estende uma mão e passa-lha pelo maxilar frouxo. Os restantes de nós estão no alpendre, os rapazes a mudar desconfortavelmente de posição. O Shane também deve estar devastado com isto – o Brandon era o seu melhor amigo – mas não disse grande coisa desde que descobrimos o corpo. Não que eu estivesse à espera de ver um adolescente irromper em prantos como a Chelsea está a fazer.

A Chelsea ergue o rosto lacrimoso para nos fitar.

– O que vamos fazer com o corpo?

O Shane e o Tim trocam olhares.

– Vamos deixá-lo aqui – responde o Shane.

– Vão simplesmente deixá-lo? – explode a Chelsea, levantando-se. – Aqui ao frio?

Não digo o que todos estamos a pensar, que o Brandon não se vai sentir incomodado com o frio. Já não.

– Tenho alguns cobertores extra no armário da roupa de casa – oferece o Shane. – Se quiseres um.

A Chelsea hesita por um segundo, após o que anui. O Shane regressa ao interior da casa, deixando-nos aos três à espera no alpendre. O Tim está a poucos centímetros de mim – tão perto que quase posso sentir o calor do seu corpo. Estende a mão e estabelece contacto com a minha, dando-lhe um apertão reconfortante por uma fração de segundo, antes de a porta se voltar a abrir com estrondo e o Shane regressar com o cobertor.

O cobertor de lã é azul-céu e parece ser do tipo que faria comichão, mas o Brandon não se vai importar muito. A Chelsea depõe suavemente o cobertor sobre a parte inferior do seu corpo, hesitando como que sem ter a certeza se lho deve pôr ou não sobre a cabeça. Finalmente, cobre-lhe também o rosto, transformando o seu namorado em nada mais do que um vulto a escurecer no alpendre da frente.

Leva as pontas dos dedos aos lábios, estendendo-as depois para ele.

– Amo-te, querido.

Mas amaria? Amaria mesmo? Ainda ontem estávamos a falar ao telefone e ela disse: *Odeio aquele sacana traidor.*

Olha para o resto de nós como que à espera de que intervenhamos. Eu mal conhecia o Brandon e o que sabia dele não me agradava lá muito. Mas não quero deixar a Chelsea pendurada, por isso murmuro:

– Vamos sentir a tua falta, Brandon.

– Vais fazer-nos falta – intervém o Tim passado um instante, apesar de detestar o Brandon tanto como eu.

A Chelsea olha para o Shane, cujos olhos se tornaram vítreos.

– Vamos descobrir quem te fez isto, mano – diz ele. – E vamos fazê-lo pagar.

*

Agora que dissemos o nosso último adeus ao Brandon, a Chelsea aceita voltar para dentro de casa para analisarmos as nossas opções quanto ao próximo passo. Infelizmente, essas opções são limitadas. As linhas telefónicas estão mortas, seja da tempestade ou de algo mais ominoso. Os pneus de ambos os nossos veículos estão cortados. E a tempestade lá fora continua tão má como sempre.

– A Kayla não teve grande sorte ao tentar regressar a pé à estrada principal – diz a Chelsea, de pé no meio da sala de estar, a torcer água dos seus longos cabelos. – Mas aposto que um de vocês conseguia fazê-lo. Não é assim tão longe, pois não? Quilómetro e meio, por aí?

– Dois quilómetros e meio – corrige o Shane, fazendo uma careta. – E viste como a estrada está escorregadia, por isso é uma caminhada difícil. Mas o que mais me preocupa é que, com a quantidade de vento, podem ter caído algumas linhas elétricas. Um passo em falso e podemos acabar eletrocutados.

Fantástico. Quer dizer então que as nossas opções são ficar aqui com um assassino a rondar ou correr o risco de nos afogarmos ou sermos eletrocutados.

– Acho que devíamos ficar aqui até a tempestade amainar – diz o Shane. – No mínimo, talvez recuperemos o serviço de telefone. E as estradas secarão.

Olho para o Tim, de sobrancelhas arqueadas. Ele solta um longo suspiro.

– Concordo. Não é seguro ir lá fora neste momento.

Ambos os rapazes parecem firmemente a favor de ficar onde estamos. Olho para a Chelsea, que está completamente encharcada. O seu rímel dissolveu-se em raias que lhe escorrem pelas faces, apesar de ela optar sempre pelo à prova de água. Suponho que o rímel à prova de água não é adversário à altura da tempestade.

– Brooke – diz ela. – Posso falar contigo? – Lança um olhar aos rapazes. – *A sós.*

Não espera por uma resposta. Agarra-me no braço e puxa-me para fora da sala, deixando o Shane e o Tim a olhar para nós. Não para até estarmos junto à porta das traseiras, que abre, puxando-

-me em seguida para o exterior e fechando a porta atrás de si.

– Chelsea, está frio cá fora! – Aperto os braços contra o peito. – Podemos voltar para dentro?

– Não. – A Chelsea lança um olhar quase acusador à porta das traseiras. – Estou muito assustada, Brooke. Alguém fez isto ao Brandon. Eles... Foi esfaqueado. Alguém o esfaqueou até à morte! Está morto!

– Eu sei...

Limpa os olhos com as costas da mão.

– Não estamos seguras aqui. Sabes disso, não sabes? Temos de sair daqui.

– Viste o que aconteceu à Kayla quando tentou fugir...

Os seus olhos parecem desvairados com o rímel a escorrer.

– A Kayla era a pior chefe de claqué da equipa. Mal aguentava uma sessão de treino. Tu e eu... aposto que podíamos fazê-lo. E, se não nós, então os rapazes, de certeza.

– Mas ouviste o que o Shane disse sobre as linhas elétricas...

– Ou talvez ele não queira que partamos. Já pensaste nisso?

Sim, pensei nisso. Mas não deixa de fazer sentido. Não me empolga a ideia de vaguear pelo caos do exterior, e muito menos sem calçado apropriado. Não é assim que as pessoas ficam com queimaduras do frio?

– O Shane não é um assassino – digo eu com firmeza. – Provavelmente, foi algum vagabundo de passagem pela região. É impossível que possa ter sido um de nós.

A Chelsea engole em seco enquanto tenta sorver ar. Parece estar a segundos de ter um ataque de pânico.

– Chels? – Franzo as sobrancelhas. – Chelsea, tens de respirar. Respira fundo, está bem?

– Estou bem – diz ela, fechando os olhos e concentrando-se na respiração. – Vou ficar bem.

Não sei o que fazer. Não dizem que é suposto enfiarmos a cabeça entre as pernas nesta situação? Mas a Chelsea parece ter tudo sob controlo. Agarra-se a mim, respirando fundo até os seus ombros relaxarem. Espero na rua com ela, apesar de estar bastante frio cá fora. Ainda que, agora que a luz falhou, também esteja bastante frio lá dentro. Mas ao menos não teríamos o vento a atirar-nos com gotas de água para cima.

– Estás bem agora? – pergunto-lhe eu, quando ela finalmente abre os olhos.

A Chelsea assente.

– Temos de voltar para dentro. – Não o digo como uma pergunta. Se ela não vier comigo, vou entrar de qualquer maneira. – Não podemos ficar aqui fora.

Ela fita-me por um momento, após o que aquiesce. Rodo o puxador da porta das traseiras e abro-a, sentindo-me obscenamente grata pelo ar seco da cozinha. Está escuro na cozinha, e ambas damos um salto ao ouvirmos a porta da divisão entreabrir-se.

– Brooke? – É a voz do Tim. Fico aliviada. Embora saiba que o Shane não é um assassino, não há ninguém em quem confie mais do que no Tim Reese. – És tu?

Assinto, mas então apercebo-me de que ele provavelmente não me consegue ver. O espaço está envolto em sombras.

– Sim, estamos de volta. Onde está o Shane?

– Foi lá fora ver se conseguia apanhar rede no telemóvel.

A Chelsea puxa-me o braço.

– Preciso de me sentar, Brooke.

A Chelsea parece estar outra vez muito trémula, por isso ajudo-a a atravessar a cozinha até à sala de estar. O Tim ajuda-me a apoiá-la e levamo-la para o sofá. Acaba por se deitar, com a mão pousada no rosto. Seja qual for o desfecho disto, a Chelsea nunca mais será a mesma. Encontrar o namorado assassinado arrasou-a.

– Ei – diz o Tim, batendo-me ao de leve no ombro. – Posso falar contigo por um segundo na cozinha?

Semicerro os olhos à Chelsea no escuro. Parece estar bem, por agora.

– Tudo bem. Mas não quero deixá-la muito tempo sozinha.

O Tim conduz-me à cozinha. Ao desaparecermos atrás da porta, passa-me pela cabeça o pensamento de que nenhum de nós devia estar sozinho neste momento. Devíamos manter-nos juntos. Mas estamos a deixar a Chelsea sozinha na sala de estar e o Shane anda a vaguear pelo exterior.

E se aconteceu algo ao Shane? E se está estendido no chão, morto, como o Brandon?

– Então, dei outra olhadela por baixo do cobertor. – O Tim retrai-se ao dizer as palavras. – Parece que o Brandon foi esfaqueado até à morte.

– Ah... ah, foi?

O rosto do Tim está tão próximo do meu que consigo distinguir todas as suas feições no escuro. Mas não consigo ver as sardas que geralmente são ligeiramente visíveis quando estou perto dele.

– Mas não havia nenhuma faca junto a ele. Ou pelo menos eu não consegui encontrar nenhuma.

– Oh...

O Tim sacode a cabeça na direção da bancada da cozinha.

– Fiquei com receio de que quem quer que fosse pudesse voltar, por isso vim à cozinha procurar uma faca. E sabes que mais? Todas as facas desapareceram.

Olho-o fixamente.

– O quê?

– É, não é? Muito estranho. Há um bloco de facas na bancada e está vazio.

Estremeço e abraço-me ao meu próprio corpo.

– O que quer isso dizer, então?

– Diria que quer dizer que quem quer que tenha feito isto planeou tudo com antecedência e se livrou de todas as outras armas na casa.

– Tim. – Sinto-me como se estivesse a sufocar. – O que estás a dizer?

– Acho que sabes exatamente o que eu estou a dizer, Brooke.

Passou um mês desde o início do ano letivo, e o Tim Reese tornou-se visita frequente em nossa casa.

Após ter consertado o lava-loiça e o puxador da porta, ele e o Josh embarcaram numa aparentemente interminável lista de projetos a abordar em casa. Afinal, é uma casa bastante velha, pelo que havia muita coisa a precisar de conserto. E, depois de acabarem de arranjar tudo, tiveram a ideia de construir uma estante para o quarto do Josh. Este fim de semana, vão pintá-la. (De verde-néon, ao que parece.)

Embora estivesse ansiosa com a minha mudança para cá, todas as minhas reservas se desvaneceram. Trabalhar na prisão tem os seus altos e baixos (não vi o Shane nem uma vez no último mês, mas não deixa de estar bem *presente*), mas nunca vi o Josh tão feliz como tem estado aqui. Adora a escola e, mais importante, criou uma ligação com o Tim de uma forma que me surpreendeu imenso.

Ao chegar a casa esta noite, sinto o delicioso aroma a manteiga e alho. Estou bastante certa de que são os dois ingredientes favoritos da Margie em todo o mundo. E não há cheiro mais agradável a que regressar.

Encontro a Margie na cozinha, a preparar uma travessa de camarões com manteiga e alho. Apetece-me devorá-los, de tão bom aspeto que têm.

– Fiz a mais – diz-me a Margie – porque presumo que o simpático Tim venha cá jantar.

Começo a protestar, mas então apercebo-me de que o Tim jantou cá pelo menos meia dúzia de vezes nas últimas duas semanas. E recebeu-nos em sua casa três vezes.

– Sim, disse que era provável que viesse – murmuro.

A Margie ri-se.

– Não tem de ter vergonha de ter um namorado, Brooke.

– Ele não é meu namorado. – A Margie lança-me um olhar e eu abano a cabeça. – Não é. Somos só amigos.

É a verdade. O Tim passou cá muito tempo no último mês, mas não aconteceu nada entre nós os dois. Não tentou beijar-me. Quando vimos um filme, há alguns dias, não bocejou nem tentou passar o braço por cima do meu ombro. Somos amigos – como sempre. A sua descoberta de que eu e o Shane temos um filho juntos aniquilou quaisquer sentimentos que tivesse por mim.

– Devo avisá-la então – diz a Margie – de que o Josh anda a fazer algumas perguntas muito interessantes sobre ele.

Oh, não. O que quer *isso* dizer?

Depois de a Margie ter ido embora esta noite, dirijo-me à sala de estar, onde o Josh está a jogar na sua *Nintendo*. Está inteiramente focado no jogo, a língua ligeiramente de fora enquanto se concentra. A sua expressão é-me estranhamente familiar e demoro um segundo a perceber, com um sobressalto, que o Shane costumava fazer a mesma exata cara quando estava concentrado nalguma coisa.

– Olá, Josh. – Sento-me ao lado dele no sofá. – Como correu a escola hoje?

Ele não desvia os olhos do jogo.

– Bem. O Tim vem jantar cá a casa? – Na escola, o Josh tem de o tratar por Sr. Reese, o que o faz rir, mas em casa é apenas Tim.

– Josh... – Arrasto-me alguns centímetros para mais perto dele. – A Margie disse-me que andavas a fazer algumas perguntas sobre o Tim.

O Josh põe o seu jogo em pausa e atira o comando para o lado. Não sei o que está a pensar. Provavelmente, pensa que o Tim é meu namorado, tal como a Margie. Terei de o esclarecer. Não sei muito bem se a verdade o irá dececionar ou deixar aliviado.

– Bem – diz ele. – Perguntava-me se...

– Sim?

Respira fundo.

– O Tim é meu pai?

Sinto-me como se tivesse levado um murro no estômago. Não fazia a mínima ideia de que ele andava a pensar nisso.

– Josh...

– Porque conhecia-lo de antes de te mudares daqui – salienta o meu filho. – E eram muito chegados. E, além disso, ele é muito simpático...

Fita-me com uma expressão esperançosa no rosto. Mais do que tudo no mundo, gostaria de lhe poder dizer que o Tim é seu pai. Oxalá *fosse* seu pai. Ou oxalá o seu pai fosse um ser humano decente com quem houvesse a mais ínfima hipótese de eu poder acabar... ou de poder, pelo menos, permitir ao meu filho passar algum tempo na sua companhia.

– Lamento, querido – digo eu. – O Tim não é teu pai.

O Josh parece devastado. Parece tão triste que uma pequena parte de mim gostaria de ter simplesmente mentido e lidado com as consequências mais tarde. Mas, claro, não podia fazer isso. Tinha de lhe dizer a verdade.

Começo a passar o braço em seu redor, mas a campainha toca, ecoando pela casa. Ao ouvi-la, o Josh pega no comando da sua *Nintendo* e reinicia o jogo.

– Quero só acabar este nível antes do jantar – diz ele.

– Josh – peço-lhe eu. – Quero falar mais sobre isto contigo... Sei que estás desiludido...

– Não, não estou. – Os seus olhos estão de novo no ecrã da televisão. – Não quero falar sobre isso.

Tudo bem. Não há como competir com a *Nintendo*, por isso mais vale ir abrir a porta. Claro que quase de certeza que é o Tim, que chegou para jantar. Devia dar-lhe uma chave. Não como se estivéssemos numa relação, mas da mesma maneira como se dá uma chave de reserva ao vizinho. Para o caso de ficar trancada fora de casa ou assim. Quer dizer, a única outra pessoa que tem a chave é a Margie, e ela vive longe, na vila ao lado.

O Tim está à porta da frente, com as mesmas calças daqui e camisa formal que levou para o trabalho, mas sem gravata. Estende os braços, pois sempre que cá vem abraçamo-nos à porta. É o que os amigos fazem, certo? Abraçamo-nos. Não é como se nos cumprimentássemos com uns amassos.

– Olá, Brooke – diz ele. – Cheira maravilhosamente aqui dentro.

– Obrigada – respondo, apesar de não ter sido eu a cozinhar o camarão.

Mas cheira realmente bem em toda a casa. Podia sentir o cheiro no vestíbulo. E só quando estou nos braços do Tim é que me apercebo de outro cheiro. Algo extremamente familiar, mas bem menos agradável do que o aroma a manteiga e alho. É *sândalo*.

Bruscamente, afasto-me do Tim, com o nariz franzido de repulsa.

– Oh, meu Deus, o que estás a usar?

Os olhos do Tim abrem-se de repente e ele agarra-se ao colarinho da sua camisa.

– O que foi? É só uma camisa de algodão.

– Não! Refiro-me a esse cheiro!

– Cheiro? – Passa uma mão pelo queixo barbeado. – Fiz a barba antes de vir e pus um pouco de *aftershave*. Mas...

O cheiro a sândalo entranhou-se nas minhas narinas. De cada vez que inspiro, sinto os elos daquele colar a apertarem-se em torno da minha garganta. Afasto-me um passo dele.

– Por favor, vai lavá-lo. Já.

– Mas...

– Já. *Por favor.*

Obedientemente, o Tim dirige-se à casa de banho. Oiço a água a correr e ele fica uns bons minutos lá dentro, o que me leva a crer que está a fazer um esforço sério para tirar todo o *aftershave*. Quando sai da casa de banho, a sua pele parece ligeiramente rósea.

– Muito bem – diz ele. – Acho que já saiu.

Arrisco uma inspiração experimental. Já não sinto o cheiro. Graças a Deus.

– Obrigada.

– Claro. – Há um profundo sulco entre as suas sobrancelhas. – Sem problemas...

Bem, agora ele acha que estou louca. Tenho de lhe explicar isto. Ao contrário dos outros homens, ele irá entender.

– Quando o Shane tentou... tu sabes... estava a usar *aftershave* de sândalo. Agora, esse cheiro deixa-me doente.

– Oh! – exclama o Tim, esfregando o queixo. – Jesus, Brooke, lamento imenso. Não fazia ideia. Recebi esse *aftershave* de presente, mas vou deitá-lo fora.

– Não tens de fazer isso...

– É óbvio que tenho. – Esboça-me um sorriso de esguelha. – Não faz mal. Seja como for, odeio *aftershave*.

Retribuo-lhe o sorriso.

– Por que o estavas a usar, então?

– Não sei. Provavelmente, estava a tentar impressionar o Josh.

Por um momento, ficamos parados no vestíbulo, a olhar fixamente um para o outro, e há uma súbita centelha de eletricidade entre nós. Perscruto-lhe o rosto, perguntando-me se também a sentirá. Embora julgue que o Tim está firmemente em território da amizade, pergunto-me se haverá alguma possibilidade de estar errada.

Desde que ele nunca mais volte a usar aquele *aftershave* de sândalo.

Depois de terminado o jantar e de ter levado o seu prato para o lava-loiça, o Josh vira-se para o Tim.

– Podemos ir lançar umas bolas para o jardim das traseiras?

Fico aliviada por o Josh continuar a parecer gostar do Tim, mesmo não sendo o seu pai. Mas, por mais que queira que criem laços, tenho de intervir.

– Já fizeste os trabalhos de casa?

O Josh desvia o olhar.

– Não...

– Bem, aí tens a tua resposta, então.

O Josh geme, mas o Tim confirma o meu veredicto – adoro ter outro adulto do meu lado.

– Faz os teus trabalhos de casa – diz ele – e amanhã podemos ir ao parque com o teu taco. Podemos treinar *a sério* sem partir nenhuma janela.

Assentindo avidamente, o Josh apressa-se a subir as escadas até ao seu quarto. O Tim levou-o ao parque algumas vezes, entre os seus projetos de requalificação da casa. Sinto-me um pouco culpada por a minha família estar a devorar toda a sua vida social. Quer dizer, é um homem *solteiro*. Não é como se tivéssemos uma relação. Não devia passar todos os fins de semana encalhado connosco, a arranjar coisas em minha casa e a levar o meu filho ao parque.

– Não tens de fazer isso – digo-lhe eu, depois de a porta do

Josh se fechar. Ainda que, se ele me disser que não vai levar o Josh ao parque amanhã, seja capaz de chorar. Já fui com o Josh ao parque para o deixar treinar o uso do taco e sou epicamente má a

fazê-lo. Não conseguiria apanhar a bola nem que a minha vida

dependesse disso, pelo que passo a maior parte da tarde a baixar-

me para evitar que a bola me bata na cabeça ou a persegui-la enquanto o Josh fica parado a ver.

– Também é divertido para mim. – Vejo-o encolher um ombro. – Sabes, é um

batedor *mesmo* forte. Consegue atirar aquela bola para mais longe do que eu.

– Fez o maior número de *home runs* da sua equipa da Liga Infantil no ano passado – digo eu orgulhosamente.

– Acredito. É um atleta nato.

Embora seja um elogio, o comentário do Tim cai-me como um peso no estômago. Porque o Shane também era um atleta nato. Estrela dos lançadores e tudo o mais. Se o Josh alguma vez me pedir para entrar para a equipa de futebol americano, darei o meu melhor para o dissuadir.

O Tim recolhe o resto dos pratos da mesa e leva-os para o lava--loija. Abre a água quente e pega no frasco de detergente.

– Posso tratar eu disso – insisto. – São só alguns pratos.

– Quero ajudar – diz ele. Puxa-me o tabuleiro do fogão das mãos e mergulha-o na água cheia de espuma. – Vá lá, que tipo de idiota seria eu se viesse aqui, jantasse de borla e depois me pusesse a andar?

– Para ser justa, fizeste para aí uns seis dígitos em reparações nesta casa.

Ergue-se vapor do lava-loija enquanto o Tim esfrega o tabuleiro.

– Nem pensar. Foi *no máximo* ao limite superior dos cinco dígitos.

Dou-lhe uma palmada brincalhona no braço. Ou começo a fazê-lo, mas então a minha mão demora-se no seu bíceps. Deve... enfim, fazer exercício. O Tim olha para mim, as sobrancelhas praticamente junto à linha do cabelo. Por um momento, ficamos apenas ali parados, de olhos presos um no outro. Então, ele estende a mão e desliga a água do lava-loija. Limpa as mãos a um pano de cozinha.

Depois, agarra-me e beija-me.

Deixo-o fazê-lo. Ou melhor, mais do que deixo. Agarro-o pelo colarinho e puxo-o para mais perto de mim como se não tivesse beijado um homem na última década, o que anda assustadoramente perto da verdade. Durante uns bons sessenta segundos, ficamos a curtir na cozinha como se o mundo estivesse prestes a acabar. É esse o tempo que demoro a lembrar-me de que o meu filho está mesmo no andar de cima, e então afasto suavemente o Tim.

Tem o rosto corado e fita-me como se bastasse eu dizer uma palavra para irmos diretos para o meu quarto.

– Jesus, Brooke – diz ele.

Tenho de tirar um segundo para recuperar o fôlego.

– Pensava que andavas só à procura de amizade.

– Sim, bem, isso foi treta e tu sabias.

– Não sabia, não.

Ele lança-me um olhar.

– Vá lá. Sabes que estou apaixonado por ti desde que tinha quatro anos.

O meu coração salta-me no peito. Sim, a um certo nível, sabia que era isso que o Tim sentia por mim. Apesar de ter namorado com outras raparigas, nunca olhou para elas da forma como olhava para mim. Mas eu nunca senti o mesmo por ele. Não até há pouco tempo.

– Eu só... – Olho para o cimo das escadas, esperando que a porta do Josh esteja fechada. – Temos algo bom a acontecer aqui. O Josh adora-te. E és o meu melhor amigo. Sinto que... Tenho medo de estragar isso, sabes?

– Concorde. Temos algo bom a acontecer. – Estendendo o braço, toma a minha mão na sua e, mais uma vez, eu deixo. – Mas acho que podíamos ter algo *melhor*.

Tem razão, claro. Por mais maravilhoso que tenha sido tê-lo por perto no último mês, seria melhor se estivesse cá mais. Se a nossa amizade fosse mais. Eu e o Tim... podíamos ter tudo.

– Tenho uma vida tão ocupada entre o meu emprego e o Josh – saliento. – Talvez ficasses melhor com alguém mais simples. Ainda podias sair com aquela empregada do Shamrock. Kelli, não era? – A Kelli era um pouco louca, mas gostava nitidamente muito dele, e de certeza que não tem um filho de dez anos com o ex-namorado encarcerado.

– Brooke, escuta. – O Tim aperta-me a mão enquanto me olha diretamente nos olhos. – Há dez anos que não te via. Durante esse tempo, saí com um bom número de raparigas. Mas nunca resultou. Não podia. E tudo porque não conseguia parar de pensar em ti. Se namorasse com qualquer outra pessoa, não seria justo para ela. – A sua maçã de Adão agita-se. – Nunca sentirei por mais ninguém aquilo que sinto por ti.

Estou capaz de chorar. É a coisa mais bonita que alguma vez me disseram. O Tim é tão doce e *sexy* e é fantástico com o meu filho. Devia atirar-me para os seus braços e agradecer à minha estrela da sorte.

Mas, por alguma razão, não consigo desligar a voz do Shane Nelson dentro da minha cabeça.

Mantém-te longe do Tim Reese. Ele é perigoso.

Por favor, Brooke.

É ridículo, claro. Sabia-o quando ele o disse e sei-o agora. Mas não consigo afastar a sensação de que isto correu um pouco bem de mais. De que o Tim é demasiado perfeito. Sobretudo para alguém como eu.

– Brooke? – O Tim está de cenho franzido. – Olha, não quero pressionar-te. Se não quiseses isto, podemos fingir que nunca aconteceu. Se quiseses que sejamos apenas amigos, tudo bem. Quer dizer, tudo *bem* não. Seria uma verdadeira treta. Mas...

– Cala-te – digo eu. Não sei se estou a falar para o Tim ou para a voz do Shane na minha cabeça. Mas não importa – Tens razão.

Um sorriso volta a aflorar-lhe ao rosto.

– Tenho? Sobre o quê?

– Não estarmos juntos *seria* uma verdadeira treta.

Agarro-o pela camisa e puxo os seus lábios para os meus. Ele retribui-me o beijo com a mesma avidez. E, durante todo esse tempo, ignoro o ligeiríssimo laivo de sândalo que se agarra ao colarinho da sua camisa.

O Tim odeia o Shane. Acha que devia acabar tudo com ele. Mas aquilo de que o está a acusar vai um passo além disso. Está a acusar o meu namorado de homicídio.

– Tim – sussurro. – Estás a dizer que achas que o Shane...?

Os olhos do Tim fulguram quando a divisão é fugazmente iluminada por um relâmpago.

– É a casa dele. A haver alguém que quisesse planeá-lo...

– Mas por que faria ele isso?

– Por que espancaria um miúdo inocente? Porque é uma pessoa terrível. É o que te tenho vindo a dizer, Brooke.

As minhas pernas parecem de borracha debaixo de mim. O Shane não é uma pessoa terrível. O Tim não o conhece como eu. Se tivesse estado no quarto e visto como o Shane foi doce, terno e *afetuoso*, não diria essas coisas. O Shane jamais faria mal a alguém.

– Por que haveria ele de matar o Brandon? É o seu melhor amigo.

– Melhor amigo? – repete ele, abanando a cabeça. – Não creio que nenhum desses cretinos tenha capacidade para esse tipo de lealdade. São amigos, mas odeiam-se.

– Não acredito nisso.

– Acredita no que quiseres.

– Diz-me uma coisa. – Semicerrou os olhos na sua direção. – Quando tu e o Shane estavam juntos na sala de estar mais cedo, estavam a falar de quê?

Por um momento, ele fica em silêncio.

– O quê?

– Quando chegámos, estiveram os dois a conversar. O que lhe disseste?

Mesmo na cozinha escura, consigo ver o seu maxilar contrair-se.

– Disse-lhe só que era melhor que te tratasse bem.

– Estou a ver.

– Escuta. – Os seus dedos fecham-se sobre o meu pulso. – Isto não é nenhuma brincadeira. O Shane é perigoso. E, enquanto estavas lá fora, andei a vasculhar a casa em busca de algo que pudesse usar como arma.

É então que reparo no objeto na outra mão do Tim, que tem estado a segurar desde que eu e a Chelsea regressámos à casa. Semicerro os olhos às trevas.

É um taco de basebol.

– É mais comprido que uma faca – diz ele. – Se ele tentar atacar-me, dou-lhe uma pancada na cabeça.

– Tudo bem. – Se o Tim causar um traumatismo craniano ao Shane, não será a pior coisa a acontecer aqui esta noite.

Ele lança-me um longo olhar.

– Vamos certificar-nos de que nos mantemos juntos, está bem? Não deixarei que nada te aconteça.

Acredito nele.

Quando regressamos à sala de estar, a Chelsea continua deitada no sofá, mas, pelo lado positivo, o seu peito não parece estar coberto de sangue e de facadas. O Shane está também na sala de estar, a sacudir água da roupa e do cabelo. Consigo vê-lo apenas o suficiente para reconhecer que ficou ensopado lá fora.

– Alguma sorte a encontrar rede? – pergunto eu.

– Lamento, mas não. – Bate com os ténis no chão, tentando tirar alguma da água e da lama de cima deles. – Acho que estamos presos aqui até de manhã.

A Chelsea ergue-se com esforço para uma posição sentada no sofá.

– Espero que a Kayla esteja bem lá em cima.

Puxo o floco de neve do meu colar.

– Talvez devêssemos ir ver como está?

– Porquê? – pergunta o Shane. – Não nos parecia querer perto dela.

– Eu sei, mas estava aterrada – responde a Chelsea. – Provavelmente, por esta altura já se acalmou. É melhor nenhum de nós estar sozinho, certo?

Faz-se um longo silêncio enquanto ponderamos a sugestão da Chelsea. A Kayla parecia histérica antes, e não estou ansiosa por a voltar a ver neste momento, em que também eu estou já um pouco histérica. Mas, por outro lado, também estou preocupada com ela. Quando alguém está assim tão perturbado, pode fazer coisas estúpidas.

– Batemos só à porta – diz o Tim. – Se ela nos mandar embora, é isso que fazemos.

Ninguém quer ficar para trás na sala de estar, por isso subimos todos os degraus até aos quartos. A escadaria está escura, e agarro-me ao corrimão para não cair. Apesar de ser difícil ver, consigo sentir a presença do Tim mesmo ao meu lado, a pairar junto a

mim com aquele taco de basebol apertado na mão direita.

A Kayla voltou para o quarto onde ela e o Tim dormiam profundamente quando o grito da Chelsea nos acordou a todos. Ou, pelo menos, é isso que deduzo com base no facto de ser a única porta que está fechada. A Chelsea é a primeira, avançando cuidadosamente pelo corredor até chegar à porta fechada. Após uma hesitação, bate com o punho nela.

Não obtém resposta.

– Kayla? – chama a Chelsea. – Estás bem?

Mais uma vez, não há resposta.

A Chelsea pigarreia.

– Não vamos tentar entrar. Só queremos que nos digas que estás bem. – Faz uma pausa. – Kayla?

A fresta de luz que entra pelas janelas do andar de cima permite-me ver o Tim a olhar para mim. Olho-o nos olhos e ele abana a cabeça. Consigo ouvir o taco a mudar de posição na sua mão.

A Chelsea vira-se para nós.

– Não responde. O que devemos fazer?

– A porta não tem trinco – diz o Shane.

– Eu... – A voz da Chelsea treme. – Não consigo fazer isto.

Antes que possa haver mais discussão, o Shane passa por ela com um empurrão. Ouve-se um rangido quando a maçaneta roda e, passado um segundo, a porta do quarto abre-se.

Apesar de estar escuro no quarto, há mais luz do que no corredor, pelo que os nossos olhos já se ajustaram. O que significa que consigo ver pormenores que de outro modo não conseguiria. Como a estante ao canto. Ou a cama no meio do quarto.

Ou a Kayla deitada na cama, com o peito coberto de sangue fresco e os olhos a fitar fixamente o teto.

O Sr. Fanning tem um dedo partido.

Não sei como partiu o dedo. Perguntei-lhe antes de o enviar à radiologia para fazer uma radiografia, mas ele mostrou-se esquivo em relação aos pormenores. A radiografia mostrava uma fratura na falange média do seu dedo mindinho, pelo que liguei ao departamento de radiologia do hospital local, que fornece relatórios oficiais das nossas radiografias, para confirmar que a fratura não atravessava nenhuma articulação nem estava deslocada. Parece uma fratura simples – do tipo que facilmente se pode tratar com imobilização.

Depois de desligar o telefone à radiologia, saio da sala de exame para encontrar o Sr. Fanning sentado numa das cadeiras de plástico do corredor, a gracejar com o guarda Hunt. Hunt é abertamente hostil para com a maioria dos reclusos, por isso surpreende-me vê-lo de boas relações com Fanning.

– Senhor Fanning – digo eu. – Entre.

O Sr. Fanning geme ligeiramente ao levantar-se da cadeira. Tem cinquenta e poucos anos e uma volumosa barriga que lhe estica o macacão caqui. Tem o tipo de obesidade central que me faz pensar que está a menos de cinco anos de um ataque cardíaco grave. Com sorte, quando começar a sentir essas esmagadoras dores no peito, já eu terei mudado para um emprego melhor.

Presumo que Hunt não considere Fanning um problema de segurança, pois fecha a porta a noventa por cento. Fanning sobe para a mesa de exame, embalando a sua mão direita. Não é uma fratura grave, mas é uma chatice para ele que tenha acontecido na sua mão dominante.

– Está partido, então? – Os papos sob os olhos de Fanning parecem aprofundar-se.
– Está, não está?

– Sim – confirmo eu. – Mas é uma fratura menor. Podemos tratá-la aqui.

Fanning olha ceticamente para a sua mão direita. O seu dedo mindinho está quase

púrpura e o anelar também não tem lá muito bom aspeto, mas ao menos não está partido. Tem sorte em não estar a usar nenhum anel, pois provavelmente iríamos ter de os cortar.

– Vai sarar lindamente – tranquilizo-o eu. – Prometo. Só temos de o imobilizar.

– Está bem, Brooke – responde ele. – Se assim o diz.

Alegro-me por ele alinhar neste plano. Não é propriamente fácil para um preso conseguir uma segunda opinião, sobretudo porque parece que não tenho um médico a apoiar-me. Os reclusos têm direitos e, se ele chamasse um advogado, ficaríamos em apuros. Mas a maioria dos homens não sabe que o pode fazer ou não se interessa o suficiente. Seja como for, tento dar-lhes o melhor tratamento médico que posso.

Tiro um rolo de fita adesiva de uma gaveta para poder imobilizar-lhe o quarto e o quinto dedos. Fanning observa-me com uma expressão de crescente preocupação no rosto.

– É só isso que vai fazer?

Enrolo-lhe a fita à volta dos dedos.

– É este o tratamento padrão. Foi uma fratura simples, só temos de a imobilizar.

– E vai sarar?

– Sem dúvida.

Fanning faz um esgar de dor enquanto lhe estico os dedos para enrolar a fita de maneira uniforme.

– Maldito Nelson.

Ergo a cabeça.

– O quê?

– Nada – diz Fanning, os olhos subitamente arregalados de pânico. – Esqueça.

– Senhor Fanning. – Enrolo-lhe mais uma camada de fita sobre os dedos. – Pode, por favor, dizer-me como isto aconteceu?

– Já lhe disse. – Desvia o olhar. – Uma porta fechou-se sobre a minha mão. Juro.

Claro que pode estar a dizer a verdade. Talvez uma porta se tenha mesmo fechado sobre a sua mão e foi assim que partiu o dedo. Mas então a questão seria se estava alguém a prender-lhe a mão à porta quando esta se fechou. Se sim, as intenções dessa pessoa eram sérias. Queria despedaçar-lhe dois dedos na sua mão dominante.

E porque disse ele o nome *Nelson*?

Por outro lado, não é como se Nelson não fosse um nome comum. Mas não, não me lembro de haver alguma outra pasta com o apelido Nelson quando andava a investigar o arquivador. Mas pode ser o *primeiro* nome de alguém. Não pode?

Certifico-me de que a fita lhe prendeu os dedos de modo a não os poder dobrar, e então o Sr. Fanning fica pronto para partir. Ergue a mão, ainda com ar de quem

duvida de que um rolo de fita adesiva possa curar a sua fratura, mas aceita-o.

– Volte daqui a uma semana – digo-lhe eu. – Veremos como está a sarar.

– Obrigado, Brooke – responde ele, com um aceno. – Agradeço.

– Só não enfie a mão em mais nenhuma porta, está bem?

Ele retrai-se.

– Sim. Vou tentar, acredite.

Fanning desce da mesa e eu deixo Hunt regressar à sala para o acompanhar à sua cela. Fico a vê-los desaparecer pelo corredor e não consigo parar de me perguntar como fez ele aquela fratura.

Maldito Nelson.

Não podia estar a falar do Shane. Talvez o Shane fosse perigoso lá fora, mas não aqui. Quando muito, o Shane tem sido um alvo aqui na prisão. Não anda certamente por aí a partir os dedos aos outros.

Mas a verdade é que não sei inteiramente do que ele é capaz.

O Tim vem cá este fim de semana para construir uma casa para pássaros com o Josh.

Ou pelo menos foi isso que o Josh me disse umas mil vezes ao longo da última hora. A sério, pensava que os miúdos ficavam *menos* irritantes à medida que cresciam. Mas é encantador que ele esteja tão empolgado. Pensava que o Josh poderia tornar-se frio para com o Tim depois de descobrir que ele não era secretamente o seu pai, mas não foi de todo isso que sucedeu. Quando muito, tornaram-se mais próximos nas últimas semanas.

Tal como o Tim e eu.

Por volta das onze horas de sábado de manhã, o Tim toca à campainha. Trocámos chaves *por razões de segurança*, visto que ele é meu vizinho, mas costuma tocar. Aprecio o gesto. Temos de manter alguns limites aqui. Quer dizer, conhecemo-nos tão bem que seria relativamente fácil ele mudar-se de imediato para cá. Mas estamos a levar as coisas intencionalmente devagar.

Ao abrir a porta, deparo-me com o Tim, segurando algumas tábuas de madeira no braço direito e um grosso livro de capa dura no outro. Espreita por cima do meu ombro.

– O Josh está lá em cima?

– Sim.

Assente e inclina-se para me beijar. Temos feito um esforço por não deixar o Josh perceber que somos mais do que apenas amigos. Teremos de lhe dizer, mais cedo ou mais tarde, mas a ideia deixa-me ansiosa. Nunca tive uma relação suficientemente importante para dizer ao meu filho. Isto é muito importante.

Felizmente, o Tim compreende. Não se importa de esperar.

Afasta-se de mim assim que ouvimos os passos ansiosos do Josh nas escadas. Passado um segundo, o Josh irrompe na sala.

– Vamos construir uma casa para pássaros!

– Isso mesmo! – diz o Tim, largando as tábuas no chão e erguendo em seguida o

livro que tem na outra mão. – Mas primeiro tenho uma surpresa para ti...

Olho bem para o livro na mão do Tim. Ao ver a capa, sinto um nó no estômago.

É o nosso livro de curso do secundário.

Porque haveria o Tim de o trazer para aqui? Nem sei o que aconteceu ao meu exemplar – acho que nunca o vi sequer, pois mudei-me antes do fim do ano letivo e passei o resto do ano no ensino doméstico. Mas o nosso livro de curso do secundário é a última coisa que quero ver. E a última coisa que quero que o Josh veja.

Oh, meu Deus, e se ele vê uma fotografia do Shane e repara nas semelhanças?

– Este é o nosso livro de curso do secundário – explica o Tim ao Josh. – Queres ver como eu e a tua mãe parecíamos palermas quando éramos miúdos?

O meu nível de pânico dispara.

– Tim...

– Não te preocupes – murmura-me ele ao ouvido. – Ele não aparece.

Oh. Bem, suponho que faz sentido que deixassem o aluno responsável por múltiplos homicídios fora do livro de curso. Essa parte, ao menos, é um alívio.

O Josh está estranhamente ansioso por ver o livro de curso. Sentamo-nos à mesa da cozinha enquanto ele o folheia até ao meu retrato, tirado cerca de um mês antes de a minha vida mudar para sempre. Não é uma má fotografia. Não tinha um penteado embaraçosamente constrangedor e a blusa branca que a minha mãe me fez usar para o dia dos retratos parecia impecável e profissional. Há uma suavidade no meu rosto que já não vejo ao olhar para o espelho. Não desde aquela noite.

– Olha! É o Tim! – exclama o Josh. Ergue o livro de curso junto ao rosto do Tim. – Está tão diferente! Era tão magro!

– Sim, sim...

Consigo esboçar um sorriso.

– Eras giro, nesse tempo.

– Ah, sim? – O Tim aperta-me o joelho por baixo da mesa. – Não sabia que pensavas assim.

Era *realmente* giro. Mas não era uma *brasa* como o Shane era na altura. Entre os dois, era óbvio qual fazia enlouquecer as raparigas.

O Josh continua a folhear as páginas, estudando os retratos com uma intensidade surpreendente. Ao chegar ao N, sustenho a respiração. Mas o Tim tem razão. Deixaram o Shane fora do livro de curso.

Espreito por cima do ombro do Josh para todos os velhos rostos. Recuando nas páginas, vejo-o passar por Brandon Jensen e sinto um aperto no peito ante as palavras *In Memoriam* escritas sob o seu nome. Isso nunca devia ter acontecido.

– Espera – digo eu. – Para.

O Josh detém-se na página com os nomes começados por H. Tiro-lhe o livro e olho para a página da direita. Fixo-me na fotografia do canto inferior direito. O nome por baixo está escrito em grandes letras maiúsculas.

Marcus Hunt.

Oh, meu Deus, é o guarda Hunt.

Jamais o teria reconhecido se não soubesse que era ele. Tinha cabelo, nesse tempo – fino e louro, como o de um pintainho. Reconheço-o vagamente, recordando-o como um rapaz alto e desengonçado de óculos grossos.

Porque não me disse Hunt que andámos juntos no secundário?

Bato com o indicador na fotografia.

– Tim, lembras-te deste rapaz?

– Sim. Mark Hunt. Lembro-me dele.

Abano a cabeça.

– Estou com alguma dificuldade em situá-lo.

– Era um miúdo algo estranho. – O Tim baixa um pouco a voz. – Houve uns jogadores de futebol, que talvez tenhas conhecido, que o espancaram o suficiente para o mandar para o hospital uma vez.

E, de repente, tudo faz sentido. O porquê de Hunt odiar tanto o Shane. De ter assumido como sua missão torturá-lo.

Aquele sacana mentiu-me. E eu vou assegurar-me de que ele sabe que eu sei o que anda a fazer.

A Kayla está morta.

É óbvio – sei-o de imediato. Sei-o antes de o Tim se aproximar para lhe sentir a pulsação com uma mão trémula, o taco apertado na sua outra mão. Sei-o antes de a Chelsea cair por terra, ajoelhada com o rosto a centímetros do chão. Apetece-me fazer o mesmo.

Controla-te. Tens de te controlar, Brooke.

O Tim afasta-se do corpo da Kayla. Parece ainda mais abalado do que quando encontrámos o Brandon. Afinal, ainda há poucas horas estava a beijar esta rapariga. Tem de ser um choque.

E isto é diferente. Quando o Brandon foi encontrado morto no exterior da casa, parecia possível que um qualquer psicopata andasse a vaguear por aqui e talvez o Brandon se tivesse envolvido numa luta com ele, porque é isso que o Brandon faz. Mas isto é diferente. A Kayla estava *dentro de casa*. O que significa que quem lhe fez isto também estava dentro de casa.

E provavelmente continua a estar.

– Tu! – diz o Shane, apontando o dedo ao Tim. – Foste tu que fizeste isto.

– Eu? – O Tim agarra-se ao peito. – Estás louco?

– Ficaste aqui sozinho enquanto as raparigas estavam lá atrás e eu andava lá fora à procura de rede. – A voz do Shane sai rouca. – És o único que teve oportunidade de fazer isto. Foste tu.

É um excelente ponto. O Tim foi o único a ter oportunidade. Mas não pode ter sido ele. Não o Tim. Nunca. Mais facilmente acreditaria que fui eu mesma a matar a Kayla.

– Porque haveria eu de fazer isto? – retorque o Tim.

– Sei lá. Porque és louco? – diz o Shane. – Talvez ela te tenha rejeitado e tu zangaste-te.

– Isto é ridículo! – Os olhos do Tim projetam-se das órbitas. – Estiveste esse tempo todo sozinho lá fora. Talvez tenhas sido tu a fazê-lo! Entraste pela janela e esfaqueaste-a enquanto estávamos todos lá em baixo.

– Vá lá. Estamos no segundo andar. Quem sou eu, o Homem- -Aranha?

Outro excelente ponto.

O Tim dá um passo em direção ao Shane, erguendo o taco no ar.

– Não sei como raio o fizeste. Talvez tivesses uma escada. Não sei. Mas não fui eu, e não foi a Chelsea nem a Brooke. Por isso, tens de ter sido tu.

– Tem cuidado, Reese. – Há um laivo ameaçador na voz do Shane. – É melhor que não penses em brandir essa coisa contra mim.

– É o que farei se me deres motivos para isso.

Sinto o coração aos pulos no peito. Olho para a Chelsea, que voltou a pôr-se de pé. Trocamos olhares no escuro. Não sei o que está prestes a acontecer, mas é mau. Tento imaginar o que posso dizer para resolver isto, mas ultrapassa-me.

– Brooke. – A voz do Tim invade os meus pensamentos. – Acreditas em mim, não acreditas? Eu jamais faria mal a alguém. O Shane... Deve ter sido ele a fazer isto.

O Shane vira a cabeça na minha direção.

– Brooke, não podes realmente pensar que eu seria capaz de matar alguém. Era o Tim que estava na casa!

Abro a boca, apesar de não ter a certeza do que vou dizer. Mas, antes que diga a coisa errada, uma mão agarra-me no braço. É a Chelsea.

– Podem ir os dois para o inferno! – cospe-lhes ela. – Vamos, Brooke.

Deixo a Chelsea arrastar-me para fora do quarto enquanto o Shane e o Tim ficam a olhar fixamente para nós. Puxa-me para o quarto do Shane e fecha a porta nas nossas costas. Por um momento, apoia o seu peso nela, respirando com dificuldade.

– Não sei quem a matou. – Pestaneja para conter as lágrimas. – Mas foi de certeza um deles. Temos de ficar aqui dentro até que alguém venha à nossa procura. Ajuda-me a barricar a porta.

Olho para a porta, sem saber muito bem qual deve ser o meu próximo passo. Ela tem razão. Somos as únicas pessoas aqui, o que significa que o Tim ou o Shane devem ter matado a Kayla.

O que significa que a única forma de ficarmos a salvo é mantermo-nos longe deles.

Mas isso significa também que um deles *não é* o homicida. E que, na prática, deixámos essa pessoa a sós com um assassino.

– Chelsea – digo eu.

– Brooke! – A voz sai-lhe estrangulada. – Queres sobreviver a esta noite ou não?

Quero sobreviver a esta noite. É claro que sim. Mas também a Kayla queria, e

também ela se barricou num quarto. E agora está morta.

Ainda assim, alinho no plano, para fazer a vontade à Chelsea. A estante do Shane é demasiado pesada para mover, por isso construímos uma muralha de livros em frente à porta. Na verdade, não estou convencida de que os rapazes não a consigam atravessar facilmente, mas é melhor do que nada.

Uma mão bate à porta.

– Brooke? Chelsea?

É a voz do Shane.

– Vai-te embora! – grita a Chelsea. – Não vamos sair daqui até de manhã!

Não estou muito certa da validade deste plano. Os nossos telemóveis estão no andar de baixo, pelo que, se um dos rapazes pretender matar-nos, poderá na mesma fazê-lo de manhã, assim que sairmos do quarto.

– Vá lá, isto é de loucos! – grita o Shane, através da porta. – Saiam lá. Estamos mais seguros se nos mantivermos juntos.

– Não vamos sair, Shane – diz a Chelsea, cruzando os braços sobre o peito. – Estás a desperdiçar o fôlego.

Ainda que parte de mim ache que ele tem razão. Talvez ficássemos mais seguros se nos mantivéssemos os quatro juntos. Afinal, o assassino não nos pode enfrentar a todos. A sua única esperança é eliminar-nos um a um.

– Brooke? – É a voz do Tim, desta vez. – Estás bem?

Levo os dedos à porta.

– Sim, estou bem.

Por um momento, ele fica em silêncio.

– Acho que devias ficar aí dentro. Deviam as duas.

Há algo na forma como ele o diz – um tremor na sua voz – que me faz afastar da porta, de mãos a tremer. O Tim tem razão. Temos de ficar neste quarto durante o resto da noite.

É a nossa única hipótese.

Marcus Hunt recebe-me de manhã no trabalho com uma chávena de café. Tornou-se rotina para nós. Antes de me trazer o meu primeiro paciente, Hunt passa pela sala de exame com uma chávena de café quente para mim. Não é nada de especial. É apenas café do bule da sala de descanso dos guardas. Mas é simpático da parte dele, e uma chávena de café quente é sempre bem-vinda ao início da manhã.

A minha mãe diria que os rapazes não fazem nada simpático por ninguém a não ser que estejam à espera de algo em troca. Claro que ela já não está cá para me passar sermões, mas talvez tenha razão neste caso. Andava a pensar numa forma de referir de improviso que tenho namorado.

Mas hoje estou demasiado irritada para ser educada e poupar os seus sentimentos.

– Aqui tem as natas e o açúcar – diz-me Hunt, estendendo-me o café na mão esquerda e alguns pacotes de natas e açúcar na direita. – Sei que gosta de os juntar à sua medida.

Pigarreio.

– Posso falar consigo por um momento? *A sós.*

Os olhos de Hunt iluminam-se.

– Claro, Brooke.

Fantástico. Acha que vou curtir com ele.

Entramos na sala de exame e eu fecho a porta atrás de nós. Uma voz ao fundo da minha cabeça diz-me que talvez não seja a melhor das ideias estar a sós com este tipo, sobretudo quando estou prestes a confrontá-lo, mas não posso ter esta conversa com ele no corredor. Infelizmente, isto encoraja decididamente a ideia de que me sinto atraída por ele.

– Marcus – começo eu, em voz baixa. – Porque não me disseste que eras da minha turma no secundário?

Ele paralisa, boquiaberto, mas sem lhe sair qualquer palavra.

– Não digas que não eras – adito eu. – Estava a folhear o livro de curso e vi a tua fotografia. Eras da minha turma. Deves ter sabido quem eu era da primeira vez que me viste. – Começa a dizer qualquer coisa e eu interrompo-o. – Não mintas.

– Tudo bem. – Os seus ombros descaem. – Sim, reconheci-te de imediato. Quer dizer, é bastante difícil esquecer a rapariga que quase foi assassinada pelo namorado no décimo segundo ano.

– Também nunca referiste que o Shane e os seus comparsas te tinham espancado. – Cruzo os braços sobre o peito. – Que te mandaram para o *hospital*. E que há anos que guardas esse ressentimento contra ele e agora estás a fazê-lo pagar pelo que te fez.

– Isso – protesta ele – é um exagero.

– Será? Diz-me que ele fez algo aqui na prisão que justifique a forma como o tens tratado.

Uma expressão sombria atravessa o rosto de Hunt.

– Não *precisa* de ter feito nada aqui. Já sei o tipo de pessoa que ele é. É o tipo de sujeito capaz de me pontapear nas costelas enquanto se ria do que estava a fazer. – Cerra a mão num punho. – Tu também sabes como ele é, Brooke. Não sei porque o defendes.

É uma excelente questão. Devia odiar o Shane. Devia estar feliz por o ver aqui trancado, de mãos e tornozelos agrilhoados. Devia querer vê-lo sofrer, depois do que me fez passar.

Mas, desde que o vi deitado naquela cama na enfermaria, todos os sentimentos de raiva que tinha por ele parecem ter-se evaporado. Talvez por ser o pai do meu filho. Ou talvez haja outra razão.

Quando testemunhei contra o Shane, sentia-me muito certa de que tinha sido ele a apertar a corrente daquele colar à volta do meu pescoço, a tentar matar-me. Mas, quanto mais penso no assunto, menos certezas tenho. Aconteceu algo nessa noite que não estou a ver. Um pequeno pormenor que me escapou.

Tenho a certeza.

Hunt chega-se para perto de mim – demasiado perto.

– Podia fazê-lo pagar verdadeiramente pelo que te tentou fazer. Ninguém lá fora quer saber dele. Faço o que me disseres para fazer. Podia pô-lo em isolamento durante semanas... ou meses. Podia fazer com que fosse espancado tão gravemente que nunca mais voltaria a *andar*. É só dizeres. – Pisca-me o olho. – O Nelson acha que tenho andado a torturá-lo, mas nem faz ideia.

Sinto um aperto no peito.

– Não quero que faças isso.

– Que parte?

– *Nenhuma*. – Engulo o nó duro na minha garganta. – Quero... quero que deixes o Shane em paz.

– Desculpa?

– Tens de parar. – Ergo a voz, tentando parecer mais confiante do que me sinto. – Tens de o tratar como um ser humano. *Agora*.

Ele inclina a cabeça para o lado.

– Não creio que estejas em posição de fazer exigências. Foste tu quem aceitou um emprego onde um dos teus pacientes é o homem que te tentou assassinar. O que achas que a Dorothy diria se soubesse disso?

Uau, outra excelente questão. O homem está inspirado.

– Na verdade... – diz ele. – Se queres manter este emprego, talvez devesse pensar em arranjar algum tempo para ir beber aquele copo comigo depois do trabalho.

Ergo o queixo.

– Na verdade, tenho namorado.

– Queres dizer o Tim Reese? – Hunt ri-se da expressão chocada no meu rosto. – Vá lá, o tipo está em tua casa todas as noites. Não é preciso ser o Sherlock Holmes.

Não posso acreditar no que estou a ouvir. Subitamente, sinto-me incrivelmente arrependida de ter iniciado esta conversa. E ainda mais arrependida de estar a sós com ele nesta sala.

– Andas a espiar-me?

Ele encolhe os ombros.

– Passei por tua casa algumas vezes. Reconheci o Tim do secundário. Uma escolha aborrecida, mas segura. Além disso... – Mostra-me os dentes ligeiramente amarelados. – Acho bastante interessante que tenhas um filho no quinto ano. És muito nova para ter um filho dessa idade, não és? E com quem namoravas tu há dez anos, seja como for?

Oh, não. Não, não, não...

– Aposto que o Nelson ficaria *muito* interessado em saber disso – observa ele. – Gostaria de ver a cara com que ficaria, sabes?

– Por favor, não lhe digas – arquejo eu. – Por favor.

Hunt esboça-me um sorriso que me faz querer dar-lhe um murro no nariz.

– Não te preocupes, Brooke – diz ele. – Os teus segredos estão seguros comigo. Mas é melhor que comeces a ser um pouco mais simpática para mim. Para começar, a partir de agora, podes trazer-me *tu* o café todas as manhãs.

– Tudo bem – replico eu.

Lança-me um olhar demorado e eu preparo-me para mais exigências. Mas elas não

surgem. Apenas um abanar de cabeça.

– Que desperdício, Brooke – murmura ele. – Tudo por aquele sacana.

Dito isto, abre a porta da sala de exame e sai de rompante.

O meu objetivo diário é fazer sorrir o guarda prisional Steve Benton.

O guarda Benton é a minha primeira paragem ao entrar na penitenciária todos os dias. Não posso dizer que não continue a sentir um ligeiro sobressalto de medo ao cruzar o pátio da prisão com as torres de vigia enfileiradas ao longo da vedação. Nunca vi nenhum dos guardas lá em cima com as suas espingardas, mas sei que estão lá. Prontos para disparar, se for preciso.

Uma vez no interior, porém, é a mesma velha rotina. Passo pela sala de espera e, por esta altura, a Jan da receção já conhece o meu rosto, pelo que primeiramente o botão para abrir as grades metálicas e faz-me sinal para entrar – já quase nem salto ao ouvir o som. E a minha paragem seguinte é o controlo de segurança com o guarda Benton.

– Bom dia! – chilreio eu, pondo a minha bolsa na mesa à sua frente para passar pelo detetor de metais. – Como está?

Benton resmoneia.

– Bem. E a Brooke?

– Oh, como de costume. – Passo pelo detetor de metais, sustendo a respiração, como sempre. Não faz sentido, mas faço-o de forma automática. – Tive ontem uma visita do senhor Barrett. O que era professor de Inglês lá fora, sabe? É um namorado.

Ele ergue o olhar, com vago interesse.

– Ah, sim?

Anuo.

– Disse-me que queria casar comigo quando sair daqui.

– Ah, disse?

– Sim, mas infelizmente não se pode acabar uma sentença com uma afirmação.

É uma piada tão foleira. É verdade, até certo ponto – o Sr. Barrett *era* professor de Inglês e namoriscava descaradamente comigo. Mas a piada seca e batida foi inteiramente para benefício de Barrett – e compensa, quando os seus lábios se torcem

ligeiramente. Um *quase* sorriso. Conto isso como uma vitória, e há uma energia adicional nos meus passos enquanto sigo pelo corredor até à sala de exame/gabinete.

Até ver a Dorothy à minha espera à porta da sala, com os braços carnudos cruzados sobre o peito.

Fantástico. O que foi agora?

– Brooke – diz ela incisivamente. – Preciso de falar consigo.

– Sobre o quê? – Olho para o meu relógio. – Tenho pacientes para ver em breve.

– Prefiro não falar aqui fora. Vamos para o meu gabinete.

Aponta-me o dedo e eu sigo-a em silêncio até ao seu gabinete. Podíamos ter falado na sala de exame, onde eu teria alguma liberdade de ação. Em vez disso, a Dorothy tem a possibilidade de se sentar à sua secretária enquanto eu me sento na pequena cadeira à sua frente, sentindo-me como uma criança a ser disciplinada pelo diretor. Dou voltas à cabeça, pensando no que poderei ter feito para a perturbar. Pode ter sido qualquer coisa, na verdade. Não é preciso muito para fazer a Dorothy explodir – tenho-me esforçado ao máximo por me manter fora do seu caminho.

A Dorothy instala-se na sua cadeira ergonómica em pele, cravando os olhos em mim.

– Recebemos uma entrega esta manhã. Um colchão com alívio de pressão.

Apesar de tudo, sinto um sobressalto de felicidade. Passaram semanas desde que preenchi os formulários que o guarda Hunt me deu e, após alguns telefonemas frustrantes, começava a perder a esperança.

– O colchão do senhor Carpenter chegou?

– Brooke. – Os seus lábios fixam-se numa linha reta. – Já lhe disse que não temos recursos para proporcionar a todos os pacientes um colchão macio especial personalizado. Vai levar a prisão à falência.

– O senhor Carpenter não é todos os pacientes. É paraplégico e tem uma úlcera de pressão no sacro que não está a sarar. Isto é um tratamento médico.

– Um colchão confortável *não* é um tratamento médico.

Quando comecei a trabalhar na prisão, pensei que a Dorothy me parecia familiar. Subitamente, apercebo-me de quem ela me faz lembrar – a minha *mãe*. Ao olhar por cima da secretária da Dorothy para o seu rosto quadrado, com o queixo bronzeado ligeiramente erguido no ar, não posso deixar de me lembrar de como a minha mãe me costumava dar ordens. Acreditava sempre que sabia mais do que eu e não suportava se alguma vez discordasse dela – era à sua maneira ou não era.

Não podes estar a pensar em ficar com o bebé desse monstro, Brooke. Não o permitirei.

Mas fiquei com o meu bebé. Não deixei que me pressionasse dessa vez. E não vou mais deixar que a Dorothy me pressione. Estou farta de ser uma vítima.

– É um colchão com alívio de pressão. – Olho-a fixamente, sem pestanejar. – Sem este colchão, ele irá de certeza acabar no hospital e talvez precise de cirurgia para reparar isto.

A Dorothy resfolega.

– Por favor, não seja tão dramática. Há quanto tempo terminou o curso? Cinco minutos? Quando se é enfermeira há tanto tempo como eu, sabe-se do que os pacientes precisam e o que simplesmente *querem*.

Mal posso acreditar no que estou a ouvir. A minha mão direita cerra-se num punho e tenho de a enfiar entre os joelhos. Sinceramente, choca-me que nenhum dos homens tenha ainda dado um murro à Dorothy por esta altura. Talvez o tenham feito. Se aconteceu, adoraria tê-lo visto.

– Escute – digo eu. – Posso não ter tanta experiência como a Dorothy, mas sei o suficiente para saber que o senhor Carpenter tem uma úlcera de pressão grave e que só vai piorar se não a tratarmos devidamente. Encomendei-lhe a cama e, se o impedir de a receber, vou ligar para o jornal local e informá-los de como os reclusos na prisão estão a ser privados de cuidados médicos apropriados.

A Dorothy fica de boca aberta.

– Está a *ameaçar-me*?

– De modo algum – respondo eu. – Estou apenas a defender que os meus pacientes recebam os cuidados adequados. Se não está de acordo comigo, talvez possa explicar porquê aos meios de comunicação locais.

– Brooke...

– Além disso – acrescento ainda –, tem de ter lidocaína disponível na farmácia. Não vou suturar mais ninguém sem anestesia. É desumano. Da próxima vez que não houver lidocaína, mando o recluso às Urgências e pode arcar com os custos do transporte.

Agora, é a Dorothy quem parece que *me* quer bater. Consigo ver os seus maxilares a trabalhar enquanto pondera se vale ou não a pena lutar contra mim a este respeito. Não lhe agrada a ideia de uma enfermeira de vinte e tal anos lhe forçar a mão. Mas tem de perceber que estou certa. Jamais poderia justificar o seu comportamento aos jornais ou, pior, em tribunal se as coisas corressem mal para o Malcolm Carpenter.

– O colchão já aqui está – acaba ela por dizer. – Suponho que não faz mal deixá-lo ficar com ele. *Desta* vez.

Está a tentar salvar a face. Não quer admitir que eu ganhei esta discussão, e deixo-a fazê-lo. Mas vou defender os meus pacientes. São seres humanos e merecem ser tratados como tal, independentemente do que a Dorothy possa pensar.

Hoje é o meu aniversário.

Comparativamente ao ano passado, tenho muito mais para celebrar este ano. O ano passado, vivia num apartamento com apenas um quarto e o meu filho dormia num catre na sala de estar, além de que o senhorio tinha acabado de subir a renda em duzentos dólares por mês. Há dois anos que não tinha um encontro. O Josh todos os dias chegava a casa em lágrimas devido aos rufias na escola. Tinha uma ama que não aparecia metade das vezes e estava sempre a fazer-me chegar atrasada aos meus turnos no atendimento de urgência. E, apesar de os meus pais estarem vivos, não falávamos há anos.

Este ano, o Josh está feliz na escola. Temos uma grande casa para viver e cada um de nós tem o seu próprio quarto. E, claro, há o Tim, com quem só namoro há um mês, mas começo a achar que estou realmente a apaixonar-me por ele.

Passo muito tempo a preparar-me esta noite. O Tim vai levar-me a jantar fora, só nós os dois. O meu plano era incluir o Josh, mas quando mencionei isso à Margie, ela ficou horrorizada. *Precisam de uma saída à noite só para adultos*, insistiu. É por isso que vai passar por cá para tomar conta do Josh, para que o Tim me possa levar a um bom restaurante.

Ao olhar para o espelho de corpo inteiro do meu quarto, fico satisfeita com o que vejo. Pus um vestidinho preto que faz as minhas mamas parecerem grandes, combinado com uns sapatos pretos de salto médio, e o meu cabelo escuro cai solto e sedoso sobre os meus ombros. E, quando desço ao andar de baixo e o Josh me vê, os seus olhos parecem iluminar-se.

– Mãe – diz ele. – Estás bonita.

É para ser um elogio, mas o facto de parecer tão chocado ao dizê-lo faz-me interrogar sobre como acha que pareço o resto do tempo.

– Obrigada – respondo-lhe eu.

Larga a sua *Nintendo* e olha para mim, expectante.

– Vamos jantar fora?

Sento-me ao lado do Josh no sofá, puxando a orla do meu vestido.

– Na verdade, vem aí a Margie. Só eu e o Tim é que vamos sair esta noite.

– Oh. – Ele parece confuso. – O Tim é teu namorado, então?

Sabia que essa pergunta acabaria por surgir. Eu e o Tim temos tido cuidado com a forma como agimos um com o outro quando o Josh está por perto para que ele não se aperceba de que somos um casal. O Tim passou cá a noite um par de vezes e pôs o despertador do seu telemóvel para as seis da manhã, de modo a poder deixar a casa antes de o Josh acordar. Mas era inevitável que o Josh percebesse. E devo-lhe a verdade.

– Sim, é – digo eu. – Não te importas?

O Josh hesita, refletindo.

– Não, tudo bem. O Tim é fixe.

– Ainda bem que achas que sim.

– Além disso, é o diretor-adjunto da escola, por isso posso safar-me com coisas se ele for o teu namorado.

Desato a rir. O Josh é o aluno mais bem-comportado de sempre, e duvido que haja algo que possa fazer na escola pior do que, sei lá, ler um livro por baixo da mesa durante a hora do cinema.

Ao contrário do pai.

Tocam à campainha e eu apresso-me a ir atender. Havia cinquenta por cento de probabilidades de poder ser a Margie, mas alegro-me por ver o Tim à porta. Veste um casaco cinzento-

-escuro sobre uma camisa azul e uma gravata. Está dolorosamente bonito e não posso fazer mais nada além de olhar para ele. Mal me apercebo sequer de que me está a fitar da mesma forma até que assobia baixinho.

– Caramba – diz ele. – Vais dar-me um ataque cardíaco, Brooke.

Inclina-se para me beijar, mas, antes que o possa fazer, ouvimos os passos do Josh a correr na nossa direção. Afasta-se no preciso momento em que o Josh entra no vestíbulo. O Josh aponta um dedo ao Tim.

– És o namorado da minha mãe – anuncia.

O Tim olha para mim, de sobrancelhas arqueadas, e eu anuo.

– Ele perguntou – explico. – Acha que és fixe – acrescento em seguida.

– Uau, Josh, sinto-me honrado. – Leva uma mão ao peito. – É capaz de ser a primeira vez que alguém me chama fixe em toda a minha vida.

O Josh ri-se. O Tim estende o braço e toma a minha mão na sua. Não sei se queremos ser superafetuosos diante do Josh, mas acho que não há problema em dar as mãos.

– Então – diz o Tim. – Tenho o teu presente de aniversário no meu bolso. Quere-lo agora ou mais tarde?

Pisco-lhe o olho.

– Gratificação imediata, por favor.

– Algumas coisas nunca mudam.

O Josh não parece interessado num presente que não é para ele, por isso regressa à sua *Nintendo* enquanto eu e o Tim nos dirigimos à mesa da cozinha. Sento-me ao seu lado e ele leva a mão ao bolso do casaco para tirar uma caixa retangular azul que é claramente uma joia.

– Espero que não tenhas gastado demasiado – digo eu, de repente. Talvez não o devesse ter dito, mas o Tim não pode ganhar assim tanto na escola primária. Não quero que gaste montes de dinheiro comigo.

– Tu mereces. – Põe a mão sobre a minha enquanto me olha nos olhos. – Mas não, não gastei uma fortuna. É algo especial. Acho realmente que vais gostar.

– Sei que sim.

O Tim costumava ser tão atencioso a escolher presentes. De certeza que o que quer que me tenha comprado será maravilhoso. Suavemente, tiro a tampa da caixa – está um colar de ouro aninhado lá dentro, pousado sobre um quadradinho de algodão. Pego no colar, erguendo-o até poder ver o pendente suspenso da corrente de ouro.

É um floco de neve.

Largo o colar como se fosse feito de ácido. Acho que vou vomitar. É o mesmo tipo de colar com um floco de neve que costumava usar há anos. O mesmo tipo de colar com um floco de neve com que o Shane me tentou estrangular há uma década.

Levanto-me tão bruscamente da mesa que as pernas da cadeira cambaleiam. Sinto um aperto na garganta. Aquele colar. Parece-se tanto com o que eu costumava usar.

O Tim salta da sua própria cadeira.

– Brooke? O que se passa?

– Por que haverias de me oferecer isso? – grito eu.

– Eu... não compreendo – diz ele, franzindo a testa. – É o mesmo tipo de colar que te ofereci no teu décimo aniversário. Não te tenho visto usá-lo, por isso calculei que o tivesses perdido. Vi este na feira da ladra da vila no mês passado, por isso...

– O Shane tentou estrangular-me com esse colar!

O Tim parece desconcertado.

– Tentou? Pensava que o tinha feito com as... com as mãos...

A minha respiração sai-me acelerada. Demasiado acelerada.

– Não, usou o meu colar. *Esse* colar!

– Peço imensa desculpa, Brooke. Não me apercebi...

Estende o braço para me rodear com ele, mas eu afasto-me com um sacão. Opto antes por correr em direção à casa de banho e, antes que ele me possa alcançar, bato com a porta. E tranco-a. Preciso de um momento para me recompor.

Uma vez sozinha na casa de banho, olho para o meu reflexo no espelho do toucador. Maquillei-me para o nosso encontro desta noite, mas ninguém diria ao olhar para mim agora. O meu rosto está sensivelmente da cor de uma folha de papel e os círculos púrpura sob os meus olhos estão tão visíveis como sempre.

Como pôde o Tim esquecer-se daquele colar? Durante o julgamento do Shane, testemunhei sobre como ele o tentou usar para me estrangular. O Tim estava sentado no meio do público. Lembro-me disso porque, sempre que ficava nervosa durante o meu depoimento, ele olhava para mim e eu sentia-me menos só. Afinal, ele também estava lá nessa noite.

Como pôde ele esquecer que o colar com o floco de neve quase me matou?

Mantém-te longe do Tim Reese. Ele é perigoso.

Muito bem, preciso de me acalmar. O Tim ouviu o meu testemunho, mas não é como se tivesse passado a última década a ter pesadelos envolvendo um colar com um floco de neve. É compreensível que possa ter esquecido esse pequeno pormenor. Faz certamente mais sentido do que a alternativa de ele ter comprado intencionalmente aquele colar para me assustar.

– Brooke? – O Tim bate suavemente à porta da casa de banho. – Estás bem?

Inspiro fundo e expiro lentamente. Não posso passar o resto da noite nesta casa de banho. Tenho de sair.

Abro a porta da casa de banho. O Tim está à minha frente e parece destroçado – quase tão mal como eu me sinto.

– Lamento tanto, Brooke – diz ele. – Sou tão idiota. Esqueci-me completamente.

– Não faz mal – respondo eu, apesar de não ser bem verdade.

– Vou comprar-te outro presente – promete ele. – Algo muito melhor.

Estende os braços e, relutantemente, deixo-o envolver-me neles. Ao fim de alguns segundos, derreto-me contra o seu peito.

– Espero não ter estragado a noite – murmura ele.

– Não estragaste.

Não posso deixar que isto me incomode. O Tim estava só a tentar ser sentimental e oferecer-me um presente que pensou que eu ia adorar. Não fazia ideia de que eu ia reagir assim. Tenho de tirar isto da cabeça e desfrutar da noite.

Só começamos a respirar melhor depois de os passos do Tim e do Shane desaparecerem escadas abaixo. Dois conjuntos de passos, ao que parece. O que significa que ainda estão ambos vivos.

– Temos de procurar uma arma – diz a Chelsea, vasculhando às cegas a gaveta da secretária do Shane. Não posso deixar de pensar no taco que o Tim tem vindo a brandir como arma. – Porque, mais cedo ou mais tarde, vamos ter de sair deste quarto.

Deixo-me cair na cama onde o Shane me desflorou ao início da noite. Terá sido há apenas algumas horas? Parece que foi noutra vida. Ao levar os dedos aos lábios, ainda sinto o seu sabor. Ainda sinto o cheiro a sândalo do seu *aftershave*.

Devia ajudar a Chelsea a procurar uma arma. Ela tem razão – não devíamos ficar apenas aqui sentadas sem fazer nada. Mas não consigo evitar. Os meus pensamentos não param de correr.

– Achas realmente que um deles pode ser um assassino? – pergunto de repente.

A Chelsea interrompe a sua busca. Endireita-se.

– Oh, Brooke...

Senta-se ao meu lado na cama e passa-me o braço por cima dos ombros. E, pela primeira vez nesta noite, desato a chorar. Atinge-me tudo de repente. O Brandon está morto. A Kayla está morta. E um dos dois rapazes com quem mais me importo no mundo é o responsável.

E nem sequer sei qual.

– Não podem ter sido eles – fungo. – Nenhum deles. É impossível. – Ergo o olhar. – Certo?

– Oh, Brooke... – Sinto-a apertar-me os ombros, puxando-me para a sua camisola molhada e manchada de sangue. – Sei que o Shane é o teu namorado e que tu e o Tim se conhecem há muito, mas olha para o que aconteceu. Não está cá mais

ninguém. Tem de ter sido um deles.

Esfrego o meu nariz congestionado.

– Quem... quem achas que foi?

Ela hesita.

– Não sei.

– Sabes, sim. Só não queres dizer.

A Chelsea solta um longo suspiro.

– Muito bem. Foi o Tim.

Ergo o olhar, surpreendida. Não era o que eu pensava que ela ia dizer.

– O Tim? Mas...

– É o que faz mais sentido, Brooke. – Enfia uma madeixa de cabelo molhado atrás da orelha. – O Shane tem razão. O Tim foi o único a ter oportunidade de vir cá acima e fazê-lo. E foi ele quem passou a noite inteira agarrado à Kayla. O Shane mal a conhecia.

– Mas...

Mas não pode ser o Tim. Não o meu primeiro melhor amigo. O meu primeiro beijo. O rapaz que conheci a vida inteira, que faria tudo por mim. Toco no colar com o floco de neve, lembrando-me da sua expressão satisfeita ao ver-me abrir a caixa.

– E saiu com a Tracy Gifford – lembra-me ela. – Como explicas isso? Teve um monte de encontros com uma rapariga que apareceu assassinada e acha que não precisa de referir isso a ninguém? É suspeito como o raio, Brooke.

– Eu sei, mas...

– Além disso, está *frustrado* – acrescenta a Chelsea. – Porque namoras com o Shane e, claro, ele quer-te para si.

Viro a cabeça para a fitar.

– Estás a falar de quê?

Ela solta um suspiro dramático que dura vários segundos.

– Vá *lá*, Brooke. Tens de saber que o Tim está loucamente apaixonado por ti.

Resfolego.

– Não, não está. Somos *amigos*.

– Certo. Tu pensas nele como amigo e ele está apaixonado por ti. – Inclina a cabeça para o lado. – Pensava que sabias de certeza. A sério que não vês?

Levo novamente a mão ao pendente do meu colar, os dedos a tremer ligeiramente. Terá a Chelsea razão? Sempre pensei que o Tim e eu estávamos em sintonia a respeito da nossa relação. Quer dizer, sim, ele costumava falar em casarmos quando éramos pequenos. Mas éramos *crianças*.

E sim, beijámo-nos daquela vez. Mas foi só uma vez, apesar de ter durado vinte

minutos. E estávamos a *praticar*. Não é como se tivesse algum significado...

Oh, meu Deus.

Ela tem razão.

O Tim está apaixonado por mim.

Muito bem – diz o Tim. – Vou precisar de que classifique este aniversário em comparação com todos os outros que tiveste na vida.

O Tim e eu estamos no carro, na viagem de regresso do restaurante. Após o meu ataque de nervos por causa do colar com o floco de neve, acabámos por ter uma noite maravilhosa. Foi bom estarmos só nós os dois. Podermos ser tão afetuosos quanto quiséssemos sem medo de assustar o Josh. E o Tim é *muito* afetuoso. Sobretudo depois de um copo de vinho.

– Numa escala de um a dez? – pergunto eu. É difícil perder o hábito da faculdade de enfermagem de classificar tudo com base na escala visual analógica da dor.

– Não – responde ele, sorrindo-me ao pararmos num sinal vermelho. – Refiro-me a que posição ocupa comparativamente aos teus outros aniversários. Tipo, estamos a falar dos cinco melhores...?

– Dez melhores – digo eu.

– Dez melhores! – Parece ofendido. – Eu *disse-te* que devíamos ter pedido a lagosta. Isso tê-lo-ia definitivamente atirado para os cinco melhores.

– Para – protesto eu, rindo. – O frango estava ótimo.

– Parece-me só que... – Pousa suavemente a mão direita no meu joelho enquanto começa novamente a conduzir. – Quer dizer, não te lembras para aí dos teus primeiros cinco aniversários. Por isso, na verdade, dez melhores não é *assim* tão bom.

– É bastante bom.

– Bem, talvez possa fazer algo mais por ti esta noite capaz de o projetar para os cinco melhores...

– Talvez possas...

Ainda que a verdadeira razão para esta noite não poder chegar aos cinco melhores não tenha nada a ver com o jantar de hoje, que estava delicioso, nem com o que iremos fazer no quarto a seguir, que tenho a certeza de que será fantástico, como

habitual.

No segundo em que ele me ofereceu aquele colar com o floco de neve, a noite ficou estragada. Por mais que tenha tentado não pensar nisso, não consegui tirá-lo inteiramente da cabeça.

– Além disso... – acrescenta ele. – Tenho uma boa notícia.

– Qual é?

– Recebi uma ótima dica de um novo emprego para ti. – Aperta-me o joelho. – Tenho um amigo que trabalha numa clínica de cuidados primários a uns quinze minutos daqui e que me disse que andam à procura de um técnico de enfermagem. Estão desesperados, na verdade. Querem encontrar-se contigo o mais cedo possível.

– Oh – digo eu.

– Não é fantástico? Parece perfeito para ti. E não terias de continuar a trabalhar naquela prisão.

– Sim, mas... – Puxo a bainha do meu vestido preto. – Tenho um contrato de um ano na prisão, por isso...

– Oh, vá lá. Não te vão obrigar a cumpri-lo. Dá-lhes só um mês de aviso prévio ou assim.

– Não sei...

O Tim vira-se para me fitar noutro sinal vermelho. O branco dos seus olhos brilha ligeiramente ao luar.

– Queres deixar esse emprego, certo? Não queres continuar a trabalhar numa *penitenciária masculina*, pois não?

Retorço-me no meu lugar.

– Não é tão mau como pensas. A maioria dos homens fica simplesmente tão feliz por receber cuidados médicos.

– Para não falar – continua o Tim, como se eu não tivesse sequer dito nada – que o Shane Nelson é um dos presos. Não sei como consegues sequer trabalhar lá sabendo que ele está por perto. E se tivesses de o tratar?

Falámos fugazmente sobre o facto de eu estar a trabalhar na mesma prisão onde o Shane está encarcerado. O Tim ficou atónito, mas quando lhe expliquei que foi o único emprego que consegui arranjar, acabou por se acalmar. Mas tive de lhe jurar que nunca tinha tratado o Shane.

Ou seja, menti.

– Se tivesse de o tratar – digo eu –, seria capaz de o fazer.

– A sério? Porque bastou um olhar a um colar que te fazia lembrar essa noite para ficares com ar de quem ia ter um ataque de pânico. E, Cristo, e se ele soubesse do Josh?

Franzo o sobrolho. O Tim está preocupado com o facto de eu trabalhar numa prisão de segurança máxima, mas não é tão mau como ele pensa. E talvez o Shane também não seja tão mau como ele pensa.

– E se... – Pigarreio. – E se eu percebi mal? E se não foi o Shane quem me tentou estrangular naquela noite?

A mão do Tim deixa abruptamente o meu joelho.

– *O quê?*

Abraço-me ao peito.

– Estou só a dizer, estava tão escuro na sala de estar. Não conseguia ver nada. Nem sequer lhe vi o rosto.

O Tim trava a fundo, a centímetros de bater por trás no carro à nossa frente.

– *Deves* estar a brincar comigo, Brooke.

– Acho só que...

Vira o carro para encostar à berma da estrada. Consigo ver uma veia a latejar-lhe na têmpora.

– Talvez estivesse demasiado escuro para tu o veres, mas *eu* vi-o. Avançou para mim com uma maldita faca e enterrou-na na barriga. Tudo o que pude fazer foi bater-lhe com aquele taco, mas o sacana não caiu. Olhou-me nos olhos, Brooke, e disse-me que eras a próxima. Acredita em mim, era ele.

A polícia encontrou o Tim inconsciente e a sangrar no chão da casa com uma facada na barriga. No último mês, tive a oportunidade de ver a cicatriz deixada por essa noite. É uma linha de dois centímetros e meio de pele erguida a poucos centímetros do seu umbigo. Sempre pensei que seria maior.

– Estava muito escuro nessa noite – murmuro eu. – É só isso que estou a dizer.

O Tim desvia os olhos de mim. Baixa-os para o volante, vítreos. Passado um segundo, volta a pôr o carro em movimento. Percorremos o resto da distância até casa em silêncio.

– Desculpa – diz ele, ao parar em frente à minha casa. – Não devia ter... Olha, compreendo o porquê de poderes ter sentimentos ambíguos em relação ao Shane, dado...

– Certo – digo eu, antes de ele poder completar esse pensamento.

– Mas tens de saber que ele é um ser humano maligno. É *doentio*. E, se alguma vez o vires na prisão, tens de virar costas e correr em sentido contrário.

Baixo os olhos.

– Sei tomar conta de mim mesma, Tim.

Ele não tem nada a dizer a isso. Tiro o cinto de segurança, mas ele continua em silêncio. Não me ofereço para o deixar entrar e ele não pede. Acho que este

aniversário acaba oficialmente de cair dos dez melhores.

Quando regresso ao interior da casa, está tudo em silêncio, salvo pelo som de água a correr na cozinha. A Margie está provavelmente a limpar. Pode ser velha, mas nunca para quieta. Sinceramente, gostaria de ter a sua energia.

Entro na cozinha a tempo de ver a Margie a esfregar uma frigideira e a cantarolar para consigo.

– Olá, Brooke! – chilreia ela. – O Josh está a dormir. Divertiu-se?

– Ahã.

– Oh, fico tão feliz! – Solta um suspiro. – Para lhe dizer a verdade, tenho saudades de namorar. Amo o meu Harvey, mas a modos que sinto a falta dessa emoção. E o Tim é *tão* bem-parecido.

– Sim...

– Tem umas ótimas sobrancelhas – acrescenta ela.

– Ah, tem?

– Oh, sim. Pode-se saber muito sobre um homem a partir das suas sobrancelhas. Boas sobrancelhas significam que é sábio.

– Interessante...

– Além disso – adita ela –, tem um belo rabo.

Oh, meu Deus. Embora tenha razão – o Tim tem realmente um belo rabo, mas sinto-me um pouco envergonhada por a Margie ter reparado.

– Hã, obrigada.

– E é tão lindo esse colar que ele lhe ofereceu! Mas devia guardá-lo na sua caixa de joias, onde estará seguro.

Cai-me o coração aos pés. Deixei o colar abandonado na mesa da cozinha e depois esqueci-me completamente dele. Bem, não foi tanto esquecer, mas mais esperar que se evaporasse enquanto estava fora com o Tim. Ou pelo menos que ele soubesse o suficiente para o deitar ao caixote do lixo, onde merecia estar.

Mas ele não o fez. Deixou-o aqui para mim.

A Margie pega no seu casaco e parte por esta noite. Só depois de ela sair é que me atrevo a aproximar-me da caixa retangular azul deixada para trás na mesa da cozinha. Parece que o Tim ou a Margie voltaram a guardar o colar na caixa, pelo que tudo o que tenho de fazer é deitá-la ao lixo.

Mas, em vez disso, dou por mim a abrir a caixa.

Ergo o colar, deixando o pendente em forma de floco de neve balançar para a frente e para trás. Parece exatamente igual ao que eu costumava usar – ao que o Tim me comprou para o meu décimo aniversário. É uma corrente de ouro com um floco de neve também em ouro com diamantes brancos engastados nos seis raios do floco.

Olho mais atentamente para o colar e reparo em algo mais que faz o meu coração parar.

Falta um diamante na ponta do segundo raio do floco. Tal como naquele que eu costumava usar.

Este colar é idêntico ao que eu usava no secundário. E tem o mesmo exato defeito no mesmo exato local que esse colar.

Será possível que seja o mesmo colar?

Nunca soube o que foi feito desse colar. Depois de quebrar, nunca mais o voltei a ver. Supus que a polícia o tivesse guardado como prova, mas talvez não tenha sido assim. Talvez outra pessoa o tenha tido durante todo este tempo.

O Tim disse que o tinha comprado na feira da ladra da vila. Uma *feira da ladra*? A que feira da ladra se refere? Vivi nesta vila desde bebé e nunca ouvi falar em nenhum tipo de feira da ladra.

Estaria ele a mentir?

Mantém-te longe do Tim Reese. Ele é perigoso.

Será possível que o Shane estivesse a dizer a verdade acerca dessa noite? Será possível que não tenha sido ele a tentar estrangular-me com aquele colar? Nunca lhe vi o rosto. A única pessoa que atestou com absoluta certeza que tinha visto o Shane com uma faca foi o Tim. Apesar de o meu testemunho ter sido condenatório, foi o Tim quem lhe espetou o último prego no caixão.

E se o Tim estava a mentir sobre tudo?

Não, não posso pensar assim. O Tim é meu namorado. Conheço-o de toda a vida. É um bom homem. Não mentiria, e de certeza absoluta que não mataria ninguém. Sei o melhor do que o meu próprio nome.

Mas então como obteve ele aquele colar?

O Tim e eu fizemos as pazes desde a noite do meu aniversário.

Passou por cá na noite seguinte com um ramo de rosas e uns brincos maravilhosos. Nunca mais voltámos a discutir o colar, mas fiz uma das coisas que ele me pediu. Há alguns dias, marquei uma entrevista naquela clínica de cuidados primários. Tinha razão – trabalhar numa prisão de segurança máxima não é propriamente o meu emprego de sonho e, quando mais não seja, a clínica de cuidados primários fica muito mais perto.

Se me despedir do meu emprego na prisão, nunca mais terei de voltar a ver o Shane. Será um alívio.

Maioritariamente.

O Tim e eu estamos absortos no que se tornou a nossa rotina noturna de lavar a loiça juntos depois do jantar. Estamos agora juntos há cerca de dois meses e, desde que contámos ao Josh da nossa relação, o Tim tem passado cá três ou quatro noites por semana. Claro que vive mesmo ao fundo do quarteirão, pelo que não transferiu muitas das suas coisas para cá, pois é-lhe relativamente fácil andar para a frente e para trás para ir buscar seja o que for de que precise.

– Estamos a transformar-nos num velho casal? – pergunto eu, enfiando os últimos pratos no corredor.

O Tim ri-se.

– Lembras-te de quando éramos miúdos e estávamos sempre a falar em como seria a vida quando nos casássemos?

Era maioritariamente o Tim quem costumava falar nisso, mas lembro-me.

– Sim, claro.

– Partia simplesmente do princípio de que íamos acabar juntos, sabes? Como se não houvesse mais ninguém no mundo com quem pudesse casar.

– Eu sei. – Deixo-o puxar-me para si. – Quando paraste de pensar dessa maneira?

– Nunca.

Rio-me, mas o Tim não está a sorrir. Olha-me nos olhos com uma expressão séria

no rosto.

– Brooke – diz ele. – Só quero que saibas que... que te amo. Sempre te amei e estou bastante certo de que sempre te vou amar.

Embora seja a primeira vez que o diz, a sua declaração de amor não me apanha de surpresa. Dava para perceber que estava mortinho por mo dizer. E, apesar de sentir o mesmo, tinha medo de o ouvir dizê-lo.

Porque o último homem que me disse que me amava tentou matar-me.

Mas nem pensar que o posso deixar pendurado. É evidente o quanto quer que eu lho diga de volta. De certeza que fingiria que está tudo bem se não o fizesse, mas, por dentro, matá-lo-ia.

– Também te amo – respondo.

Ele beija-me, e quero que seja um momento maravilhoso, este em que dizemos um ao outro que nos amamos pela primeira vez, mas não consigo parar de pensar na última vez que disse essas palavras. *Amo-te, Shane.*

Passadas algumas horas, tinha-o a apertar aquele colar à volta da minha garganta.

O nosso beijo é interrompido pelo som do Josh a gritar para o ecrã da televisão. Tinha-lhe dito para subir e ir fazer os trabalhos de casa, mas aparentemente ele decidiu jogar mais *Nintendo*.

– Oh, meu Deus – digo eu. – Aquele miúdo está em sérios apuros.

Saio para a sala de estar mesmo a tempo de ver algo a explodir no ecrã da televisão. Espeto um dedo com força no ombro do Josh.

– Já para o teu quarto, meu menino.

– Mas, mãe...

– *Agora*, Josh.

– Estou mesmo a meio deste nível!

– Ouve a tua mãe – diz severamente o Tim.

Adoro a forma como o Tim é com o Josh. Aceita respeitosamente todas as minhas decisões, mas apoia-me sempre, se eu precisar. E o Josh adora-o deveras. São os dois bastante adoráveis quando estão a fazer algo juntos – seja a jogar *Nintendo*, a praticar baseball ou a fazer reparações em casa.

O Josh resmunga, mas desliga o seu jogo e atira o comando para o sofá. Com a *Nintendo* desligada, a televisão muda para o serviço de cabo, que está a dar o noticiário da noite. O Josh sobe pesadamente os degraus, um a um, após o que a porta do seu quarto bate sonoramente.

– Sou assim tão má? – pergunto eu ao Tim.

– De todo – responde ele. – Costumava dar aulas ao quinto ano, quando comecei, e às vezes estes miúdos precisam de um empurrão na direção certa. Mas é um bom

menino. Quer sair-se bem na escola, e ficará grato por te teres certificado de que fazia os seus trabalhos.

– Talvez...

Os meus olhos viram-se diretamente para o ecrã da televisão, que mostra uma reportagem local. É sobre uma mulher, Kelli Underwood, que desapareceu há dois dias. O seu desaparecimento foi descoberto quando não apareceu no seu emprego como empregada de mesa.

Empregada de mesa?

Olho mais atentamente para a televisão. Está uma fotografia da mulher desaparecida plasmada no ecrã. E reconheço-a de imediato.

É aquela empregada do Shamrock. A que eu conhecia do secundário. Aquela com quem me cruzei no supermercado, que gritou comigo por testemunhar contra o Shane e me disse para me manter longe do Tim.

Também o Tim está a olhar para o ecrã da televisão. Arregala os olhos quando mostram a fotografia da Kelli. Os seus dedos agarram-se à beira do sofá, os nós a ficarem brancos.

– Não é a empregada do Shamrock? – pergunto eu, o mais casualmente possível.

– Hum – murmura ele, desviando os olhos do ecrã da televisão. – Será? Talvez. Há muito tempo que não vou lá. Desde que fomos juntos.

– Não tens a certeza? Não disseste que tinhas saído com ela?

– Não – responde ele. – Quer dizer, mal conta. Tomámos um copo juntos depois de ela acabar o turno. Só isso. Não foi nada.

– Compreendo...

Tenho quase a certeza de que ele me disse que tiveram dois encontros. E a Kelli parecia certamente lembrar-se quando me confrontou no supermercado. Mas ele não quer admitir.

Talvez por não ser a primeira rapariga com quem sai a desaparecer subitamente.

– Escuta, Brooke... – Vejo-o passar uma mão ligeiramente trémula pelo cabelo. – Acho que vou andando para casa. Estou a modos que exausto e temos uma reunião amanhã cedo. Por isso, vou só dormir na minha própria casa.

Tinha partido do pressuposto de que, após dizermos «amo-te» um ao outro pela primeira vez, faríamos apaixonadamente amor pouco tempo depois. Mas, em vez disso, parece que o Tim mal pode esperar para sair daqui. E depois, quando vai a descer os degraus do meu alpendre da frente, tropeça e quase cai de cara no chão.

Mas não posso dizer que esteja inteiramente dececionada por ele ter partido, pois agora posso pesquisar no *Google* pela Kelli Underwood.

Os pormenores são extremamente fáceis de encontrar. A Kelli (com «i» no fim) é uma empregada de mesa de vinte e sete anos que frequentava também aulas de História da Arte na universidade local. Vivia sozinha num pequeno apartamento numa cave e descobriram que estava desaparecida quando não apareceu para o seu turno no Shamrock há duas noites. Um dos artigos refere que tem namorado, mas não diz se ele é suspeito.

Há dois dias... Estaria o Tim aqui nessa noite? Não me consigo lembrar.

Felizmente, a Kelli era extremamente ativa nas redes sociais. Ao contrário de mim, espalhou fotografias suas por toda a Internet. Consulto os seus perfis nas várias redes sociais, em busca de algo que sobressaia. Finalmente, encontro uma publicação do início do verão:

Facto: os diretores-adjuntos BEIJAM BEM!!!!

A menos que haja algum outro diretor-adjunto com quem a Kelli saiu, vou partir do princípio de que se refere ao Tim. O que significa que ele saiu com ela durante o verão e que foi encontro suficiente para se beijarem no fim. Ou durante. E, ao que parece, ela gostou.

Mas é a única referência que consigo encontrar sobre o Tim. Também ele tem uma presença mínima nas redes sociais, e ela não o identificou nem nada. Além desse único beijo, não posso provar que algo mais aconteceu entre eles.

Mas é certo que ele saiu com ela. Estava a mentir quando o desvalorizou.

Ainda assim, não posso propriamente culpá-lo. De certeza que não está ansioso por falar de uma empregada de mesa com quem saiu antes de estarmos juntos. E, depois do que aconteceu com a Tracy Gifford, preferiria não se associar a outra rapariga desaparecida.

Não quer dizer que seja o responsável. Que raio, o mais provável é que a Kelli tenha simplesmente partido para algum lugar sem dizer nada a ninguém. Provavelmente, está ótima.

Tenho a certeza.

A Chelsea passou os últimos vinte minutos a vasculhar as gavetas da secretária do Shane, mas a sua busca por uma arma não está a correr bem.

– Não há nada! – anuncia. – Nem uma tesoura tem!

Não sei o que dizer. Mesmo que o Shane tivesse uma tesoura afiada na gaveta, não sei como me sentiria em relação a usá-la. Não creio que seja capaz de apunhalar alguém com uma tesoura.

– Então e uma caneta? – pergunta-me ela. – Há aqui muitas.

Puxo os joelhos para o peito, abraçando-os contra o meu corpo.

– O que podemos nós fazer com uma caneta?

– Sei lá. Espetar-lha no olho?

Abano a cabeça.

– Não creio que fosse capaz de espetar uma caneta no olho a alguém. Tu eras?

Ela endireita-se e vira-se para olhar para mim. Está tão escuro no quarto que é difícil distinguir a sua expressão. Capto apenas vislumbres dela quando surge o clarão de um relâmpago.

– Se fosse preciso, era. Se fosse o Tim ou eu.

Fala agora como se estivesse tudo decidido. Que foi o Tim quem matou o Brandon e a Kayla. Mas eu ainda não consigo aceitar isso. Conheço demasiado bem o Tim. Ele não seria capaz de uma coisa dessas. Sim, talvez não tivesse consciência do seu fraquinho por mim, mas isso é diferente.

– Não acho que tenha sido o Tim a matá-los – digo eu. – Não acredito.

A Chelsea planta as mãos nas ancas.

– Tens um grave ponto cego no que toca ao Tim. Não é um tipo tão porreiro como julgas.

– É, sim.

– Confia em mim. Não é.

Parece ter algo específico em mente, mas tenho a certeza de que é algo estúpido.

– Olha, ele não é um assassino.

Ela solta um som exasperado.

– Não percebes, Brooke? Tem de ter sido ele. Foi o único a ter oportunidade. Estava sozinho na sala de estar e pode ter subido para a matar. Mais ninguém teve hipótese de o fazer.

Mordo o lábio inferior. Os meus lábios ficaram muito gretados ao longo das últimas semanas, com a viragem do tempo. Lambê--los e mordê-los agrava a situação, mas não consigo evitar.

– Na verdade – digo eu –, houve outra pessoa a ter oportunidade.

– Quem? O Shane estava lá fora. E não está cá mais ninguém. Quem mais teve oportunidade?

– Tu. – Tento distinguir as suas feições no quarto escuro, mas tudo o que vejo são os seus olhos negros com o rímel a escorrer. – Ficaste sozinha na sala de estar enquanto eu e o Tim estávamos na cozinha.

Ela fica de queixo caído.

– *Desculpa?*

– Bem – digo eu pensativamente. – *Faz* sentido. Mais do que o Tim ou o Shane terem matado aleatoriamente o Brandon e a Kayla. Quer dizer, o Brandon andava a trair-te. *Muito*. E depois a Kayla acusou-te de o matares. É razoável...

– Oh, isto é bom! – A Chelsea parece estar a tentar ser sarcástica, mas tem um laivo de ligeira histeria na voz. – Primeiro, o meu namorado é assassinado e eu tenho de encontrar o seu cadáver. E agora tu achas que o matei, e aparentemente arrombei a porta da Kayla e despachei-a também?

– Não, não estou a dizer isso – respondo eu, cautelosa. – Estou só a salientar que tinhas motivo e oportunidade.

Por um momento, ela para, a sua silhueta completamente imóvel.

– Se fui eu que os matei, porque me estou a dar ao trabalho de procurar uma arma? Se fui eu, quer dizer que tenho uma faca escondida algures, não é?

– Suponho... suponho que sim.

– Pois com certeza. – Abana a cabeça. – Quer dizer, perdeste completamente o juízo se achas que eu sou capaz de matar duas pessoas.

O meu estômago revolve-se quando um pensamento me atinge. O Tim andava à procura da faca enquanto a Chelsea e eu estávamos na casa. Não a encontrou, mas essa foi uma informação que só partilhou comigo. Portanto, como poderia ela saber que

o assassino tem uma faca escondida? A menos que...

– Acho que devíamos ir para baixo. – Ponho-me de pé. – Quero certificar-me de que os rapazes estão bem. E... acho que é melhor ficarmos todos juntos.

– Estás louca? Tanto quanto sabemos, o Tim já esfaqueou o Shane até à morte e está à nossa espera ao fundo das escadas!

– Não – digo eu com firmeza. – Não está.

Tenho de sair deste quarto. Agora que a Chelsea sabe que a topei, não estou segura aqui. Não quero acabar como o Brandon e a Kayla – não posso. Dirijo-me à porta e rodo o puxador, mas a muralha de livros que construímos à frente impede-me de a abrir.

– Ei, ei, ei! – A Chelsea põe-se à minha frente e encosta a mão à porta, mantendo-a fechada. – A sério, o que estás a fazer? Não é seguro lá em baixo.

– Quero ir. – Pontapeio alguns dos livros. – Deixa-me ir.

– Brooke, estás a ser louca! Não achas mesmo que eu matei o Brandon e a Kayla, pois não?

– Não sei. – Afasto mais alguns livros do meu caminho. – Preciso só de sair daqui. Tenho de ir à casa de banho.

Tento novamente chegar ao puxador, mas a Chelsea está a bloqueá-lo com o corpo. Ergo o olhar para fixar o seu rosto redondo, o cabelo preto com as pontas claras que ajudei a descolorar na casa de banho de sua casa e os olhos castanhos que subitamente parecem poças de negrume à luz ténue do quarto do Shane.

– Chelsea – digo eu com firmeza. – Afasta-te. *Já.*

O seu olhar fixa-se no meu rosto.

– Não. Não vais sair.

A Chelsea andava a vasculhar o quarto em busca de uma arma, mas não precisava de procurar. Teve sempre uma faca em sua posse. A mesma que usou para matar o Brandon e a Kayla. A mesma que irá usar para me matar a mim.

Só que, ao olhar-lhe para as mãos, vejo-as vazias. Onde está a faca? Tê-la-á escondido algures?

– Chelsea...

– Tens de ficar aqui, Brooke. *Não podes* sair.

Não, não vou acabar como o Brandon e a Kayla. Se conseguir passar por ela e fugir deste quarto, o Tim e o Shane ajudar-me-ão. E tenho uma vantagem sobre os outros dois que ela matou – sei do que ela é capaz. E sei, pelo treino da claqué, quais são as suas fraquezas.

Puxo o ténis atrás e pontapeio-lhe a canela com toda a força que consigo invocar, em cheio no sítio onde sempre tem dores quando corremos. A Chelsea cai ao chão, gemendo agarrada à perna.

– Sua cabra! – grita ela.

Agarro outra vez no puxador e desta vez consigo abrir a porta alguns centímetros. Rapidamente, dou graças por todas as horas que passei a controlar o meu peso para caber no meu uniforme de chefe de claque e enfio o corpo pela pequena brecha entre a porta e o caixilho.

– Brooke! – grita a Chelsea.

Não me viro para a ver tentar pôr-se novamente de pé. Não tenho muito tempo, mas só preciso de alguns segundos de avanço. Corro para o corredor, que está totalmente às escuras, e tateio em busca do corrimão da escadaria. Tenho de ir lá para baixo.

– Tim! – chamo eu. – Shane!

Não obtenho resposta.

Não é bom sinal. Tinha partido do princípio de que estariam ambos na sala de estar do andar de baixo, a manter-se de olho um no outro, mas a sala está num silêncio sepulcral. Não está ninguém lá em baixo.

Subitamente, pergunto-me se não terei cometido um erro terrível ao sair do quarto.

Cuidadosamente, desço as escadas o mais rápido que me atrevo. Oíço barulhos vindos do quarto do Shane.

– Brooke! – chama novamente a Chelsea, mas a sua voz soa abafada, como se ainda estivesse no quarto. É estranho. Atingi-a com força, mas não assim com *tanta* força. Já devia estar de pé por esta altura, e a descer as escadas a correr atrás de mim.

– Tim! – chamo novamente, agora quase aos gritos. – Shane!

Ao chegar ao fundo das escadas, solto um ganido ao tropeçar e cair. Estava algo estendido no meu caminho, a bloqueá-lo. Algo macio.

Oh, meu Deus. É um corpo.

Olho para baixo, tentando ver quem é, mas a sala de estar está demasiado escura. Ergo as mãos do chão e há algo húmido e pegajoso a cobrir-me as palmas.

Sangue.

Oh, meu Deus. A Chelsea tinha razão. Mais alguém foi morto enquanto ela e eu estávamos escondidas no quarto. A Chelsea nunca teve qualquer intenção de me magoar – só queria que eu ficasse no quarto para não acabar como os outros. Solto um soluço engasgado, sabendo que tenho de me levantar e fugir, mas o meu corpo parece petrificado.

E então o peso de um corpo esmaga-me, impedindo-me de me voltar a levantar. E uns dedos agarram a corrente à volta do meu pescoço, apertando-a.

Quando saio da sala de exame para ver quem é o meu próximo paciente, a única pessoa à espera é o Shane Nelson.

Mais uma vez, o guarda Hunt agrilhoou-lhe os pulsos e os tornozelos. E é óbvia a razão para o Shane estar aqui: alguém lhe deu uma tarefa dos diabos. Tem o lábio inferior fendido, um profundo hematoma a desabrochar na maçã do rosto esquerda e, quando Hunt o ajuda a levantar, tem de coxear para o interior da sala de exame.

– Pensava que não íamos mais usar os grilhões com ele – digo eu a Hunt.

O guarda lança-me um olhar. A nossa relação tornou-se decididamente gélida desde que o confrontei com o nosso passado comum, mas sinto-me mais corajosa, pois tive uma entrevista ontem na clínica de cuidados primários e correu bem. Se ele quiser fazer com que me despeçam, por mim, tudo bem.

– Estava a lutar – atira-me Hunt. – Os grilhões são obrigatórios.

Tendo em conta que não vejo quaisquer abrasões nos nós dos dedos do Shane, parece-me menos que estava a lutar e mais que levou uma sova. Mas não forço a questão. Fecho, porém, a porta assim que o Shane entra na sala de exame.

– Jesus – comento eu.

– Não é tão mau como parece – diz ele. – A sério.

Perscruto-lhe o rosto. O hematoma de quando bateu contra a minha secretária desapareceu por completo, e ainda tem uma ligeira cicatriz rósea da laceração que suturei da primeira vez que cá estive. Tem aquele corte no lábio e alguns hematomas no rosto, mas nada que pareça precisar de pontos. Ainda assim, noto que estremece de cada vez que muda de posição.

– O que te dói? – pergunto-lhe eu.

– Tenho uma costela partida.

Arqueio as sobrancelhas.

– Como sabes isso?

– Porque sinto exatamente o mesmo que da última vez que tive uma costela partida.

Pergunto-me quantas costelas partidas terá ele tido desde que está aqui dentro.

– Vou pedir uma radiografia torácica – digo-lhe eu.

– Fantástico.

Apesar de tudo, sinto uma vaga de compaixão pelo Shane. No curto período desde que aqui trabalho, vi-o vir cá com ferimentos significativos às mãos de outros reclusos em duas ocasiões diferentes. Mesmo que seja «maligno», como o Tim alega que é, parece errado que a prisão permita que isto aconteça.

– Tens a certeza de que não queres denunciar os homens que te fizeram isto?

– Muita – replica ele, com um resfôlego. – Achas que quero que isto me aconteça todos os dias?

– Sabes – digo eu –, às vezes é preciso fazer frente aos rufias. No ano passado, quando o meu filho andava no quarto ano, todos os dias era maltratado. Mas agora...

Paro bruscamente porque o Shane está a olhar para mim como se tivesse acabado de lhe dar um murro no estômago. Reproduzo mentalmente o que acabei de dizer, tentando perceber o porquê de ele estar com essa cara. E então apercebo-me.

– Tens um filho no quinto ano? – pergunta ele, em voz rouca. – Disseste que andava no *jardim de infância*.

Abro a boca, mas não me sai qualquer palavra. Apenas um ligeiro guincho.

– Brooke. – Aperta os joelhos com as mãos. Hunt deve ter-lhe posto as algemas extremamente apertadas, pois consigo ver o metal a morder-lhe os pulsos. – Que idade tem o teu filho?

Podia mentir. Não haveria forma de ele descobrir a verdade. Mas, por outro lado, estou certa de que consegue vê-la escrita no meu rosto.

– Tem dez anos.

– E é...?

– Sim. – Assinto lentamente. – É teu.

O que quer que aqueles homens tenham feito ao Shane para o fazer vir parar aqui, o que eu acabo de lhe fazer é muito pior. Parece estar com muita dificuldade em recuperar o fôlego, o que é um pouco perturbador se tiver realmente uma costela fraturada, mas não creio que seja essa a razão.

– Porque não me disseste? – consegue ele perguntar.

Abano a cabeça, mas não respondo. Não acho que ele esteja à espera de que o faça. A resposta é óbvia.

– Brooke, posso...? – Hesita, e temo que me vá pedir que traga o Josh para o

visitar. Não o farei. Não há forma de me conseguir convencer a isso. Mas, ao invés, ele pede-me outra coisa. – Posso ver uma fotografia dele? Por favor?

Não devia. Não devia mesmo. Mas a forma como ele me fita parte-me o coração. E, na verdade, que mal poderá fazer?

Assim, pego no meu telemóvel. Abro uma foto recente do Josh e estendo o ecrã para ele ver. O Shane olha para a foto, de lábios entreabertos.

– Meu Deus – murmura. – É parecido comigo.

– Sim.

– Posso ver mais uma? Por favor, Brooke?

Não devia *mesmo* fazê-lo, mas parece que não lhe consigo dizer não. O Shane nunca irá conhecer o filho, mas posso ao menos dar-lhe isto. Portanto, mostro-lhe algumas fotografias recentes. Uma do Josh a jogar basebol. Outra de uma festa de aniversário. Mostro-lhe também algumas antigas. O Josh no seu primeiro dia no jardim de infância, a posar orgulhosamente com a sua mochila das *Tartarugas Ninja*. O Shane devora tudo. Em todos os meus anos como mãe, acho que nunca vi ninguém assim tão hipnotizado pelas fotografias do meu filho. Nem os meus pais alguma vez pareceram assim tão interessados.

Facilmente poderíamos passar as horas seguintes a ver estas fotografias, mas então Hunt bate ruidosamente à porta.

– Estão a terminar?

Guardo novamente o telemóvel no bolso das calças. O rosto do Shane esmorece.

– Desculpa – digo eu.

– Não faz mal – responde ele. – Obrigado. Por me mostrares essas fotografias. Sei que não tinhas de o fazer.

– Não tens de quê.

Os seus olhos castanhos estão tão tristes que quase me parte o coração.

– Ainda bem que nunca o trouxeste aqui. Não queria que ele me visse assim. Não queria que soubesse que o pai está...

– Sim...

O Shane olha para a parede. Há algo na sua expressão que não consigo interpretar.

– Sabes... – diz ele. – Às vezes, quase me habituo a como é horrível estar aqui preso, sobretudo por algo que nem fiz. Aceito o facto de que terei de pedir autorização para ir à casa de banho para o resto da vida, que nunca terei um emprego a sério, nunca mais voltarei a conduzir um carro, nunca mais estarei com... com uma mulher. Que todas as refeições que irei comer para o resto da vida vão saber a trampa. Que, uma vez por mês, um bando de sujeitos me vai atacar na minha cela e dar-me uma tarefa de meia-noite sem outra razão além de, talvez, ter olhado da maneira

errada para um deles. – Sorve uma inspiração trémula. – Mas então descubro outra maldita coisa que estar aqui dentro me tirou e é simplesmente... é...

Cerra os lábios com força, apesar de que deve doer como o raio com aquele corte que tem no lábio inferior. Demoro um segundo a perceber que está a tentar não chorar.

– Shane – digo eu. – Porque não fazemos aquela radiografia torácica?

– Deixa estar – murmura ele. – Não te incomodes.

– Acabas de me dizer que tens uma costela partida. Temos ao menos de nos certificar de que não tens um pneumotórax. Isso podia matar-te.

– Duvido. Não tenho assim tanta sorte.

– Shane...

– Tenho o direito de recusar, Brooke – corta ele bruscamente. Baixa a voz. – Concede-me ao menos isso.

Os nossos olhares cruzam-se. Por um momento, é o rapaz que eu costumava ir ver jogar futebol quando era chefe de claque. Era tão bom a fazê-lo. E ficava tão atraente com o seu equipamento. Mas, acima de tudo, adorava o quanto ele costumava ficar empolgado ao avistar-me no campo e acenar-me.

Jamais teria acreditado que esse rapaz fosse capaz de me tentar matar.

A verdade é que ainda não acredito. Aconteceu mais qualquer coisa nessa noite – algo importante que me está a escapar. Algo que repuxa a periferia da minha memória. Sinto que, se pudesse pensar o suficiente, descobriria. Mas, quanto mais tento recordar, mais me escapa.

É o Shane o primeiro a quebrar o contacto visual.

– Gostaria de voltar para a minha cela agora.

– Tens a certeza de que não queres...

– *Sim*.

Faço o que ele diz – peço a Hunt para o levar de volta à sua cela sem fazer os exames de que precisa. Está deprimido – isso é óbvio. Suicida? Não sei. Temos um psiquiatra que alegadamente vem cá uma vez por mês, mas ainda não o vi uma única vez nos meses desde que aqui estou. Pondero chamar de novo o Shane para lhe perguntar mais sobre o assunto, mas não quero torturá-lo.

Não tenho a certeza de que vá voltar a ver o Shane enquanto estiver a trabalhar aqui. Provavelmente, fará todos os possíveis para evitar quaisquer visitas médicas, e se a clínica de cuidados primários me oferecer um emprego, ponho-me a andar daqui. Tem sido demasiado difícil vê-lo. Não é nada como eu pensava que iria ser.

Ainda bem que isto está quase a acabar.

Vou morrer.

O meu amado colar com o floco de neve – o que usei todos os dias durante os últimos sete anos – está a cortar--me o aporte de oxigénio. Dedos fortes apertam-no com firmeza, bloqueando-me a traqueia enquanto arquejo, tentando respirar.

– Por favor... – Tento formar as palavras, mas não tenho ar.

Vai matar-me. O Tim vai matar-me com o colar que me comprou para o meu décimo aniversário. A ironia da situação.

Só que então capto um sopro de algo. Algo no ar. Um cheiro familiar perto de mim, vindo do rapaz que me prende.

Sândalo.

O *aftershave* do Shane.

Não é o Tim, afinal. O Tim é o que jaz morto no chão. É o Shane quem me prende, tentando asfixiar-me até à morte. O Shane, que teve oportunidade de planejar isto. De se livrar de todas as facas e armas em sua casa exceto a faca que utilizou para esfaquear mortalmente o Brandon e a Kayla – e agora o Tim.

Mas escolheu um fim diferente para mim.

– Shane – tento crocitar.

Mas não adianta. A minha cabeça começa a andar à roda enquanto tento agarrar-me à consciência. Debato-me contra ele, mas é demasiado forte e está em vantagem, deitado em cima de mim.

Onde está a Chelsea? Não compreendo. Estava a tentar sair do quarto. Já devia ter saído por esta altura – devia ser capaz de me ajudar. Mas não está aqui. Talvez tenha decidido esconder-se quando me ouviu gritar. Não posso propriamente culpá-la.

Surge um relâmpago e capto um vislumbre do sangue empoçado debaixo de mim. Parece inútil. O Shane já matou três pessoas esta noite. E uma delas era um jogador

de futebol americano ainda maior do que ele. A minha consciência está a fugir-me. Vou morrer. Vai mesmo acontecer.

Um trovão sacode os alicerces da casa. É o mais forte até agora, e apercebo-me vagamente de outro som em pano de fundo. E de algo mais.

Do quebrar de um dos elos do meu colar.

Subitamente, o ar invade-me os pulmões. Consigo respirar novamente. Uma vaga de adrenalina atinge-me e sinto que o Shane perdeu o equilíbrio quando o meu colar se quebrou. Se alguma vez houve alguma hipótese, é esta. Com todas as minhas forças, projeto o cotovelo para trás.

Quando ele geme de agonia, sei que acertei em cheio. A pressão sobre o meu corpo afrouxa e consigo sair de baixo dele. De certeza que daqui a um minuto terá recuperado, por isso tenho de fugir. Não posso olhar para trás.

Chego à porta da frente e abro-a com tanta força que as dobradiças berram. Saio para a noite, quase inconsciente do frio que está e do facto de não ter um casaco vestido. A chuva cai torrencialmente e há praticamente um rio em frente à casa do Shane, mas não posso pensar nisso. Tenho de fugir. Talvez haja uma linha elétrica caída à espera para me eletrocutar, mas tenho de correr esse risco.

Corro para a estrada inundada, grata por as minhas horas de treino como chefe de claqué me terem mantido ágil e em forma. Claro que o Shane também está bastante em forma. É lançador. E as suas pernas são muito mais compridas do que as minhas. Tudo o que tenho a meu favor é um avanço e o facto de ninguém me ter dado uma cotovelada com força nos testículos.

– Brooke!

Oiço chamar o meu nome algures atrás de mim. Ou talvez esteja apenas a imaginar coisas. Talvez seja o vento. Mas tenho de acreditar que ele está logo atrás de mim. Não me pode deixar partir. Se sobreviver, direi a toda a gente o que ele fez.

– *Brooke!*

Escorrem-me lágrimas pelas faces. Sinto os pés dormentes da água gelada, mas tenho de continuar. É a minha única hipótese. Tenho de sobreviver.

– Broo...

E então vejo-os. Uns faróis ao longe. Parece uma carrinha de caixa aberta. Em circunstâncias normais, é o tipo de veículo de que manteria a distância a altas horas da noite, pois nunca se sabe que tipo de assassino com um machado o está a conduzir, mas neste momento é a minha única hipótese.

Corro em direção à carrinha, agitando as mãos no ar.

– Pare! – grito. – Ajude-me!

Graças a Deus, a carrinha para e a noite não acaba comigo a ser atropelada e morta por uma carrinha de caixa aberta. Arrisco um olhar para trás de mim, mas não está lá ninguém. Não tenho a certeza de que o Shane me estivesse sequer a seguir, mas, se estava, desapareceu.

Corro para a lateral do veículo. O condutor é um tipo grande com uma barba cerrada. É maior do que o Shane. Parece duro, mas arregala os olhos e perde toda a cor do rosto ao ver-me ali toda ensopada, com a camisola coberta de sangue.

– Por favor, ajude-me – digo eu.

E então desfaleço.

Acabou.

Quando a polícia chegou à quinta dos Nelsons, encontrou cinco corpos. Brandon Jensen no alpendre – morto. Kayla Olivera num dos quartos do andar de cima – morta. Chelsea Cho no quarto do Shane – esfaqueada até à morte entre o momento em que eu fugi do quarto e a chegada da polícia. O Tim no chão da sala de estar – inconsciente e a sangrar, mas ainda vivo. E o Shane também no chão da sala de estar – sem sentidos. Três mortos, três sobreviventes.

Fui eu quem disse à polícia que o Shane me tinha tentado estrangular com o meu colar. Quando recuperou os sentidos, o Tim confirmou que o Shane o tinha atacado com uma faca e o tinha derrubado. Mas o Tim obrigou-se a levantar do chão e atingiu o Shane na cabeça com um taco de baseball, deixando-o inconsciente para o impedir de me seguir porta fora – mesmo antes de desfalecer também. As impressões digitais do Shane foram encontradas na faca.

O Shane foi o único a contar uma história diferente. Disse que nunca tinha esfaqueado o Tim – e era a *sua* faca, por isso claro que tinha as suas impressões digitais. Afirmou que o Tim o tinha derrubado e que não se conseguia lembrar de nada do que aconteceu a seguir. Alegou que o Tim devia ter-se esfaqueado a si mesmo para dar a ideia de que era ele a parte inocente. Mas, claro, fui eu o desempate que apoiou a história do Tim. Quando disse à polícia o que o Shane me tinha feito, foi ele que foi preso.

Apesar de eu nunca lhe ter visto o rosto durante todo o episódio.

E agora o Shane vai passar a vida na prisão. O Tim, por outro lado, é o meu namorado. Alguém com quem começo a pensar que talvez possa ter um futuro, pela primeira vez desde que me tornei mãe solteira, aos dezoito anos. É um excelente homem.

O melhor, na verdade.

Foi o Shane quem me tentou estrangular nessa noite. Tem de ter sido.

Esta noite, o Tim e eu vamos celebrar. Consegui o emprego na clínica de cuidados primários e o salário e as regalias são espantosos, para não falar de que é muito mais perto e muito menos assustador do que a prisão. A entrevista correu muito bem – pediram-me desculpa por não terem respondido ao meu primeiro pedido de entrevista quando andava a enviar o meu currículo para toda a vila. Aparentemente, um paciente insatisfeito ligou-lhes a avisar sobre mim. Senti-me terrível por um paciente me detestar ao ponto de fazer uma coisa dessas, mas tentei tirar isso da cabeça. Ao menos agora tenho o emprego.

Assim, entreguei o meu pré-aviso de demissão na Penitenciária de Raker, e apesar de a Dorothy ter armado um certo alvoroço a esse respeito, quando salientei o facto de não me ter encontrado nem uma vez com o médico que supostamente me devia estar a supervisionar, ela rapidamente mudou de tom e desejou-me sorte no meu novo cargo.

Nunca mais terei de lidar com a Dorothy nem com Marcus Hunt. Nunca mais terei de ver o Shane. Graças a Deus.

A Margie vai ficar a tomar conta do Josh para que eu e o Tim possamos ter uma noite a sós. O Tim meteu na cabeça que queria preparar-me um jantar, por isso vou neste momento a descer o quarteirão até sua casa. Adoraria passar lá a noite, mas não é justo pedir isso à Margie, por isso voltaremos os dois para minha casa ao fim da noite.

Ao encostar o dedo à campainha, um pensamento aleatório invade-me a mente: pergunto-me se a Kelli Underwood alguma vez terá vindo aqui. Tenho a certeza de que o Tim me disse que tiveram alguns encontros, pelo que não é impossível que ele a possa ter convidado para sua casa. Pode ter estado neste exato local, a tocar à campainha.

Continua desaparecida. Passou já uma semana. Tenho consultado diariamente as notícias em busca de atualizações, e o tom dos artigos parece cada vez menos otimista. Por esta altura, se pudesse fazê-lo, já ela teria contactado alguém. Quanto mais tempo alguém passa desaparecido, menos probabilidades há de que apareça vivo e de boa saúde.

Tentei abordar o tema ontem à noite com o Tim, mas ele mudou de assunto. Não o culpo, suponho. Parece desconfortável em falar das suas ex-namoradas – tal como eu.

O Tim abre a porta de casa em *T-shirt* e calças de ganga. Todo o seu rosto se ilumina ao ver-me à porta, como sempre acontece. Seria de esperar que, agora que já namoramos há mais de dois meses, ele não parecesse sempre tão entusiasmado por me ver. Mas parece. É como se estivéssemos destinados a acabar juntos ao fim de

todos estes anos.

– Brooke! – exclama ele. – Entra... está frio!

Tem razão – as temperaturas desceram na última semana e o meu casaco fino não parece nem de longe suficientemente quente. Faz muito mais frio em Raker do que em Queens.

Uma vez no interior da casa, o Tim ajuda-me a despir o casaco e envolve-me nos seus braços para me aquecer. Deito a cabeça no seu ombro, sentindo uma vaga de felicidade. Nunca pensei que voltaria a ter uma relação assim tão boa. A cada dia que passa, sinto-me mais e mais certa de que o Tim é o tal. E ele não guarda segredo de que sente o mesmo por mim.

– Ei – diz ele. – Como correu o teste de matemática do Josh?

Ontem à noite, o Josh e o Tim passaram uma hora a estudar a soma de frações com denominadores diferentes para o seu teste de hoje. Tinha tentado explicar isso ao Josh na semana passada, mas, de alguma forma, não lho consegui transmitir. Felizmente, o Tim é um professor profissional da escola primária que costumava dar aulas dessa exata disciplina.

– Teve cem por cento – digo eu.

– Muito bem! – exclama o Tim, erguendo o punho no ar. – Isso é ótimo.

– Ainda bem que um de nós tem jeito para ensinar matemática a crianças de dez anos.

– Não te sintas mal. Ao menos, és gira.

Rio-me e dou uma palmada no ombro do Tim.

– Sabes o que fizeste, não sabes? A partir de agora, vais ter de fazer isto sempre que o Josh tiver um exame. És agora o professor de serviço.

Ele sorri-me.

– Não me importo.

Ao dirigir-me à sala de estar, sinto um cheiro tentador vindo da cozinha. Não é tão bom como os aromas culinários da Margie, mas cheira bastante bem. Inspiro fundo ao instalar-me no seu sofá.

– O que estás a cozinhar para mim?

O Tim senta-se ao meu lado no sofá.

– Adivinha.

Dou outra farejadela.

– Cheira-me a molho de tomate.

– Bingo.

Lembro-me de que, na outra noite em que cá estive, o Tim fez esparguete com almôndegas.

– Esparguete com almôndegas?

Ele faz-me uma careta.

– Deverei ficar ofendido por o facto de te cheirar a molho de tomate te fazer partir do princípio de que devo ter feito esparguete com almôndegas? *Sei* fazer outras coisas, sabes?

– Bem, o que é, então?

– É esparguete com almôndegas – responde ele, um pouco à defesa. – Mas *podia* ser outra coisa. Podia ter sido lasanha. Frango à *parmegiana*. Estou só a dizer...

Inclino-me para o beijar.

– Adoro esparguete com almôndegas.

Ele retribui-me o beijo, puxando o meu corpo para o seu. Terá sido assim que beijou a Kelli Underwood? Ela parecia certamente achar que ele beijava bem.

Não, basta. Porque estou eu a pensar nisso?

– Amo-te, Brooke – murmura-me ele ao ouvido.

Desde a primeira noite em que mo disse, abrimos as comportas. Adora dizer-me que me ama. E não posso dizer que não adore ser amada.

– Também te amo.

Ele afasta-se e olha na direção da cozinha.

– Não te cheira a queimado?

– Não...

Franze o sobrolho.

– É melhor ir ver como está a comida. Volto já.

Enquanto o Tim corre para a cozinha para tratar do esparguete com almôndegas, recosto-me na almofada do sofá. Sinto algo apertado contra a minha coxa, a causar uma pressão desconfortável, e levo a mão atrás para ver o que é. Entre as almofadas do sofá, os meus dedos localizam um pano enrolado.

Puxo o pano até se soltar. É então que me apercebo de que não era de todo um pano. É um lenço de seda verde, que se misturou com o tecido do sofá também verde.

De quem é este lenço de seda? Não pertence seguramente ao Tim. Aproximo o tecido do nariz, inalando o aroma de um perfume de mulher. O cheiro é-me vagamente familiar.

– O molho está ótimo – anuncia o Tim, ao regressar à sala de estar. – Diria que a comida deve estar pronta daqui a uns dez minutos. Espero que estejas com fome, porque fiz demasiada.

Nem consigo forçar um sorriso. Os meus dedos apertam o lenço de seda na minha mão.

– Tim, de quem é este lenço?

Ele mal lhe lança um olhar.

– Não sei. Teu?

– *Não* é meu.

Olha mais atentamente para o tecido verde na minha mão, semicerrando os olhos.

– Não me parece familiar. Talvez seja da minha mãe?

Faz sentido, claro. Esta é, afinal, a casa dos pais do Tim. Não devia ser suspeito encontrar uma peça de roupa de mulher enfiada na mobília. Talvez o perfume que senti me tenha parecido familiar porque era o mesmo que a Sra. Reese costumava usar há todos aqueles anos.

Sim, deve ser disso que se trata. Afinal, não é como se o Tim andasse a trazer outras mulheres para aqui. Ele não me trairia.

O Tim puxa-me o lenço da mão e atira-o para cima da mesa de café. Em seguida, senta-se ao meu lado no sofá, tão perto que a sua coxa fica encostada à minha.

– Escuta – diz ele. – Há algo de que te quero falar.

– Oh?

– Sim. – Estendendo o braço, aperta-me a mão. – É só que... Sou louco por ti, Brooke. Sempre fui. E sei que não estamos juntos há assim tanto tempo, mas odeio estar longe de ti sequer por uma noite. Por isso, estava a pensar que... talvez...

Estará ele a perguntar-me se devíamos viver juntos? Porque, se é essa a questão, não sei o que dizer. Também sou louca por ele. Mas tenho de pensar no Josh. Não posso virar-lhe a vida de pernas para o ar ao levar outra pessoa para viver connosco só para tudo desmoronar. Não posso dar um pai ao meu filho e depois tirá-lo.

E há outra razão para eu não ter assim tanta certeza de que estou pronta para passar ao próximo nível com o Tim. Não consigo sacudir a sensação de que me está a esconder alguma coisa. Porque se mostrou tão evasivo sempre que lhe tentei fazer perguntas sobre a Kelli? Já me disse que saiu com ela. Porque não admite?

E a quem pertence realmente este lenço?

O Tim deve aperceber-se da expressão no meu rosto, pois solta-me a mão e chega-se para trás no sofá.

– Sabes que mais? Vamos falar sobre isto mais tarde.

Os meus ombros relaxam.

– Boa ideia.

– Ei – diz ele, apertando-me o joelho. – Porque não vais buscar um vinho à garrafeira? Acho que nos fazia bem uma bebida.

É a modos que adorável que o Tim chame garrafeira à sua cave – mas já se afastou em direção à cozinha para tratar de seja o que for que está a queimar, pelo que não

tenho oportunidade de o provocar a esse respeito. Não é uma garrafeira – de todo. É uma cave com para aí uma dúzia de garrafas de vinho e uma grade de madeira que o pai dele construiu. Mas suponho que, se lhe quer chamar garrafeira, não o vou censurar por isso.

Enquanto o Tim está na cozinha, rodo o puxador da porta da cave. Tal como a minha, também esta casa é velha e a porta prende, pelo que tenho de lhe dar um puxão para a abrir. E, claro, a cave está completamente às escuras. Tateio em busca do cordão para acender a lâmpada. Após cerca de trinta segundos a tatear às cegas, os meus dedos estabelecem contacto. Uma única lâmpada acende-se, iluminando tenuemente a cave.

A cave da casa do Tim parece mais fria do que o exterior – quase gélida – e o ar está ligeiramente húmido. Mal entro, identifico um desagradável cheiro a bafio que não estava cá da última vez que vim buscar uma garrafa de vinho – provavelmente está a criar bolor aqui em baixo. Desço as escadas de madeira tortas, agarrando-me ao gélido corrimão de metal para não cair. Está suficientemente escuro aqui em baixo para me sentir nervosa quanto ao posicionamento dos meus pés no chão.

Ao chegar ao fundo, encontro a grade de vinhos à minha espera. O Tim parece ter-lhe juntado mais algumas garrafas desde a última vez que vim cá abaixo. Não que seja alguma espécie de conhecedor de vinhos, mas simplesmente adora ter uma garrafeira.

Após puxar algumas garrafas para ver os rótulos, escolho uma garrafa de *Merlot*. Será que o *Merlot* combina com esparguete com almôndegas? Não faço ideia. Mas saberá bem e dar-nos-á a ambos uma agradável euforia.

Quando estou prestes a voltar para cima, reparo numa lona cinzenta enrolada no chão da cave, ao canto da divisão. Não tinha reparado nessa lona da última vez que estive aqui em baixo a ver a coleção de vinhos. Para que quererá o Tim uma lona gigante?

Chego-me mais perto do material enrolado – o cheiro estranho é mais forte aqui. Mesmo à luz ténue da cave, consigo ver que algo sobressai da ponta. Baixo-me e percebo o que é – é um sapato. Não, não é apenas um sapato, é um sapato de salto alto vermelho.

E ainda está no pé de uma mulher.

Olho fixamente para o pé que se projeta da lona, incapaz de compreender o que estou a ver. Olho com mais atenção e consigo ver outro sapato a espreitar também da lona. Terá o Tim um manequim enrolado numa lona na sua cave?

Não te iludas, Brooke. Sabes exatamente o que estás a ver. O lenço dela está na mesa de café lá em cima.

Tenho de sair desta cave.

Deixo cair o *Merlot* ao chão e a garrafa estilhaça-se em dezenas de pedaços. Corro para a escadaria, subindo os degraus dois a dois, sem me dar ao trabalho de ter cuidado desta vez. Levo a mão ao puxador e...

Não roda.

Oh, meu Deus. A porta está trancada.

O Tim mandou-me cá abaixo buscar vinho. Queria que eu visse aquele cadáver embrulhado na lona. E agora prendeu-me aqui em baixo.

– Tim! – Bato na porta da cave. – Tim!

Tudo faz sentido de uma forma horrível. Andou este tempo todo a brincar comigo. Aquele *after shave* de sândalo – deve ter sabido como eu me sentia em relação a ele. E se foi ele que o pôs naquela noite na quinta, para eu pensar que era o Shane? E depois, claro, aquele maldito colar com o floco de neve. Foi ele quem mo ofereceu. Sabia que foi o colar utilizado para me estrangular nessa noite – porque foi ele quem o fez. Guardou-o todos estes anos e deu-mo só para me assustar.

Porque confiei nele? Devia ter dado ouvidos ao Shane. Ele *avisoou--me*. Disse-me que não podia confiar no Tim Reese. Implorou-me para não ter nada a ver com ele. Mas eu não acreditei. Houve tantos sinais e eu ignorei-os a todos porque confiava cegamente no Tim – no rapaz que conhecia desde que éramos bebés.

O Tim é doente. Nunca me apercebi disso até este momento.

– Tim! Deixa-me sair daqui!

Não pode manter-me aqui em baixo, pois não? Jamais se conseguiria safar com isso. A Margie sabe que estou aqui, tal como o Josh. Se não voltasse para casa, eles saberiam. Chamariam a polícia e dir-lhes-iam onde estou.

A não ser que ele planeie fazer-lhes algo também...

Tenho de sair daqui. Não posso deixá-lo fazer-me o que fez à Kelli. Mas como? Trouxe o meu telemóvel comigo, mas está na minha bolsa, que deixei no sofá da sua sala de estar.

O puxador treme ligeiramente. Oíço o Tim grunhir e dou um passo atrás no momento em que a porta se abre. Vejo-o à minha frente, os olhos com um aspeto quase vazio à luz do corredor.

– Desculpa lá isto – diz ele. – A porta deve ter ficado presa.

Olho-o fixamente. Vai realmente fingir que eu não vi o que acabo de ver lá em baixo?

Arqueia as sobrancelhas.

– Que vinho escolheste?

Espreito por cima do meu ombro para a garrafa de *Merlot* que jaz estilhaçada no chão da cave.

– Na verdade, não me sinto lá muito bem. Eu... acho que vou andando.

– A sério? – pergunta ele, cerrando os maxilares. – Passei a última hora a preparar o jantar. Vais mesmo embora?

– Eu... – Aperto as pontas dos dedos contra a têmpora. – Tenho uma enxaqueca.

– Tens enxaquecas? Nunca me falaste nisso.

– Bem, mas tenho.

– Porque é a primeira vez que tens uma enxaqueca em todo o tempo que passámos juntos.

Sinto a têmpora a latejar – mais um ou dois segundos e terei realmente uma enxaqueca.

– Quer dizer então que não posso ter uma maldita enxaqueca? É isso que estás a dizer?

Ele sacode a cabeça para trás.

– Não, não é isso que estou a dizer. Estou só a dizer... não vás. Vamos conversar por um minuto.

– Prefiro não o fazer.

– É por causa do que eu disse antes? Desculpa ter dito alguma coisa. Não te queria pressionar.

– Quero ir *embora*, Tim.

Não espero por uma resposta. Passo por ele rumo à porta da frente, recolhendo a minha bolsa do sofá. Tenho o meu telemóvel lá dentro e também o meu gás-pimenta – usá-lo-ei se for preciso, embora espere que não seja. O Tim corre para me alcançar. As suas pernas são muito mais compridas do que as minhas e ele agarra-me no braço antes de eu chegar sequer à sala de estar. Os seus dedos rodeiam-me o antebraço, cravando-se na minha pele.

– Brooke – diz ele. Há uma expressão nos seus olhos que mal reconheço. Este não é o Tim que eu conheço. É outro lado dele que eu nunca vi.

– Solta-me – silvo-lhe eu.

– Brooke, o que...

Nesse instante, a campainha toca. O Tim olha para a porta e depois de novo para mim. Solta-me o braço e eu afasto-me dele, sentindo o corpo a tremer. No momento em que o faço, ele repara nas luzes vermelhas e azuis a piscar através da janela junto à porta.

– Que raio...?

É a polícia. O que fazem aqui? É como se eu os tivesse chamado psiquicamente.

Deixo-me ficar para trás enquanto o Tim se dirige à porta. Corre os ferrolhos e abre-a. Parece apanhado de surpresa pela aparição de um agente fardado no seu alpendre da frente. O alívio apodera-se de mim. É um agente alto e musculado e parece capaz de vencer o Tim numa luta.

– Graças a Deus que está aqui! – arquejo eu, antes que o polícia possa abrir a boca.

– Ele não me queria deixar sair e... e está um cadáver na cave.

O Tim fica de queixo caído.

– Um *cadáver*? Brooke, como podes...

O agente da polícia parece tão chocado como o Tim. Continuo sem saber ao certo como veio aqui parar ou o que quer do Tim, mas dá um passo para o interior da casa, de mão no coldre.

– É o Timothy Reese?

– Sim. – Os olhos do Tim projetam-se das órbitas. – Mas... mas isto é de loucos! Brooke, em que estás tu a pensar?

– Tens um cadáver na cave – cuspo-lhe eu. – Eu vi! É a Kelli?

– A Kelli! Enlouqueceste? – Olha de mim para o polícia. – Isto é completamente absurdo, senhor agente. Não há nada na minha cave.

– E o lenço dela está na mesa de café – digo eu ao agente.

O Tim olha para mim, boquiaberto.

– Estás a falar de quê? Esse lenço é da minha *mãe*.

O agente fala para o que parece ser um *walkie-talkie* instalado no peito. Passado um instante, aparece um segundo polícia à porta.

– Senhor Reese – diz o primeiro agente. – Viemos cá devido a uma denúncia anónima de que uma mulher desaparecida chamada Kelli Underwood foi vista a entrar em sua casa na noite do seu desaparecimento.

Acho que vou vomitar. Durante todo este tempo, acreditei que o Tim era um bom homem. Como pude enganar-me tanto? Oxalá pudesse anular os últimos dez anos.

– Isto é ridículo – diz o Tim. – Eu nem conhecia a Kelli Underwood.

– Como podes dizer isso? – exclamo eu. – Saíste com ela! Beijaste-a!

A cor esvai-se do rosto do Tim. Lança um olhar desamparado aos agentes.

– Está bem, saí com ela *uma vez*. Há meses. Há pelo menos dois meses que não a vejo.

– Está a mentir! – Formam-se-me lágrimas nos olhos. – Tem-na lá em baixo, na cave, embrulhada numa lona. Eu vi-a!

– Isto é de loucos! – exclama o Tim. – Garanto-lhe, senhor agente, que não há

nenhum cadáver na minha cave. Tudo o que lá tenho é uma garrafeira. Juro.

O primeiro agente fixa o olhar no do Tim.

– Importa-se de que dêmos uma olhadela à sua cave?

Há uma expressão de pânico crescente no rosto do Tim enquanto olha de mim para o polícia.

– Escute... – Treme-lhe a voz. – Espere lá. *Espere*. Não precisa de...

Não conheço a lei, mas suponho que, por esta altura, o agente tem causa provável. Passa pelo Tim, que está com ar de quem vai ter uma apoplexia. O Tim começa a segui-lo, gritando protestos, mas o outro agente, mais velho e de cabelo grisalho, pousa-lhe uma mão firme no ombro.

– Deixe-se estar aqui, filho – diz o polícia ao Tim.

– Não há nada lá em baixo – protesta ele, franzindo as sobrancelhas. – Só a minha garrafeira.

As lágrimas escorrem-me agora pelo rosto. Não as consigo deter. O polícia vê que estou a chorar e lança-me um olhar compreensivo.

– Está bem, menina? Ele fez-lhe mal?

– Não lhe fiz mal nenhum! – explode o Tim. Tem o rosto vermelho-vivo. – A Brooke é minha namorada. Eu jamais...

Uma voz ergue-se da cave.

– Temos um cadáver aqui em baixo! Parece a Underwood!

Rápido como um relâmpago, o agente mais velho tira um par de algemas do cinto. O Tim parece estar agora à beira de vomitar.

– Timothy Reese, está detido pelo homicídio de Kelli Underwood.

– Por favor... – O rosto do Tim enrubesce enquanto o polícia lhe põe as algemas nos pulsos. – Não sei o que está na minha cave, mas não fui eu que a pus lá. Juro-lhe...

Mas o polícia não está a ouvir. Lê os direitos ao Tim enquanto o empurra em direção à porta da frente. Assisto a tudo e é tão surreal que sinto que, se me beliscar com força, acordarei na minha cama, coberta de suores frios. O Tim matou a Kelli Underwood

e guardou o corpo na cave, provavelmente com a intenção de se livrar dele a determinada altura. Provavelmente também matou aquela rapariga, a Tracy Gifford, há todos aqueles anos. E tenho quase a certeza de que foi ele quem me tentou estrangular naquela noite.

Percebi tudo mal. Cometi um erro terrível e confiei na pessoa errada. Por causa desse erro, um assassino ficou livre e agora uma rapariga está morta.

Tenho de fazer tudo o que puder para corrigir isto.

A polícia mantém-me em casa do Tim durante mais de uma hora, interrogando-me uma e outra vez. Digo-lhes como encontrei o corpo na cave, que o Tim não me queria deixar partir e refiro as minhas suspeitas sobre aquela noite na quinta há mais de uma década. Querem que os acompanhe à esquadra, mas eu explico-lhes que tenho de ir para casa ter com o meu filho e que não vou a lado nenhum com eles a menos que me queiram prender. Com relutância, deixam-me partir.

Quando regresso a minha casa, a Margie e o Josh estão na cozinha. Estão sentados à mesa, a pintar decorações em biscoitos de açúcar em forma de árvore de Natal. É uma cena tão doce que quase desato a chorar.

– Olá, mãe! – diz o Josh, erguendo entusiasticamente um dos produtos acabados. A árvore foi pintada com cobertura verde e acabamentos vermelhos. – Olha o que estamos a fazer!

Dá uma dentada no biscoito. Tenho medo de perguntar quantos comeu. A Margie é fantástica com ele, mas não é boa a impor *moderação*. Em qualquer outra noite, ter-me-ia incomodado. Mas hoje não me consigo obrigar a importar com o facto de o meu filho comer demasiados biscoitos.

– Onde está o Tim? – pergunta o Josh.

Sinto um nó duro na minha garganta.

– Hã...

A testa enrugada da Margie franze-se ainda mais.

– Está tudo bem, Brooke? Eu... ouvi as sirenes...

– Tudo ótimo. – A minha voz soa invulgarmente aguda. – Margie, muito obrigada por ter vindo esta noite. Vemo-nos na segunda-feira, está bem?

A Margie fita-me curiosamente enquanto enfia uma madeixa de cabelo grisalho atrás da orelha, mas recolhe obedientemente o seu casaco e a sua bolsa. Acompanho-a à porta e, antes de partir, ela lança-me um último olhar.

– Tem a certeza de que está tudo bem?

Assinto, mal confiando em mim mesma para falar.

– Ahã.

Depois de a Margie partir, regresso à cozinha, onde o Josh está a despachar o resto do biscoito de açúcar em forma de árvore. Franze o sobrolho ao ver-me.

– Onde está o Tim? – pergunta novamente.

– O Tim... – Oh, meu Deus, como vou eu contar ao meu filho o que acaba de acontecer? A razão por que nunca lhe falei do pai foi para o poupar a isto. – Não vem cá esta noite.

– O quê? – exclama o Josh, espetando o lábio inferior. – Mas ele disse que podíamos jogar *Nintendo* juntos se eu tivesse cem por cento no meu teste, e foi o que fiz!

– Surgiu uma coisa...

– Mas não é justo! Tive uma nota perfeita! Ele disse que jogava comigo. Prometeu...

– Eu sei, mas... – Sento-me numa cadeira ao lado do Josh. – Ele queria vir, mas aconteceu uma coisa. Fez algo mau e a polícia descobriu e teve de o levar.

O Josh olha-me fixamente.

– O que fez ele?

É a pergunta mais óbvia que me poderia ter feito e eu não estou minimamente preparada para ela.

– Cometeu um crime.

– Roubou alguma coisa?

– Não...

– Então o que fez?

– Ele... fez mal a alguém.

O Josh franze o rosto.

– O Tim não faria mal a ninguém de propósito.

Nem faz ideia...

– Mas fez, querido – digo eu. – E... provavelmente vai para a prisão. Durante muito tempo.

– Queres dizer que nunca mais cá volta?

Lentamente, abano a cabeça. O Tim nunca mais voltará a pôr os pés nesta casa. Nem por cima do meu cadáver. Deixa-me doente a forma como o deixei entrar nas nossas vidas.

O Josh reclina-se na sua cadeira. O seu rosto cora e só me apercebo de que está a chorar ao vê-lo limpar os olhos com as costas da mão. É tão duro vê-lo chorar em silêncio. Sinto falta das lágrimas estrepitosas e dramáticas de quando era pequeno. Isto é muito mais desolador.

– Josh – digo eu. – Por favor, não chores.

– *Tu* estás a chorar.

Levo a mão aos olhos e apercebo-me de que ele tem razão. Todo o meu rosto está molhado de lágrimas. O Josh sobe-me para o colo como costumava fazer quando era mais pequeno e eu abraço-o com força enquanto ambos choramos a perda de ainda mais uma pessoa nas nossas vidas.

DOIS MESES DEPOIS

A visão da cerca de arame farpado em redor da prisão de segurança máxima ainda me deixa tensa.

Despedi-me do meu emprego na Penitenciária de Raker há cerca de dois meses. Estive cá várias vezes desde então, mas só como visita. Do parque de estacionamento, dá para ver os espigões afiados no topo da vedação e as torres de vigia que rodeiam o pátio exterior.

Não estarei aqui muito tempo, ainda assim. Mal vou sair do carro. E, a partir de hoje, nunca mais cá voltarei.

Muito se passou nos últimos dois meses. Além do meu novo emprego, que adoro, o Tim está atualmente preso, a aguardar julgamento por múltiplos homicídios. Enquanto namorava comigo, andava também a perseguir a Kelli. Eu não fazia ideia, claro. Do meu ponto de vista, parecia o namorado perfeito. Apesar de várias pessoas da escola primária terem alegado que sabiam que havia algo um pouco estranho nele.

Retratei-me do meu testemunho sobre a noite na quinta. Apesar de saber que podia ter grandes problemas por isso, tinha de o fazer. Tinha de dizer à polícia que me apercebi de que tinha entendido tudo mal. Não foi o Shane quem me tentou estrangular nessa noite. Foi o Tim. Foi ele o ser suficientemente perverso para me tentar matar com o colar que ele próprio me comprou.

E depois guardou-o durante uma década inteira. À espera do momento certo para o usar contra mim.

Felizmente, não tive muitos problemas depois de renegar o testemunho. Foi um erro honesto da minha parte – tratou-se, afinal, de uma noite extremamente traumática. E isto abriu caminho para o Shane arranjar um novo advogado e conseguir anular o veredicto do seu julgamento.

Hoje, ao fim de onze anos, Shane Nelson vai ser libertado da prisão.

E eu estou aqui para o vir buscar.

As portas da prisão abrem-se e o Shane sai, vestido com um velho casaco preto, umas calças de ganga azuis e uns ténis que provavelmente costumavam ser brancos, mas são agora de um tom de cinzento. Traz um saco de viagem pendurado ao ombro, que contém todos os seus pertences neste mundo. Aceno-lhe para que me veja e ele retribui-me o aceno.

Ao aproximar-se, os círculos negros sob os seus olhos tornam--se mais visíveis, mas ao menos não tem hematomas no rosto. Temia que algo pudesse acontecer nos últimos dias que o impedisse de ir para casa, mas nada mais correu mal.

– Brooke. Olá.

– Olá – digo eu.

Quando o vinha visitar à prisão, nos últimos meses, tínhamos de falar um com o outro através de uma parede de vidro, usando telefones montados na parede. Não podíamos tocar um no outro. Agora, nada nos separa, mas ficamos apenas aqui parados, a sorrir nervosamente. Não sei qual de nós parece mais ansioso.

– Obrigado por me vires buscar – diz ele.

– Sem problemas. – Não é como se tivesse mais alguém para o fazer por ele. Além de mim, está sozinho no mundo. – Qual é a sensação de estar cá fora?

É uma pergunta tão estúpida, e sinto-me tola por a ter feito. Mas, pela primeira vez em muito tempo, o sorriso no seu rosto parece genuíno.

– É incrível.

Não será uma transição fácil de volta à vida normal. Terminou ao menos o secundário, mas o Shane tinha planos de ir para a universidade e, claro, isso nunca aconteceu. Não tem dinheiro e, embora seja provável que venha a ser completamente ilibado de todas as acusações, é difícil apagar o facto de que passou a última década da sua vida na prisão. Não pode simplesmente seguir em frente como se os últimos dez anos nunca tivessem acontecido.

A culpa é minha, e farei tudo o que puder para o ajudar.

Levo a mão ao bolso e tiro um telemóvel desdobrável. Estendo-o ao Shane.

– Aqui tens um telemóvel para usares se precisares. Tem um monte de minutos pré-pagos.

Ele pega-lhe, revirando-o na mão.

– Uau. Na prisão, isto seria contrabando e dos grandes. Muito obrigado.

– Não é nada de especial.

– Eu sei, mas agradeço.

Assinto, com um súbito calor no rosto.

– Bem – digo eu –, vamos fazer-nos à estrada.

O Shane atira o seu saco para a bagageira do meu carro e sobe para o banco do

passageiro ao meu lado.

– Tenho *mesmo* de recuperar a minha carta de condução.

– Não me importo de ser a tua motorista, entretanto – digo--lhe eu.

– Obrigado, Brooke.

– Queres parar para um pouco de *fast-food* no caminho de regresso?

A sua boca praticamente começa a salivar.

– Jesus, leste-me o pensamento.

Acontece que levar um homem que passou os últimos dez anos na prisão a um restaurante de comida rápida é ainda melhor do que levar uma criança a uma loja de doces. O Shane fica para aí uns dez minutos a olhar para o menu, de olhos arregalados, e acaba por pedir mais comida do que eu alguma vez o vi comer de uma só vez. Depois de pedir, tira um envelope cheio de dinheiro do bolso, mas eu faço-o voltar a guardá-lo. Praticamente não tem dinheiro – o mínimo que posso fazer é oferecer-lhe esta refeição.

Quando finalmente dá uma dentada no seu gorduroso hambúrguer de *fast-food*, parece que vai morrer de felicidade.

– Com um caraças, este hambúrguer é fantástico.

Olho para o meu próprio hambúrguer, com a sua carne que parece borracha e a alface murcha.

– Suponho que sim.

Enfia umas oito batatas fritas de uma vez na boca e bebe um longo gole do seu batido de baunilha.

– Desculpa. Não sabes o que andei a comer nos últimos dez anos.

– Era assim tão mau?

Ele retrai-se.

– Não quero falar nisso. Mas sim.

Por um momento, imagino o Tim sentado a uma das longas mesas do refeitório da prisão, a olhar para um tabuleiro de carne misteriosa e vegetais empapados. É o que merece. É *melhor* do que merece.

– Então – diz o Shane. – Quando é que o Josh chega a casa?

Por mais que esteja a desfrutar desta refeição de comida rápida, tornou-se óbvio a partir das conversas que tive com ele ao longo das últimas semanas que aquilo por que o Shane realmente anseia é conhecer o filho. Foi intransigente em como não podia levar o Josh a visitá-lo à penitenciária. *Não quero que me veja assim.*

– O autocarro chega geralmente a nossa casa às três e um quarto – digo eu.

Ele assente.

– Então...

Não sabemos muito bem qual a melhor forma de lidar com esta situação. Não é o tipo de coisa que se possa facilmente procurar na Internet. *Como apresentamos o nosso filho ao pai que passou dez anos na prisão por homicídio?* É complicado. Tudo o que disse ao Josh até agora foi que um velho amigo meu ia ficar algum tempo connosco.

– Vou só dizer-lhe que és um amigo meu – digo-lhe eu. – Foi o que combinámos, certo?

O Shane assente.

– Só quero conhecê-lo. Podemos dizer-lhe a verdade quando for a altura certa.

– Exato.

– Estava a pensar... – Dá outra dentada no seu hambúrguer. – Talvez, no caminho de volta, pudéssemos parar para eu lhe comprar um presente, sabes? De que tipo de coisa achas que gostaria?

– Adora basebol, mas está demasiado frio para jogar agora. – Penso por um minuto. – Sinceramente, hoje em dia, gosta sobretudo da sua *Nintendo*.

– Podia comprar-lhe um jogo?

– Mas são tão caros.

O Shane retrai-se.

– Bem, talvez possa...

– Shane. – Vou a pegar-lhe na mão, mas, no último instante, afasto-a. – Relaxa só. Tudo o que tens de fazer é conversar e talvez jogar um pouco de *Nintendo* com ele. É um miúdo fácil. Vai gostar de ti.

Ele sorri timidamente.

– Está bem. Desculpa. É só que isto é mesmo muito importante para mim.

– Eu sei. Mas confia em mim. Vai correr tudo bem.

O Josh é um miúdo fácil, e tenho a certeza de que vai gostar do Shane. A parte difícil vai ser explicar-lhe quem é realmente este homem e porque lho escondemos durante tanto tempo. Quanta da verdade lhe podemos contar? Não lhe quero mentir, mas tem dez anos. Não sei se consegue lidar com a verdade toda.

Suponho que teremos de ir improvisando.

Depois de chegarmos a minha casa, a primeira coisa que o Shane quer fazer é tomar um duche. Quando lhe digo que vá, vai direto à casa de banho do andar de cima e passa mais de meia hora lá dentro. Sai com ar de quem acaba de passar o dia inteiro num *spa*.

– Foi o melhor duche que tomei em dez anos – anuncia. – Pude pôr a água à temperatura que queria. Pude passar lá todo o tempo que quis. E não estava nu ao lado de outros cinco fulanos.

– Parece ótimo – digo eu, rindo.

Vejo-o olhar para o relógio.

– O autocarro deve chegar em breve, certo?

– Muito em breve. – Tirei o dia de folga do trabalho e dei também a tarde livre à Margie. – Provavelmente, chegará nos próximos dez minutos.

– Certo... – Passa uma mão trémula pelo cabelo molhado, olhando em seguida para as suas calças de ganga azuis. – Achas que o que tenho vestido está bom?

Está tão adoravelmente nervoso. Dirijo-me a ele e ponho-lhe as mãos nos ombros. É a primeira vez que lhe toco desde que saiu da prisão, mas parece-me certo.

– Não estejas nervoso. Ele vai gostar de ti. *Prometo*.

– Como sabes?

– Porque... – Sorrio-lhe. – És um tipo simpático.

Os nossos olhares encontram-se e um dos cantos dos seus lábios curva-se para cima. Parece tão diferente, agora que se lavou e se livrou do macacão da prisão. Tinha-me esquecido de como o Shane podia ser sensual. E tenho de admitir que subiu a parada nos últimos dez anos. Até a cicatriz na testa que eu mesma suturei é *sexy*.

Ocorre-me também que não está com uma mulher há mais de uma década. E que, esta noite, vai dormir no quarto mesmo ao lado do meu.

O momento de quietude entre nós é interrompido pelo som da campainha a tocar. É o Josh. O autocarro escolar chegou.

O Shane afasta-se de mim, olhando fixamente para a porta enquanto puxa o colarinho da sua camisa. Eu apresso-me a abrir a porta e ali está o Josh, de pé junto à entrada com a sua mochila pendurada ao ombro, como se este fosse um dia normal e não o dia em que está prestes a ver o pai pela primeira vez.

– Olá, mãe – diz ele. – Tenho fome.

– Josh. – Lanço um olhar ao Shane, que está a torcer as mãos. – Temos uma visita. Este é o Shane.

– Olá, Josh – diz o Shane. – É realmente um prazer conhecer-te.

O Josh ignora o Shane e larga a sua mochila mesmo no meio do vestíbulo. É suposto pô-la ao canto, mas consegue sempre deixá-la exactamente no sítio certo para alguém tropeçar nela.

– Nem sequer almocei – queixa-se ele. – Fizeram raviolis para o almoço e só me deram para aí cinco raviolis. Cinco, mãe!

Olho novamente para o Shane, temendo que possa estar ofendido por o Josh só parecer basicamente interessado em lanchar, mas ele não parece incomodado. Limita-se a sorrir e a olhar para o Josh como se não conseguisse propriamente parar.

– Tudo bem – digo eu. – O que queres para o lanche?

– Não sei. O que temos?

– Tu sabes o que temos! – Oh, meu Deus, este miúdo consegue testar-me a paciência, às vezes.

– Quando eu era pequeno – intervém o Shane –, costumava adorar bolachas de água e sal com manteiga de amendoim. A minha mãe fazia-mas constantemente.

O Josh olha para o Shane, contemplando a sua sugestão. São tão parecidos que me dá arrepios. Pergunto-me se o Josh repara. Tenho a certeza de que o Shane sim.

– Está bem – diz o Josh. – Quero isso.

Felizmente, temos bolachas de água e sal e manteiga de amendoim na despensa – acho que a Margie as costuma usar para aperitivos. O Josh vai jogar *Nintendo* enquanto o Shane me ajuda a preparar o lanche na cozinha. Ponho as bolachas no prato e ele cobre-as com manteiga de amendoim. Não é propriamente um trabalho para duas pessoas, mas dá-nos oportunidade de falarmos.

– Desculpa se ele foi um pouco indelicado – digo eu.

– Nem pensar – responde o Shane, sorrindo-me. – Gostou da minha sugestão. Isso foi ótimo. Além disso... – Baixa a voz. – Lembra-me muito de como eu era naquela idade.

– Eu sei. É muito parecido contigo.

– Não é só isso. – Espreita por cima do ombro. – Há algo nele. A personalidade. Faz-me... faz-me pensar em como eu costumava ser naquela idade.

Não quero discordar do Shane, mas internamente abano a cabeça. O Josh *não* é como ele. Não conhecia o Shane assim tão bem antes de começarmos a namorar, mas todos sabiam que o Shane Nelson era indomável. O Josh não é de todo assim. É tímido e doce e nunca arranhou problemas na escola.

– Porque não vais jogar *Nintendo* com ele? – sugiro eu.

Os olhos do Shane iluminam-se.

– A sério?

– Claro. Porque não?

– Costumava jogar em casa dos meus amigos quando era pequeno... – É claro que os Nelsons não podiam comprar uma *Nintendo*. Mal podiam pagar para manter as luzes acesas. – Achas que ele queria que eu fosse?

– De certeza que sim.

Acabo de preparar as bolachas de água e sal sozinha enquanto o Shane vai juntar-se ao Josh na sala de estar. Mal os consigo ver e não oiço nada do que dizem, mas parece estar a correr bem.

O Shane inclina-se para o Josh para falar com ele. Em seguida, senta-se ao seu lado no sofá.

Ao fim de dez anos, o Josh está finalmente a passar tempo com o pai. Mal posso esperar para lhe contar a verdade.

Enquanto o Shane e o Josh estão a jogar *Nintendo*, o meu telemóvel toca com um número que não reconheço.

Quando o Tim foi preso, aprendi a não atender o telefone se não reconhecesse o número. Eram sobretudo jornalistas do outro lado da linha, desesperados por um relato em primeira mão da minha experiência, tanto há onze anos como nos últimos meses. Ofereceram-me quantidades alucinantes de dinheiro para contar a minha história, mas eu recusei sempre. Já é suficientemente mau ter de testemunhar no julgamento do Tim – não tenho desejo algum de reviver tudo com um jornalista e de ver a minha história plasmada nas notícias e na Internet. Para não falar de que isso aumentaria a probabilidade de o Josh descobrir a verdade.

E depois havia os detratores que me costumavam ligar. Pessoas que estavam furiosas comigo por mandar um homem inocente para a prisão. Por me ter apaixonado por um homem que acabou por se revelar um assassino. Tive de mudar de endereço de *e-mail* porque todos os dias a minha caixa de entrada era inundada de mensagens furiosas e até ameaças. Também mudei de número de telefone, mas não ajudou. Quando alguém quer verdadeiramente alcançar-nos, há sempre uma maneira.

Mas já passou tempo suficiente. Houve para aí uma centena de outras notícias desde a detenção do Tim, e o público tem memória curta. Os jornalistas já não estão interessados na minha história. Sou notícias de ontem, e é assim que prefiro que seja.

Por isso, é seguro atender o telemóvel.

Primo o botão verde para atender a chamada enquanto me sento à mesa da cozinha.

– Estou?

– Brooke?

É uma voz de mulher. Parece mais velha, mais ou menos da mesma idade que a minha mãe teria, mas não a reconheço.

– Sim... – digo eu.

– Brooke, daqui fala Barbara Reese.

Retraio-me, desejando não ter atendido a chamada. Barbara Reese deixou várias

mensagens no meu correio de voz quando o Tim foi inicialmente detido, mas eu nunca respondi a nenhuma. Estava desesperada por falar comigo, o que não é de admirar, tendo em conta que vou testemunhar contra o seu único filho no seu julgamento. E essa é mais uma razão para eu não poder falar com ela.

– Senhora Reese – começo eu. – Não posso...

– Por favor, não desligues, Brooke. – Falha-lhe a voz ao dizer as palavras. Por mais difíceis que os últimos meses tenham sido para mim, estou certa de que foram ainda piores para ela. – Por favor. Preciso de falar contigo.

Quero desligar a chamada, mas não sou capaz de o fazer à Sra. Reese. A verdade é que gostava realmente dela quando era pequena. Passei cerca de metade da minha infância em casa do Tim, e a Sra. Reese era muito mais simpática do que a minha própria mãe. Tinha sempre lanches melhores do que em minha casa, ela e o marido faziam os melhores hambúrgueres na grelha, e tinha sempre uma palavra bondosa para me dizer. Para não falar de como, daquela vez em que a minha mãe me apanhou de lábios colados ao Tim (a praticar!) quando andávamos no terceiro ciclo, fez todos os possíveis para apaziguar as coisas com a minha mãe histérica. Sempre invejei o Tim pela sua mãe.

– Lamento – digo eu –, mas não temos nada para falar.

Afasto o telemóvel do ouvido, mas detém-me o som da Sra. Reese a gritar:

– Por favor, não desligues, Brooke! Por favor, ouve-me só!

Solto um longo suspiro.

– Não há nada para falar. Eu... vi um cadáver na cave dele. Lamento. Sei que é difícil ouvir isso. Também nunca pensei que o Tim fosse capaz de fazer tal coisa.

– Não fez! – A Sra. Reese perdeu a compostura. – Brooke, conhecia-lo melhor do que ninguém. Acreditas realmente que seria capaz de matar aquela rapariga?

– O corpo estava *na cave dele*.

– Então alguém o deve ter posto lá!

Sinto uma vaga de tristeza. Ela não acredita porque não esteve presa naquela garrafeira com uma rapariga morta embrulhada numa lona, a apodrecer no chão da cave. Não viu o pânico no rosto do Tim ao perceber que a polícia ia descer à cave. Seria preciso muito para me convencer de que o meu antigo melhor amigo era um assassino em série, mas essa noite fez de mim crente.

Nesse momento, o Shane entra na cozinha com o seu copo de água vazio. Começa a enchê-lo, mas, quando vê que estou ao telemóvel e vê a expressão no meu rosto, arqueia uma sobrancelha na minha direção. Em silêncio, forma as palavras: *Quem é?*

– Por favor, fala com o Tim – implora a Sra. Reese. – Se falares com ele e continuares a acreditar que fez aquelas coisas horríveis...

– Não vou visitar o Tim à prisão. – Isso está absolutamente fora de questão. – Lamento, senhora Reese.

A outra sobranceira do Shane ergue-se bruscamente ao ouvir o nome da Sra. Reese. Fica ali parado, com o copo de água apertado numa mão, a ouvir o meu lado da conversa.

– Tens de ir, Brooke! – exclama a Sra. Reese. – Tudo isto está a acontecer por tua causa. Não compreendes? Dá ao Tim uma oportunidade de se explicar. Tens de...

Antes que a Sra. Reese possa completar a sua frase, o Shane arranca-me o telemóvel da mão. Leva-o ao ouvido, ouve por um segundo e pigarreja sonoramente.

– Senhora Reese – diz em voz firme. – Daqui fala Shane Nelson. Tem de deixar a Brooke em paz. Nunca mais volte a ligar para este número.

Dito isto, o Shane prime o botão vermelho do telemóvel e atira-o para a bancada da cozinha.

– É preciso ter lata – murmura.

– Para dizer a verdade... – Olho para ele. – A tua mãe ligou--me durante o teu julgamento e disse quase as mesmas exatas coisas.

– Certo, mas eu era inocente.

– Estou certa de que a mãe do Tim também acha que ele é inocente.

– Oh, por favor. – Agora que já não estou ao telefone, ele enche o seu copo de água mesmo até à borda. – Ela sabe a verdade. Como poderia *não* saber? Foi ela que o criou, afinal. – Bebe um gole da sua água. – Não achas que, se o Josh fosse um assassino, saberias?

É engraçado, porque, quando acreditava que o pai do Josh era um assassino, estava sempre a observar o meu filho em busca de tendências sociopáticas. Se tivesse mostrado alguma, tê-la-ia atacado de imediato – mas o Josh era um bom menino. Ainda assim, as crianças mudam depois de crescerem. Conhecê-lo-ei tão bem quando tiver trinta anos como o conheço aos dez?

– Não sei – acabo por dizer.

O Shane revira os olhos.

– Não sejas ingénua, Brooke. A mãe do Tim não anda à procura da verdade. Procura apenas uma forma de safar o filho. Não podes deixar que isso aconteça.

Tem razão, claro. A Sra. Reese fará o que for preciso para conseguir que o filho seja absolvido. Mas vai precisar de muito mais do que de me convencer.

Depois do dia stressante que tive, nem consigo pensar em fazer o jantar. Em vez disso, mandamos vir uma *pizza*. Há um momento fofo em que o Shane e o Josh descobrem que ambos adoram *pepperoni* na *pizza*, e juro que o Shane está com ar de quem vai chorar.

A conversa ao jantar flui facilmente. Tinha-me esquecido de como o Shane podia ser naturalmente carismático e, apesar de se estar a esforçar demasiado, o Josh parece não reparar. O Josh tem andado um pouco em baixo desde que o Tim foi preso, e este é um dos jantares mais agradáveis que tivemos desde essa noite.

Depois de o Josh subir para acabar os seus trabalhos de casa, o Shane deixa-se ficar à mesa da cozinha, a sorrir para consigo.

– O que foi? – digo eu.

– É um miúdo simpático – responde ele.

– Sim. Pois é.

– E também parece inteligente. – Inclina a cabeça. – Bom no desporto?

– *Muito* bom. Devias vê-lo a bater uma bola de basebol.

Ele arregala os olhos.

– Posso?

– Bem, não agora. Mas quando o tempo melhorar. E a Liga Infantil começa na primavera. Podes ir aos jogos dele. De certeza que ele ia adorar.

Nunca tinha visto o rosto de ninguém iluminar-se tão completamente ante a perspectiva de assistir a um jogo de basebol infantil, que são reconhecidamente bastante aborrecidos.

– Obrigado, Brooke – diz ele.

– Porquê?

– Por fazeres um trabalho tão bom a criar o nosso filho.

Lanço um rápido olhar à escadaria.

– Cuidado com o que dizes. As paredes são finas por aqui.

– Certo. Desculpa. – Oiço-o pigarrear. – Enfim, queria só dizer-te que agradeço por

me teres hospedado aqui e que deixarei de te importunar em breve.

Pestanejo.

– Estás a falar de quê?

– Oh – exclama ele, encolhendo um ombro. – Esqueci-me de te dizer. Tive notícias do meu advogado e, ao que parece, a minha mãe deixou-me a quinta em testamento. Por isso, depois de limpar aquele sítio, posso viver lá. Acho que vou passar por lá amanhã.

A quinta. O local onde tudo aconteceu. O *massacre*.

– Como podes querer viver lá? – pergunto eu. – Depois de tudo o que se passou...

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Foi a minha *casa* durante dezoito anos, Brooke. E, sinceramente, não é como se tivesse muitas opções.

– Podes ficar aqui o tempo que quiseres.

– Não quero incomodar.

– Não incomodas.

Ele baixa os olhos para o prato à sua frente, manchado pela gordura da *pizza*.

– Agradeço a tua generosidade, mas esta não é a minha casa. Preciso do meu próprio espaço. Compreendes isso, certo?

Compreendo, mas não me agrada. Hoje em dia, essa quinta só aparece nos meus pesadelos. Não consigo imaginar como pode ele querer viver lá. A ideia de me aproximar dela faz-me sentir fisicamente doente.

– Se é isso que queres – acabo eu por dizer.

Só não me peças para te ir visitar.

Arrumamos tudo do jantar e eu subo com o Shane para ir buscar alguma roupa de cama para o quarto de hóspedes. Dou-lhe também um cobertor extra, pois começou a nevar e o quarto parece um pouco frio. Ele insiste em que pode fazer a sua própria cama, por isso deixo-o a tratar disso enquanto vou dizer boa noite ao Josh.

O Josh já acabou os seus trabalhos de casa e está a ler tranquilamente na cama. Pousa o seu livro ao ver-me entrar.

– Escovei os dentes – anuncia.

Sento-me na beira da cama. Durante os primeiros cinco anos de vida do Josh, eu e ele partilhámos uma cama por necessidade. (Foi excelente para a minha vida amorosa.) E agora o miúdo tem o seu próprio quarto.

– Bom trabalho. Fizeste os trabalhos de casa todos?

– Sim. – Vejo-o hesitar. – Mãe?

– Sim?

– Porque está esse tal Shane a viver connosco?
– É um velho amigo. – A mentira torna-se cada vez mais fácil. – Vai só ficar algumas noites. Porquê?

O Josh encolhe os ombros magros.

– Por nada.

– Não gostas dele?

Ao vê-lo hesitar, cai-me o coração aos pés. O Josh gosta de *toda a gente*. Embora julgasse possível que ele e o Shane pudessem não se tornar de imediato melhores amigos, nunca me passou sequer pela cabeça que o Josh pudesse não gostar dele.

– É simpático – responde cuidadosamente o Josh.

– Foi mau para ti?

– Não.

– Há algo de que não gostes nele?

– Não... – Mas lá está novamente a mesma hesitação. Há algo que não me está a dizer e dá comigo em doida não lho poder arrancar.

Não sei o que pode o Shane ter feito de errado, ainda assim. Mantive-me de olho neles praticamente o tempo todo desde que o Josh chegou a casa. O Shane foi fantástico com ele, tendo em conta que não tem qualquer experiência com miúdos. Quer dizer, o Tim era professor. Era isso que fazia para ganhar a vida. Tinha obviamente mais jeito para fazer amizade com um rapaz de dez anos do que um tipo que passou os últimos dez anos da sua vida na prisão.

– Quanto tempo vai ele ficar? – pergunta o Josh.

– Como disse, não muito. Talvez algumas noites.

Será imaginação minha ou o Josh parece aliviado?

Não sei o que tem o Josh contra o Shane, mas não vou falar ao Shane de nada disto. Ficaria completamente devastado. Tenho de fingir que o Josh o achou fantástico.

Quando entro no quarto de hóspedes, o Shane acabou de pôr os lençóis novos na cama. Está a sacudir o cobertor, mas pouso-o ao ver-me.

– Olá – diz ele.

– Olá.

– Então... – Esfrega a cicatriz na testa. – O Josh disse alguma coisa sobre mim?

Não lhe posso dizer que o Josh pareceu feliz com a ideia de ele não ir ficar muito tempo.

– Gostou de ti.

Foi a coisa certa a dizer. Um sorriso distende os lábios do Shane.

– Isso é ótimo. Sabes, estava a pensar que, até arranjar um emprego, talvez pudesse estar aqui quando o Josh chegar a casa da escola todos os dias e ficar de olho nele por

ti.

– Oh... – Desvio o olhar. – Bem, a questão é que já temos alguém que está cá todos os dias. Por isso...

– Mas poupavas dinheiro. E eu podia passar tempo com ele.

– Deixa-me pensar no assunto – digo eu, apesar de não o ir fazer. Nem pensar que me vou livrar da Margie, muito menos quando o Josh não parece assim tão empolgado com o Shane. – Escuta, estão algumas roupas que podes usar aí nessa gaveta de cima.

O Shane abre a gaveta de cima da cómoda junto à cama. Tira uma *T-shirt* de homem que vejo agora que tem a palavra Syracuse escrita na frente. É onde o Tim andou na universidade e, a julgar pela expressão no rosto do Shane, ele sabe disso.

– Esta roupa é do *Tim*?

– Sim – admito eu. – Estava aqui em casa, por isso...

O Shane larga a *T-shirt*, repugnado.

– Fantástico.

– Desculpa. – Apercebo-me agora de quão inapropriado isto foi. Antes, porém, não me pareceu má ideia. Quer dizer, são só roupas. – Arranjo-te outra coisa para vestires amanhã.

Soltando um suspiro, ele deixa-se cair na beira da cama.

– Não, tudo bem. Não posso ser picuinhas. E são só roupas.

– Lavei-as – digo eu debilmente.

Ele baixa os olhos para o colo.

– Foi por minha culpa que te viste sequer nesta posição. Se eu te tivesse protegido melhor dele naquela noite...

– Tentaste avisar-me.

– Tentei... – Ergue o olhar. – Mata-me que ele tenha andado a aproveitar-se de ti desde que vieste para cá. Nunca me perdoarei por ter deixado que isso acontecesse.

Sento-me ao seu lado na cama.

– Não foi culpa tua. Estavas na *prisão*. Seja como for, tudo acabou por se resolver. – Cubro-lhe suavemente a mão com a minha. – Alegro-me por estares cá fora agora.

Ele ri-se.

– Também eu.

Olha para a minha mão na sua e depois percorre-me com o olhar. A ânsia no seu rosto é inconfundível. Suponho que não devia estar surpreendida. O homem passou uma década na prisão. Nem sequer *tocou* numa mulher em todo esse tempo.

E o Shane continua a ser *muito* atraente. Costumava derreter-me ao vê-lo correr pelo campo de futebol, e está ainda mais *sexy* agora que é mais

velho. Está mais musculado do que no secundário – devia fazer muito exercício na prisão. É difícil resistir-lhe.

Mas não posso fazer isto. E é melhor tirar a mão da dele. Já.

Ao notar que me afastei, ele desvia o olhar.

– Merda, desculpa.

Tento manter a voz estável.

– Não faz mal.

– Não quero deixar-te desconfortável – diz ele. – Não vou mentir. Quando olho para ti, quero... mas, enfim, isso é problema meu. Não teu. Juro que serei um perfeito cavalheiro enquanto aqui estiver.

– Obrigada. – Sorrio-lhe. – E não deves ter problemas na área do romance. És bastante atraente.

Ele ri-se.

– Ah, sou? É bom saber.

– Estou só a dizer. Não creio que vás ter grandes dificuldades em encontrar uma mulher com quem compensar o tempo perdido.

– Ei, eu não quero uma mulher qualquer num bar com quem não me importe. – Morde o lábio inferior. – Quer dizer, sim, já lá vai muito tempo. Mas continuo a querer que seja com alguém de quem goste. Alguém que seja importante para mim.

– Shane...

– Como a mãe do meu filho...

As suas palavras despertam algo dentro de mim. *A mãe do meu filho*. O Shane é algo para mim que mais ninguém pode ser. É o pai biológico do Josh. Ao fim de todos estes anos, é o único homem capaz de tornar esta família completa. Quer estar aqui comigo, e o nosso filho nunca será uma segunda escolha para ele, como receava que fosse para qualquer outro homem com quem escolhesse casar.

– Brooke? – diz ele. Os seus olhos estão cheios de inconfundível luxúria.

– Devias ter isso – digo eu. – Não te devias resignar. Devias ter essa união especial. Quando ele se inclina para a frente e me beija, não o detenho.

Acordo banhada em suores frios.
O Shane e eu acabámos por fazer sexo ontem à noite. Não era propriamente minha intenção ir até ao fim, mas percebi que era algo que ele queria muito e não me consegui obrigar a dizer não. Afinal, estava privado disto há dez anos. Não se pode recusar um copo de água a um homem que passou dez anos perdido no deserto.

Sim, sei que não é a mesma coisa. Mas ainda assim.

Acabou depressa e, no fim, senti-me estranhamente vazia. O Shane adormeceu quase de imediato, pelo que não tivemos oportunidade de falar, o que foi pelo melhor. Escapuli-me do quarto de hóspedes e regresssei ao meu próprio quarto, onde passei mais de uma hora às voltas na cama até finalmente mergulhar num sono inquieto.

E, claro, esse sono foi repleto de pesadelos.

Foi o mesmo pesadelo de sempre. Estava de volta à quinta, na sala de estar escura, com a tempestade a fustigar o exterior. E aquele colar com o floco de neve apertava-se à volta do meu pescoço. O trovão sacudiu a casa e um dos elos do colar partiu-se.

E foi assim que acordei às três da manhã, com a camisa de noite encharcada.

Fico deitada na cama, a tremer. Não foi tanto um pesadelo, mas mais um reviver do que aconteceu nessa noite. O Tim a asfixiar-me com aquele colar. E depois o trovão. E depois...

Algo mais.

Ouvi mais qualquer coisa no momento em que o trovão eclodiu. Tenho a certeza. Mas não me consigo lembrar do que foi. A memória esgaravata a periferia do meu subconsciente e cerro os olhos de frustração.

Bem, se não me consegui lembrar em dez anos, não será agora que o vou fazer.

Apercebo-me de que um som me despertou do sono. Algo no exterior. Continua a cair uma tempestade de neve lá fora, por isso não é fácil de distinguir, mas soa quase como...

O motor de um carro. Mesmo junto à minha janela. E algo mais...

A porta da garagem a abrir-se.

Saio da cama, com a cabeça à roda. Atravesso a escuridão até à janela que dá para a frente da minha casa. Está bastante escuro lá fora, com apenas a luz ténue de um candeeiro de rua, mas consigo perceber que a porta da minha garagem está fechada. E...

Aquilo são marcas de pneus na neve?

Olho para a frente da porta da minha garagem, tentando decidir se é melhor ir verificar. Estou a perder o juízo? Porque haveria alguém de usar o meu carro? A porta da garagem está trancada. Ninguém lá entra a não ser a partir do interior. E a única outra pessoa na casa é o Shane, que nem sequer tem carta de condução válida. Não que não seja capaz de conduzir, mas...

O meu coração bate demasiado alto para tentar sequer voltar a dormir agora. Enfio os pés nos meus chinelos felpudos e desço o corredor até ao quarto de hóspedes, onde o Shane dormia profundamente da última vez que o vi. E provavelmente continua a dormir.

A porta do quarto de hóspedes está fechada. Não há qualquer sinal de o Shane ter saído do quarto. Encosto o ouvido à porta e quase consigo ouvir o som da sua respiração profunda. Não quero bater nem entrar de rompante. Parecia estar a precisar de uma boa noite de sono.

Estou a ser paranoica. Ninguém andou a usar o meu carro. Não está ninguém lá fora. A porta da garagem está fechada.

Claro que só há uma forma de verificar isto com segurança. Podia ir à garagem e ver se há neve no meu *Toyota*. Se houver, alguém o andou a conduzir há muito pouco tempo.

Só que, quanto mais penso, mais absurdo tudo isto me parece. Não creio que tenha ouvido o motor de um carro. Deve ter sido parte do meu sonho.

Preciso de me acalmar e de voltar a dormir.

*

Ao sair da cama de manhã, sinto-me verdadeiramente péssima. Parece que tenho as pálpebras coladas e quase tenho de as abrir à força com os dedos. Antes mesmo de ir tomar duche, cambaleio até à sala de estar para ir buscar uma chávena de café.

O Shane está já bem acordado e na cozinha. Está a fazer qualquer coisa ao fogão enquanto cantarola para consigo. Esfrego os olhos, observando-o por um momento até que finalmente repara em mim.

– Bom dia! – diz ele alegremente.

– Bom dia. – Solto um sonoro bocejo. – Desculpa. Dormi mal.

– Eu dormi *lindamente*. – Quando se vira para olhar para mim, os círculos negros sob os seus olhos desapareceram quase por completo. Sinto-me estúpida por ter pensado que ele andava a vaguear pela vila no meu *Toyota* a meio da noite. É óbvio que teve a noite de sono que eu gostaria de ter tido. – Aquela cama é *tão* confortável.

Não é, na verdade. Mas sei como são horríveis os colchões na prisão.

– Estou habituado a acordar cedo – explica-me ele. – Por isso, fiz o pequeno-almoço. Espero que não te importes. Também fiz café, se quiseres.

Sirvo-me de uma chávena de café da máquina. Geralmente, junto natas e açúcar, mas desta vez bebo-o simples.

– O que estás a fazer?

– Panquecas.

– O Josh adora panquecas. Sobretudo se lhes juntares umas pepitas de chocolate.

– Assim farei.

Lanço um olhar à despensa.

– Pensava que se tinha acabado a mistura para panquecas.

– Na verdade, fi-las de raiz.

– A sério? – Nem sabia ao certo que se podia fazer isso. – Estou impressionada.

– A minha mãe e eu costumávamos fazer panquecas todos os domingos de manhã – explica ele. – Estou a fazer montes delas, se quiseres ir acordar o Josh e dizer-lhe.

Diz a última parte algo timidamente. Quer mais tempo com o Josh. Compreendo, mas não pode forçar isto.

– Depois do pequeno-almoço – diz ele –, vou lá fora limpar a neve do caminho de acesso, está bem?

– Isso seria ótimo. – A neve parou de cair algures durante a madrugada, deixando um grosso manto sobre o caminho de acesso e a rua à porta de casa. Tenho vindo a limpá-la eu mesma, uma das muitas responsabilidades que recaem exclusivamente sobre os meus ombros enquanto única adulta da casa. É simpático da parte do Shane chegar-se à frente.

– E depois – acrescenta ele –, pensei que podíamos ir à quinta. Ver em que estado está e talvez limpar um pouco.

Tinha a boca cheia de café e quase o cuspi.

– Ir à quinta. *Hoje?*

Ele vira uma panqueca, que está agora dourada.

– Porque não? Vai levar algum tempo a preparar para eu me mudar para lá. E é sábado. Mais vale começar.

– Sim, mas... – Brotam-me suores frios da parte de trás do pescoço. – Não sei se é boa ideia. Provavelmente, está muito suja e pode até ser perigoso. Há muito tempo

que está vazia.

– Certo – assente ele, franzindo os lábios. – E é por isso mesmo que preciso de verificar. Não vai ficar mais limpa se a deixar apenas ali parada.

Tremem-me as mãos. Deposito a chávena de café na mesa da cozinha antes que a deixe cair.

– Simplesmente não me sinto confortável a ir lá. Depois de tudo o que aconteceu, sabes?

Ele olha para mim, surpreendido.

– A sério? Foi há onze anos.

Acabamos, com efeito, de passar o décimo primeiro aniversário dessa noite horrível.

– Sim, *a sério*.

Ele pousa a espátula que estava a usar para virar as panquecas.

– Bem, não sei o que vou fazer, então. Não tenho carta de condução, por isso como vou eu lá chegar?

– Eu...

Vejo-o franzir o sobrolho.

– Podes ao menos dar-me boleia? Não tens de ficar nem de entrar. Deixas-me só lá. Hesito.

– Por favor, Brooke?

Sinto uma pontada de culpa. O pobre homem nem carta de condução tem, quanto mais um veículo. Tudo o que quer é voltar à casa da sua infância para a poder pôr de novo em condições de habitabilidade.

– Está bem – digo eu.

Mas, mesmo enquanto as palavras me saem da boca, sei já que me vou arrepender.

O Shane conquista uma grande vitória com as suas panquecas. O Josh come para aí umas oito e, de boca cheia, proclama que são «as melhores panquecas de sempre». O Shane não podia parecer mais feliz quando ele diz isso.

– Podes dispensar-me alguns produtos de limpeza para levar para a quinta? – pede ele, enquanto recolhe a comida da mesa.

– Claro... – Não lhe quero dizer que estava com esperanças de que pudesse mudar de ideias.

– Muito obrigado por fazeres isto, Brooke.

Pousa-me uma mão no ombro e aperta-mo. Eu retorço-me, pois o Josh ainda está à mesa. Sim, dormimos juntos ontem à noite, mas não entende que temos de ter cuidado com as informações que passamos ao nosso filho de dez anos?

Com efeito, os olhos do Josh arregalam-se ligeiramente ao ver a mão do Shane demorar-se no meu ombro. Mas não diz nada.

– Então – pergunta o Shane. – Quando podemos ir?

– Ir onde? – intervém o Josh.

O Shane senta-se novamente numa das cadeiras à mesa da cozinha.

– A tua mãe e eu vamos a uma quinta muito fixe do outro lado da vila. Costumava viver lá, há muito tempo.

– Oh – diz o Josh. – Fixe.

– Queres vir? – pergunta o Shane.

Inspiro fundo. Pensava que o Josh ia ficar para trás enquanto eu levava o Shane à quinta. Mas, para minha surpresa, o meu filho abana entusiasticamente a cabeça.

– Sim!

– Oh, querido – digo eu rapidamente. – Não tens de vir connosco. Vai ser muito aborrecido. Nem vamos entrar.

– Mas eu quero ir – protesta o Josh, fazendo beicinho.

Suponho que esta vai ser uma viagem de família.

O Shane sai para a rua para limpar a neve do caminho de acesso enquanto eu reúno

material de limpeza da casa. Não sei bem o que levar e preocupa-me que toda a casa esteja indescritivelmente imunda. Não há alcatifa, por isso não me incomodo com o aspirador. Levo a esfregona e o balde, muito líquido de limpeza, alguns panos e dois rolos de papel de cozinha. O Shane tem uma tarefa difícil pela frente.

Uma vez reunidos todos os produtos, vou buscar as chaves do meu carro para enfiar tudo na bagageira. Guardo as chaves na estante mesmo junto à entrada de casa, na quarta prateleira a contar de cima, mesmo em frente ao dicionário Webster. Só que, quando vou para lhes pegar, não estão lá.

Onde estão as minhas chaves?

Passada uma fração de segundo, vejo as chaves na terceira prateleira. No mesmo local onde as costumo pôr, só que uma prateleira acima. Agarro-as, olhando para o porta-chaves como que em busca de uma pista.

Tenho a certeza de que pus as chaves na quarta prateleira. Ponho-as lá todos os dias ao chegar a casa das compras, do trabalho ou seja de onde for. É automático. Faço-o sem sequer pensar nisso. Pelo que, embora não me lembre de ter posto as chaves nessa prateleira, tenho a certeza de que o devo ter feito.

Claro que, ao chegar a casa ontem, havia muito a acontecer. Estava a trazer para casa o pai do meu filho, um homem que passou a última década enclausurado na prisão. Tinha muito em que pensar. Se alguma vez houve altura em que pudesse ter posto as chaves no sítio errado, foi ontem.

Ainda assim, deixa-me inquieta. Na noite passada, quando acordei a meio da noite, estava certa de ter ouvido o motor de um carro mesmo junto à minha janela. E agora as minhas chaves estão num sítio diferente de onde as deixei.

Oxalá tivesse ido verificar o meu carro ontem à noite. Se alguém o tivesse usado, teria neve em cima. Mas agora é demasiado tarde. Qualquer neve terá já derretido.

A porta da frente abre-se e o Shane irrompe na casa, com as luvas cobertas de neve. Pousa a pá ao canto junto à porta onde a encontrou e sorri-me.

– Tens tudo de que precisamos?

Isto é absurdo. Devo ter simplesmente posto as chaves no sítio errado. Tenho muito em que pensar. Não devia dar comigo em doida a analisar demasiado esta situação. E, seja como for, que mal tem se o Shane *tiver* ido com o carro a algum lado ontem à noite? Seria realmente a pior coisa que alguma vez aconteceu? Talvez quisesse apenas saber como era estar de novo ao volante ao fim de tanto tempo. Não o poderia culpar.

– Sim – respondo eu. – Tenho tudo.

Quinze minutos depois, acabamos de carregar o *Toyota* com os produtos de limpeza e eu faço-me à estrada, com o Shane no banco do passageiro e o Josh atrás. Tenho um pressentimento horrível ao sair para a estrada, mas prometi ao Shane que faria isto.

Não posso voltar atrás.

– Sabes como lá chegar? – pergunta ele.

– Sim – replico eu.

Por um momento, ele fica em silêncio.

– Estás bem?

Não, não estou bem. Vamos a caminho da casa onde quase fui assassinada há onze anos. Nada nisto está bem. Mas não posso propriamente dizer tudo isso em frente ao meu filho.

– Estou ótima.

– Obrigado por fazeres isto.

– Sim.

O Shane parece aperceber-se de que não quero falar mais sobre isto, por isso cala-se e recosta-se no seu banco. As estradas foram maioritariamente limpas de manhã, pelo que, apesar de não ter tração às quatro rodas, não é muito difícil atravessar Raker. Só ao virar para a estrada secundária para chegar à quinta é que o piso fica um pouco escorregadio. A estrada foi arroteada, mas não muito bem, e, devido às temperaturas negativas, muita da restante neve transformou-se em gelo.

– Jesus – comenta o Shane, quando o carro derrapa para o lado. – Cuidado, Brooke. Não sabes conduzir na neve?

Não muito bem. Não tinha carro em Queens – apanhava simplesmente o autocarro para onde precisasse de ir. Este *Toyota* é o primeiro carro que alguma vez tive, e este é o meu primeiro inverno a lidar com neve a sério.

– Talvez possas dar-me umas dicas um dia destes – digo eu.

– Sim, talvez.

Percorro lentamente o resto do troço de quilómetro e meio até à quinta. Devo ir a menos de vinte quilómetros por hora. Passados alguns minutos, avisto a casa.

Tinha mau aspeto há onze anos e, a ser possível, parece ainda pior agora. A tinta vermelha desbotou quase por completo, com exceção de algumas pequenas manchas, e os degraus até à porta da frente desmoronaram quase na totalidade. O telhado está coberto de neve e parece ao menos estar a aguentar-se, mas aposto que também há lá muitos estragos. Esta casa pouco mais é do que uma ruína.

O Shane olha fixamente para a sua antiga casa, apertando os joelhos com as mãos. Não consigo propriamente ler-lhe os pensamentos até que ele exclama:

– Olha! É o meu velho *Chevy*!

Com efeito, o velho carro do Shane continua estacionado junto à casa, coberto por uma saudável camada de neve, mas ainda reconhecível. De certeza que o carro precisará de tanto trabalho como a casa para ficar

em condições de ser utilizado. Estaciono junto ao *Chevy*, esperando conseguir tirar o meu carro daqui depois disto. O *Toyota* não é bom a sair de zonas nevadas.

– É ali que eu costumava viver, Josh – diz-lhe o Shane.

– Parece uma casa assombrada – comenta o Josh.

O Shane pisca-me o olho.

– Talvez seja.

Não me surpreenderia muito. Afinal, morreram aqui três pessoas. Parece-me que o Shane não sente propriamente a gravidade desse facto. Na verdade, parece *feliz* por estar aqui.

– Ei – diz o Shane ao Josh. – Queres ver o interior?

– Claro!

Abro a boca para protestar, mas o Shane e o Josh estão já a sair do carro. Estou tão furiosa com o Shane neste momento que me apetece gritar. Tínhamos um *acordo*. Disse-lhe que o deixávamos cá e íamos embora. Mas, se o meu filho vai entrar na casa, é óbvio que não posso partir. Não tenho, pois, opção a não ser correr atrás deles.

Começo a gritar ao Shane para ter cuidado com as escadas, mas, sem precisar de que lho digam, o Shane ajuda o Josh a subir os quatro degraus até à porta da frente, certificando-se de que não escorrega nem cai. Sigo atrás deles, agarrando-me ao corrimão para evitar cair eu mesma das escadas geladas. O Shane vasculha o bolso em busca de uma chave, que introduz na porta da frente. Ao vê-lo destrancar a porta, sinto uma doentia sensação de *déjà vu*, de quando o Shane e eu namorávamos e ele me trouxe algumas vezes a sua casa.

– Shane... – digo eu.

– Vamos só dar uma olhadela rápida – pede ele.

Tem alguma dificuldade em abrir a porta, entre a madeira lascada e apodrecida e o facto de toda a fachada da casa estar gelada. Tem de aplicar todo o seu peso contra a porta, mas esta acaba por se abrir. E então, contra o meu próprio discernimento, entramos.

O interior da casa está tão frio como o exterior. Não há luz, mas, uma vez que é dia, não está tão escuro como naquela noite há onze anos. Há teias de aranha coladas ao teto e toda a mobília está coberta por uma espessa camada de pó. O cheiro a geada e a mofo impregna o ar.

Mas ao menos é melhor do que sândalo.

– Caramba – exclama o Shane, olhando em volta. – Este sítio já viu certamente melhores dias.

O meu olhar vagueia para a zona em frente à escadaria. Foi ali que aconteceu. Foi ali que o Tim me tentou estrangular com o meu próprio colar.

O Josh passa um dedo pelo sofá. Ergue a ponta, que está agora coberta de negrume.

– Olha, mãe!

– Sim, está sujo.

– O sofá é um caso perdido – admite o Shane. – Mas podia limpar o chão. E a cozinha...

Fita-me com um ar esperançoso. Quer a minha ajuda. *Precisa* da minha ajuda. Levará o resto da vida a limpar este sítio sozinho. E, agora que estou cá dentro e não estou ativamente a ter um ataque de pânico, talvez não seja tão mau como eu acho que vai ser. Talvez consiga finalmente superar o que aconteceu aqui naquela noite.

Talvez me ajude a sarar.

– Está bem, podemos ficar aqui algumas horas – assinto eu. – E é só.

O Shane assente avidamente.

– Muito obrigado, Brooke.

– Muito bem – digo eu. – Vamos buscar o material de limpeza.

Limpamos os três em família.

Até o Josh deita mãos à obra. Odeia limpar o quarto, mas isto é mais uma *aventura* nas limpezas. Não fazemos ideia de que pepita nojenta vamos encontrar ao virar de cada esquina. Por exemplo, num caixote do lixo vazio na cozinha, encontramos uma ratazana congelada. É a coisa mais repugnante que alguma vez vi, mas o Josh fica verdadeiramente empolgado. E o Shane adora vê-lo ficar empolgado.

– Por favor, livra-te dessa ratazana – murmuro eu ao Shane. – Não quero que ele tente levá-la para casa para mostrar aos amigos.

O Shane ri-se.

– Compreendes certamente a mentalidade dos rapazes de dez anos.

Infelizmente, ao fim de cerca de duas horas de limpezas, libertámos uma boa quantidade de pó para o ar e o Josh não consegue parar de espirrar. Fica com o nariz vermelho e os olhos a lacrimejar.

– Acho que precisas de ir lá fora – digo-lhe eu. – Apanhar um pouco de ar fresco.

– Na verdade – sugere o Shane –, podíamos fazer uma caminhada. Os bosques aqui são muito fixos no inverno. Até podíamos fazer um boneco de neve. O que me dizes, Josh?

– Claro – assente o meu filho.

Abano a cabeça.

– Está demasiado frio. Não quero andar a vaguear pelos bosques.

O Shane olha para o Josh e depois de novo para mim.

– Bem, podia levá-lo eu mesmo, se quiseses ficar para trás.

Um alarme dispara na minha cabeça. *Não o deixes fazer isso.*

– Não sei se é boa ideia.

O Shane fita-me por um momento, o seu olhar a ensombrar-se.

– Porque não?

– Porque não é seguro.

– É perfeitamente seguro – diz ele, franzindo o cenho. – Costumava atravessar constantemente estes bosques quando tinha a idade dele. *Sozinho*. E eu estarei com ele. Tomarei conta dele.

– Eu sei, mas...

– Mantê-lo-ei seguro. – O rosto do Shane cora ligeiramente. – Não confias em mim?

Confio?

Fui eu quem se certificou de que o Shane era libertado da prisão. Convidei-o de volta às nossas vidas. É o pai do meu filho.

É a nossa oportunidade de sermos outra vez uma família e, se não puder confiar nele, tenho problemas muito maiores do que irem os dois dar um passeio juntos em pleno dia.

O Josh puxa-me o braço.

– Eu quero ir, mãe.

Até o Josh quer ir. Estão os dois finalmente a criar laços. Seria cruel impedir que acontecesse.

O Shane leva a mão ao bolso e tira o telemóvel desdobrável que eu lhe comprei. Agita-o no ar.

– Tenho o meu telemóvel. Podes contactar-me, se for preciso. E eu tenho o teu número se precisar de ti.

– Está bem – digo eu. – Mas tem cuidado.

O Shane leva a mão ao peito.

– Juro que o protegerei com a minha vida.

Acredito nele.

Certifico-me de que o Josh põe o chapéu e as luvas, e o Shane faz o mesmo. Acompanho-os à porta e vejo-os sair para a pequena zona arborizada junto à casa. A dado momento, o Josh escorrega num bocado de gelo, mas o Shane estende o braço e firma-o.

Vai correr tudo bem. O Shane é o pai do Josh. Não deixará que nada lhe aconteça.

Volto para dentro da casa, fechando a porta atrás de mim. Está a ficar frio lá fora, decididamente a temperaturas negativas. Aposto que, daqui a dez minutos, o Josh se começará a queixar e quererá voltar para dentro. Ainda que o frio não o incomode tanto como a mim. Sempre tive de me debater para o convencer a vestir o casaco para a escola, como se houvesse alguma hipótese de eu o deixar ir para a escola só de camisola quando estão seis graus negativos lá fora. Pergunto-me se o Shane era igual em pequeno.

Doem-me um pouco as costas de tantas limpezas, por isso tiro um minuto para me

sentar numa das cadeiras que limpámos. Tiro o telemóvel do bolso do casaco – mal apanha rede. Um traço para o serviço de telemóvel, mas suponho que chegue. Abro o navegador da Internet e hesito por um momento antes de escrever *Timothy Reese*.

Não sei porque continuo a procurá-lo. Nada muda de um dia para o outro, agora que passaram dois meses desde a sua detenção. Logo a seguir, o seu nome estava em todos os jornais. Era uma grande história – um diretor-adjunto de modos dóceis que matou uma antiga namorada e talvez tenha sido o responsável por múltiplos homicídios anos antes.

O Tim teve a audácia de se declarar inocente – quase sinto que o está a fazer para me torturar. Encontraram o cadáver de uma mulher na sua cave. Acha realmente que há alguma hipótese de sair da prisão depois de algo assim? Já me disseram que vou depor no seu julgamento. Temo esse momento, mas é o que tenho de fazer. Foi por minha culpa que ele não foi para a prisão há dez anos. Enganou-me por completo.

Não vou perder mais tempo a pensar nele. Apago o seu nome do meu motor de busca.

Em vez disso, abro o *site* de notícias local no meu telemóvel. Vou ler alguns artigos enquanto espero que o Shane e o Josh façam o seu boneco de neve ou que o Josh fique com frio e queira voltar, o que acontecer primeiro. O *site* de notícias demora uma eternidade a carregar. Primeiro aparece o texto, com as imagens ainda a carregar no ecrã. Isto vai provavelmente esgotar a minha bateria. Enquanto espero, olho para o primeiro artigo:

Guarda Prisional Local Encontrado Assassinado

Olho para a manchete, com o coração a cair-me aos pés. Não pode ser. Não *pode*.

Tento clicar na manchete. Não acontece nada. Porque tem a Internet de ser tão má por aqui? A fotografia ao lado da manchete preenche-se praticamente *pixel a pixel*. O começo de um crânio calvo materializa-se no ecrã.

Não pode ser o Marcus Hunt. *Não pode*.

E então a fotografia preenche-se um pouco mais. O suficiente para eu lhe poder ver os olhos.

Oh, meu Deus. É ele. É o Hunt. Foi encontrado morto – possivelmente hoje. Clico novamente no artigo, mas o ecrã paralisou por completo. Não vou conseguir ler este artigo. Não sei quando isto aconteceu nem como, mas, de alguma forma, o Marcus Hunt foi assassinado.

Esta é uma notícia de última hora. O que significa que o devem ter encontrado há pouco tempo. Terá sido morto esta noite? Não faço ideia.

Mas sei que esta manhã as chaves do meu carro estavam num sítio diferente de onde as deixei ao chegar a casa ontem. E sei também que, depois de tudo o que

aconteceu na Penitenciária de Raker, o Shane deve desprezar o Marcus Hunt com uma paixão ardente.

Sinto a cabeça a andar à roda. Salto da cadeira, deambulando pela sala como se isso me pudesse dar alguma pista sobre o que aconteceu ontem à noite. Mas, claro, a sala está em absoluto silêncio. Nada de pistas. Só montes de pó.

Paraliso ao chegar ao fundo das escadas. Pouso fugazmente a mão no corrimão. Como tudo o resto, está empoeirado.

Era exatamente aqui que estava quando o Tim me tentou estrangular. Tinha acabado de descer as escadas, em fuga do quarto da Chelsea porque, por alguma absurda razão, meti na cabeça que podia ter sido ela a esfaquear o Brandon e a Kayla. Mal sabia eu que também ela estaria morta pouco depois e que a minha decisão de deixar o quarto custaria a vida à minha melhor amiga.

Fecho os olhos, tentando não pensar nessa noite, mas isso só parece agravar a situação. Quanto mais tento não pensar no assunto, mais vívido tudo me parece. Nos últimos anos, as memórias tinham-se quase desvanecido. Mas, agora que estou de novo nesta quinta, é como se tudo tivesse acontecido ontem.

Saí a correr do quarto do Shane. Desci as escadas o mais rápido que podia, mas tropecei. E então, rápido como um relâmpago, o Tim pôs-se em cima de mim, a apertar aquele colar à volta do meu pescoço enquanto o cheiro a sândalo me enchia as narinas. Ouviu-se então um trovão, mascarando outro som que não consegui identificar.

Quase consigo sentir o peso do seu corpo a esmagar-me. O ar a ser impedido de chegar aos meus pulmões. E tento gritar:

Shane, não!

Abro novamente os olhos. Afasto-me da escadaria, o coração a palpar-me no peito. Com o passar dos anos, comecei a duvidar de mim mesma. Nunca lhe vi o rosto, por isso podia ter sido qualquer pessoa nessa noite. Só que *não foi* qualquer pessoa. Soube quem era nessa noite. E sei quem era agora.

Era o Shane.

Há meses que namorava com ele. Conhecia o seu corpo. Sabia que era ele que estava em cima de mim. Não era o Tim, que era mais magro e esgalgado. Era o Shane. Foi o Shane quem me tentou estrangular, e foi provavelmente ele quem assassinou o Hunt ontem à noite. Como posso ter-me iludido ao ponto de pensar outra coisa?

O Hunt tinha razão. O Shane é manipulador. Fez-me realmente acreditar...

Todo o meu corpo treme. Quase consigo sentir o trovão que sacudiu a casa há todos aqueles anos. E o som que quase mascarou. A peça em falta no quebra-cabeças. Quase

o consigo ouvir. Foi...

Um grito abafado.

Enquanto o Shane me estrangulava no chão da sala de estar, a Chelsea estava aos gritos no quarto do andar de cima. Mas não por ver o que o Shane me estava a fazer – porque a porta do quarto estava fechada. Estava a gritar porque havia alguém a avançar para ela com uma faca.

Só que não era o Shane. Não poderia ter sido.

Havia outro assassino na casa nessa noite. Dos três sobreviventes, só uma outra pessoa o poderia ter feito.

Oh, meu Deus.

O Tim e o Shane fizeram-no juntos.

Faz tanto sentido. Não posso acreditar que não o vi até agora.

Na noite em que tudo aconteceu, o Shane deixou-me quase mesmo em frente à casa do Tim. *Nunca* costumava fazer isso. E, por coincidência, o Tim estava à porta, no seu jardim. Devem ter calculado que eu o convidaria a ir connosco. E, se não o fizesse, o Tim forjaria um convite.

Assim que chegámos à quinta, apesar de alegadamente se odiarem, os dois embrenharam-se subitamente numa conversa discreta. Lembro-me de como passaram a noite inteira a olhar um para o outro. Pensava que era por se odiarem, mas, em retrospectiva, era mais do que isso.

O Shane era o único que, de alguma forma, sabia que o Tim tinha saído com a Tracy Gifford. Ficámos todos chocados por ele saber. Mas é claro que sabia. O mais provável é que a tenham matado juntos. Serviu-lhes de ensaio geral para essa noite.

E então, depois de encontrarmos o Brandon morto, eu e a Chelsea deixámos o Shane e o Tim sozinhos na sala de estar. Foi quase demasiado perfeito para eles. O Shane saiu, dando ao Tim uma oportunidade de se esgueirar para o quarto da Kayla e acabar com ela.

E, mal a Chelsea e eu nos separámos, o Shane tentou estrangular-me na sala de estar. Pensava que tinha tropeçado no corpo do Tim na sala, mas estava tão escuro – devo ter tropeçado noutra coisa enquanto o Tim se escondia nas sombras. E enquanto a minha traqueia estava a ser esmagada, o Tim subiu ao quarto do Shane para tratar ao mesmo tempo da Chelsea – o som do trovão quase mascarou o som dos seus gritos. Nunca tinha entendido muito bem quando é que o assassino teve tempo para se livrar da Chelsea, mas agora tudo faz sentido.

Quando se aperceberam de que eu tinha fugido da casa, devem ter pensado rápido. É óbvio que a pequena facada na barriga do Tim não se destinava a matá-lo. Pretendia fazê-lo parecer uma vítima. O mesmo com o alto no couro cabeludo do Shane. Estavam apenas a fingir estar inconscientes. Talvez o plano fosse esperar que eu nunca tivesse visto o rosto da pessoa que me estava a asfixiar, atirar com as culpas

de todo o massacre para um vagabundo e alegar que as pegadas tinham sido lavadas pela água.

Mas então, quando eu pus as culpas todas no Shane, o Tim virou a casaca. Virou-se contra o Shane, alinhando na minha história para salvar a pele. Deve ter dado com o Shane em doido, mas o que podia ele fazer? Se dissesse a verdade, estaria a admitir que era um assassino.

Felizmente para o Shane, o Tim não conseguiu resistir a voltar a matar.

Os meus joelhos cedem debaixo de mim e mal consigo chegar à cadeira antes de desabar. O Shane é louco. Tentou matar-me nessa noite – já não tenho qualquer dúvida de que foi ele. E agora está lá fora, nos bosques, com o meu filho.

O *nosso* filho.

As minhas mãos tremem quase demasiado para conseguir tirar o telemóvel do bolso do meu casaco. Tenho de trazer o Shane e o Josh de volta para cá e não posso dar a entender ao Shane que sei o que ele fez. Assim que regressarmos à vila, vou direta à polícia. Vou contar-lhes tudo o que sei.

O telefone toca umas dilacerantes cinco vezes antes de a voz do Shane se fazer ouvir do outro lado da linha.

– Olá, Brooke.

Parece tão normal. Não parece um assassino. Não posso deixar transparecer o que sei.

– Olá. Vão voltar em breve?

– Muito em breve – responde vagamente o Shane. – Estamos a divertir-nos imenso aqui fora a fazer o tal boneco de neve.

– Isso é ótimo. – Tento manter um tom firme e normal. Como soa geralmente a minha voz? Nem me lembro. – Mas está a ficar tarde. Deviam voltar.

– Tarde? Ainda mal é meio da tarde.

– É só que... está frio na rua. Não quero que o Josh fique doente.

– Ele está bem. Está todo agasalhado.

– Mesmo assim. Acho que é melhor voltarem em breve. Compreendes?

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha.

– Não, *não* compreendo. Estou só a tentar passar algum tempo com o meu *filho*, Brooke. Aquele que não vi em dez anos, sabes, e que nem sabia que existia.

– Shane – murmuro eu. – Escuta...

– Não, escuta tu, Brooke. – O seu tom é ríspido. Destruí toda a vantagem que tinha. – Perdi dez anos. Dez *anos*. Nem sequer me *disseste*.

– Desculpa – digo eu, baixinho.

– É um pouco tarde para isso, não é? – Oiço-o resfolegar. – Mas não te preocupes.

Agora que estou aqui, vamos compensar algum do tempo perdido. E talvez *tu* venhas a perceber como é ficar de fora.

– Shane... – Levanto-me da cadeira, com o coração a palpitar. Corro em direção à porta da casa. – Estás a falar de quê?

– Acho que sabes, Brooke.

Saio pela porta da frente da casa. Olho para os bosques, na direção em que o Shane e o Josh desapareceram. Não consigo ver nada – só uma brancura ofuscante. Para onde foram eles?

– Podemos falar disto em casa, por favor? – imploro-lhe. – Compreendo como te sentes, mas podemos resolver isto. Só quero que voltemos a ser uma família. – Levo a mão ao bolso do casaco em busca das chaves do meu *Toyota*. – Diz-me onde estão e eu vou buscar-vos.

Vou seguir ao longo da estrada até os ver. Vou encontrá-los, nem que seja a última coisa que eu faço.

Só que... onde estão as minhas chaves?

– Acho que vai ser difícil vires buscar-nos – diz o Shane. – Visto que eu tenho as chaves do teu *Toyota*.

– Mas... – Continuo a vasculhar os bolsos, certa de que ele tem de estar enganado. Tudo o que consigo encontrar são lenços de papel enrolados. – Porquê?

– Acho que sabes porquê, Brooke.

Isto não pode estar a acontecer. Não posso ser eu a responsável por ter libertado este monstro e o ter deixado embrenhar-se nos bosques com o meu filho. Vai ser mais um daqueles sonhos de que acordo banhada em suores frios.

Acorda, Brooke!

Desço aceleradamente os degraus junto à porta da frente e escorrego no último. As minhas pernas fogem-me de baixo de mim e uma dor aguda trespassa-me o tornozelo direito. O meu telemóvel caiu-me das mãos e jaz ao meu lado na neve. Pego-lhe.

– Shane – arquejo. – Por favor... vamos falar sobre isto.

– Oh, não te preocupes – diz ele. – Acabarei por regressar. – Antes que tenha um segundo para me sentir aliviada, ele prossegue. – Afinal, tenho de me certificar de que sofres pelo que fizeste.

– Shane...

– Pergunto-me – diz ele – se gritarás mais alto do que a Tracy Gifford.

Fico de boca aberta. Tento falar, mas não me sai qualquer palavra.

– Adeus, Brooke. – Quase o consigo ouvir a sorrir do outro lado da linha. – Ou talvez deva dizer até logo.

Através do telefone, consigo ouvir a voz do meu filho. O seu riso. É possível que

nunca mais o volte a ouvir rir.

– Shane! – grito. – Por favor...

Mas é demasiado tarde. A chamada caiu.

Tento ligar-lhe de volta, mas vai imediatamente para o correio de voz. O Shane não vai trazer o Josh de volta. Não sei onde ele está, mas sabe que percebi o seu jogo. Perdi a minha vantagem. E, mesmo que acabe por regressar para me tentar fazer mal, será inteligente ao fazê-lo. Esperará muito tempo – até a tensão acalmar.

Por alguma razão, a ideia de enfrentar o Shane não me assusta. O que me assusta é o que vai acontecer ao meu filho. Não posso deixar aquele monstro safar-se com isto.

Agarro-me ao corrimão das escadas para me levantar. Mal tento apoiar algum peso nele, o meu tornozelo direito grita de dor. Está definitivamente torcido, possivelmente partido. Tenho medo de tirar as botas para avaliar os danos e, seja como for, não fará bem nenhum. Não me ajudará a encontrar o Shane e o Josh.

Com os dedos trémulos, marco 112 no meu telemóvel. Ele não se vai safar de ter levado o Josh. Haverá um alerta AMBER, encontrá-lo-ão e o Shane irá de novo para a prisão. Nem sequer tem um carro – pode ter levado as minhas chaves, mas o *Toyota* continua aqui mesmo. A polícia encontrá-los-á. Tenho a certeza.

Só que, quando tento fazer a chamada, a ligação não passa. Olho para o ecrã do meu telemóvel.

Sem rede.

É quase coincidência a mais que a minha rede tenha falhado no preciso momento em que o Shane desligou a chamada. Terá algum tipo de bloqueador para impedir os telemóveis de funcionar? Terá sido isso que ele e o Tim fizeram naquela noite de há onze anos, para garantir que nenhum de nós podia pedir ajuda?

Que vou eu fazer? Se não tenho rede nem veículo, a minha melhor aposta é ir a pé até à estrada principal. Mas nem tenho a certeza de conseguir apoiar algum peso no meu tornozelo.

Não tenho alternativa, ainda assim. Mesmo que esteja a andar sobre um tornozelo partido, não importa. Tenho de fazer isto pelo Josh. Não posso deixar que aquele monstro o roube e lhe faça sabe Deus o quê.

Apoio algum peso no meu tornozelo direito. A dor é quase ofuscante, mas obrigome a aguentar. Pelo Josh. Faço isto pelo Josh.

Coxeio estrada abaixo, cada passo como uma faca a trespassar-me o tornozelo. Não sei como vou fazer isto, mas vou fazê-lo. Não pararei até chegar à estrada principal, e então farei sinal a um carro.

Mas, para meu choque e alívio, vejo um carro a descer a estrada, mesmo em direção a mim. É um SUV verde, como o que a Margie conduz. Oh, graças a Deus, não terei

de continuar a andar sobre o meu tornozelo possivelmente partido. Agito as mãos no ar, como naquela noite há onze anos. O SUV para bruscamente.

– Socorro! – grito. – O meu filho foi raptado! Por favor, ajude--me! Por favor!

A porta do lado do condutor abre-se. Para meu absoluto choque, a Margie sai do carro, franzindo as sobranceiras grisalhas.

– Brooke! – exclama ela. – Está bem?

Que estranha coincidência a Margie vir a descer esta estrada neste exato momento. Mas não posso demorar-me a pensar nisso. Não há tempo.

– O Josh foi raptado! – consigo dizer, enquanto coxeio em direção a ela. – Está algures nos bosques. Temos de chamar a polícia. Corre um perigo terrível.

Os olhos da Margie descem para os meus pés.

– O que aconteceu? Está a coxear.

– Escorreguei na neve. – Irrita-me ligeiramente ter de lhe explicar isto quando há algo tão urgente a acontecer. – Não tenho rede. Pode ver se o seu telemóvel funciona para podermos ligar à polícia?

– É claro! – A Margie estende a mão para o interior do carro e tira a sua bolsa enorme. Vasculha-a até encontrar o seu telemóvel. – Oh, bolas, não há rede.

Já estava à espera.

– Muito bem, então teremos de ir à esquadra. Vamos. Já.

A Margie vira a cabeça para olhar para os bosques.

– Tem a certeza de que ele corre perigo? Quer dizer, está com o pai. De certeza que está ótimo.

– Margie... – começo a dizer, mas então detenho-me.

Nunca disse à Margie que o Shane era o pai do Josh. Nunca lhe disse sequer que estava com o Shane. E não lhe disse de certeza onde vinha hoje. Apesar de ela não parecer minimamente surpreendida por me ver aqui.

– Margie? – digo eu.

Os seus lábios arreganham-se ligeiramente.

– Não é esse o meu nome, na verdade. Já nos encontrámos antes, e conheces-me pelo meu verdadeiro nome, mas duvido que te lembres. É claro que não te lembras. – Solta uma risadinha. – Na verdade, vamos fazer assim, Brooke. Se me conseguires dizer o meu verdadeiro primeiro nome, levo-te direitinha ao Shane e ao Josh.

Olho para o seu rosto enrugado, tentando desesperadamente situá-la. Enquanto tento perceber, ela recomeça a remexer na bolsa. Mas desta vez, em vez do seu telemóvel, tira uma arma.

E aponta-a diretamente para mim.

Não compreendo o que está a acontecer aqui. Porque tem a Margie uma arma? O que faz ela aqui? Como sabe que o Shane é o pai do Josh? Tenho a certeza que nunca lhe disse isso. Nunca disse a mais ninguém a não ser ao Tim – e ele não lhe teria contado.

– Margie – arquejo. – Porque... porque está a fazer isto? Pensava que éramos amigas.

– Amigas! – exclama a Margie, atirando a cabeça para trás e rindo até a sua papada abanar. – Não. Não éramos *amigas*. Limitei-me a *tolerar-te* para poder passar tempo com o meu neto. Foi a única razão para não te ter cuspidos na cara.

Fico boquiaberta.

– O seu...

– O Josh é um menino muito doce – observa ela. – Não tão doce como o *meu* menino, mas, claro, foi criado por *ti*, não por mim. Durante todos estes anos, a bruxa da tua mãe recusou-se a dizer-nos sequer que ele *existia*. Acreditas?

Só consigo abanar a cabeça.

– Não compreendo. Então e as suas filhas? E os seus netos?

Vejo-a cerrar os dentes, os nós dos dedos a embranquecer ao apertar a arma com mais força.

– Não tenho nenhuma filha. Tenho *um filho* e vi-o apodrecer na prisão durante os últimos dez anos. E tenho um neto que, até há um ano, nem sabia que existia.

– É a mãe do Shane – arquejo eu.

– Não estava à espera de que te lembrasses de mim. – Encolhe os ombros. – Só nos cruzámos algumas vezes e foi há muito tempo. E não era como se eu significasse alguma coisa para ti.

Não é só isso. Pamela Nelson está muito diferente de como era há uma década. Lembro-me dela como tendo cabelo escuro e uma figura curvilínea, mas a mulher que contratei para tomar conta do Josh tinha o cabelo grisalho e uma figura

agradavelmente roliça. Mudou completamente a sua aparência ao longo da última década. Não tive a mínima hipótese.

– Senhora Nelson... – Tenho de apelar a ela. Sei que gosta do Josh e ele adora-a. Era *muito* melhor para ele do que a minha mãe alguma vez foi. Talvez não saiba que tipo de monstro o filho é. Claro que tem uma arma, por isso imagino que deva entender *alguma coisa*. – Olhe, sei que ama o Shane, mas ele fez coisas terríveis. Estava enganada acerca daquela noite há onze anos. Não foi o Tim. Quer dizer, foi, mas estava a trabalhar em conjunto com o Shane. Mataram três pessoas nessa noite.

A Sra. Nelson lança-me um sorriso escarninho.

– Oh, por favor. É realmente isso que pensas?

– Sim! É a verdade. O Tim e o Shane estavam a trabalhar em conjunto. Enquanto o Shane me estava a estrangular na sala de estar, o Tim estava no andar de cima, e ele... ele esfaqueou a minha melhor amiga.

– Não – diz ela. – Não o fez.

– Não sabe isso!

– Sei, sim. – Sacode a arma na minha direção. – Porque fui eu quem esfaqueou a Chelsea.

Todo o meu corpo fica entorpecido. *O quê?*

– Achas realmente que esse sonso do Tim Reese teria feito tal coisa? – Resfolega. – Foi só o nosso bode expiatório, a começar por aquela rapariga com quem saiu... Tracy Gifford. Foi esse o plano que eu e o Shane concebemos, deixá-lo viver para que a polícia o culpasse por tudo. E, se não tivesses escapado, teria resultado.

Não posso acreditar no que estou a ouvir. Isto não faz sentido. Sei o que vi na cave do Tim.

– Então e aquela mulher, a Kelli Underwood?

Ela lambe os lábios gretados.

– Tinha de tirar o meu filho da prisão. Sabia que ias a casa do Tim nesse fim de semana, por isso preparei tudo. Até fiz a denúncia anónima à polícia. E foi *tão* útil que os dois tivessem trocado chaves para eu poder entrar na cave dele.

Olho para o cano da arma. Esta mulher é louca. É completamente maluca. Como foi que nunca me apercebi? Até liguei para uma das suas referências e disseram-me maravilhas sobre ela. Não faço ideia de com quem terei falado – a referência era obviamente falsa.

– Metia-me nojo ver-te namorar com aquele homem. – Lança-me um sorriso de desprezo. – Vê-lo tratar o *meu* neto como se fosse o seu próprio filho. Mas tinha de te encorajar a ficares com ele. Era a única maneira de limpar o nome do Shane. E, oh,

meu Deus, devias ter visto a tua cara quando ele te ofereceu aquele colar que lhe vendi na feira da ladra no verão. Encontrei-o no chão de minha casa depois de teres fugido e pensei que podia dar jeito um dia.

Sinto o rosto a arder. Devia ter sabido. Sempre acreditei que o Tim Reese era um bom homem. Devia ter confiado no meu instinto.

– Porque haveriam de o fazer? – Tenho o tornozelo a latejar, mas mal o sinto. Tenho de a manter a falar, de a impedir de premir o gatilho enquanto descubro uma forma de sair desta situação. – Porque haveriam a senhora e o Shane de matar um bando de adolescentes inocentes?

– Matar os outros três foi um infortúnio – diz a Sra. Nelson, num tom que dá a ideia de não se importar muito com isso. – O alvo eras *tu*, minha querida. Havia uma lição que era preciso ensinar.

– Eu...?

Ela afasta uma madeixa de cabelo grisalho do rosto.

– Nunca te interrogaste sobre o porquê de os teus pais serem tão intransigentes em como não podias namorar com o Shane? Provavelmente, pensaste que era só por ele ser de classe baixa. Nunca te disseram a verdadeira razão, pois não? Porque, se tivessem dito, ter-te-ias mantido longe dele em vez de namorares com ele nas suas costas.

Abano a cabeça, sem palavras.

– Quando o Shane tinha cinco anos, apaixonei-me pelo teu pai. – Falha-lhe ligeiramente a voz. – Estivemos quase um ano juntos. Era suposto deixar a tua mãe por mim. Disse-me que o faria. Era suposto salvar-nos, a mim e ao Shane. Mas então decidiu que não era capaz. Não podia deixar a tua mãe e não podia deixar-te a ti. Por isso deixou-nos a nós. Tocou-te a ti viver a vida que eu e o Shane devíamos ter tido.

– Eu... não fazia ideia...

– É claro que não fazias! – Aperta a arma com mais força. – Estavas demasiado ocupada a viver a tua vida encantada. Não fazias *ideia* do que o teu pai nos fez. E a tua mãe sabia de tudo e recusou-se a dar-nos um único cêntimo. O meu filho teve de trabalhar durante todo o secundário só para ajudar a pagar a hipoteca deste sítio. – Interrompe-se. – Aqueles dois mereciam morrer. Tê-lo-ia feito de qualquer forma. Mesmo que não fosse necessário para te fazer voltar para cá.

Tapo a boca com a mão. O acidente dos meus pais. Pensava que tinha sido um ato de Deus, mas aparentemente não. Esta mulher matou-os. É ainda mais louca do que eu julgava.

Não era chegada aos meus pais. Nunca lhes perdoei a forma como me renegaram após ter decidido ter o bebé do Shane. Embora agora compreenda um pouco melhor.

Compreendo o porquê de nunca terem querido que eu regressasse a Raker e de terem escondido a minha gravidez de todos quantos conheciam. Não por sentirem vergonha de mim – porque não queriam que esta louca descobrisse que tinha um neto.

– Disse ao Shane o que me fizeram – explica ela – e planeámos tudo juntos. Foi tudo ideia dele. É *tão* bom filho. Faria tudo pela sua mãe. *Tudo*.

– Lamento o que os meus pais lhe fizeram – digo eu cuidadosamente. Tenho de manter a calma. Para bem do Josh.

– Podiam ao menos ter-me dito do meu neto! – explode ela. – Tiraram-me tanto. Merecia saber do Josh. Merecia fazer parte da sua vida, não apenas dos últimos seis meses!

Há lágrimas nos olhos da Sra. Nelson. Talvez haja uma forma de a persuadir a baixar a arma. Talvez possa argumentar com ela. Afinal, ama o Josh. Apesar de quão louca é, tem um lado bom. Não pode ter fingido a forma como era com ele.

– Senhora Nelson – digo eu lentamente. – O Josh adora-a. E tem sido como parte da família nestes últimos meses. Não podemos encontrar uma forma de resolver isto? De ser uma família juntos?

Por um momento, ela quase parece estar a contemplar a hipótese. Baixa um pouco a arma e as suas feições suavizam-se. Hesitantemente, dou um passo em frente, mas então a arma volta imediatamente a erguer-se.

– Não podemos resolver isto.

– Margie, por favor... – digo eu, apesar de não ser o seu verdadeiro nome.

– Não. – A sua voz é firme. – Não podemos confiar em ti. Trair-nos-ias, tal como o teu pai fez. A única forma de o Josh, o Shane e eu podermos ser uma família é se tu saíres de cena.

– Por favor... – Tremem-me os joelhos debaixo de mim. – *Por favor*. Não tem de fazer isto.

– Não fui eu. – Um sorriso aflora-lhe aos lábios. – Foi um vagabundo de passagem. Enquanto o Shane e o Josh estavam nos bosques, deu-te um tiro na cabeça e roubou todo o teu dinheiro. *Muito* triste. É uma sorte o pai do Josh estar por perto para se chegar à frente.

– Por favor...

Vai matar-me. O Shane e o Josh vão regressar do seu passeio pelos bosques e encontrar-me morta na neve. O Josh sempre quis conhecer o pai, mas precisa de *mim* – da sua mãe. Não pode crescer sem mim. Não posso deixar que isso aconteça. Não posso deixar que sejam estes dois maníacos a criá-lo.

Mas não sei como o evitar.

Um estrondoso baque ecoa então através do vento, vindo de algures nos bosques. A

Sra. Nelson vira a cabeça para o lado ao ouvir o som e vejo agora a minha oportunidade. A minha única hipótese.

Pelo que me precipito para ela, tentando agarrar-lhe o pulso direito com todas as minhas forças.

A arma disparou, mas não me atingiu. Deve ter disparado para longe. Debato-me contra a Sra. Nelson. É muito mais forte do que eu teria esperado de uma mulher da sua idade, mas eu também estou em forma. Claro que tenho um tornozelo torcido, mas já nem o noto. Tenho de subjugar a Sra. Nelson. É a minha única hipótese. Tenho de fazer isto pelo Josh.

E então a arma volta a disparar.

Desta vez, a Sra. Nelson fica frouxa contra mim. A arma bate na neve sob o meu corpo, onde vejo agora uma mancha vermelha a alastrar. Foi atingida.

Recolho a arma da neve enquanto a Sra. Nelson desaba ao meu lado. Tem uma mão sobre o seu casaco castanho-claro e o tecido começa lentamente a escurecer. Levou um tiro no peito. A cor esvai-se do seu rosto, a vida a escorrer-lhe para a neve num crescente círculo vermelho em redor do seu corpo.

– Senhora Nelson? – sussurro eu. – Margie?

Abre a boca, mas não sai nenhum som. Um fio de sangue escorre-lhe do canto dos lábios. Deitada no chão, desarmada, não parece a mulher maléfica que tinha uma arma apontada ao meu rosto. Parece a avó bondosa que todas as noites preparava refeições caseiras para o meu filho e que chegava sempre a horas para ele nunca regressar a uma casa vazia.

Sobe-me a bílis à garganta. Não era minha intenção fazer isto. Não queria alvejá-la. Pode *morrer* por causa disto. Mas não foi culpa minha. Tive de o fazer. Era ela ou eu.

Por alguma razão, isso não torna as coisas mais fáceis.

Por um momento, fecho os olhos e respiro fundo. Não tenho tempo para me passar por causa da Sra. Nelson. Tenho de seguir em frente. Ela pode já não ser um perigo para mim, mas o meu filho ainda está com aquele maníaco.

Tenho de o salvar.

Aguenta-te, Josh!

Coxeio até à lateral do carro, apertando a arma na minha mão direita. Sinto-me reconfortada por a ter, mas o Shane também pode ter uma. E, verdade seja dita, não

sei como disparar esta coisa. Compreendo que se prime o gatilho, mas é basicamente só isso que sei. Não tenho certamente pontaria nenhuma.

Ao começar a embrenhar-me nos bosques, porém, uma pequena figura emerge de entre as árvores. Demoro um segundo a reconhecer que é o Josh. Está sozinho e a soluçar histericamente. Mas parece incólume.

– Mãe! – consegue dizer. – Mamã!

Enfio a arma no bolso do meu casaco para que ele não a veja. Corre para os meus braços e agarra-se ao meu corpo como se a sua vida dependesse disso.

– Josh, o que te fez ele?

– Mãe! – Ergue o rosto, que está raiado de lágrimas. – Houve um acidente! Acho que o Shane está ferido!

O quê?

– Levou com um monte de neve de cima de uma árvore! – soluça o Josh. – Está além!

O meu tornozelo grita de dor, mas deixo o Josh puxar-me mais para dentro do bosque. Quando não consigo aguentar nem mais um segundo, vejo o boneco de neve ao longe – o que o Shane e o Josh estavam a fazer juntos. O Josh aperta-me mais o braço.

– É ali que ele está!

Não quero continuar a andar, e não tem nada a ver com o facto de o meu tornozelo me estar a matar. Há onze anos, Shane Nelson tentou matar-me. Há cinco minutos, a sua mãe tentou fazer o mesmo. Ainda que esteja temporariamente incapacitado, é impossível saber o que me poderá fazer aqui, sem mais testemunhas além de um rapazinho assustado.

E se isto for um truque? E se ele estiver à espera para, assim que eu lá chegar, se erguer de um salto e me apertar os dedos à volta do pescoço?

– Mãe! – O Josh puxa-me o braço. – Tens de o vir ajudar!

Levo a mão ao bolso e fecho os dedos sobre a arma. Estarei pronta para ele, se me tentar atacar. Alvejei-lhe a mãe. Posso alvejá-lo também.

Percorro os últimos nove metros com a mão apertada sobre a pistola. Logo a seguir ao boneco, está uma figura estendida na neve. Parece completamente imóvel.

E não só isso, como há gotas carmesim a rodear-lhe a cabeça, maculando a alvura perfeita da neve.

– Ele está bem, mãe? – pergunta o Josh, limpando o nariz com as costas da mão. – O gelo daquela árvore além caiu-lhe todo em cima de repente!

As árvores estão todas cobertas de pingentes de gelo, suspensos como ornamentos numa árvore de Natal. É muito bonito, na verdade. A minha mão treme-me sobre a

arma enquanto me aproximo hesitantemente para ver melhor o Shane, deitado na neve. Metade do seu corpo está coberta de neve e gelo, e tem o rosto ensanguentado. Tem um corte na testa muito maior do que aquele que suturei há tantos meses.

E os seus olhos estão abertos e sem pestanejar.

– Tens de chamar uma ambulância! – O Josh puxa-me novamente a manga. – Ele tem de ir para o hospital!

Não suporto a ideia de lhe dizer a verdade. Odiava este homem, mas o Josh não sabe disso. Não sabe que os pingentes da árvore lhe podem ter salvado a vida. Não sabe que o homem deitado à nossa frente na neve é o seu pai – o que passou todos estes anos desesperado por conhecer.

Nem sequer sabe que o Shane está morto.

V-i hoje o Tim.

O Josh larga-me essa pequena petita em cima à mesa do jantar. Estou em pleno mastigar de uma garfada de macarrão com queijo. E não me refiro ao macarrão com queijo *gourmet* com quatro variedades de queijo e uma camada de crocante e amanteigado pão ralado no topo que a Margie (perdão, *Pamela Nelson*, quero eu dizer) costumava fazer. Refiro-me a macarrão com queijo de caixa. Veio numa embalagem de seis doses que custou três dólares e é aromatizado com um queijo em pó rotulado como queijo número quarenta e dois.

Não sei o que aconteceu aos outros quarenta e um queijos. Nem quero saber.

– Viste? – pergunto eu, querendo desesperadamente ouvir a história, mas não querendo realmente ouvi-la de todo.

– Sim. – O Josh carrega no silvo do «s», o que se tornou um irritante hábito seu. – Quando fui à esquina enviar aquela carta por ti. Também estava a enviar uma carta.

Passa-me um milhão de perguntas pela cabeça. *Como te pareceu? Está bem? Falou de mim? Odeia-me?*

– Disse alguma coisa?

– Disse olá.

– E o que lhe disseste tu?

– Disse olá também.

Esta pode ser a história mais desinteressante que o Josh alguma vez me contou, mas estou suspensa de cada palavra sua.

– E depois?

O Josh encolhe um dos seus ombros magros.

– Voltei para casa.

A empolgante história do primeiro encontro do Josh com o Tim desde que este regressou a casa da prisão parece agora ter terminado, e o Josh recomeça a enfiar

macarrão na boca. Vi o *Oldsmobile* no caminho de acesso a casa dos Reese há alguns dias e deduzi que os pais do Tim tivessem regressado a Raker para o ir buscar e para o ajudarem a recompor a sua vida depois de todas as acusações de homicídio terem acabado por ser retiradas.

No fim de contas, Pamela Nelson sobreviveu ao tiro, e ainda bem que assim foi. Acabou por confessar tudo, o que é mais do que o Shane alguma vez esteve disposto a fazer. Depois de saber que o filho estava morto, deixou de se importar. Contou tudo à polícia – toda a chocante história.

Contou-lhes, por exemplo, como ajudou a encobrir o homicídio de Tracy Gifford há onze anos, quando o Shane a procurou em pânico, com o sangue da Tracy nas mãos, e lhe disse o que tinha feito. Mas saírem impunes do homicídio da Tracy tornou-os arrogantes. Contou à polícia como ela e o Shane planeavam matar-me nessa noite na quinta para se vingarem do meu pai por não ter deixado a mulher e a filha por ela. Contou até à polícia como atraiu a Kelli Underwood a casa do Tim, numa noite em que sabia que ele ia passar a noite comigo, enviando-lhe uma mensagem supostamente do Tim. Então, uma vez a Kelli no interior, Pamela Nelson fingiu ser a empregada do Tim e ofereceu-lhe uma bebida adulterada com sedativos, dizendo que o Tim chegaria «a qualquer momento». Depois de a bebida a deixar inconsciente, a Pamela empurrou o corpo escadas abaixo até à cave – a queda partiu-lhe o pescoço, mas foi o facto de a Pamela lhe cortar a garganta que a matou.

O grande erro que cometi? Redes sociais. Os meus pais sempre me avisaram para manter a minha imagem longe da Internet, mas não fazia ideia de que a festa de Natal em família dada pela empresa onde trabalhava em Queens tinha resultado em fotografias do evento publicadas na sua página no *Facebook*. Foi assim que a Pamela Nelson soube do Josh. E foi por isso que assassinou os meus pais – para os castigar por lhe terem escondido o segredo... e também para me fazer regressar a Raker. Assegurou-se até de que acabaria a trabalhar na prisão ao ligar para todos os consultórios médicos da região a queixar-se dos meus maus cuidados médicos.

E, claro, também o Shane fez a sua parte. Livrou-se da minha antecessora, Elise, ao denunciá-la por distribuir fármacos aos presos. Não que andasse realmente a fazê-lo – foi também ilibada.

Assim que as provas de ADN confirmaram que tinham sido o Shane e a Pamela Nelson o cérebro por detrás de todos estes homicídios, o Ministério Público retirou todas as acusações contra o Tim. Mas a justiça é lenta e ele só saiu da prisão há alguns dias.

Previsivelmente, não passou por cá para dizer olá.

– Talvez o Tim possa vir cá – sugere o Josh. – Podia arranjar aquele cordão que se

soltou da lâmpada do roupeiro.

O cordão que acende a lâmpada do nosso roupeiro do corredor ficou-me na mão na semana passada. Desde então, todos os dias procuro o meu casaco às escuras. Adoraria vê-lo arranjado. Mas tenho a sensação de que, se passar por casa dos Reese, o Tim não ficará empolgado com a oportunidade de fazer reparações em minha casa. Será uma sorte se não me fechar a porta na cara.

– Não acho que seja boa ideia – digo eu cuidadosamente.

– Porque não?

– Acho que o Tim é capaz de estar zangado comigo.

– Porquê?

Não sei bem como explicar ao Josh tudo o que aconteceu nos últimos meses, por isso não o fiz. Só tem dez anos. Levei-o a algumas sessões de terapia depois de o pobre rapaz ter visto o pai morrer mesmo à sua frente num acidente fortuito. Claro que o Josh não sabia que o Shane era seu pai. Ainda não sabe. Espero que assim continue.

Em todo o caso, o Josh parece estar bem agora. Mas tem saudades da Margie. Acabei por o tirar da escola durante um par de semanas quando tudo explodiu *online*, só para minimizar as probabilidades de ele descobrir o que a sua amada ama tinha feito.

Ou que, na verdade, era sua avó.

– Devias pedir ao Tim para vir cá, mãe – diz o Josh.

– Devia?

– Sim! Tenho saudades dele.

Toca-me o coração ouvi-lo. O Josh perdeu tanto, até algumas coisas que nem sabe. No último ano, perdeu o pai, um avô e duas avós. Tudo o que lhe resta agora sou eu.

Talvez o Tim nunca me perdoe, mas, se puder estar aqui para o Josh, é melhor do que nada.

*

Depois de acabarmos de jantar, o Josh fica para trás a fazer os seus trabalhos de casa enquanto eu visto o meu casaco e calço as botas. Podia levar o Josh comigo a casa do Tim, mas, para o caso de recebermos umas boas-vindas gélidas, não quero o meu filho por perto. Estou plenamente convicta de que o Tim jamais me perdoará por isto. E, seja como for, não será uma conversa agradável.

Ainda há alguns centímetros de neve poeirenta no chão enquanto percorro o caminho familiar entre a minha casa e a do Tim. Quantas vezes fiz este trajeto em criança? Demasiadas para contar. De cada vez que saía de casa, parecia que as últimas palavras a sair-me da boca eram sempre as mesmas. *Vou a casa do Tim! Volto mais logo!*

Devia ter confiado nele. Devia ter sabido que jamais faria algo assim tão horrível. O Shane fez-me uma verdadeira lavagem cerebral. Não que sirva de desculpa, mas queria tanto acreditar que o pai do meu filho não era um monstro.

Estava enganada.

Paro no alpendre da frente do Tim, abraçada ao meu corpo, a ganhar coragem para tocar à campainha. Leva-me pelo menos um minuto ou dois, e então, antes que possa mudar de ideias, estendo a mão e levo o indicador ao botão.

Fico ali quase mais um minuto. Há uma probabilidade muito real de poderem não me abrir a porta. De ter de me arrastar de regresso a minha casa sem sequer poder falar com o Tim, quanto mais dizer-lhe o quanto lamento e vê-lo fechar-me a porta na cara.

Mas então as fechaduras rodam. Plasmo um sorriso no rosto mesmo a tempo de a porta se abrir. Mas não é o Tim que está à porta. É Barbara Reese.

Há mais de uma década que não via a Sra. Reese, mas parece pelo menos duas décadas mais velha – tal como a minha mãe, antes de a Pamela Nelson a matar. Da última vez que a vi, o seu cabelo era da mesma cor de ácer que o do Tim, mas agora embranqueceu por completo.

– Olá! – Torço as mãos. – Senhora Reese, sou eu, a Brooke.

– Sim – observa ela. – Eu sei.

É claro que sabe. Não passou os últimos três meses a viver noutra planeta.

– Eu... – Olho em volta. Custa-me olhá-la nos olhos. – Perguntava-me se... se o Tim está?

– Sim – responde ela. – Está.

Não me vai facilitar a vida. Mas é o que mereço.

– Posso falar com ele? – pergunto.

Barbara Reese lança-me um longo olhar. Endireito os ombros, tentando estar à altura, apesar de me sentir já derrotada. Quem estou eu a enganar? Estraguei tudo com o Tim, não só para mim, mas também para o Josh.

– Vou chamá-lo – acaba por dizer a Sra. Reese.

Sinto uma vaga de gratidão.

– Obrigada. Muito obrigada.

Ela inclina pensativamente a cabeça.

– Pareces bem, Brooke. Consigo perceber porque gostava ele tanto de ti.

Com essa ligeiramente desconcertante afirmação, a Sra. Reese desaparece da entrada, fechando parcialmente a porta atrás de si. Fico ali parada, a tremer ligeiramente num casaco que não é suficientemente quente para a quantidade de tempo que já passei neste alpendre. Oíço vozes exaltadas no interior da casa – o Tim

e a mãe a discutir. Posso apenas imaginar o que estarão a dizer um ao outro. Ele não me quer ver. Isso é óbvio.

Após o que parece uma eternidade, a porta volta a abrir-se. E ali está ele. Tim Reese. O rapaz da porta ao lado. O homem por quem julgava estar a apaixonar-me antes de o mandar *temporariamente* para a prisão por homicídio.

Oh, céus.

Não tem bom aspeto. Lembro-me de como me derreti um pouco ao vê-lo à porta da escola primária no primeiro dia de aulas do Josh. Mas agora parece cansado e pálido e uns sete quilos mais magro.

E furioso como o raio.

– Brooke. – Os seus olhos são como punhais. – O que fazes aqui?

Não me convida a entrar. Nem sequer se afasta da porta.

– Hã... – Oxalá tivesse planeado algo para dizer. Podia ter redigido um pequeno discurso. Porque não escrevi eu um discurso? – Queria dizer olá.

As suas sobrancelhas erguem-se bruscamente.

– Olá?

– E bem-vindo a casa – acrescento eu.

Não há sequer um laivo de sorriso nos lábios do Tim.

– Não graças a ti.

– Olha... – Retorço-me no alpendre. – Isto também não foi fácil para mim, sabes?

– Estive na *prisão*, Brooke.

– Sim, bem. – Ergo o olhar ao encontro do dele. – O pai do Josh tentou *matar-me*. Por isso, enfim, não foi brincadeira nenhuma.

– Não me digas. – O Tim cruza os braços sobre o peito. Veste apenas uma camisola e eu estou com frio dentro do meu casaco, por isso deve estar gelado, mas não o demonstra. – Disse-te desde o princípio que o Shane era perigoso. Não te disse? Não te avisei *repetidamente*?

Baixo a cabeça. É mais que certo que o fez.

– O tipo esfaqueou-me na barriga. – Os seus dedos dirigem--se à área do abdómen onde ainda tem aquela cicatriz. – Estava praticamente a esvair-me em sangue, quase inconsciente, e arrastei-me do chão ao ver-te fugir. Agarrei naquele taco de basebol e atingi o Shane com todas as minhas forças, para que não pudesse ir atrás de ti. Nem sabia que era capaz de o fazer, mas sabia que se não o fizesse...

Engulo o nó na minha garganta. Sei o que ele fez por mim nessa noite. E como lhe retribuí? Recusando-me a acreditar nele quando o tentaram tramar por homicídio.

– Desculpa – crocito. – Não fazes ideia do quanto lamento não ter acreditado em ti.

Ele pestaneja.

– Não sei o que dizer. É um pouco tarde para isso.

– Sei que me odeias. – Torço as mãos. – Compreendo. Mas, olha, não descarregues no Josh. Perdeu toda a gente menos eu. E gosta realmente de ti. Passa... passa ao menos algum tempo com ele. Seria tão importante para ele. Podia sair de casa, se quisesses, ou mandá-lo cá ou...

Tenho grandes dificuldades em ler a expressão no rosto do Tim. Mas a sílaba que profere faz o meu coração esmorecer.

– Não – diz ele.

– Por favor, Tim. – Odeio implorar, mas fá-lo-ei, se for preciso. Pelo meu filho. – Só uma ou duas vezes, até. Sei que te importas com ele.

O Tim abana a cabeça.

– Não – responde. – Não era isso que queria dizer. Queria dizer *não*, eu... não te odeio.

O quê?

– Quer dizer... – As suas sobrancelhas franzem-se ligeiramente, como se também ele estivesse surpreendido com esta revelação. – Estou furioso contigo. Estou *mesmo* furioso. Pensava que, depois de tudo o que passámos juntos, confiavas mais em mim. Mas... Cristo, Brooke. Conheço-te desde que andávamos de *fralda*. Foste a minha melhor amiga a vida inteira. Foste a primeira rapariga que eu... bem, tu sabes. E, naquela noite na quinta, quando disse ao Shane que era melhor que te tratasse bem, estava a falar a sério. Porque tu mereces o melhor. – A sua maçã de Adão agita-se. – Por isso, não. Não te odeio. Jamais poderia...

Não me odeia. O Tim Reese não me odeia. Quase choro de felicidade.

– O Josh não para de falar no cordão da lâmpada do roupeiro que se soltou – digo eu. – Quer arranjá-lo contigo. Se estiveres livre...

O Tim fica calado durante um longo momento. Finalmente, assente.

– Passo por lá este fim de semana. Para dar uma olhadela.

– Obrigada.

– Não tens de quê.

Esboço-lhe um ligeiro sorriso.

– Até lá, então.

Ao fechar-me a porta, avisto-o. Foi tão rápido que, se tivesse desviado o olhar por um segundo, ter-me-ia escapado. Mas foi inconfundível – o curvar do canto dos seus lábios no seu próprio sorriso.

Não me odeia. É um bom começo. Já se construíram amizades com menos.

Epílogo

TRÊS MESES DEPOIS

JOSH

Hoje foi um dia muito bom, porque tive teste de matemática na escola e tive uma nota perfeita. Acertei todas as perguntas. Até acertei a pergunta para bônus, e fui o único miúdo da turma a fazê-lo!

O Tim ficou muito orgulhoso de mim. Ele e a minha mãe passaram algum tempo muito zangados um com o outro, mas agora ele começou outra vez a vir cá e ajudou-me a estudar para o meu teste de matemática. E, depois de eu ir para a cama ontem à noite, ele e a mãe ficaram na cozinha a conversar. Além disso, quando me levantei para ir à casa de banho às seis da manhã, ele ia a sair do quarto da minha mãe com os pés descalços. Levou o dedo aos lábios para me dizer que não devia referir à minha mãe que o tinha visto.

O Tim é simpático. Gosto dele e alegro-me por estar outra vez a passar mais tempo cá em casa. Sei que não é o meu pai verdadeiro, mas não me importaria se a minha mãe quisesse casar com ele ou assim. Seja como for, quem quer que seja o meu pai verdadeiro parece não querer realmente conhecer-me.

Além disso, alegro-me por o Tim estar cá mais vezes porque não gosto da nova ama que a mãe arranjou para mim. Gostava da Margie. Era muito simpática e cozinhava melhor do que ninguém, melhor até do que a minha mãe. E deixava-me sempre ajudar e dava-me as tarefas mais divertidas. A Margie costumava dizer-me coisas como: «És a minha pessoa favorita em todo o mundo. Sabias?»

Mas então a mãe disse que a Margie tinha feito algumas coisas más e já não podia vir cá. Vi a Margie na televisão logo depois de ela ter deixado de vir. Mas chamavam-lhe outro nome, Pamela Nelson. E então a mãe apanhou-me a ver e desligou a televisão.

Seja como for, é bom ter o Tim por cá outra vez. Faz a minha mãe muito feliz. E também é inteligente. Quando diz alguma coisa, dou-lhe sempre ouvidos.

Há muito tempo, por exemplo, no início do ano letivo, quando me mudei para cá, o Tim e eu estávamos sentados no sofá e a mãe tinha ido a algum lado. E ele disse-me:

– Há algo muito importante que preciso de te dizer, Josh.

– O quê? – perguntei eu. Fiz cara séria para que ele percebesse que tinha idade suficiente para ouvir algo importante.

– Tens de saber – disse o Tim – que há um homem chamado Shane Nelson que te pode contactar um dia e querer fazer mal à tua mãe. Esse homem, Shane Nelson, é um homem muito mau. *Muito* mau. Por isso, se alguma vez o vires ou tiveres notícias dele, tens de saber que é perigoso.

Assenti, muito sério. Estava feliz por o Tim confiar o suficiente em mim para me dizer isso. Apesar de não estar realmente à espera de alguma vez me encontrar com um homem chamado Shane Nelson.

Podem, pois, imaginar como fiquei muito surpreendido quando a minha mãe trouxe para casa aquele hóspede chamado Shane Nelson. Parecia razoavelmente simpático, mas não conseguia parar de pensar no que o Tim me tinha dito. Que o Shane queria fazer mal à minha mãe. O Tim disse que era muito importante.

E eu confiava no Tim.

Assim, quando o Shane me levou para os bosques para fazer aquele boneco de neve, reparei em como todas as árvores tinham muitos pingentes de gelo. Pareciam muito pesados e pontiagudos. O Shane era muito maior do que eu, por isso calculei que, se queria proteger a minha mãe, era essa a minha única hipótese.

Esperei até o Shane estar debaixo de um dos ramos. Erguendo os braços, sacudi os ramos e todo o gelo caiu em cima dele.

Foi muita neve e gelo. O suficiente para o fazer cair. Aproximei-me para ver se o tinha deixado inconsciente, como o ano passado na Liga Infantil, quando o Jaden atirou aquela bola à cabeça do Oliver (por acidente). Mas o Shane não estava inconsciente. Estava no chão, a esfregar a cabeça, mas continuava bem.

Foi então que vi o grande pingente de gelo no solo.

Tinha pelo menos oito centímetros de espessura. Talvez sessenta centímetros de comprimento. Era mais ou menos do tamanho do taco da Liga Infantil, onde sou o melhor batedor de toda a equipa. Assim, tomei-o nas mãos enluvadas e brandi-o – da forma como o Tim me ensinou ao treinarmos no outono. E voltei a brandi-lo. E outra vez. E outra.

Pensei que pudesse partir, mas o gelo era bastante forte. Não quebrou. Aguentou-se muito bem.

Da primeira vez que o pingente atingiu a cabeça do Shane, ele gritou. Mas não da

segunda. Nem da terceira. Finalmente, o Shane parou de se mexer sequer. Não me lembro de quantas vezes foram necessárias para que isso acontecesse.

Quando faço algo mau, a minha mãe diz-me sempre para dizer que lamento. Mas não lamento ter atingido o Shane na cabeça com aquele pingente. Tive de o fazer. O Tim disse que ele era perigoso e ia fazer mal à minha mãe. E deu para ouvir, quando estava a falar ao telemóvel, que não estava a ser simpático para ela. O Tim tinha razão.

Tive de fazer o que fiz.

Afinal, faria tudo pela minha mãe.

AGRADECIMENTOS

O meu marido acaba de me apanhar a escrever isto.

Admiti-lhe que escrever os agradecimentos pode ser a parte mais difícil do livro. Guardo-os mesmo para o fim – para o mais perto que posso chegar da data de publicação sem correr o risco de os esquecer por completo. Tenho sempre medo de agradecer inadequadamente às pessoas.

– Tens de escrever agradecimentos para *todos* os livros? – perguntou ele.

– *Sim.*

– Mas porquê?

– Estás a perguntar-me porque tenho de agradecer às pessoas que me ajudaram? Porque é importante fazer isso? Isso é uma pergunta a sério?

– Está bem, pronto – respondeu ele. – Ei, alguma vez *me* agradeces nos teus agradecimentos?

– Sim, às vezes – disse eu, pensativa. – Quer dizer, agradeço à minha família. Tu *fazes parte* da minha família.

– Ei, eu sou útil! Dou sugestões ótimas. A culpa é tua se não as aceitas.

– ...

– Gémeos siameses. Ouve o que eu te digo.

A esse propósito, gostaria de agradecer à minha mãe por ler este livro repetidas vezes, e face a dificuldades de visão, e por me importunar repetidamente para mudar a letra da capa. Obrigada à Jen, pela crítica incrivelmente minuciosa, como sempre. Obrigada à Kate pelas fantásticas sugestões. Obrigada a Avery pela excelente crítica beta e pelos conselhos sobre a capa. Obrigada à Rhona por ver um zilhão de capas. Obrigada a Val pelos seus olhos de águia. Obrigada à Emilie pela espantosa leitura beta.

Quero dizer um enorme obrigada a todos os meus leitores que andam por aí. Queria salientar alguns, mas são tantos os incríveis amigos leitores que fiz que de certeza que ia deixar alguém de fora. Uma saudação especial a *todos* os meus McFãs! Se ainda não faz parte dos McFãs, então tem de se **voz fantasmagórica** juntar a nós...

E, como sempre, obrigada ao resto da minha família, especialmente ao Sr. McFadden. Se alguma vez houver um gémeo siamês nalgum dos meus livros, é culpa

dele.

Gostou de ler *O Recluso*?

Consulte o meu *site* em www.freidamcfadden.com/

Para obter atualizações sobre novos lançamentos, siga--me, por favor, na Amazon! Pode também seguir-me no *Bookbub*! Ou juntar-se ao meu grupo de leitores, Freida McFans!

Além disso, embora tenha conseguido curar as estirpes sobre-humanas de gralhas mutantes que invadiram os meus livros, há agora múltiplas *variantes* de gralha das quais pareço não me conseguir livrar. Se encontrar alguma gralha e me puder apontar para que possa corrigi-la, ficarei imensamente agradecida.

